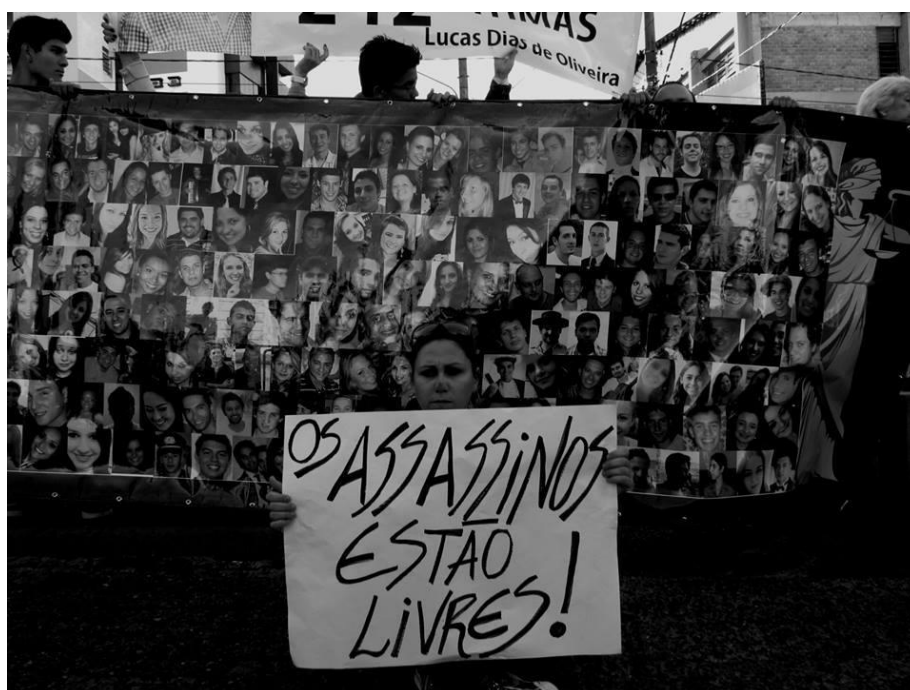


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**“ACORDA SANTA MARIA”: UM ESTUDO SOBRE AS
ESTRATÉGIAS COLETIVAS DE
ORGANIZAÇÃO DOS FAMILIARES DAS VÍTIMAS DA
BOATE KISS**



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Priscila dos Santos Peixoto

Santa Maria, RS, Brasil

2014

**“ACORDA SANTA MARIA”: UM ESTUDO SOBRE AS
ESTRATÉGIAS COLETIVAS DE ORGANIZAÇÃO DOS
FAMLIARES DAS VÍTIMAS DA BOATE KISS**

Priscila dos Santos Peixoto

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Mestrado do
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de
Concentração Instituições, Cultura e Globalização, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do grau de
Mestre em Ciências Sociais

Orientadora: Prof. Dra. Zulmira Newlands Borges

Santa Maria, RS, Brasil

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Peixoto, Priscila dos Santos
\"Acorda Santa Maria\": estratégia coletivas de organização
dos familiares das vítimas da Boate Kiss / Priscila dos Santos
Peixoto.-2014.
189 p.; 30cm

Orientadora: Zulmira Newlands
Borges Coorientadora: Monalisa Dias de
Siqueira
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria,
Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais, RS, 2014

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a
Dissertação de Mestrado**

**“ACORDA SANTA MARIA”: UM ESTUDO SOBRE AS
ESTRATÉGIAS COLETIVAS DE ORGANIZAÇÃO DOS
FAMILIARES DAS VÍTIMAS DA BOATE KISS**

Elaborada por
Priscila dos Santos Peixoto

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências Sociais

COMISSÃO EXAMINADORA:

Zulmira Newlands Borges, Dra.
(Presidente/Orientadora)

Monalisa Dias de Siqueira, Dra.
(Co-orientadora)

Ceres Gomes Víctora, Dra. (UFRGS)

Jurema Gorski Brites, Dra. (UFSM)

Santa Maria, 15 de outubro de 2014.

IN MEMORIAM

FLÁVIA MARIA TORRES LEMOS

“Foi pouco, mas valeu, vivi cada segundo”

Os Segundos, música da banda “Cidadão Quem” escolhida pela Flavia para entrar em sua festa de 15 anos.

★ 25/01/1991

† 27/01/2013



[...] a Flavinha não era assim de ficar de abraço e beijo, mas quando eu ou ela fazia aniversário ela vinha e me dava um abraço forte assim e dizia: “mãe, tu é a melhor mãe do mundo” e eu respondia: “não filha, tu é que é a melhor filha do mundo”

(entrevista Fani, mãe da Flavia, 2013)

AGRADECIMENTOS IN MEMORYAN



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, meu porto seguro, minha mãe/ pai Cleri da Luz Santos e minha irmã Renata Mariana dos Santos Peixoto. Agradeço pelo apoio incondicional, pela compreensão devido à minha ausência nesse tempo de pesquisa e pela ajuda na construção do meu caráter e da profissional que me tornei.

Agradeço a CAPES, que financiou parte dessa pesquisa através de bolsas de estudos e à Universidade Federal de Santa Maria, onde concluí todos os meus estudos, tanto na graduação, especialização e agora no mestrado, sendo provida de benefícios estudantis para chegar aonde cheguei.

A todo o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, em especial às professoras Dras. Jurema, Fátima e Zulmira, da Linha de pesquisa em Gênero, Corpo e Saúde, que serviram de grande inspiração para que eu me encontrasse na Antropologia. Seus ensinamentos, provocações e discussões irão me acompanhar em minha trajetória como docente e a vocês reservo muito carinho e admiração.

À minha orientadora Zulmira Newlands Borges, por aceitar o desafio de experimentar novos temas. Obrigada pela paciência, pela dedicação e pelo carinho, bem como reservo a lembrança à sua mãe, dona Zélia pela hospitalidade e gentileza.

À Monalisa Dias, agradeço pela ajuda nos momentos finais e decisivos da minha jornada. E à Professora Ceres Víctora, pelas orientações informais e atenção que sempre dispensou a mim.

À Valquíria Conti agradeço sua ajuda com as transcrições e ao meu amigo, vizinho e irmão Marcos Caye Lara agradeço a ajuda na formatação e na arte dos mapas e redes, bem como pelo tempo destinado aos debates e às discussões acadêmicas.

Aos meus colegas do mestrado, Alcir, Antero, Airan, Marco, Sérgio, Diego e às “Luluzinhas”, obrigada por serem presentes preciosos nessa caminhada. Agradeço em especial à Cristiane, minha amiga e colega de linha de pesquisa, pelo tempo que passamos juntas, pelas conversas e desabafos, bem como a querida

Danielle Faccin, que mesmo longe permanece perto nos meus pensamentos. À Lucinéia Weber, pelo companheirismo e carinho na Especialização e no Mestrado e à Gabriela Machado, por trazer mais alegria à minha vida. À amiga Claudia Riquinho, obrigada pelos momentos de desabafos, pelas trocas teóricas, pelos momentos “zueiras” e pela ajuda na escolha de trilhar outros caminhos, mostrando que nosso tempo juntas será indeterminado.

Às meninas da Especialização, obrigada pelos momentos que compartilhamos e por isso compartilho mais esse momento com vocês: Rúbia, Lucinéia, Valquiria, Cristina, Flávia e Maria.

Aos amigos de longa data, agradeço pelo respeito à minha ausência e tenham certeza, minhas queridas Scheila e Fernanda, que mesmo estando cada uma em um lugar, nossa amizade, meu carinho e afeto permanecem iguais.

Aos amigos que conquistei em Santa Maria, certamente eu não conseguiria sem vocês, que trazem fé, cores, sabores e amores para minha vida: Gabriel Kehler, Susan Deisi, Kelly Cassol, Gilvan Moraes, Camila Correa, Elenir Réquia, Carmem, Diego, Suzete e os outros que passaram pela minha vida, mas não firmaram raízes, porém também foram importantes.

As minhas amigas do IF Farroupilha, Aline, Cleusa, Letícia e Lenice, obrigada pelo carinho e risadas e a todos os meus alunos agradeço, porque foi através da experiência docente que tive certeza de que escolhi a profissão certa para mim.

Agradeço imensamente àquelas pessoas que me permitiram fazer parte de suas vidas, de suas relações e que compartilharam comigo suas lembranças: Adherbal, Sérgio, Nadir, Maria Aparecida, Tais, Marise, tia Vanda, tia Gil, tia Helena, tia Ligiane, Carina e Alex. À Juliana Torres, minha amiga e “prima”, agradeço por ter me ajudado a tornar essa pesquisa uma realidade, bem como a tia Fani pela confiança depositada em mim e à tia Celenir, pela amizade e pelo ombro amigo. Agradeço também as amizades que essas relações me possibilitaram, como a Natiele, Fabiane, Letícia, Débora, e tantas pessoas mais que não quero citar por receio de esquecer de alguém.

À Marília Torres Ribeiro e ao capitão Flavio José da Silva, me faltam palavras para expressar a profunda admiração que sinto por ambos. Agradeço pela amizade, pelo companheirismo, pela confiança, mas principalmente por me mostrarem que a

dor é grande, mas mensurável, expressada através da revolta, tristeza, da ira, mas que o amor, é infinito, se manifesta na amizade, na compaixão, na solidariedade, na saudade, na alteridade. É imensurável e transpõe a dor porque é em nome dele que se luta e sempre se lutará.

Agradeço in memoriam à Andrielle, Augusto Silva, Augusto Neves, Flavinha, Gilmara, Mirela, José Manuel, Vitória, Silvinho, Jenneffer, Lucas e Thanise.

Por fim, agradeço àquele que sempre está comigo e forja as armas para as batalhas da minha vida.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal de Santa Maria

“ACORDA SANTA MARIA”: UM ESTUDO SOBRE AS ESTRATÉGIAS COLETIVAS DE ORGANIZAÇÃO DOS FAMILIARES DAS VÍTIMAS DA BOATE KISS

AUTORA: PRISCILA DOS SANTOS PEIXOTO
ORIENTADORA: ZULMIRA NEWLANDS BORGES
CO-ORIENTADORA: MONALISA DIAS

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 03 de setembro de 2014.

Este trabalho é resultado de um estudo etnográfico realizado durante o período de oito meses de campo de acompanhamento das distintas estratégias coletivas de organização dos familiares das vítimas da boate Kiss, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Após o incêndio na boate que levou a morte de 242 jovens com idades entre 18 e 36 anos, os familiares passaram a se reunir em diferentes iniciativas visando o trabalho social, a luta por justiça e um espaço para reunir os familiares e sobreviventes das vítimas. A partir dessas tentativas surgiram uma ONG, uma Associação de familiares e dois Movimentos sociais que foram estudados através da observação participante e entrevistas abertas semi estruturadas. A observação identificou a formação de uma rede de apoio entre familiares de 12 vítimas que interagem nestes diferentes grupos, formando duas sub-redes: de justiça e de solidariedade, cujo elo, tem aspectos relativos à questões de espiritualidade. O acesso a essas redes de apoio ocorreu através de uma informante chave, militante e idealizadora de dois dos movimentos estudados e apoiadora dos demais. Partindo de uma análise teórica da antropologia das emoções, ao estudar a redes de apoio, a pesquisa destaca o luto, as diferentes formas de lidar com a perda e a espiritualidade. Assim, são abordadas as tentativas simbólicas de explicar a tragédia e a morte através da formulação de presságios de morte, sinais da presença pós tragédia e estratégias de comunicação com os filhos através da religiosidade, sonhos e coincidências do cotidiano. O título deste trabalho é uma palavra de ordem entoada pelos familiares em seus protestos visando justiça que culminou com a formação da redes de apoio.

Palavras- chaves: rede de apoio, emoções, luto, espiritualidade.

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal de Santa Maria

“WAKE UP SANTA MARIA”: A STUDY ABOUT THE COLLECTIVE STRATEGIES OF THE KISS DISCO VICTIMS’ FAMILIES’ ORGANIZATION

AUTHOR: PRISCILA DOS SANTOS PEIXOTO

ADVISER: ZULMIRA NEWLANDS BORGES

CO-ADVISER : MONALISA DIAS

Date and location of the oral examination: Santa Maria, September 3rd, 2014.

This study is a result of an ethnography research that was done during the period of 8 months following the different collective strategies of the Kiss disco victims’ families’ organization, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brazil. After the fire in the disco that took to death 242 young people with ages between 18 and 36 years old, the families started to meet in different initiatives aiming the social work, the fight for justice and a space to join the families and the survivors of the victims. From these attempts it was created an ONG, a Family Association and two social Movements which were studied by participant observation and open semistructured interviews. The observation identified the presence of a support net among the families of 12 victims that interact in these different groups, forming two subnets: of justice and solidarity, whose link has relative aspects to spiritual questions. The access to these support nets occurred by a key informant, militant and idealizer of two of the studied movements and sustainer of the others. Starting from a theoretical analysis of the Anthropology of Emotions, studying the nets of support, the research focus on the mourning, the different ways to deal with the loss and the spirituality. Therefore, it is broach the symbolical attempts of explaining the tragedy and the death through the formulation of presage of death, signs of the presence after the tragedy and strategies of communication with the children by religiosity, dreams and everyday coincidence. The title of this study is a word of order tuning by the families in their protests aiming justice which culminate in the creation of support nets.

Keywords: support net, emotions, mourning, spirituality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização de Santa Maria no Rio Grande do Sul e Brasil.....	24
Figura 2 - Mapa de localização da Boate Kiss.....	27
Figura 3 - Mapa do Centro Desportivo Municipal - CDM.....	33
Figura 4 - Presença da Presidenta Dilma Rousseff no CDM.....	34
Figura 5 - Caminhada no dia 28 de janeiro de 2013 em homenagem às vítimas da boate Kiss.....	36
Figura 6 - Pórtico de entrada da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, durante a primeira semana Pós Tragédia.....	36
Figura 7 - Homenagens em frente à Boate Kiss.....	37
Figura 8 - Mapa do percurso realizado do ponto de ônibus até o CDM.....	59
Figura 9 - Mapa do CDM apontando minha entrada e o local de encontro com a família da Flavinha.....	60
Figura 10 – Relações entre as Redes.....	76
Figura 11 - Protesto dos familiares contra a soltura dos réus.....	85
Figura 12 - Familiares em frente à Igreja Nossa Senhora das Dores.....	85
Figura 13 - Mary no caminhão de som antes da caminhada em homenagem às vítimas realizada no 3º mês Pós Tragédia.....	97
Figura 14 - Oitiva da CPI: fotografia tirada atrás da Comissão, mostrando a presença de familiares na Câmara.....	104
Figura 15 - Oitiva da CPI: protesto do Luto à Luta pelo andamento dos depoimentos.....	104
Figura 16 - Mary e integrantes do Luto à Luta durante os protestos de junho.....	106
Figura 17 - Momento em que o Luto à Luta declara “ocupada” a Câmara de Vereadores de Santa Maria.....	108
Figura 18 - Familiares e estudantes em frente à Câmara de Vereadores durante a “ocupação”.....	108
Figura 19 - Último grupo de manifestantes e familiares a deixar a Câmara de Vereadores de Santa Maria.....	109
Figura 20 – Localização da Tenda da Vigília.....	112
Figura 21 – Redes de apoio.....	115
Figura 22 – A Rede de Apoio.....	116
Figura 23 – Gráfico AVTSM.....	117
Figura 24 – Gráfico ONG Para Sempre Cinderelas.....	118
Figura 25 – Gráfico Luto a Luta.....	120
Figura 26 – Gráfico Mães de Janeiro.....	120
Figura 27 - Familiares em frente ao Ministério Público de Santa Maria.....	122
Figura 28 - Cartazes em frente Ministério Público de Santa Maria.....	123
Figura 29 - Protesto em frente ao Ministério Público de Santa Maria.....	123
Figura 30 - Cartaz da Banda Gurizada Fandangueira.....	134
Figura 31 - Cartaz oficial da Festa na Boate Kiss.....	134
Figura 32 - Carta psicografada da menina Gilmaria.....	163
Figura 33 – Capa da Revista Veja.....	168

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 - Guarda- corpo no interior da Boate Kiss.....	184
Anexo 2 - Vigília em Homenagem à Flavia Torres.....	184
Anexo 3 - Exposição do Banner com a charge do artista Carlos Lattuff na tenda da Vigília.....	185

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 SANTA MARIA CHORA.....	25
1.1 “Somos todos Santa Maria”: a organização dos familiares Pós Tragédia	39
2 INTERMITÊNCIAS DA VIDA: UMA ANTROPOLOGIA DO LUTO	50
2.1 Da experiência pessoal à construção do objeto de pesquisa	59
2.2 As dinâmicas das redes como escolha metodológica.....	72
2.3 Questões éticas	79
3 ENTRELAÇOS DO LUTO: DESCRIÇÃO E INTERAÇÃO DA REDE DE APOIO	83
3.1 A “dor maior do mundo” e o direito de sofrer	88
3.2 Estabelecendo elos: o caminho das redes	101
3.3 A Vigília	112
4 A DESPEDIDA ANUNCIADA.....	127
4.1 Meandros da Fé	129
4.2 Presságios da mídia.....	133
4.3 Presságios dos familiares	138
4.3.1 Presságios em relação à personalidade dos filhos.	140
4.3.2. Presságios sobre mudanças e/ou interpretação sobre o comportamentos dos filhos e dos próprios familiares na semana que antecedeu a tragédia	143
4.3.3 Presságios proferidos por Entidades/ místicos.....	147
4.4 O contato com a Morte.....	150
4.5 A Presença Ausente	156
4.5.1 As Comunicações dos que partiram.....	158
4.5.2 A ausência presente.....	167
CONCLUSÃO.....	174
REFERÊNCIAS	182
ANEXOS.....	187

INTRODUÇÃO

Santa Maria, cidade do Estado do Rio Grande do Sul, dia 26 de janeiro de 2013. É estranho pensar como cada detalhe daquele dia ficou gravado na memória de quem acompanhou os eventos que levaram ao incêndio na Boate Kiss. Foi um dia de muito calor, conforme o verão de Santa Maria, propício para reuniões de amigos em bares e casas noturnas. Contudo, naquela noite optei por ficar em casa, assistir a filmes e lembro-me de ter olhado no relógio, antes de dormir, e, já eram quatro horas e dezesseis minutos do dia 27 de janeiro.

Quando fechei meus olhos para dormir naquela noite não imaginava que a poucos quilômetros, no centro da cidade, 242 jovens fechariam seus olhos para nunca mais acordar. Eram seis e meia da manhã quando acordei incomodada com o telefone que tocava insistentemente até que fui atendê-lo. Do outro lado uma voz de alívio me disse: “ah, você está casa Piu¹”, meio adormecida ainda, disse que sim e perguntei: “por que, tia?”. Minha tia, que reside em Santa Maria, concluiu dizendo: “que bom, já liguei para o meu neto e ele também está em casa”, insistindo eu perguntei: “mas o que houve?” e ela: “não sei direito, só sei que uma boate pegou fogo em Santa Maria e parece que Flavinha estava lá, a Juca² saiu agora e desceu lá na Fani³, estão todos atrás da Flavinha e das amigas⁴ que parecem ter ido nessa boate”. Desliguei o telefone, e imediatamente liguei o computador para buscar informações sobre o que estava ocorrendo na cidade. No facebook a notícia: “incêndio na boate Kiss: a estimativa é de 20 mortos”. Jamais poderia imaginar que esse número chegaria a 242.

Quando acordei naquela manhã de 27 de janeiro de 2013 e permaneci durante todo o dia aguardando notícias da Flavinha, assistindo a Globo News, que transmitia ao vivo as informações, ouvindo a rádio Gaúcha, que falava direto da frente da boate Kiss e depois do Centro Desportivo Municipal - CDM, da mesma forma que dediquei meu tempo para responder as mensagens de alívio dos meus amigos que me viam online no facebook e tentava tranquilizar minha mãe e irmã que residem em Rio

¹ Piu é como meus familiares e amigos de infância me chamam carinhosamente.

² Juca é como chamamos Juliana Torres Ribeiro, casada com meu primo e prima da Flavinha.

³ Fani Torres, mãe da Flavinha e tia da Juca.

⁴ Tratam-se das amigas: Andrielle, Gilmara, Mirela e Vitória.

Pardo/ RS, pois, diziam que os vizinhos de lá faziam fila na porta perguntando sobre mim, me dei conta de que, mesmo não querendo acreditar, o número de mortos estaria muito além daquele número inicial de 20. O que mais me causava angústia era a incerteza das notícias. As imagens divulgadas mostravam aglomerações de familiares em frente ao CDM e aos hospitais. Todos buscando informações, esperanças diante um quadro inimaginável para a cidade.

Durante todo o dia, o que me deu esperanças, e como minha informante chave Mary⁵ disse com base no: “sentimento egoísta do ser humano de achar que esse tipo de tragédia nunca acontece conosco”, foi ver e ouvir a divulgação da lista dos internados no hospital de Caridade⁶ e ver lá o nome Flavia Maria Torres Lemos⁷ (o que indicava que ela estaria viva). Depois de um dia de informações desencontradas, liguei para a Juca, em torno de 17h e perguntei: “e a Flavinha? Conseguiram achar o leito dela?” e a Juca, com voz embargada de uma mistura de tristeza e revolta me respondeu: “está aqui ela, está aqui no CDM, está morta”.

Impressionante como determinados eventos tocam as pessoas de formas distintas. A Juca sequer lembra-se de ter falado comigo naquela tarde, eu, no entanto ainda escuto aquela expressão seca “está morta”, como quem diz: acabou, não tem mais o que ser feito, a busca terminou e a única certeza que temos na vida se concluiu. Nunca saberei o que motivou a Juca me responder daquela forma, se foi pela confusão de sentimentos ela estava experimentando, se pela falta de esperança, revolta, indignação e tristeza, ou, por todos os motivos que imaginei e listei aqui. O fato é que finalmente ela soube uma notícia concreta em meio a tanto tumulto, tanta busca e tanto desespero.

⁵ Mary é prima da Flavinha e irmã da Juliana. No decorrer da pesquisa, tornou-se minha informante chave.

⁶ Devido ao grande número de vítimas, todos os hospitais da cidade e região foram mobilizados para atender os feridos. Entre a lista dos hospitais que receberam vítimas estão: em Santa Maria: Hospital de Caridade, Hospital Universitário- HUSM, Hospital de Guarnição, Hospital São Francisco, Unidade de Pronto Atendimento- UPA, Pronto Atendimento Patronato, UNIMED Santa Maria, CAUZZO Policlínica, Hospital da Brigada Militar; Casa de Saúde; Porto Alegre: Hospital Pronto Socorro de Porto Alegre, Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, Hospital Cristo Redentor de Porto Alegre, Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Hospital Conceição de Porto Alegre, Hospital Moinhos de Vento de Porto Alegre, Hospital Mãe de Deus de Porto Alegre; Canoas: Hospital Universitário da Ulbra de Canoas; Caxias do Sul: Hospital da Unimed.

⁷ Nome completo da Flavinha. Neste texto fiz a opção por usar o termo “Flavinha” como era chamada pelos familiares e amigos.

E foi assim que teve início minha relação com o incêndio da boate Kiss, ou, como ficou conhecido através da mídia e ratificado pelos familiares: “a tragédia de Santa Maria”. Foi através da perda de uma conhecida⁸, que me aventurei lançando mão do tema de pesquisa que estava em andamento para abraçar esse tema, da morte, do luto, da dor e de diferentes emoções. Um tema que me trouxe mais humanidade, mais contato com a alteridade. O tema que forjou meu olhar crítico de historiadora para o olhar sensível e atento da antropóloga.

Não imaginava a repercussão que essa tragédia traria à cidade e à minha vida. Não tinha ideia de que a memória de 12 desses 242 jovens faria parte da minha rotina, que teria a possibilidade de conhecê-los pós vida, através das lembranças compartilhadas por seus familiares, que viriam a compor uma nova rede de amizades, de afetos, de apoio.

Inicialmente me inseri nesse campo, movida pela necessidade de apoiar pessoas próximas e amigos e me vi rapidamente envolvida como militante política da causa dos familiares em busca de justiça. O que faz com que meu olhar não seja neutro, pois não se construiu de uma observação externa do grupo, mas sim de dentro da rede, da qual me coloco como participante, pela importância da minha presença nas diferentes sub-redes, pela importância pessoal que algumas redes estabeleceram comigo e pelo fato de me ver em certos momentos vulnerável⁹, compartilhando das “coincidências”, que de alguma forma, “explicam”, “confortam” e dão sentido ao “inexplicável”, dentro deste universo de pesquisa.

A partir do dia 27 de janeiro comecei a acompanhar a irmã da Juca, Mary, nas diversas tentativas de unir os familiares e buscar justiça. O primeiro contato com a Mary veio de um convite para participar da formação de uma Organização Não Governamental em homenagem à Flavinha e suas amigas, que faleceram na boate Kiss. A ONG *Para Sempre Cinderelas*, idealizada pela Mary na primeira semana pós tragédia, deveria servir tanto para dar continuidade a um trabalho social iniciado

⁸ Digo conhecida, porque não tinha proximidade com a Flavinha, mas sim com sua prima- a Juca por ser casada com meu primo-irmão.

⁹ No capítulo 4 desta dissertação, quando irei discorrer sobre a questão da espiritualidade, irei relatar momentos nos quais “tive” experiências compartilhadas com os familiares, como sonhos com as vítimas que não conheci e outros sinais de presença.

pelas meninas¹⁰, como também seria uma forma de reunir os familiares para que ambos pudessem compartilhar experiências e dar apoio ao sofrimento do outro.

O fato de eu ser acadêmica foi um impulsionador do convite para participar da ONG, pois eu poderia contribuir no sentido de criação de projetos, organização geral, entre outros fatores. Paralelo a isso, Mary, inconformada com o ocorrido e fiel à promessa que disse ter feito junto ao caixão da Flavinha, de lutar até o fim para a responsabilização dos culpados e contra o esquecimento da tragédia, passou a frequentar as sessões plenárias da Câmara de Vereadores, conversando com Vereadores da oposição do governo municipal sobre a possibilidade de ser instaurada uma Comissão Parlamentar de Inquérito- CPI, para averiguar as falhas da Administração pública, que possibilitaram o incêndio¹¹.

Ela, uma vez me disse: “tu, como historiadora, tem que me acompanhar nessa luta”. E assim a acompanhei, tornei-me militante política do movimento de familiares, criado também pela Mary, chamado *Santa Maria, do Luto à Luta*, e, através desse anseio que ela tinha de encontrar respaldo para suas reivindicações a partir da união entre os familiares, ela possibilitou minha inserção em campo, me apresentou para outros familiares, permitiu que eu a acompanhasse em reuniões, tornando-se, dessa forma, minha “informante chave”.

Mary, 28 anos, estudante Universitária, ao se tornar minha informante, tornou-se também minha colaboradora de pesquisa. Faço referência à Foote-Whyte (1990),

¹⁰ Segundo relataram os familiares da Flavinha, Mirela, Andrielle, Vitória e Gilmara, as amigas faziam um trabalho voluntário e espontâneo de recolher doativos para crianças carentes da comunidade. Como a Flavinha e a Mirela eram estudantes de Pedagogia na UFSM, Flavinha se interessou em procurar creches comunitárias para prestar esse tipo de apoio. Antes da tragédia, as amigas fizeram uma doação de alimentos e materiais de higiene pessoal ao Lar de Mirian, ao Lar das Vovozinhas e à Creche Criança Feliz, escolhida pela Flavinha para que todos os meses ela e as amigas ajudassem de alguma forma. Quando ocorreu a tragédia, as meninas já haviam arrecadado certo número de doações e foi pelo desejo de cumprir o desejo de entregar a essa escolinha as doações arrecadadas pela prima que Mary idealizou a criação de ONG que manteria vivo esse trabalho iniciado de forma espontânea pela prima e suas amigas, sendo também uma forma de aproximar as mães das meninas.

¹¹ No mesmo dia do incêndio, a mídia passou a especular sobre possíveis irregularidades da boate, como ausência de alvarás de funcionamento, falta de fiscalização do corpo de bombeiros e da Prefeitura na Boate, entre outros fatores que criaram um sentimento de desconforto e revolta de alguns familiares em relação à Administração Municipal. Além disso, sobreviventes, seguranças, ex-funcionários passaram a comentar com os familiares (os que se tornaram meus informantes) que viam políticos da cidade frequentar a boate, com comanda liberada, que faziam campanha política na boate e por isso a “boate” e seus proprietários, teriam privilégios junto à Prefeitura. Esses boatos, aliados à ausência de um pronunciamento da Prefeitura Municipal nos dias seguintes à tragédia, acirrou o sentimento de desconfiança e revolta que permaneceu durante todo o período do campo.

quando ele comenta que sua relação com Doc passou de “informante chave e protetor”, no caso de *Corneville*, para um “colaborador de pesquisa”, devido ao fato dele passar a discutir com seu informante suas ideias e motivações de pesquisa. Doc, além de contribuir com as discussões, fazia relatos sobre os momentos aos quais Foote-Whyte não estava presente.

Minha relação com a Mary teve inspiração na experiência de Foote- Whyte no que tange ao desenvolvimento da pesquisa. Contudo, Mary e eu não éramos estranhas, eu a conhecia desde criança, mas não tínhamos vínculos de amizade. Pós tragédia, nos aproximamos e passei a acompanhá-la em suas iniciativas, tanto em relação à formação da ONG *Para Sempre Cinderelas*, quanto nas demandas por justiça.

Nos primeiros meses pós tragédia e até eu perceber a formação das redes, minha observação partiu da ótica da Mary e sua família e isso está claro no texto. Foi através das lutas da Mary e da sua inserção entre os familiares que fui me inserindo também nesses grupos. Até o terceiro mês, os familiares viam a “Mary”, sua família e o seu grupo de amigas, no qual eu estava incluída. Foi a partir do momento em que o “Capitão” e a “Fumiga¹²” assumiram conjuntamente a liderança do *Movimento Luto à Luta* que a rede começou a se formar e a observação se ampliar.

Depois que já estava inserida como militante do *Movimento Santa Maria do Luto à Luta*, tive maior autonomia entre os familiares, não necessitando mais do acompanhamento da Mary. Mary passou a ser uma colaboradora de pesquisa, alguém com quem eu discutia minhas ideias, observações e percepções. Além dela, o “Capitão” também foi determinante para minha permanência na rede, com um lugar de destaque como militante. Procurando fazer como Foote- Whyte (1990), eu estabeleci maior proximidade com pessoas de referência em cada grupo. Mary foi responsável pela minha inserção inicial. O “Capitão”, quem eu mais acompanhei após o quarto mês, foi a pessoa de referência do *Luto à Luta*, a “Fumiga” me aproximou das “Mães de Janeiro” e em relação à AVTSM, minhas pessoas de referência foram o pai do Augusto S, que circulava entre os movimentos de justiça, e

¹² Capitão e Fumiga são familiares de duas vítimas fatais, a Andrielle e a Thanise.

o pai da Jennefer, que tornou-se uma pessoa pública. A partir dessas pessoas de referência, estabeleci contato com os demais informantes.

Após seis meses da tragédia, minha inserção entre os familiares já era plena e adquirei junto a eles uma importância como militante, colaboradora e amiga. Mary dizia não ser mais minha informante chave, pois ela dividia essa importância com o “Capitão¹³”.

A união complexa¹⁴ dos familiares me permitiu conhecer e conviver com pessoas de diferentes grupos sociais, escolaridades, idades, religiões que passaram a compor minha pesquisa. Essas diferenças foram percebidas ao longo de um ano de acompanhamento de um grupo de 11 famílias, através da observação participante e complementadas com entrevistas abertas semiestruturadas.

Minha dissertação traz como título: “Acorda Santa Maria”: um estudo etnográfico sobre emoções e redes de apoio entre os familiares de vítimas da boate Kiss. A expressão “Acorda Santa Maria”, surgiu em campo de duas formas: primeiro, porque tanto na observação participante, quanto nas entrevistas, quando convidava os familiares para falar sobre a tragédia, todos iniciavam sua fala com: “acordei naquela manhã, fui acordado...”, inclusive eu relato como foi meu despertar naquela manhã; segundo, e mais expressivo, é o fato que a frase “Acorda Santa Maria” virou palavra de ordem e de chamada da população nos protestos públicos, a partir do quarto mês pós tragédia, com a soltura dos réus¹⁵, as diferenças entre os movimentos dos familiares se minimizaram e os grupos passaram a atuar conjuntamente nas manifestações.

Na noite do dia 29 de maio, quando os familiares voltaram de Porto Alegre, onde ocorreu a audiência, com a notícia da soltura dos sócios da boate e dos músicos, sem nenhuma organização os familiares saíram às ruas com seus banners e

¹³O “Capitão”, uma das lideranças do *Luto à Luta* é pai de vítima e recebeu esse apelido por ter sido o primeiro pai a assumir a luta por justiça junto com o grupo formado pela Mary. A presença dele deu mais credibilidade ao movimento e também segurança aos militantes.

¹⁴Quando me refiro à “união complexa” é para caracterizar o processo de organização de diferentes movimentos de familiares que surgiram pós tragédia, com diferenças ideológicas e de ações bem acentuadas, contudo, decorridos 4 meses da tragédia, as ações passaram a ser mais coletivas entre os movimentos, chegando a aceitação que ambos são diferentes com momentos de trocas e união em determinados atos. O momento dessa união é o que marca a formação das redes de apoio e será discutido nos capítulos 2 e 3.

¹⁵ Músicos e proprietários da boate.

cartazes gritando “Justiça” e “Acorda Santa Maria”¹⁶, que acabou tornando-se um grito de ordem em todos os protestos que se sucederam até o dia 27 de janeiro de 2014, quando a tragédia completou 1 ano. Dentro desse espírito de que a cidade tinha que “acordar”, outras formas de despertar foram criadas pelos familiares, como a “campanha da consciência”, utilizada tanto em frente ao Ministério Público¹⁷ quanto na tenda da Vigília¹⁸. Todos esses momentos serão descritos ao longo do texto.

Essa dissertação vai tratar sobre as estratégias coletivas de organização dos familiares das vítimas da boate Kiss, através da formação de redes de sociabilidades, que eu chamo de “rede de apoio”, dentro do contexto de orientação teórica da Antropologia das Emoções. A problemática da pesquisa busca compreender a constituição da rede de apoio, focada na espiritualidade, como um lugar de trocas simbólicas pós tragédia e, qual o papel da rede na produção de explicações/significados para a experiência do luto.

Essas sub-redes que compõem a rede de apoio, formaram-se a partir de duas motivações: a luta por justiça e a solidariedade/ assistência Social, sendo a “espiritualidade” o elo entre essas sub-redes. Tais redes são dinâmicas e complexas e se constituíram a partir da formação de movimentos sociais e organizações jurídicas de familiares. Logo, as interpretações e ressignificações estabelecidas pelos familiares ao ocorrido no dia 27 de janeiro de 2013 com seus filhos é resultado de um convívio sistemático entre o grupo estudado em manifestações, reuniões e ações diversas, que possibilitaram a troca constante de informações e experiências que passaram a compor um conjunto de explicações simbólicas que entendo ser o elo da rede de apoio, a espiritualidade.

No decorrer da pesquisa, a partir do contexto de convívio na rede, as estratégias coletivas pós tragédia se apresentaram de distintas formas: 1) como formas coletivas de união dos familiares em associações, movimentos sociais, ONGs, voltados para objetivos distintos; 2) criação de espaços de convivência para a

¹⁶Assista ao vídeo: <http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/noticia/2013/05/familiares-de-vitimas-protestam-contrasoltura-dos-reus-da-kiss-em-santa-maria-4154164.html>

¹⁷ Familiares fizeram uma vigília em frente ao Ministério Público em outubro, questionando os indiciamentos.

¹⁸ A tenda Vigília será explicada nos próximos capítulos, sendo um local de encontro dos familiares e onde desenvolvi grande parte da pesquisa de campo.

interação dessas organizações, nos quais a “Tenda da Vigília” tem maior representatividade como um espaço de memória dos familiares; 3) compartilhamento de experiências pré e pós tragédia, que foram ressignificadas em forma de presságios de morte e comunicações por sonhos e mensagens espirituais e; 4) Na busca constante pela perpetuação da memória, buscou-se na privacidade de cada família a criação de “locais de lembranças”, destinados a manter a presença dos filhos no cotidiano, mesmo diante da ausência física.

A pesquisa etnográfica contempla o prazo de 12 meses em campo, utilizando-se das técnicas de observação participante, com a utilização do diário de campo, em diferentes momentos de interação dos familiares e, entrevistas abertas semiestruturadas. No total, foram 15 entrevistas, totalizando 11 famílias de 12 vítimas fatais e 1 voluntário que atuou no dia 27 de janeiro.

Sem dúvida alguma, esse trabalho foi escrito sob a pressão de muitas emoções. Acompanhar a trajetória de dor, de saudade dos familiares é uma experiência que afeta emocionalmente qualquer pesquisador. É notório pela exposição do campo que meu engajamento maior se deu como militante política e que estive presente nos momentos de protestos e reivindicações de direitos, o que faria a discussão da rede de justiça mais rica, porém de distanciamento mais complexo.

Como o processo judicial ainda está em andamento, optei por deixar as questões políticas em segundo plano e olhar a tragédia pela perspectiva de um grupo pequeno de familiares, que é heterogêneo em todos os sentidos, que não representa a totalidade de pais de vítimas, mas um grupo que atua sistematicamente em Santa Maria e que apesar das diferenças ideológicas, luta contra o esquecimento da tragédia, pela lembrança dos filhos e por um espaço de convivência onde a expressão dos sentimentos não seja um tabu. Um espaço onde suas emoções sejam compreendidas e, pelo fato desses familiares compartilharem a mesma experiência, possam encontrar nas lembranças dos demais, explicações para o inexplicável.

A dissertação está dividida em quatro capítulos:

O primeiro capítulo é destinado a apresentar a cidade de Santa Maria e como ocorreu a tragédia. A partir de fontes jornalísticas e dos relatos da informante chave e outros colaboradores de pesquisa, o texto reconstrói o cenário do dia 27 de janeiro

de 2013 e o impacto da tragédia para Santa Maria, bem como a mobilização ocorrida na cidade. No decorrer da primeira semana pós tragédia, os familiares começaram a articular diferentes organizações coletivas, que passam a ser descritas em seguida, valendo-se também de exemplos similares de outras tragédias que envolveram a formação de associações de familiares.

O capítulo dois é reservado para a discussão teórica sobre uma antropologia das emoções, iniciando sobre uma abordagem sobre o lugar da morte na sociedade contemporânea. Partindo do contexto da morte de jovens e da ruptura de uma lógica cronológica pensada da vida, o texto aborda posicionamentos sobre o enfrentamento da morte e as diferentes emoções que interagem dentro de um contexto de luto. Com isso, apresento minha inserção ao campo e ao tema de pesquisa, mostrando os meandros da construção do objeto de pesquisa, que partiu da minha experiência pessoal da perda de alguém na tragédia, culminando com a formação da rede de apoio. Todo esse processo é orientado por questões metodológicas e éticas utilizadas e constantemente negociadas em campo.

O capítulo três é marcado pelo momento efetivo da formação da rede de apoio, através das diferentes lutas que levaram as organizações dos familiares a agirem conjuntamente, possibilitando, dessa forma, maior intercâmbio de informações e experiências ressignificadas. É também um breve registro da trajetória das lutas dos movimentos que acompanhei por um ano, que foi o espaço com o qual conquistei maior inserção e legitimidade junto aos familiares, sendo resultado direto da observação participante. Com isso, pude mapear a complexidade e a dinâmica da rede de apoio que se subdivide em rede de justiça e solidariedade, apontando a “tenda da Vigília” como o espaço maior de interação das redes e das trocas de experiências, funcionando dessa forma como um espaço terapêutico aos familiares, além de um espaço de memória e luta. É nesse contexto que a espiritualidade de apresenta como um elo da rede apoio, unindo familiares com diferentes posições ideológicas das sub-redes.

O último capítulo contempla a abordagem da espiritualidade a partir de um contexto de troca de experiências entre os familiares, vividas por seus filhos e ressignificadas a partir do convívio. As primeiras ideias sobre presságios surgiram na mídia local, usando discursos do sobrenatural para encontrar explicações para a

tragédia. Com isso, o capítulo traz o que circulou na mídia sobre presságios de morte envolvendo a boate e depois entra na especificidade das lembranças dos familiares sobre sonhos, comportamentos ou características da personalidade dos filhos que foram interpretadas como avisos de uma partida precoce. Para além dos presságios, o texto mostra ainda as experiências do cotidiano que, no contexto de interação do grupo, se apresentam como sinais da presença dos filhos, através de sonhos, símbolos, músicas e mensagens psicografadas. O texto conclui-se com a exposição do que chamo de “presença ausente”, momento em que os familiares, na privacidade das suas casas, encontraram maneiras de manter viva a presença dos entes que partiram, como forma de registrar que eles ainda fazem parte das vidas dos familiares.

1 SANTA MARIA CHORA

A gente sempre se preocupou com o trajeto dos nossos filhos, a ida e volta de uma festa, por medo de assalto, acidente enfim, mas nunca íamos imaginar que o local da festa seria mais perigoso que a própria rua. (Depoimento dos familiares das vítimas da Boate Kiss, 2013-2014)¹⁹

A cidade de Santa Maria, com aproximadamente 270 mil habitantes, localizada na região central do Estado do Rio Grande do Sul - Brasil, é conhecida como o “coração do Rio Grande”, dada a sua localização (ver figura 1). A cidade, que teve sua origem aproximadamente em meados do século XVIII, surgiu como um posto militar de acampamento para demarcação de terras, uma vez que eram constantes os tratados entre Portugal e Espanha acerca do território brasileiro e sul-rio-grandense (MACEDO, 2012, p.21).



Figura 1 - Mapa de localização de Santa Maria no Rio Grande do Sul e Brasil.
Montagem: LARA, M. C.
Organizadora: PEIXOTO, P.S.

¹⁹Aqui não faço referência a um único familiar, pois essa frase foi dita por vários pais e mães no decorrer da pesquisa. Esse pensamento é consenso entre os familiares das vítimas da Kiss, que participaram da pesquisa.

A presença dos portugueses e militares fomentou o desenvolvimento urbano na localidade que circundava o acampamento. Hoje, uma das ruas mais conhecidas na cidade é justamente a “Rua do Acampamento”, que faz referência ao início do desenvolvimento urbano da cidade. Logo, a primeira característica dessa cidade é baseada na presença militar, com quartéis do exército, da brigada militar, e, a partir de 1970, da base aérea. A carreira militar é um dos fatores que mobilizam os jovens a residir no município.

Outro fator que contribuiu para o desenvolvimento do município de Santa Maria foi a instalação da ferrovia, por volta de 1884 (FACCIN, 2012, p.04). A rede ferroviária, que esteve ativa por mais de meio século, delineou a importância estratégica do município na escoação da produção e a ligação das regiões metropolitanas com o interior do estado. O declínio emergente da ferrovia no município fez com que se pensasse em estratégias para o desenvolvimento econômico e urbano da cidade.

Assim, em 14 de dezembro de 1960, a cidade presenciou a criação e instalação da Universidade Federal de Santa Maria, (QUADROS, 2012, p.351) que veio a reconfigurar o perfil do município, que já tinha a característica da forte presença militar, de aposentados ferroviários e tornou-se então, um polo educacional. Tão grande é a variedade cultural de Santa Maria, seja por suas origens, seja pela presença de jovens oriundos de diferentes localidades e culturas, Santa Maria defende a identidade de uma “cidade cultura”.

É inegável que a Universidade Federal de Santa Maria desencadeou um desenvolvimento urbanístico, econômico e comercial do município. Embora já existisse na cidade instituições de ensino privado, essa instituição federal, que buscava atender a demanda estudantil do interior do estado, veio a potencializar a presença jovem e o desenvolvimento de vários centros de educação, tanto de ensino técnico e superior, público e privado, quanto de cursos preparatórios para o concurso vestibular. Hoje, a cidade conta com pelo menos sete centros de ensino superior. Só a UFSM atende aproximadamente 30 mil estudantes, sem contar com os Campus da Universidade espalhados pelo interior do estado e os Polos de educação à distância.

Nesse contexto, de cidade cultura, de polo estudantil, a presença jovem é um dos fatores que movimenta a economia local e estimula a criação de lugares de convivência destinados aos jovens, como lancherias, bares, casas noturnas, para os mais variados gostos. Outro fator impulsionado pela presença jovem é o desenvolvimento imobiliário e de empresas terceirizadas de prestação de serviços para festas de formaturas²⁰. Já se tornou um costume as turmas dos diferentes cursos e das diferentes instituições de ensino se unirem para promover festas, visando a arrecadação de fundos para a formatura. Essas festas ocorrem ou no centro de eventos da Universidade Federal, ou em parcerias com as casas noturnas do município.

Esse contexto explica a dimensão da presença jovem no município e a organização dos universitários para a colação de grau. Assim, chegamos ao ocorrido no dia 27 de janeiro de 2013. A casa noturna conhecida como Boate Kiss (ver figura 2), situada no centro da cidade, promoveu, naquela noite, uma festa destinada à arrecadação de fundos para a formatura de cursos das áreas rurais (agronomia, medicina veterinária, zootecnia, técnico em agronegócio), Tecnologia de alimentos e Pedagogia da UFSM, sendo os frequentadores também jovens universitários de diversos cursos e funcionários do comércio da cidade.

Durante a festa, intitulada “aglomerados”, estava previsto um show com a Banda “Gurizada Fandagueira”, cujo ritmo musical se aproxima do “sertanejo universitário”. Essa banda tinha por hábito²¹ animar a festa com atividades de pirotecnia.

²⁰Essas empresas, com grande mercado no município, fazem contratos para a festa de colação de grau das turmas e quadros de formaturas. Procuram as turmas oferecendo seus serviços e depois de contratadas, as turmas pagam mensalmente um valor da parcela que é dividida entre todos os formando o valor total da festa. Os valores geralmente variam de mil reais a 3 mil por pessoa, dependendo do curso e do tipo de festa escolhida, por isso, as turmas promovem festas para diminuir o valor pago individualmente.

²¹Informações fornecidas pelos comentários que surgiram nas redes sociais, dos fãs que acompanhavam os shows da banda e dos sobreviventes que haviam frequentado mais de uma festa com a mesma banda. Também foram veiculadas na mídia local, da mesma forma que foram amplamente divulgadas através de fotografias, outras festas na mesma boate que também usavam materiais pirotécnicos para a animação, como por exemplo, uma festa intitulada “festa mexicana” ocorrida uma semana antes na mesma boate, com apresentação de bartenders que utilizaram de materiais pirotécnicos para o show. Uma ex-funcionária comentou em entrevista ao programa “A Tarde é Sua”, (VANESSA, 2013) que cada aniversariante do dia recebia de presente uma bebida com o mesmo tipo de artefato aceso, embora os sócios das boates tenham negado a utilização desses materiais no interior da boate, além de afirmarem não saber que a banda faria uso durante o show. Outro comentário que circulou seria o de que os materiais usados pela banda eram diferentes

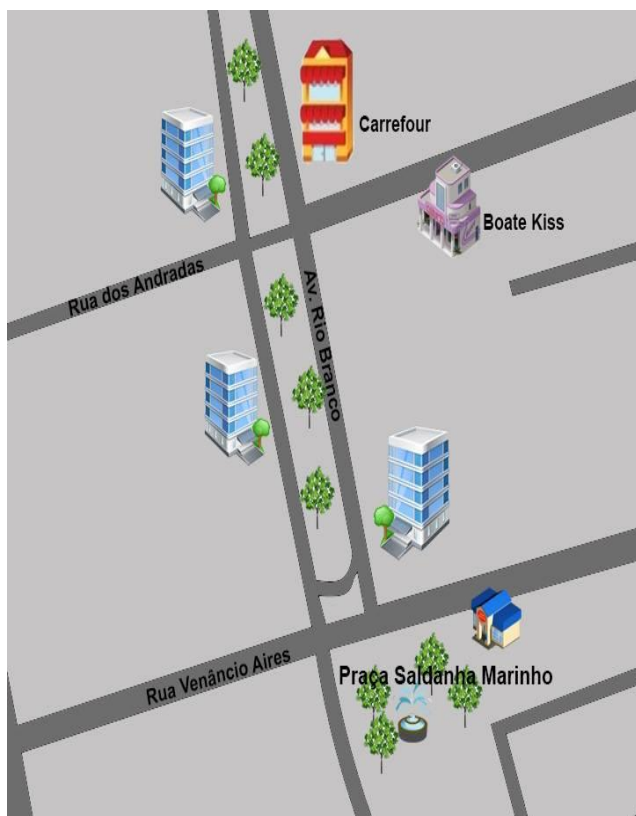


Figura 2 - Mapa de localização da Boate Kiss.
Montagem: LARA, M. C.
Organizadora: PEIXOTO, P.S.

Segundo dados da investigação da Polícia Civil, por volta das três horas da madrugada, o vocalista da banda acendeu um material pirotécnico, uma espécie de fogo de artifício que fica liberando faíscas. Segurando esse material, o vocalista teria erguido o braço, o que levou a um princípio de incêndio junto ao teto, nas espumas de isolamento acústico. Imediatamente, os seguranças tentaram apagar esse fogo com o extintor de incêndio, mas esse estava vazio. Outra tentativa para apagar o fogo, como mostram também os vídeos divulgados²² pela Polícia Civil, foi quando os

daqueles usados no dia, que o artefato que causou o incêndio teria sido fornecido pela boate como “sobra” da festa anterior - a mexicana. Esses comentários foram ouvidos através de conversas entre familiares, sobreviventes, ex-funcionários em diferentes momentos e encontros com a pesquisadora.

²²Após a conclusão do inquérito policial, a Polícia Civil fez uma coletiva de imprensa para divulgar o relatório do inquérito aos familiares das vítimas, que foi transmitido em tempo real pelas rádios e jornais locais, via internet. Na apresentação desse relatório, para justificar as conclusões da polícia, foram utilizados vídeos encontrados nos celulares das vítimas sobre o momento do incêndio. Um vídeo mostrava a superlotação da boate e o momento do incêndio, como já relatado aqui, da tentativa de usar o extintor e depois água para apagar o fogo. O outro vídeo mostrou em segundos, o tempo

integrantes da banda e seguranças tentaram jogar água para cima, mas vendo que essa ação não havia surtido efeito, desistiram e apontaram para a saída da boate.

Em questão de quarenta segundos o fogo tomou conta da espuma de isolamento produzindo uma fumaça escura que dificultou a visibilidade dos presentes²³. No momento, a boate estava com superlotação. A estrutura da boate permitia a presença de em torno de 700 pessoas, na noite da tragédia foi relatado que possivelmente teriam mais de 1000 pessoas na festa²⁴. A falta de visibilidade e a precária iluminação da saída de emergência fez com que muitos jovens entrassem nos banheiros, aonde vieram a falecer.

A estética interna da boate, que continha divisórias com “guarda corpos” (ver anexo 1) , foi outro fator que atrapalhou a saída dos jovens da boate. Cabe ressaltar aqui que a mesma porta de entrada era utilizada como saída e “saída de emergência”. A frente da boate também continha guarda corpos para organizar a fila do lado de fora, sendo outro fator que dificultou a saída dos jovens. Outra informação fornecida por sobreviventes é a de que os seguranças da boate fecharam as portas por alguns segundos, pedindo que os presentes pagassem as comandas antes de sair, achando que o tumulto tratava-se de uma briga no interior da boate. As portas permaneceram fechadas até que o sócio da boate mandou abrir porque tratava-se de um incêndio.

A fumaça escura produzida pelo fogo nas espumas de isolamento produziu um gás tóxico, o cianeto, que foi responsável pela morte dos jovens. Com poucos segundos de inalação, os jovens perdiam os sentidos e desmaiavam. Ao desmaiar, os corpos obstruíam a saída. Muitos jovens sofreram queimaduras, mas a maioria faleceu por asfixia e pisoteamento no interior da boate. O incêndio levou à morte 242

que levou para a fumaça tomar conta do ambiente e dificultar a visibilidade e a saída das pessoas do interior da boate. Os familiares foram poupados de ouvir o áudio desse vídeo, uma vez que mostraria a situação de “caos e desespero” dos jovens para sair da boate.

²³Informações a partir das conclusões do inquérito policial, mais informações disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/03/policia-apresenta-conclusoes-do-inquerito-sobre-tragedia-na-boate-kiss.html>>. Acesso em: 21 jul. 2012.

²⁴Tais informações foram publicizadas pela Polícia Civil a partir dos depoimentos que sobreviventes e voluntários que atuaram no dia, prestaram à Polícia Civil. São conclusões da Polícia, ainda sob investigação do Ministério Público.

jovens e deixou mais de 600 feridos²⁵. Foi a maior tragédia ocorrida no estado do Rio Grande do Sul e a segunda maior do país²⁶.

A tragédia começou a ser noticiada pela mídia desde o início do incêndio, na madrugada do dia 27 de janeiro. Emissoras de rádio e televisão transmitiam em tempo real a ação dos bombeiros e dos jovens que ajudavam no resgate. Segundo alguns sobreviventes, até a chegada dos bombeiros, os jovens que saíram da boate começaram o resgate das pessoas: “eram muitos pedidos de me ajuda, não tinha como não entrar de novo”, foram depoimentos espontâneos ouvidos durante a observação participante. Cerca de trinta jovens ajudaram a resgatar pessoas que pediam ajuda de dentro da boate e ainda quebraram as paredes da boate, na tentativa de fazer a fumaça se dissipar. Alguns desses jovens entraram para salvar mais vidas e acabaram falecendo após a inalação da fumaça. Taxistas levaram vítimas aos hospitais, pois a demanda era maior do que as ambulâncias conseguiam oferecer.

Imagens e fotografias do momento percorriam as redes sociais e a televisão. Instantaneamente surgiu uma comoção social, familiares se dirigindo para a boate e aos hospitais à procura dos filhos, voluntários que foram tentar ajudar no resgate e nos hospitais, acolhendo os familiares.

Santa Maria acordou naquela madrugada e acompanhou um dia inteiro de incertezas e tristezas. Durante a manhã, houve confusão com o nome dos sobreviventes com os que entraram em óbito. Os jovens foram encaminhados para vários hospitais da cidade e região. Os pais e familiares peregrinavam para saber onde estavam internados os filhos. Sobre a procura de informações acerca da localização das vítimas na madrugada do dia 27 de janeiro, a experiência de uma familiar relata:

²⁵Informações também do inquérito policial, amplamente divulgado. Ver mais em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/03/pericia-confirma-que-espuma-da-kiss-liberou-cianeto-durante-incendio.html>>. Acesso em: 21 jul. 2013.

²⁶A maior tragédia do Brasil, com mortes por incêndio, ocorreu em 1961 em Niterói-RJ, quando os artistas do circo “Gran Circus Norte - Americano” faziam suas apresentações. Todos os lugares disponíveis no circo estavam ocupados. Aproximadamente 2500 pessoas assistiam ao espetáculo, quando o incêndio começou, cerca de 500 pessoas morreram carbonizadas, em sua maioria crianças, deixando ainda centenas de feridos (KNAUSS, 2009).

Saí de madrugada atrás dela, mas com um aperto assim no peito, alguma coisa me dizia que isso não era boa coisa, que boa coisa não ia dar, porque era muito barulho de sirene na rua, era muita correria, tu estava entrando no pronto atendimento, no UPA, por exemplo, e tu via as pessoas gritando, aquele tumulto, era barulho, era tudo e tentando ligar, tentando ligar e nada e nada, daí fui no UPA, foi o primeiro lugar que eu fui, e cheguei e tinha muita ambulância entrando e meninas só com o sapato na mão, com a pele toda suja de fumaça, um rapaz sem blusa e aquele desespero e onde tu olhava tinha desespero, porque pra onde eu olhava tinha gente, gente em pé, no carro, com a roupa rasgada, sangrando, cena de guerra assim, umas coisas fora do comum, daí entrei e falei e dei o nome dela e a mulher disse “Não tem ninguém com esses nomes aqui”, porque eu deixei o nome de todas as gurias, aí tinha um rapaz contando o que tinha acontecido, aí eu disse “ela é muito bocaberta, ela não vai vencer sair sozinha lá de dentro”... Vou contar tudo o que eu vi, chegava médico de pijama de tudo que era jeito, chegando pra ajudar, aí tinha uma moça que saía de lá com uma lista e perguntava “tem familiar de tal pessoa?” só que toda a hora tinha essa rotatividade de ambulância, aí quando essa mulher chegou eu falei pra ela, “procura pra mim tais, tais e tais pessoas” falei da Flavinha, das gurias, acho que mais ou menos isso aí e nada, aí a mulher anotou num canto da folha e foi lá pra dentro pra ver se tinha. Aí nisso eu estava olhando e tinha um cordão e um corredor do PA ali e aquele corredor curto e era muita gente, muita maca, muitas pessoas indo e vindo e foi uma hora que vi uma menina que estava toda entubada e daí eu olhei assim e vi que era minha prima, eu não sei se meu olho estava me enganando porque eu queria muito ver ela, mas eu tenho quase certeza que era ela pela testa assim, os pés compridos, ela estava com uma blusinha verde e estava saindo da maca aquela menina assim e foi aí que eu desabei, aí falei e a gurua me trouxe água e tal, só que o tempo inteiro eu tinha que me manter calma, porque ninguém estava entrando ali, estava todo mundo estressado, gritando, e eu respirava fundo e não chorava, só chorei quando eu a vi assim e logo respirei de novo porque se eu demonstrasse alguma alteração eles iam me tirar de lá de dentro, daí eu disse: “moça, me deixa entrar” e ela não podia. Daí foi que saiu uma lista e quando mostraram, estava o nome das meninas todas em sequencia, daí eu falei “mas tem certeza, tem certeza” e ela disse “sim, fica calma” e um cara saiu de lá de dentro e eu pedi “O que vocês tão fazendo ali dentro?” e ele disse “nós estamos pegando os nomes das pessoas que entram ali” aí eu pensei, então tá, elas estão ali. (Entrevista Mary, 2013)

Quando não restava mais esperança, quando todos os hospitais haviam sido contatados, então os familiares se dirigiam ao Centro Desportivo Municipal - CDM, aonde foi montada uma estratégia, por parte das Forças Armadas, da Cruz Vermelha, dos Médicos sem fronteiras, entre outros, para o reconhecimento dos corpos. A cada hora, a lista dos corpos presentes era atualizada e os familiares direcionados ao reconhecimento.

Segundo Alex Barcelos Monaiar, estudante de Psicologia da UFSM e coordenador geral do Diretório Central de Estudantes – DCE UFSM 2013, que atuou como psicólogo voluntário no CDM, não havia profissionais preparados para o atendimento dos familiares. Ao serem contatados os estudantes e profissionais

formados na área da saúde, principalmente Psicologia e Serviço Social, buscou-se organizar os voluntários de forma que todos os familiares fossem acompanhados por um profissional no momento do reconhecimento dos corpos.

Esses voluntários, coordenados pela Cruz Vermelha, receberam rapidamente uma orientação dos “Médicos sem fronteiras” para entender o processo de luto que os familiares e a cidade passavam naquele momento e o significado do “acolhimento”, que seria basicamente ouvir os familiares e tentar levar as informações mais precisas possíveis, pois

[...] só a informação já é algo muito terapêutico, ajudava um monte tu dar a informação pra pessoa: é o seguinte: os corpos estão lá, estão chamando aqui pro reconhecimento, quando ouvir o nome do familiar tu vai entrar na fila tal, procura alguém, um profissional da psicologia pra te acompanhar, daí tu vai entrar lá, vai sair, vai ter gente também pra te ajudar nos trâmites funerários, ou seja, falar como estava funcionando o lugar, já ajudava um monte a pessoa [...] (Entrevista Alex, 2013)

Quando necessário, os voluntários ficaram responsáveis pela distribuição de água e alimentos para os familiares que estavam no local. No decorrer do dia, chegaram muitas pessoas de outras áreas para ajudar só na questão da alimentação. Mas nem mesmo os voluntários sabiam quem estava no CDM, pois várias listas de nomes circulavam, não somente dos corpos que estavam lá, mas também dos hospitalizados.

Santa Maria não estava preparada para o ocorrido. Nem o Corpo de Bombeiros tinha materiais de proteção suficiente para o resgate, nem os hospitais dispunham de aparelhos para o contingente de pessoas que chegavam a todo o momento. A cidade ficou em estado de choque. Segundo relatos de voluntários que ajudaram no credenciamento e atendimento nos hospitais, o clima era tão impactante que “as pessoas não conversavam, faziam o atendimento, olhavam corpo a corpo, mas nada era dito, não se trocavam conversas entre os médicos e enfermeiros, não se sabia o que dizer”²⁷.

Os pais começavam princípios de briga na sala de espera dos hospitais, porque as informações eram desconstruídas e os médicos não conseguiam contar aos pais o que tinha acontecido. O fato é que foi muito difícil identificar os jovens. Os meninos estavam com carteiras, com documentos nos bolsos, facilitando sua identificação,

²⁷Comentários de sobreviventes que visitaram a vigília dos familiares falando sobre a tragédia nos momentos em que eu fazia observação participante.

mas as meninas chegavam sem documento algum, sem bolsa, sem recursos para identificação.

Familiares e amigos lotaram o Centro Desportivo Municipal - CDM, à espera de notícias²⁸. Inúmeros voluntários, tanto da área da saúde quanto da comunidade se deslocaram de diversos lugares do país para ajudar. Doações de água, alimentos chegavam a todo o momento. Profissionais da saúde faziam atendimento improvisado no ginásio, fornecendo calmantes ou atendimento psicológico. Voluntários circulavam oferecendo água ou um lanche.

Emissoras de televisão enviaram suas equipes e transmitiram seus principais programas direto da cidade de Santa Maria. Emissoras nacionais e internacionais acompanharam não apenas o processo de reconhecimento dos corpos e dos velórios, como também os enterros no dia seguinte. O número alto de vítimas fez com que o município não dispusesse de capelas suficientes para o velório. As funerárias não tinham caixões suficientes, sendo necessária a ajuda de funerárias das cidades vizinhas. No meio da tarde do dia 27, as floriculturas não tinham mais flores. Um caminhão de flores vindo da cidade de Porto Alegre- RS chegou à cidade no dia 28.

Foi organizado no próprio CDM um espaço para a realização de um velório coletivo. Muitos caixões tiveram que ficar fechados, em virtude dos ferimentos dos jovens, uma vez que os corpos foram preparados por voluntários também. Não havia tempo para uma preparação padrão ao nível funerário. Outros caixões foram lacrados, pois os corpos estariam “tóxicos”²⁹ pelo tempo que permaneceram na boate.

²⁸Mais detalhes disponíveis em:

<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/01/desespero-de-familiares-marca-reconhecimento-de-corpos-de-vitimas-da-tragedia-em-santa-maria-4024472.html>>

<<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,tragedia-em-santa-maria-mobiliza-voluntarios,989517>>

<<http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2013/santa-maria-rs-muitos-ainda-nao-raciocinaram-o-tamanho-da-tragedia-afirma-/>>;

<<http://edition.pagesuite-professional.co.uk/launch.aspx?eid=f717ecd7-d42b-4e98-80ec-d74286742451>>.

²⁹Segundo uma mãe, ela não pode se despedir da filha porque os agentes funerários não permitiram a abertura do caixão, sob alegação do perigo de contaminação por cianeto, uma vez que o corpo permaneceu muito tempo dentro da boate. Não se comprovou essa teoria sobre os corpos estarem tóxicos, mas no caso do velório coletivo, os caixões foram fechados por não haver tempo hábil para preparar, limpar todos os corpos. Outra mãe (mãe da Gilmara) comentou que mesmo que o corpo de sua filha tivesse sido preparado dentro dos padrões funerários, com algumas horas de exposição, o

O cenário no CDM era inimaginável. Parecia uma cena de guerra. Famílias em desespero. Militares circulavam entre as pessoas carregando suprimentos que chegavam a toda hora. Na figura 3, apresentada na página seguinte, é possível observar o mapa do CDM com a indicação dos quatro pavilhões onde ocorreram simultaneamente o reconhecimento dos corpos, o atendimento aos familiares, os encaminhamentos para os velório e os enterros e também os velório coletivos.

Em um pavilhão (1), parentes aguardavam nas arquibancadas a atualização da lista dos corpos. Em outro pavilhão (4), a equipe dos legistas separavam os corpos, enfileirando os meninos de um lado e as meninas de outro. Outra equipe acompanhava o familiar, conduzindo-o ao reconhecimento³⁰. No pavilhão 3, uma equipe da saúde recebia os familiares que haviam saído do reconhecimento e juntamente com os agentes funerários tentavam fazer os encaminhamentos para o velório e enterro.

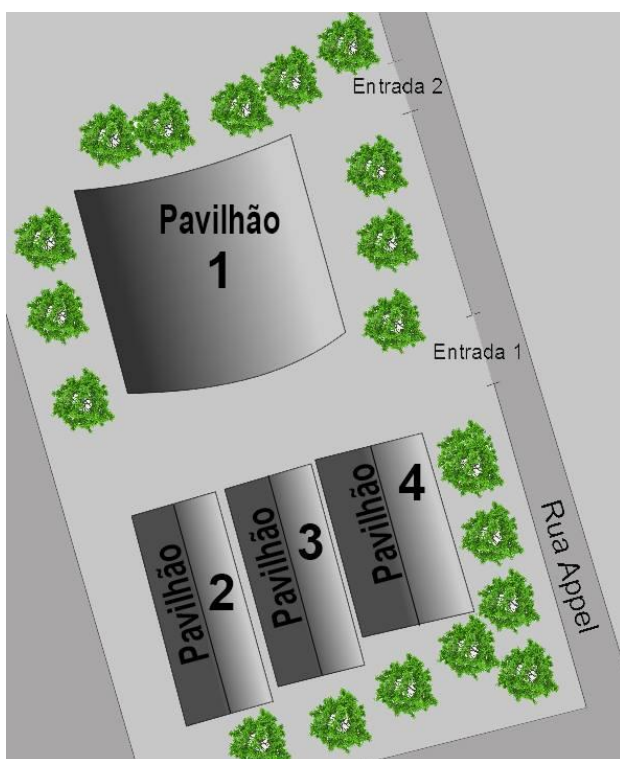


Figura 3 - Mapa do Centro Desportivo Municipal - CDM
Montagem: LARA, M.C.
Organizadora: PEIXOTO, P.S.

corpo da filha demonstrou erupções, que a levou a fechar o caixão, para preservar uma boa lembrança da filha.

³⁰Apenas um familiar pode entrar para fazer o reconhecimento do corpo.

No pavilhão 2, os corpos reconhecidos eram preparados por voluntários para o velório. Voluntários recebiam dos familiares as roupas para o enterro e de forma improvisada, com lonas que serviam como cortinas de proteção, trocavam as roupas dos mortos e limpavam minimamente para retirar a fuligem da fumaça dos corpos. Em uma parte do pavilhão 1 já estavam organizados os espaços para o velório coletivo, caixões expostos, mães e pais debruçados, abraçados sobre o corpo desfalecido dos filhos.

Santa Maria parou, chorou e acompanhou os desdobramentos da tragédia durante todo o dia 27. A Presidenta Dilma Rousseff, que estava com uma agenda no Chile, cancelou seus compromissos e veio à Santa Maria acompanhar os procedimentos durante o reconhecimento e enterros.



Figura 4 - Presença da Presidenta Dilma Rousseff no CDM.

Fonte: Jornal Agora, 2013.

Organizadora: PEIXOTO, P.S.

No dia 27 de janeiro, 230 jovens já haviam falecido. No decorrer de 4 meses, mais 12 jovens que estavam hospitalizados não resistiram e vieram a falecer também³¹. As famílias, unidas pela dor, velaram os filhos, netos, sobrinhos, coletivamente e alguns individualmente. Famílias perderam seus únicos filhos. Outros perderam os únicos dois filhos e filhas. Era impossível mensurar a dor dos familiares naquele momento. Uma dor que tocou toda a cidade.

Difícilmente há algum morador de Santa Maria que não conhecia uma pessoa que faleceu no incêndio, ou um sobrevivente, ou um parente de vítima, ou um colega que perdeu alguém. As vítimas, em sua maioria estudantes universitários, eram oriundos das mais variadas cidades do Rio Grande do Sul, sendo que, aproximadamente 60 eram naturais de Santa Maria. Ainda, havia pelo menos uma vítima dos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Pará, Paraíba, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e um intercambista do Paraguai.

Durante pelo menos um mês, a cidade ficou comovida com a dor dos familiares. A Prefeitura estipulou luto de trinta dias, nenhuma casa noturna abriu durante esse mês. Na noite do dia 28 de janeiro, uma caminhada reuniu cerca de trinta mil pessoas³². Uma caminhada silenciosa, pessoas vestidas de branco, segurando lanternas, celulares, qualquer objeto que emitisse luz, menos velas, pois não era desejo dos presentes utilizar fogo, dadas as circunstâncias da tragédia, conforme mostra a figura 5.

Nos primeiros sete dias pós tragédia, Santa Maria dominou as audiências dos mais variados programas de televisão. Telejornais especulavam as responsabilidades pelo incêndio. Programas de entretenimento buscavam depoimentos de sobreviventes, ex-funcionários da boate em busca de histórias, de explicações para entender como funcionava a boate e para conhecer quem eram as vítimas.

Na Universidade Federal de Santa Maria, instituição na qual estudavam 101 das 242 vítimas, a primeira semana pós tragédia foi de luto. Bandeiras hasteadas a meio mastro e o luto esboçado no pórtico de entrada (Figura 6).

³¹Dados confirmados em: <<http://edition.pagesuite-professional.co.uk/launch.aspx?eid=84bb8e49-da15-45f5-ab57-cac401853ef5>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

³²Mais detalhes em: <<http://edition.pagesuite-professional.co.uk/launch.aspx?eid=84bb8e49-da15-45f5-ab57-cac401853ef5>>. Acesso em: 23 jul. 2013.



Figura 5 - Caminhada no dia 28 de janeiro de 2013 em homenagem às vítimas da boate Kiss.
Fonte: Click RBS, 2013.
Organizadora: PEIXOTO, P.S.



Figura 6 - Pórtico de entrada da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, durante a primeira semana Pós Tragédia.
Fonte: Click RBS, 2013.
Organizadora: PEIXOTO, P.S

Através de uma mobilização entre o DCE - UFSM, Centros de Ensino e Pró-Reitoria de Assistência Estudantil-PRAE, no dia 28 foi improvisada uma estratégia coletiva para dar suporte psicológico aos estudantes moradores da Casa do Estudante. Esse apoio, chamado de acolhimento, permaneceu por pelo menos um ano em funcionamento. Na primeira semana isso foi fundamental, os psicólogos aconselharam os estudantes a não ficarem sozinhos. A uns “tomar conta”³³ dos outros, pois além dos 101 estudantes falecidos, muitos estavam hospitalizados em situação grave. Na volta às aulas, professores encontraram salas quase vazias. Alguns perderam 10, 20, 30 alunos da sua turma. Durante pelo menos um mês a cidade comentou sobre a tragédia e promoveu ações de solidariedade com os familiares.

A frente da boate Kiss tornou-se um centro de peregrinação para a colocação de flores, fotos, velas, orações e homenagens às vítimas. Durante todo o primeiro ano, a frente da boate recebeu visitantes que buscavam conhecer o local que colocou Santa Maria no cenário mundial, como observa-se na figura 7.



Figura 7 - Homenagens em frente à Boate Kiss.

Fonte: Valor, 2013.

Organizadora: PEIXOTO, P.S.

³³ Informações fornecidas pela entrevista de Alex, 2013.

No decorrer de um ano da tragédia, policiais da Brigada Militar fizeram guarda em frente à boate, para evitar invasões no local, uma vez que a Polícia Civil ainda poderia buscar mais evidências para compor o inquérito policial. Sobre o endereço da boate, surgiram especulações sobre a possibilidade de ser construído um memorial às vítimas no local aonde ocorreu a tragédia. Porém, a utilização do espaço da boate para um espaço de memória das vítimas não foi de consenso entre os familiares das vítimas. Alguns defendem a ideia de um memorial no local, outros alegam não se sentirem bem em visitar o local da morte dos filhos.

1.1 “Somos todos Santa Maria”: a organização dos familiares Pós Tragédia

[...] Porque a gente sabe que na família, tem gente que não quer mais falar no assunto, então com quem minha mãe ia falar? Então ali ela encontrou pessoas que a escutam, que ela pode falar do Silvinho, então ela entrou num outro meio onde ela se identifica, acho bem positivo [...]

(Entrevista irmã do Silvinho, 2014)

Pós tragédia, os familiares das vítimas da tragédia de Santa Maria se organizaram de diferentes formas, em associações, movimentos sociais, organizações não governamentais com o objetivo primeiro de unir as famílias que compartilhavam da mesma dor, seguindo a lógica de preservação da memória, luta por justiça e trabalhos sociais como forma de “amenizar o sofrimento”.

Ao acompanhar a formação dessas organizações de familiares, alguns elementos surgiram como direcionadores da pesquisa. A questão da espiritualidade apareceu no sentido de que, familiares e amigos passaram a reinterpretar situações vividas pelas vítimas fatais como “sinais da partida”, avisos, os quais eu denomino nesta dissertação “presságios de morte”. Além dos familiares, ao se tratar de uma tragédia que teve repercussão nacional, a mídia utilizou-se de estratégias sensacionalistas para comunicar o fato, criando teorias premonitórias sobre o incêndio, que tiveram em sua maioria uma influência nos familiares e na população sensibilizada com a tragédia.

Mais além, as estratégias coletivas de organização dos familiares em diferentes movimentos, ONGs e Associações foram marcadas pela construção social da categoria vítima, no sentido de que as reivindicações através de protestos e

manifestações visavam expor o sofrimento dos familiares como um recurso de comoção social, a fim de cobrar a responsabilização pública dos envolvidos, gerando uma série de conflitos com as Instituições Públicas³⁴.

O embate em prol de justiça e direitos coloca em evidência a categoria de vítima, que busca legitimidade e reconhecimento social do seu sofrimento. Utilizando as palavras de Cintia Sarti (2011, p.54) “a construção da pessoa como vítima no mundo contemporâneo é pensada como uma forma de conferir reconhecimento social ao sofrimento, circunscrevendo-o e dando-lhe inteligibilidade”.

Assim, a experiência da tragédia que rompeu com a rotina e reconfigurou as relações sociais dos envolvidos é um exemplo da dinâmica da construção social da figura da vítima. Como coloca Sarti (2011, p.54):

No que se refere, pelo menos, ao mundo ocidental moderno, a identificação da vítima faz parte dos anseios de democracia e justiça, dentro do problema da consolidação dos direitos civis, sociais e políticos de cidadania. Remete à responsabilização social pelo sofrimento em face de catástrofes de várias ordens, desde guerras até acidentes naturais (terremotos, etc.) e à questão do reconhecimento como exigência básica do ser no mundo.

Após a tragédia do dia 27 de janeiro, alguns pais e familiares começaram uma mobilização para formar uma Associação dos pais a fim de que, unidos, buscassem os recursos necessários para a luta pela Justiça e o acompanhamento dos processos judiciais, ou seja, esperavam que unidos pudessem encontrar os recursos necessários para a consolidação de seus direitos como familiares de vítimas. Até o presente momento, observou-se a criação de quatro formas³⁵ de organização distintas, contudo, com objetivos parecidos mas modos de atuação variadas.

A “Associação dos Pais e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria - AVTSM”, primeira associação criada pelos pais, foi oficialmente fundada no dia 23 de fevereiro de 2013. Contendo em torno de 1800 sócios, essa entidade passou por períodos de adaptação e muitas críticas sobre sua conduta.

Os primeiros seis meses serviram como um aprendizado para as lideranças sobre as formas de administrar a Associação e a relação dessa entidade com a

³⁴No decorrer de um ano de pesquisa, os familiares organizados participaram de diferentes ações de enfrentamento tanto com a Prefeitura Municipal de Santa Maria, Câmara de Vereadores e o Ministério Público.

³⁵Existe ainda pelo menos mais duas organizações de familiares que não contribuíram para essa pesquisa, pois devido sua ideologia, acabaram não participando da “rede de apoio” formada pelos familiares das organizações citadas.

comunidade Santa-mariense, familiares das vítimas e sobreviventes. Da mesma forma, serviu para que os familiares estabelecessem proximidade, revelando seus objetivos dentro dessa associação. Atualmente, essa Associação apoia diferentes Núcleos formados por familiares que residem em outras cidades, como Ijuí, Alegrete, São Paulo, funcionando como apoiadores ou filiais da AVTSM.

O *Movimento Santa Maria do Luto à Luta* é um movimento de familiares, independente, não registrado como entidade, que reúne pais, demais familiares, amigos e simpatizantes da causa e que tem seu foco na luta pela justiça. Surgiu com esse nome no dia 28 de fevereiro, mas os integrantes já participavam de atividades anteriormente, inclusive promoveram a 1ª Caminhada - 1 mês de silêncio.

A caminhada “1 mês de silêncio” foi um evento organizado pela Mary e as amigas da Flavinha, com o objetivo de protestar contra o “silêncio” das autoridades frente as responsabilidades da tragédia. O evento que foi criado via Facebook reuniu no dia 27 de fevereiro aproximadamente 1500 pessoas, entre familiares, amigos e apoiadores, que saíram da Praça Saldanha Marinho em direção à Basílica da Medianeira, local em que se realizou uma missa em homenagem às vítimas. À frente da caminhada, uma grande faixa escrita “justiça” mostrava o apelo dos familiares pelo pronunciamento das autoridades e responsabilização dos culpados. No dia seguinte, na garagem da casa da Mary, depois de um dia de muito choro, seu irmão disse a ela: “chega Mary, tu tens que dar apoio à Fani, agora não é mais hora de luto, é hora de luta” e com isso surgiu a ideia de mudar o nome do evento “1 mês de silêncio” para *Movimento Santa Maria do Luto à Luta*, momento que foi criado um grupo no Facebook para discussões e posteriormente passou a se identificar como um movimento social³⁶, visando o enfrentamento político e social para a responsabilização dos culpados na esfera civil.

Esse movimento, além dos organizadores, conta com um grupo de simpatizantes que trocam informações, críticas, debatem opiniões sobre as ações e o andamento do caso judicial da Kiss. Esse grupo interage por meio das redes sociais e é composto por aproximadamente 600 membros.

O movimento “mães de janeiro” foi criado por mães, integrantes do *Movimento do Luto à Luta*, da AVTSM e da ONG *Para Sempre Cinderelas*, com o objetivo de

³⁶ Trata-se de uma categoria êmica.

atuar sistematicamente junto ao Ministério Público, uma vez que as lideranças (desse movimento) entendem que os pais que estão à frente das demais organizações de familiares acabam por ser “manipulados pelos promotores”. Já em relação às mães, quando elas realizam protestos “os promotores não têm coragem nem de olhar na cara das mães, porque sabem que estão envolvidos”, alega uma das líderes deste movimento. Elas entendem que o apelo maternal do movimento é o que legitima e sensibiliza as ações.

Este movimento, além de promover protestos e participar das ações, visando justiça no caso da Kiss, também reúne as mães para mutirões de limpeza, tanto da tenda da Vigília³⁷, como da frente da boate Kiss. Conforme os peregrinos vão deixando flores e velas em homenagem às vítimas, as “mães de janeiro” promovem a retirada de flores sem vida e excesso de materiais em frente a boate, permitindo assim a continuidade das homenagens às vítimas.

Por fim, a *Organização Não Governamental Para Sempre Cinderelas*, que tem o foco social de assistência a crianças carentes, dá continuidade ao trabalho que cinco jovens vítimas da tragédia (Flavinha, Andrielle, Gilmar, Vitória e Mirela) realizavam em vida. Criada pelos pais, parentes e amigos, essa ONG serviu como um suporte emocional, especialmente para as mães, aproximando as famílias das cinco vítimas, da mesma forma que suas filhas eram unidas antes de falecerem em decorrência do incêndio. Os familiares entendem essa ONG como uma forma de legado das filhas, como uma forma de manter viva a memória delas.

Foi através desses movimentos que tive acesso às famílias e, durante diferentes momentos de interação nas ações desses movimentos, que percebi a formação de diferentes redes de apoio³⁸, voltadas ou para o trabalho social (solidariedade) e para a luta pela justiça. Assim, a minha inserção nas redes foi construída a partir da

³⁷A Vigília consiste em um projeto iniciado pela AVTSM com o objetivo de não deixar “cair no esquecimento a tragédia”. Assim, a Associação dos pais montou uma estrutura na Praça Saldanha Marinho, em forma de um Estande, onde desde o mês de abril de 2013 as famílias ficam em vigília, cada dia ocorre a vigília de uma das vítimas e seus familiares se reúnem das 8h da manhã até as 18h. Esse espaço, decorado com banners, fotos e objetos das vítimas busca a interação dos familiares com a sociedade santa-mariense. No mesmo local é exposto um livro de assinaturas para registro dos visitantes e um abaixo-assinado, visando pressionar a mudança da legislação do município. Tratarei da Vigília de forma mais detalhada no capítulo 5.

³⁸A formação das redes de apoio será melhor detalhada no capítulo 2.

minha participação em reuniões, manifestações, protestos e encontros casuais durante a Vigília na Praça Saldanha Marinho.

Pós Tragédia, o sentimento na cidade se dividiu entre aquele que é compartilhado por familiares e amigos dos mortos e o sentimento da população em geral. Os familiares passaram a vivenciar um luto constante, uma recusa de dizer adeus, lutaram e lutam pelo não esquecimento da memória de seus filhos e entes queridos. Suas vidas foram marcadas pela ruptura da continuidade temporal, vivendo um “antes da perda” e um “depois da perda”, criando outros vínculos de amizades, de familiaridades, de apoio. Buscaram na espiritualidade respostas para o incompreensível ou na luta por justiça uma forma de “missão” em prol da memória dos filhos: “minha filha não viveu em vão e não morreu em vão, enquanto eu tiver força pra gritar, eu vou gritar, não vou desistir de lutar por ela”, relata uma mãe de vítima da tragédia de Santa Maria.

Os familiares passaram a administrar o que chamo de “presença ausente”, estão cientes e sofrem com a ausência física dos filhos, mas por outro lado, eles (os filhos) estão presentes constantemente através de fotos, lembranças relatadas, cartazes, pôsteres, bótons usados como forma de “tornar presente” uma ausência, de mantê-los juntos, manifestando a saudade.

Já na população em geral, após os primeiros meses, paulatinamente foi diminuindo a sensibilidade com o ocorrido, notando-se um apelo pela volta de uma “normalidade”, de uma rotina como antes da tragédia: “a vida segue, eles (os familiares) não deixam as almas descansar com essas manifestações, eles tem que parar, a cidade tem que crescer, tem que voltar a sorrir”, relata uma senhora que assistia a manifestação intitulada “1 minuto do barulho”, criada pela Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria - AVTSM, ao completar quatro meses da tragédia.

A união de familiares, formando diferentes organizações, não é uma característica notada unicamente no caso de Santa Maria. Ao se reunirem enquanto grupos sociais que compartilham uma experiência traumática, esses familiares vão sofrendo um processo de politização e reconhecimento social, além de que, vão se constituindo também como vítimas de uma tragédia.

No caso do Brasil, Araújo (2007), ao discorrer sobre o caso das Mães de Acari³⁹, percebe a formação de “comunidades morais”, na perspectiva de Veena Das⁴⁰. O objetivo de sua discussão a partir desse conceito é evidenciar as formas de organização das mães frente ao embate político com o Estado. Esse personifica os algozes dos filhos na figura dos policiais, pois é visto como responsável direto pela violência e pelo sofrimento das mães, uma vez que demonstrou incapacidade de garantir segurança pública, principalmente nas comunidades segregadas das periferias. Nas palavras do autor sobre a dinâmica das “comunidades morais”:

O sofrimento e a dor têm seu papel na criação de "comunidades morais"; ao exigirem justiça e ao se relacionarem com o sistema burocrático e jurídico do Estado, tais comunidades são deslocadas do mundo privado e "criadas" como comunidades políticas, passando a questionar a legitimidade de um Estado incapaz de monopolizar a violência. Nesse sentido, violência não é só destruição, influi na construção de novas identidades sociais e políticas. (ARAÚJO, 2007, p. 13).

Sob outra perspectiva, Pereira (2012) mostra como se constituem as comunidades dos algozes da violência urbana no Rio de Janeiro. De um lado, a autora analisa a formação de estigmas à população de periferia, principalmente aos favelados. Argumenta que o senso comum e a mídia colocam essa população como conivente ao tráfico de drogas e ao crime organizado, ou por ter laços de parentesco com alguns traficantes ou simplesmente por não denunciá-los, recebendo em troca favorecimentos como segurança ou acesso a bens de consumo.

³⁹Dissertação de mestrado que tem como título: “Do luto à Luta: a experiência das mães de Acari”, um estudo de caso no qual Fábio Alves Araújo discorre a experiência dos movimentos de mães em prol de reivindicações frente ao desaparecimento forçado de onze jovens. O caso de Acari se enquadra no momento em que a violência no Rio de Janeiro irrompe o cenário brasileiro, manchando a identidade de “cidade maravilhosa”, mostrando a violência policial e o embate com as periferias, o que levou a Chacinas como a de Vigário Geral, Candelária e Acari (década de 1990). A partir desses eventos críticos, a rotina das mães se transforma através da luta por justiça e discussão sobre direitos humanos, levando essas mães ao embate público com os algozes dos filhos, os policiais. Até a conclusão do trabalho, as mães de Acari não haviam descoberto o paradeiro dos corpos dos onze jovens. O autor vai tratar como problema sociológico o *desaparecimento* e as variáveis que o “desaparecer” pode suscitar entre os familiares, relacionando várias categorias, como morte, luto, maternidade, violência, direitos humanos, que interagem para fundamentar seu problema de pesquisa.

⁴⁰Nesse trabalho, a antropóloga indiana Veena Das (1995), discute sobre a antropologia da dor. A autora se utiliza do pensamento de autores como Durkheim e Nietzsche para argumentar como a experiência do sofrimento, através do exemplo dos rituais de passagem, servem para inserir o jovem ao núcleo social, sendo a dor o meio dessa inserção e a inscrição no corpo a forma de se estabelecer a memória. Dessa forma, a autora entende que tanto a doença quanto a dor são fatores sentidos individualmente, mas que inferem em aspectos sociais. Ao colocar que a dor individual é experimentada socialmente, defende a criação de comunidades morais que compartilham a experiência da dor, do sofrimento.

Essa relação complexa das populações de periferia os coloca aos olhos do Estado e da polícia como uma população “matável”, uma vez que não se constituem como vítimas de uma violência, mas coniventes a ela. Por outro lado, a tensa relação das populações de periferia com o Estado, na figura da polícia, leva à falta de esclarecimento sobre a ação de diferentes corporações de policiais⁴¹ atuantes no Rio de Janeiro, sendo, desta forma, qualquer policial uma possível vítima de assassinato, tanto nas ações em serviço, quanto em situações de lazer.

Um exemplo citado pela autora diz respeito a um assassinato de uma policial que foi abordada para um assalto quando se encontrava fora de serviço. Sem reação, os assaltantes iriam concluir o ato liberando a policial, contudo, enxergaram no interior do carro da vítima sua arma de serviço, o que a denunciou como policial. Após isso, os assaltantes a puseram em seu carro e a conduziram até o interior da favela, onde foi assassinada violentamente e seu corpo incinerado junto ao seu carro. Após esse fato, a família da policial passou a reivindicar justiça e a responsabilização dos culpados pela morte da filha, atuando como auxiliares na investigação e peregrinado em centros espíritas na tentativa de que, de alguma forma, a filha pudesse identificar seus assassinos para que a justiça fosse feita⁴².

Como podemos observar, a partir dos autores referidos, a construção da figura da vítima parte da elaboração da perda e das tentativas de responsabilização dos culpados. No caso dos moradores de favelas, o desafio de seus familiares é, num primeiro momento, colocá-los como vítimas e não réus no processo judicial, atrelando a essa discussão os preceitos dos direitos humanos. Ao lutar pela aceitação dos filhos como vítimas, essas mães se constituem também como vítimas de uma violência institucional.

Da mesma forma, os familiares daqueles que perante o Estado têm legitimidade para atuar ostensivamente, quando morrem em função do cargo que

⁴¹Utilizando as palavras de Pereira (2012, p. 02), os policiais civis, oficiais da Polícia Militar, policiais membros da Corregedoria de Polícia, policiais do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar e o efetivo das ruas da Polícia Militar – praças e sargentos – são confundidos, a despeito da diversidade de suas funções.

⁴²Aqui a autora usa como o exemplo um caso no qual foi utilizado uma carta psicografada como prova em processo. A partir disso, a família da jovem busca junto a centros espíritas receber uma mensagem com as características dos assassinos. Depois de muito tempo, a carta que a família recebeu dizia que ela (a vítima) não vinha em busca de justiça ou vingança, assim a família interpretou que a vítima não iria dar as características que a família buscava, deixando essa responsabilidade para a investigação policial.

exercem, suscitam em seus familiares o mesmo desejo de justiça e responsabilização pelo crime. No caso comentado, ainda se percebe um apelo à religiosidade para explicar e dar respostas ao ocorrido. A meu ver, aspectos semelhantes no que se refere à relação entre religiosidade e a busca por explicação para o que aconteceu também se observou em Santa Maria pós-tragédia. Nesse sentido, privilegiei as relações entre tragédia e espiritualidade como um tema a ser discutido nesta dissertação.

Outra situação em que há a luta pela legitimação da categoria de vítima, que também torna-se relevante para a presente discussão, diz respeito aos sobreviventes e socorristas que atuaram no acidente radioativo ocorrido na cidade de Goiânia em 1987. O acidente ocorreu a partir da curiosidade de catadores de lixo que encontraram uma máquina de radioterapia e sem ter noção do que se tratava, venderam partes do aparelho aos ferros-velhos da cidade, rompendo dessa forma uma cápsula que continha césio-137.

A exposição ao césio-137 levou à contaminação da cidade e a morte de quatro pessoas, entre elas uma menina que queria “brilhar no escuro” e passou a substância em todo o corpo, tornando-se símbolo do movimento de sobreviventes. Após esse evento, que ficou conhecido como o “desastre de Goiânia”, sobreviventes reuniram-se e formaram a *Associação das Vítimas do Césio-137- AVCÉSIO*, como relata Telma Camargo (2010), com o objetivo de assegurar direitos às vítimas radioacidentadas.

A autora reflete como a disputa por legitimidade da categoria de vítima passa por questões políticas e econômicas, uma vez que o desastre imprimiu um estigma na cidade, promovendo a exclusão dos afetados e até o processo de descontaminação da cidade, organizado pelos órgãos públicos e instituições competentes, atuou no sentido de negar a existência de mais vítimas. Oficialmente são consideradas vítimas 249 radioacidentados, contudo, a Associação das vítimas luta pela inclusão de mais vítimas, como as pessoas que atuaram como socorristas e no processo de descontaminação, alegando que as doenças que desenvolveram posteriormente têm relação com o césio-137.

No intuito de restaurar a memória da cidade, houve uma resistência das Instituições Públicas de reconhecer essas pessoas como vítimas, pois além das

doenças (câncer, infertilidade, queimaduras e manchas pelo corpo), tentativas de suicídio e o isolamento social que essas pessoas e seus descendentes sofreram, as vítimas buscam junto ao Estado o estabelecimento de pensões referentes à incapacidade ao trabalho e indenização pelos danos sofridos.

Embora os exemplos citados se tratem de situações distintas, percebemos semelhanças nas relações dos afetados após o evento: 1) a organização através de associações de sobreviventes ou familiares de vítimas; 2) a luta por justiça e responsabilização dos culpados; 3) a busca pela aceitação social da categoria de vítimas de violência institucional; 4) o engajamento nos familiares em diferentes formas de protestos, visando a manutenção da memória⁴³ dos filhos.

Outro exemplo que podemos observar nos quatro aspectos citados acima e que, ao contrário do que foi apresentado anteriormente, possui muitas semelhanças com o evento que ocorreu em Santa Maria, foi o caso da tragédia de Cromagnon na Argentina. Em dezembro de 2004, cerca de quatro mil jovens, na faixa etária próxima a vinte anos, assistiam a um show de rock na casa noturna conhecida como República de Cromagnon, quando ocorreu um incêndio derivado do uso de materiais pirotécnicos, ocasionando a morte de 194 vítimas. Segundo os estudos de Zenobi (2010), as responsabilidades apontadas no inquérito judicial relacionam o ocorrido com a superlotação do local, a falta de enquadramento da casa noturna às normas de segurança exigidas pela cidade e aos subornos pagos pelos proprietários da boate aos inspetores municipais e policiais para o funcionamento do estabelecimento em condições irregulares.

O autor acompanhou o processo de formação de cinco movimentos de familiares, institucionalizados ou autônomos que reúnem-se semanalmente para discutir as ações realizadas a cada dia 30 do mês, visando a lembrança de Cromagnon. Para os familiares de Cromagnon:

Dada la intencionalidad implicada en el pago y en el cobro de un soborno no se trató para los familiares de las víctimas meramente de un accidente o una fatalidad sino de una "masacre", es decir un asesinato a gran escala producto de varios actos de "corrupción" concatenados. Para ellos la muerte de sus hijos se encuentra íntimamente vinculada a las características de la política local: sus hijos murieron allí no sólo porque un "loco suelto" o un

⁴³Quando me refiro à "memória" aqui, não estou abordando a perspectiva sociológica do conceito, mas ao ato de manter viva a lembrança, de recordar os momentos de convivência com os que partiram e de continuar o legado dos filhos. Utilizo-o neste trabalho como uma categoria êmica.

"irresponsable" encendió una bengala en un ambiente cerrado y repleto de gente sino porque los organismos encargados de controlar que los locales de ese tipo estuviesen habilitados em sus condiciones de seguridad fallaron. (ZENOBI, 2007, p.02)

Esta pesquisa, que também aborda a antropologia das emoções, coloca as diferentes formas de pensar, agir e compreender a tragédia e as diversas manifestações dos familiares. Nessa perspectiva, o autor identifica dois sentimentos presentes: dor e revolta. Ao descrever um grupo de familiares que ele chama de *padres violentos* (2010, p.598), explica como em uma situação de revolta, alguns familiares não se enquadram em nenhuma das organizações formadas, tendo suas ações censuradas e muitas vezes condenadas por outros grupos de pais.

Embora existam muitas diferenças entre os grupos dos familiares de Cromagnon, tanto religiosas, ideológicas e de classes sociais, todos os grupos reconhecem a semelhança que forma uma comunidade de dor e sofrimento. Cientes dessas diferenças e semelhanças, os familiares se identificam como uma grande comunidade, chamada de *Família Cromagñón* (ZENOBI, 2007, p.03).

O caso de Santa Maria é muito semelhante à Cromagnon, tanto por se tratar de um incêndio de grandes proporções, com muitas mortes, como por ter estimulado pós tragédia distintas estratégias coletivas de organizações de familiares. São organizações com diferenças ideológicas, de classe social, religiosidade e de objetivos. Assim como em Buenos Aires, durante a formação de todas, houve momentos de concorrência, disputas de legitimidade até atos unificados e diplomáticos. Hoje, embora essas diferenças ainda permaneçam, existe o apoio mútuo, o respeito entre os movimentos pesquisados e a noção de que “somos todos Santa Maria”⁴⁴.

Apesar do campo ter se desenvolvido em meio aos protestos dos familiares, na emergência das organizações em torno da categoria de vítima, a pesquisa se direcionou para além das diferenças entre as formas de mobilizações e focou a “rede de apoio” que possibilitou a interação de familiares pertencentes a esses

⁴⁴A expressão “somos todos Santa Maria” foi idealizada por um pai de vítima da tragédia de Santa Maria, que reside no Estado de São Paulo. Seu filho veio visitar amigos e foi conhecer a boate na noite da Tragédia. Mesmo de longe, esse pai acompanha e apoia as diferentes manifestações de familiares e já esteve presente nos atos promovidos pelas organizações pelo menos duas vezes entre março de 2013 e janeiro de 2014. Esse pai, lançou uma campanha no facebook onde simpatizantes da luta dos familiares postam imagens com cartazes dizendo “somos todos Santa Maria”, como forma de apoio aos familiares das vítimas.

distintos movimentos. Também, é importante pensar que os exemplos citados, tanto nos casos das chacinas no Rio de Janeiro, com vítimas oriundas da criminalidade ou de corporações policiais, ou do caso do acidente de Goiás e Cromágnon, embora tratem de situações muito específicas, ajudam a pensar o caso de Santa Maria, no sentido que aborda a questão do sofrimento social e a busca por direitos.

Contudo, tangenciando esse tema e privilegiando uma abordagem das relações de poder aonde as emoções e os sentimentos emergem, fiz a escolha teórica de trabalhar com a antropologia das emoções, pelo viés contextualista, a partir de um estudo de redes de sociabilidades que defini como “rede de apoio”. Diferentes autores ajudaram a pensar a dinâmica das relações dos familiares, a partir de determinados conceitos utilizados, como a “nova sensibilidade”, trazida por KOURY (2003) em seus estudos para compreender o luto e as distintas formas de enfrentar a morte, seja dos familiares, seja dos amigos. Ainda, autores que tratam sobre o tema da morte, historicamente e mais específicos no caso da cultura brasileira, como ELIAS (2001); ARIÈS (2012) e DAMATTA (1997) ajudaram a contextualizar determinados comportamentos durante a pesquisa.

Além disso, a abordagem ética-metodológica foi inspirada nas pesquisas de BARNES (2003), que explica a organização e os estudos de redes, bem como a relação do pesquisador com o tema teve inspiração nas experiências de FAVRETTA (2005) e FOOTE-WHYTE (1990), quando relatam suas experiências em campo, afetamentos, dificuldades e aprendizados obtidos na relação com os informantes e o tema. Esses autores, entre outros, contribuíram para pensar a complexa relação tive com os familiares das vítimas da boate Kiss, durante a minha pesquisa.

2 INTERMITÊNCIAS DA VIDA: UMA ANTROPOLOGIA DO LUTO

[...] é como eu digo, não é saudade. Saudade é aquela coisa que uma pessoa está longe e tu sente saudade mas tu sabe que tu vai ver... eu, o que eu sinto é falta, é bem diferente, às vezes escuto as risadas, o perfume delas. É que nem eu disse pra sobrinha, eu não sei se é loucura da minha cabeça, mas eu não vejo ela como morta, porque ela está tão presente, e tudo me lembra ela, tudo, tudo, tudo, tudo o que eu faço ela está presente [...] (entrevista mãe da Andrielle, 2013)

A discussão sobre morte e as etapas do processo de luto é algo bastante individual. Cada familiar, como aponta a citação acima, tem seu tempo de assimilar, de tentar compreender a morte, de se acostumar com a ausência e dar distintos significados para a perda. Dessa forma, alguns questionamentos tornaram-se relevantes para o presente trabalho: quais as diferentes emoções que o luto suscita na pessoa que perdeu alguém? De que forma a experiência da perda reorganiza a vida social de pessoas que outrora pertenciam a grupos sociais distintos? Como uma tragédia reúne pessoas de diferentes estratos sociais, escolaridades, profissões? Como uma série de emoções (amor, saudade, fé, tristeza, revolta, conforto) se conectam e interagem formando códigos sociais específicos do luto que é individual e ao mesmo tempo coletivo? Refletir sobre essas questões é pensar sobre o lugar da morte em nossa cultura.

Para os familiares das vítimas da Kiss, a tragédia representou, além de muita dor, um descompasso, um intervalo: uma intermitência, que os separam de seus filhos por um tempo determinado⁴⁵. Existe vida após vida? Os familiares se questionam sobre isso, sobre como irão reencontrar seus filhos após suas mortes e como os filhos se “comunicam” através de sonhos, mensagens e sinais que são construções simbólicas para dar um sentido a essa perda. Como conviver com essa falta? Como entender a morte? São questionamentos que passam na cabeça de um pai que um ano depois da tragédia ainda busca explicações. Nas suas palavras:

[...] sobre o Augusto eu entendo assim, parece que ele veio só pra dar uma passagem por aqui, a gente não consegue entender essa tal de morte, parece que ela não existe, parece que ela só tirou da sua vista pra não

⁴⁵Defino como tempo determinado porque o desejo do “reencontro”, e mais que isso, a esperança de reencontrar os filhos após a morte, é algo latente nos discursos dos familiares desde o momento da minha inserção às redes.

saber onde está, mas no teu coração, parece que ele está ali o tempo todo e tu não aceita isso de jeito nenhum, é muito complicado, é muito difícil você viver com essa história. As pessoas dizem que tem que tirar todas as fotos, mas a gente viveu a vida toda indo na casa da vovó tendo a foto do vovô, aquelas casas antigas tinham as fotos do avô, do bisavô, acho que não tem nada a ver [...] (entrevista pai do Augusto S., 2014)

O pensamento sobre a morte traz consigo muitas dúvidas e reflexões comuns não apenas ao pai do Augusto S, como citado acima, mas também aos outros familiares. O que fazer com as fotos dispostas pela casa? A pessoa morre e simplesmente é extirpada da vida de seus familiares? Isso nos possibilita inferir sobre o modo como nossa cultura lida com a morte. A partir disso, construímos explicações e códigos de conduta sobre como se relacionar com as lembranças dos que partiram.

A obra “A Casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil”, de Damatta (1997, p.135), ao discutir a morte nas sociedades individualistas, toma por base os estudos de Louis Dumont, apontando que todas as sociedades tentam dar conta da morte e dos mortos, mas que alguns sistemas se preocupam mais com a morte, outros mais com os mortos. No caso de uma sociedade individualista, a morte seria o grande problema fundamental, tema de debates, livros, pesquisas. Já, discutir ou lembrar os mortos, seria o oposto, entendido como algo sentimental e mórbido.

De fato, não deixa de ser significativo o fato de, nas sociedades individualistas, as práticas serem de destruir o morto, dele não devendo ficar nem mesmo uma memória, pois aqui pensar sistematicamente no morto e falar constantemente dele trai uma atitude classificada como patológica. (DAMATTA, 1997, p.135)

Um dos objetivos deste trabalho é tentar compreender as dinâmicas destas construções simbólicas focadas na noção de espiritualidade compartilhada pelos familiares pós tragédia. A partir desse esforço interpretativo, busca-se produzir também uma análise do que diferencia os familiares das vítimas da Kiss, de qualquer outro familiar que sente a perda de um ente querido, seja por acidente, tragédias, violência ou morte natural. A dor é sentida individualmente, mas ao mesmo tempo é comum a todos. A distinção que gostaria de chamar atenção aqui não está no ato de “sentir”, mas sim nas construções coletivas sobre o ato de “expressar” esse sentir.

O antropólogo Marcel Mauss (1979), ao estudar cultos funerários australianos, percebeu que a expressão dos sentimentos ia além da manifestação de fenômenos psico-fisiológicos, mas que eram também fenômenos de ordem social. Ele apontou para o caráter coletivo da construção de expressões por parte de determinados membros da sociedade. Mauss afirma ainda, que em determinados contextos, espera-se de alguns membros uma capacidade maior ou uma obrigação de expressar o luto, por exemplo, as mulheres no caso de viúvas que devem chorar publicamente, chamando atenção também para o caráter público dos rituais onde há essa exposição.

A tragédia de Santa Maria possibilitou a formação de uma comunidade de familiares que formaram um novo código de expressão dos sentimentos, baseados nas trocas de experiências e lembranças. A morte dos filhos imprimiu uma nova rotina, uma nova forma de viver desses familiares, como também promoveu uma reflexão sobre a morte e o morrer em nossa sociedade. O incêndio na boate Kiss chocou, mobilizou a todos que acompanharam o desfecho de muitas mortes. Chocou familiares, amigos e de modo geral a população, por alguns motivos: por ser um evento inesperado, pelo número significativo de mortes e, principalmente, por se tratar da morte de muitos jovens.

Com relação a esse último aspecto, a morte de um jovem, pode-se dizer que esse acontecimento por si só desencadeia um sentimento, ora de negação, ora de interdito (AIRÈS, 2012). De acordo com o pesquisador Philippe Ariès, sendo a morte de um jovem uma ruptura de uma lógica (a lógica de nascer, crescer, envelhecer e morrer), deve-se realizar um esforço de “normalizar” a rotina, suprimindo o luto, sem manifestações públicas de dor em prol de se promover a vida e não sua finitude.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração, como mencionado anteriormente, é o momento em que nos deparamos com a morte e os mortos. Utilizando as palavras de Elias (2001, p.9), “o problema social da morte é especialmente difícil de resolver porque os vivos acham difícil identificar-se com os moribundos”. Refletindo sobre isso, a partir da tragédia de Santa Maria, essa falta de identificação com os mortos, ou com o “morrer”, foi notada pelos familiares em relação à sociedade santa-mariense. Nos primeiros meses, os familiares sentiam-se acolhidos, uma vez que muitas pessoas sensibilizadas com a tragédia manifestavam seu apoio. No decorrer dos meses pós tragédia, esse apoio foi ficando mais tímido e os familiares passaram a ser alvo de críticas públicas pela constante exposição de

sua dor. Adianto momentos observados no campo para melhor exemplificar essa situação. Cito um caso, entre tantos que mostram essa dificuldade de identificação com a dor dos familiares.

[...] encontrei com a Mary na Praça Saldanha Marinho, pois tínhamos que ir a uma reunião do movimento. A praça estava cheia de estandes, pois foi bem no momento em que ocorria a Feira do Livro da cidade, em maio de 2013. Antes de nós irmos para a reunião, passamos na tenda da Vigília e lá estava aquela mãe, que era responsável por organizar a tenda para receber os familiares da vigília do dia. A mesma mãe que foi a primeira a me relatar sobre alguns sinais deixados pelo filho sobre sua partida, agora andava de um lado ao outro dentro da tenda, possuída por uma ira que desconhecíamos. Tremendo e com um cigarro entre os dedos, ela nos olhou e resolveu compartilhar conosco o motivo de tamanha alteração. Segundo ela, uma senhora de idade que se apresentou como evangélica, havia entrado na tenda e proferido insultos a ela. Por insulto, a mãe compreendeu que foi a narrativa da senhora que dizia que os familiares estavam fazendo mal à cidade e a si próprios com essa exposição de dor. Que o exagero de fotos, de imagens em plena praça fazia com que os espíritos dos filhos não descansassem. Que todos estavam naquele lugar de perdição (Kiss) e estavam ardendo no inferno por serem pecadores e que aquela exposição só os condenava ainda mais sofrimento. A mãe disse que olhou para aquela senhora e apenas disse: “não vou lhe dar a resposta que a senhora merece em respeito a sua idade” e saiu caminhando pela praça para não brigar com a senhora e essa, convicta de que deveria convencer essa mãe a parar com a exposição pública, a seguiu afirmando que ela só estava condenando o filho ao inferno e que estava prejudicando a cidade com essa lembrança, que a cidade precisava esquecer o que ocorreu. No momento em que encontramos essa mãe, foi quando ela havia conseguido despistar a senhora. Aquela situação lhe causou profundo desgosto e revolta que estava explícita em suas feições [...] (trecho do diário de campo de 11 de maio de 2013).

Essa passagem do meu diário de campo, além de falar sobre o sentimento de que “a cidade precisa esquecer”, ou “voltar a sorrir”, conforme a tentativa de campanha⁴⁶ da Prefeitura Municipal em 2013, aborda muito mais do que a falta de identificação com a dor dos familiares das vítimas da Kiss. A atitude dessa senhora, que não foi uma ação isolada no contexto da pesquisa, traz consigo uma reflexão sobre a “expressão dos sentimentos”, de como vivenciar o luto e principalmente como nossa sociedade repudia defrontar-se com situações que remetam diretamente à lembrança da morte.

⁴⁶No ano de 2013, mais precisamente no mês de maio, a Prefeitura de Santa Maria tentou lançar uma campanha com o slogan “Voltar a Sorrir”, cujo símbolo era um coração, que também é a marca do partido do governo atual. A campanha foi alvo de muitos protestos dos familiares das vítimas da Kiss, que expuseram cartazes dizendo “Santa Maria voltará a sorrir quando a justiça for feita”. Além disso, outro grupo de familiares distribuiu adesivos escritos “o coração do Rio Grande chora”, com o desenho de um coração partido ao meio. E o *Movimento Santa Maria do Luto à Luta*, escolheu como logo um coração com as cores da bandeira do Rio Grande do Sul, partido em 3 três partes.

Sobre isso, Damatta (1997), ainda traz a reflexão de que na especificidade da sociedade brasileira há mais temor em falar sobre os mortos do que sobre a morte. A morte é vista como um tabu, mas aos mortos se estabelece uma série de obrigações como lembrança de aniversários de nascimento e morte, homenagens, como elementos ou rituais que fazem parte de uma troca de favores entre os parentes e o morto como forma de evitar que o morto “volte” para “assombrar” ou fazer cobranças aos seus. Para esse autor, no Brasil, antes de se falar sobre morte, já se discute sobre a existência de espíritos, fantasmas, almas, o que dá uma ideia de verticalidade, sendo a morte “uma passagem de um mundo para outro” (DAMATTA, 1997, p.141), possibilitando a comunicação entre os dois mundos.

É justamente a crença nesses dois mundos e na possibilidade de comunicação entre vivos e mortos que causa determinados desconfortos sociais. O exemplo citado acima mostra de um lado a preocupação de uma pessoa com a exposição constante de fotografias dos mortos. Isso pode evidenciar o pudor em relação à morte, mas também o receio de que os “espíritos” ou “almas” retornem fazendo cobranças. Do outro lado, vemos o exemplo de uma mãe, vivenciando o luto, que busca aceitação social para a exposição da sua dor e que tenta “honrar”, homenagear a memória do filho em um espaço criado para isso, que é a Tenda da Vigília.

A mãe, se pensarmos pela ótica de Marcel Mauss (1979) está cumprindo com o papel esperado socialmente dela, contudo, a especificidade do caso, a exposição do luto coletivo gera conflitos de ordem do que é “público” e do que é “privado”. Para nós, a experiência da dor da perda, do luto, é entendida como de ordem privada, de ser vivenciada na esfera privada, contudo, os familiares das vítimas da Kiss trouxeram esse elemento para a esfera pública e é no público que a parcela da sociedade não afetada diretamente pela tragédia vai agir no sentido de tentar estabelecer regras sociais para a exposição da dor.

Não se trata unicamente de não se identificar com a dor do outro ou não ser sensível ao que aconteceu na cidade. Vale ressaltar que existem muitas pessoas solidárias aos familiares, que visitam a tenda da vigília para dar um abraço nos pais e amigos que estão ali, para comunicar mensagens de esperança, de força, de apoio. O fato é que a exposição da dor, o compartilhamento do luto e as imagens

das vítimas dispostas em banners, camisetas e cartazes faz com que se pense na finitude da vida e que a morte se faz presente. É a consciência da morte que incomoda, como diz Ariès (2012, p.61) “a morte tornou-se o lugar em que o homem melhor tomou consciência de si mesmo”.

O temor desta “consciência de morte” está relacionado ao que Koury (2003) chamou de “nova sensibilidade” em relação à morte. Ao fazer um estudo no campo da Sociologia da Emoção, enfocando o luto no Brasil, o autor aponta uma série de transformações culturais no Brasil a partir da década de 1980, levando a uma mudança de pensamento sobre o morrer. Até esse período, era comum a realização de velórios em casa e se tinha toda uma expectativa em relação a demonstração da dor dos familiares.

Com a modernidade, ele aponta certo “distanciamento” da morte, colocando o sofrimento e o luto como de ordem privada, como já mencionado anteriormente, passando os velórios gradativamente a serem realizados em capelas funerárias. Nas palavras do autor

O distanciamento em relação ao morto e aos que o perdem parece ser a característica principal da nova sensibilidade que começa a tomar forma, mais e mais nítida, na sociedade brasileira urbana dos últimos anos. A manifestação pública do sofrimento individual tende a tornar-se estranha ao cotidiano do homem comum, de classe média, embora este conviva ainda com a indignação por esse estranhamento. (Koury, 2003, p. 21)

O que caracteriza esse distanciamento é justamente a ampliação da expectativa de vida, que adia o projeto de “morrer” e que ganha suporte no discurso médico de vida saudável e duradoura. Com isso, tudo o que se relaciona a morte e luto é visto com receio de “contaminação” e, àqueles que perdem se espera um comportamento discreto para “salvaguardar-se, evitando assim que sua perda contamine os outros com a presença da morte” (KOURY, 2003, p.23).

Sobre a expectativa de discrição na demonstração pública do luto, esse tornou-se, a partir das minhas observações, o elemento chave para pensar a relação dos familiares das vítimas da Kiss com a população em geral. Se em nossa sociedade, a nova sensibilidade estimula o controle/repressão das emoções em público, a presença constante de manifestações de dor dos familiares é uma afronta a essa nova ordem social. Assim, é possível pensar as relações conflitantes entre o

grupo que anseia solidariedade com sua dor e o que essa dor representa socialmente aos demais moradores da cidade.

Dito isso, na experiência de perder alguém de forma abrupta, seja através de eventos com mortes coletivas (acidentes, incêndios, outros), seja através da perda individual, a Antropologia nos mostra que as diferentes formas de expressar a dor desta perda estão sujeitas a prerrogativas sociais. Nesse sentido, importa também perguntar: até quando é aceitável socialmente a exposição da dor alheia? Em quais situações os familiares sentem a necessidade de compartilhar e publicizar seu sofrimento? E, mais importante, o que diferencia esse grupo de familiares que se expõe publicamente de qualquer outra pessoa que esteja vivenciando um processo de luto?

Vale frisar aqui que o grupo estudado tem a característica de envolvimento nas diferentes formas de organização social dos familiares, mas não correspondem à totalidade de pais e mães das vítimas da Kiss. Muitos familiares não participam de nenhuma associação de familiares e de suas ações. Assim, o grupo estudado corresponde a uma pequena parcela do total de familiares.

Sendo assim, essa situação evidencia o quão heterogênea é a forma de sentir e expressar a dor, de vivenciar o luto. O luto, que ocorre em etapas para as pessoas envolvidas, gira em torno de várias emoções: saudade, tristeza, dor e até alegria, no sentido de que as relações possibilitadas por essa tragédia estabeleceram novos vínculos de amizade, o que aos poucos levou esse grupo a encontrar motivos para sorrir em meio a tanta dor. Por isso, um estudo sobre a dinâmica das emoções em grupos que vivenciam o luto torna-se apropriado para compreender a constituição de redes entre os familiares da tragédia de Santa Maria.

A abordagem das emoções como objeto de pesquisa das Ciências Sociais, em especial à Antropologia, é um campo emergente quando o tema apresentado refere-se a sentimentos ligados à experiência de tragédias, acidentes e catástrofes naturais. No campo da Antropologia das Emoções, como coloca Rezende e Coelho⁴⁷, o sentimento em si (dor, tristeza, revolta), de ordem natural ou biológica,

⁴⁷Na obra “Antropologia das emoções” (2010), as autoras preocupam-se em demarcar o campo da Antropologia das Emoções, mostrando que, embora os estudos sobre emoções tenham sido impulsionados na década de 1990, o tema dos sentimentos já havia sido abordado e discutido por clássicos da Sociologia como Durkheim, Simmel e Mauss, além de importantes nomes brasileiros para

está sujeito às regras sociais no que tange à expressão e sentido/adequação de tais sentimentos. Dessa forma, o ato de “sentir” é ao mesmo tempo um fenômeno individual, no sentido de particular a cada um, e comum a todos como seres humanos em um universo de significação (REZENDE; COELHO, 2010, p.99).

Para Koury (2005), o estudo da Antropologia das Emoções como objeto das Ciências Sociais pode ser entendido como “uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a *outros* e causado pela interação com *outros* em um contexto e situação social e cultural determinados” (KOURY, 2005, p.239). Partindo dessa reflexão do autor para pensar as ações dos familiares das vítimas da Kiss, nota-se que os sentimentos, a exposição pública e as trocas de afetos e desafetos só têm sentido dentro desse contexto: a tragédia, mortes coletivas e o convívio em Santa Maria. É justamente esse o ponto de distinção entre o grupo estudado e qualquer outra pessoa em estágio de luto.

A experiência da dor compartilhada pelos familiares inseriu novas rotinas na vida dessas pessoas, ao mesmo tempo em que paulatinamente proporcionou uma espécie de “visibilidade social” na cidade. Antes da tragédia e das experiências de dor e luto, elas viviam no anonimato, após os desdobramentos decorrentes do dia 27 de janeiro de 2013, se tornaram “Pai”, “Mãe”, “familiar” de alguém que morreu no incêndio da boate Kiss. A constante luta contra o esquecimento dos entes que partiram e a exposição pública da dor faz parte de um contexto “social e cultural determinado” (KOURY, 2005, p.239).

Assim, esse estudo vai apontar que as emoções, seus sentidos e expressões manifestam-se através de códigos culturais distintos, como ações simbólicas que se referem ao outro, se formulam em relação ao outro e se fazem sentir através da interação com a rede. O sofrer torna-se uma linguagem e o ato de comunicar/manifestar o resultado de construções sociais individuais e coletivas frente a um evento que causa dor e sofrimento ao grupo. É dessa forma que se

as Ciências Sociais como Gilberto Velho, Roberto Damatta, Luiz Fernando Dias Duarte, entre outros. A partir das discussões da Etnopsicologia, as autoras evidenciam três formas de discutir as emoções: A primeira é pela ótica essencialista, a qual a dualidade mente/corpo, sentimento razão, explica a natureza das emoções, na década de 1970. Em seguida, na década de 1980, com a influência de Geertz e sua análise da cultura como uma “teia de significados”, as emoções passam a ser refletidas com base no relativismo. Por fim, a abordagem contextualista, mais recente, insere a discussão de poder e a pluralidade de expressões dos sentimentos, analisando as emoções e seu potencial “micropolítico”.

manifesta a capacidade “micropolítica das emoções, ou seja, seu potencial para dramatizar/alterar/reforçar a dimensão macrossocial em que as emoções são suscitadas e vivenciadas” (REZENDE; COELHO, 2010, p.75).

Partindo disso, as diferentes estratégias de comunicar a dor, se constroem através da representação da perda. É vigente a utilização do corpo como forma primeira de comunicar a dor no contexto observado. Um exemplo é o uso de camisetas com fotografias, bótons, cartazes com fotos dos entes que partiram, que são usados de forma unânime como maneira de representação, identificação e diferenciação. Na mesma proporção em que esse uso indica “fulano morreu na tragédia”, representa também “sou mãe, pai, irmã” de vítima fatal do incêndio da boate Kiss, ao passo em que esse familiar reformula sua identidade como também uma vítima desse evento.

O uso de objetos como camisetas, bótons e da tenda da Vigília como um espaço de interação dos familiares na principal praça pública da cidade, associado aos discursos inflamados das lideranças dos movimentos de familiares, que se referem a tragédia de Santa Maria como um “assassinato em massa” ou o “massacre de Santa Maria” possibilita evidenciar o poder de dramatização na tentativa de sensibilizar o próximo e de buscar uma identificação com a causa dos familiares. São discursos e ações muito localizados, que embora muitas vezes espontâneos, só têm sentido quando realizados na interação nesses espaços de convívio entre os familiares.

Esse sentido da ação individual e coletiva é dado pelo contexto social ao qual está inserido. As emoções se manifestam no coletivo de forma ritual. Embora os sentimentos sejam individuais, nas trocas do grupo, as emoções adquirem novos significados. Sobre a análise das emoções, Rezende e Coelho (2010, p.78) postulam que

[...] a emoção não seria apenas um construto histórico-cultural; a emoção seria algo que existiria somente em contexto, emergindo da relação entre os interlocutores e a ela sempre referida. É nesse sentido que se pode falar de uma “micropolítica da emoção”, ou seja, de sua capacidade para dramatizar, reforçar ou alterar as macrorrelações sociais que emolduram as relações interpessoais nas quais emerge a experiência emocional individual. É assim então, que as emoções surgem perpassadas por relações de poder, estruturas hierárquicas ou igualitárias, concepções de moralidade e demarcações de fronteiras entre os grupos sociais [...]

É justamente esse contexto de relações de poder, disputas de legitimidade da dor e concepções de moralidade que marca a formação das distintas formas de organizações coletivas de familiares. O acompanhamento desse momento inicial, em que as “emoções estavam à flor da pele”, me inseriu nos grupos de familiares, que compartilharam comigo a experiência da perda e da dor individual/coletiva. Meu objeto de pesquisa surgiu a partir do convívio direto como militante política de um desses movimentos de familiares. Mas eu também tive a minha própria experiência com a tragédia de Santa Maria, de estar na cidade e de perder alguém.

2.1 Da experiência pessoal à construção do objeto de pesquisa

Como já havia mencionado, a tragédia afetou a todos em Santa Maria, de alguma forma. Estar em Santa Maria no dia foi algo indescritível e marcante. Meu contato direto com a tragédia foi quando saí de casa no dia 27 de janeiro para encontrar a família da Juca no Centro Desportivo Municipal - CDM, após ela me dizer que a Flavinha estava morta.

Cabe aqui retomar o tema da morte e a discussão de Ariès (2012) referida anteriormente. O autor nos mostra como nossa relação com a morte foi se transformando com o passar dos séculos. Passou de uma ideia clara da morte de si, de uma questão ritualista e de familiaridade com a morte, para um processo de distanciamento, a ponto de se pensar a morte como uma ruptura, “a simples ideia da morte comove” (ARIÈS, 2012, p.69) ao mesmo tempo que perturba, por isso o afastamento a negação da possibilidade de morrer.

A morte de forma abrupta traz muitas reflexões. Quando soube da tragédia, fiquei triste, fiquei surpresa, fiquei comovida com o que estava acontecendo em minha cidade. No momento em que tive a certeza da morte da Flavinha, a estimativa já estava em 250 óbitos. Desliguei o telefone, após falar com Juca e fui ao CDM.

Peguei o ônibus (linha universidade-centro) no bairro Camobi em direção ao centro da cidade e tudo me pareceu estranho. No ônibus fazia-se silêncio, as pessoas não conversavam. Todos atentos ao que o rádio transmitia. No caminho tocou o telefone de uma passageira e ouvi ela dizer: “estou bem mãe, mas perdemos 3 no curso”. O trajeto foi rápido até o centro e decidi descer na parada do

Corinthians (apresentado na figura 8 como ponto de partida) e ir caminhando até o CDM (ponto de chegada) para ver o que estava acontecendo na cidade.

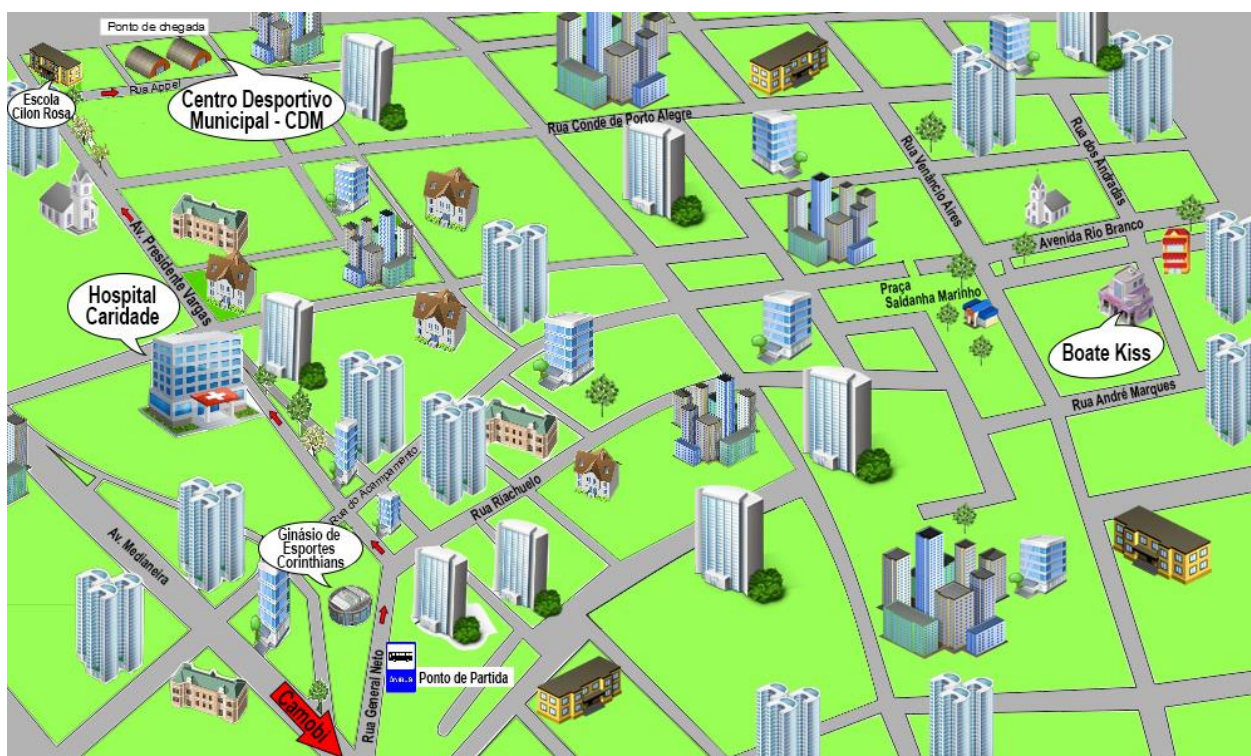


Figura 8 - Mapa do percurso realizado do ponto de ônibus até o CDM
Montagem: LARA, M. C.
Organizadora: PEIXOTO, P.S.

Percebi que parte da cidade estava enfeitada por um odor de fumaça. Subi a rua em direção ao semáforo, para atravessar e seguir a Av. Presidente Vargas até o CDM. Quando cheguei à esquina, um rapaz que acompanhava um grupo de pessoas esbarrou em mim e percebi que ele estava no CDM, pois ele exalava um odor único, de fumaça, de flores e velas. Fui descendo a Av. Presidente Vargas e observando meu trajeto. Na frente do Hospital de Caridade vi alguns familiares esperando por notícias e muitas ambulâncias estacionadas, postos de distribuição de água e carros de diferentes emissoras de televisão para cobrir os acontecimentos. Até chegar à Biblioteca Municipal não avistei nenhuma aglomeração de pessoas, conforme mostravam as imagens da televisão durante o dia e pensei que já estavam todos encaminhados, todos os corpos reconhecidos. Logo que dobrei na Rua do Colégio Cilon Rosa, parei e fui surpreendida. Era uma

cena de guerra: muitas viaturas, ambulâncias e caminhões do exército. Cheguei bem na hora da troca de turno dos voluntários, encontrei uma colega de graduação no caminho e ela me disse: “está horrível lá dentro, não vão te deixar entrar, diga que vai reconhecer um corpo ou que tem um familiar sozinho lá”.

Cheguei ao primeiro portão (entrada 1, figura 9), havia uma fila enorme de pessoas tentando entrar e dentro do pátio do CDM a imagem era de um tumulto de pessoas, desespero e sofrimento. Nesse portão me falaram, “só entram voluntários médicos, psicólogos ou enfermeiros, familiares no outro portão”. Fui até o outro portão (entrada 2, figura 9) e acabei barrada. Me perguntaram se eu era familiar e eu disse que tinha uma prima lá dentro que estava no reconhecimento de corpos sozinha e estava passando mal e por isso havia me chamado para ajudá-la. Com isso, me deixaram passar, apontando o primeiro pavilhão.

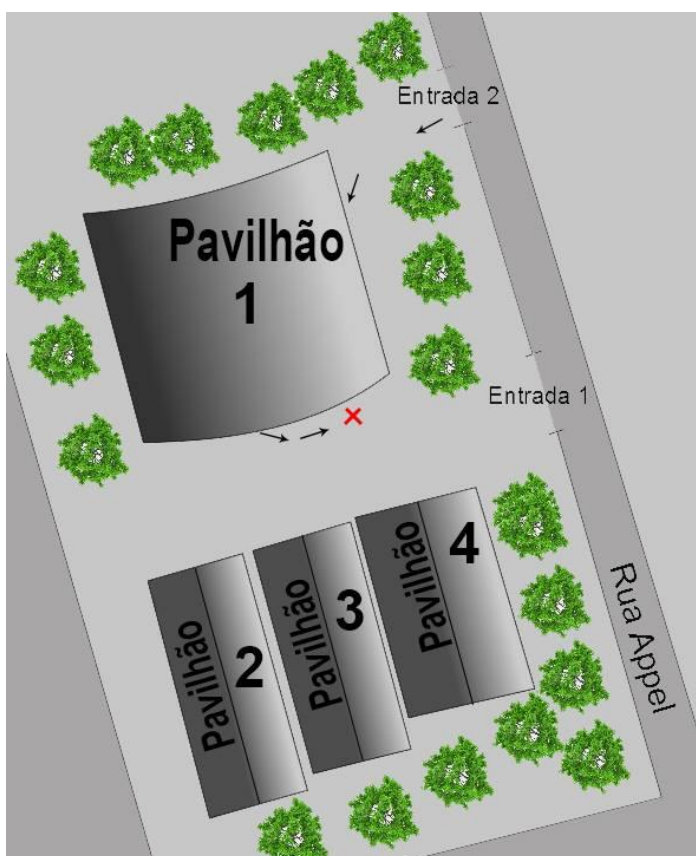


Figura 9 - Mapa do CDM apontando minha entrada e o local de encontro com a família da Flavinha.
Montagem: LARA, M.C
Organizadora: PEIXOTO, P.S.

Fui instruída a ir me cadastrar como familiar, mas não encontrei o local do cadastramento, devido ao tumulto, a grande quantidade de pessoas procurando

informações, a presença de familiares passando mal, desmaiando e de voluntários alcançando água, fornecendo medicamentos. Entrei em um pavilhão, achando ser o de reconhecimento, mas era o do velório coletivo (pavilhão1, figura 9). Em meio ao tumulto, quase esbarrei no primeiro caixão. Olhei mais ao longe e vi que tinham, no mínimo, 5 caixões enfileirados já prontos para o velório coletivo. Caixões fechados, famílias devastadas.

Atravessei todo o primeiro pavilhão procurando uma saída para o de reconhecimento (pavilhão 4, figura 9), no caminho encontrei meu primo e seus amigos. Ele me informou que a Juca estava na rua, ao lado do pavilhão 1. Saí em direção à rua e observei no pátio, entre os pavilhões, a mesma cena vista anteriormente: pessoas passando mal, voluntários alcançando água e lanches. Dobrei à esquerda, como indicado na figura 9, e avistei a família da Juca. Estavam perto da parede.

Em algumas cadeiras de plástico brancas vi a Fani sentada, desolada. Sua cabeça repousava sobre a mão com uma toalha de rosto da cor salmão, com a qual ela enxugava as lágrimas. Ela gritava “minha filha, minha filha! minha filha era linda, não, não, não é verdade! não pode!! Minha filha, minha filha” .Todos os parentes próximos tentavam acalmá-la, temiam que ela sofresse um problema do coração, já que ela havia feito cirurgia de safena, alguns anos atrás. A Juca havia saído, tinha ido na casa da Flavinha buscar as roupas para o velório e os documentos para providenciar o funeral. Mary estava incomunicável, desesperada.

A relação da Mary com a Flavinha, segundo ela relatou-me posteriormente, era de irmãs. Mary sempre foi muito apegada à tia e à prima. Morava nos fundos da casa da tia e sempre teve um convívio direto com as duas. Mary ainda sentia a necessidade de proteger a prima, de cuidar da Flavinha, que faleceu com 22 anos de idade, completados no dia 25 de janeiro de 2013.

Dei um abraço na Fani, mas acredito que ela nem me reconheceu, estava sob o efeito de calmantes e apenas gritava e chorava. Diante daquela situação, eu não sabia o que dizer e nem o que pensar. Apenas disse: “a senhora não está sozinha, tem as meninas (Mary e Juca) que estão aqui para lhe dar força” e ela me disse: “não é a mesma coisa! Minha filha era de ouro, era linda, minha filha, minha filha (aos gritos)”. Flavinha era filha única e sua mãe a teve já com idade avançada.

Permaneci em silêncio, segurando a mão da Fani até que as meninas chegassem e fiquei observando. Quando me dei conta, vi que a poucos metros estava o pai da Flavinha, sentado no mesmo tipo de cadeira de plástico branca, olhar perdido, cabeça abaixada, mãos sobre as pernas e uma tristeza profunda. Ele parecia não ser percebido pelos demais. Toda a preocupação, toda a atenção era pra a mãe.

Estávamos todos esperando a liberação do corpo para fazer o velório. O velório não seria ali no CDM e sim na Capela São Marcos. Segundo a família, a avó da Flavinha tinha um plano de saúde, que, após 10 anos de plano, cobria todo o serviço de funeral, o qual Flavinha era única dependente da avó. Assim, Flavinha teve um atendimento especial, trocou de roupa, foi maquiada e o velório foi com o caixão aberto, diferente das vítimas que foram veladas no velório coletivo.

Na lógica de que nossa sociedade evita a ideia da morte, os serviços funerários ajudam a “mascarar as aparências da morte e conservar no corpo os ares familiares e alegres da vida” (MORAIS, 2008, p.06), causando a ilusão de que o corpo não parece morto, mas “parece que está dormindo”, como relatado, posteriormente, pelos presentes no velório. Olhando para a Fani, sentada naquela cadeira branca no pátio do CDM, ela estava prestes a surtar, os familiares temiam que ela não conseguisse suportar a perda da única filha. Ela foi levada para ser medicada novamente, (segundo o que me falaram , era a 3ª vez que ela tomava calmantes, mas ainda não haviam surtido efeito).

Uma psicóloga voluntária veio até ela e disse que era melhor ela ver o corpo da filha para aceitar. Em meio a uma multidão de pessoas, acompanhamos a Fani até o local onde estava o caixão da filha (pavilhão 2, figura 9). Nos encaminharam para onde o caixão da Flavinha estava, era uma cena indescritível, pessoas agitadas, familiares com roupas em cabides para alcançar aos voluntários que preparavam os corpos, a toda hora se ouvia um pedido: “licença”, e quando olhávamos, eram voluntários passando com caixões⁴⁸. Quando chegamos ao local onde estava o caixão da Flavinha, vi que tinha cerca de vinte caixões “sendo preparados”, ou seja, existia um grupo de voluntários frente a cada caixão. Com uma lona preta, os

⁴⁸Vi muitos caixões simples, que pareciam feitos de material compensado, como se fosse algo inacabado, foram providenciados pela prefeitura em virtude das funerárias não disporem de mais caixões na cidade.

voluntários faziam uma espécie de “cortina de proteção”, para que pudessem vestir os corpos com as roupas trazidas pelos familiares e, assim, encaminhá-los para o velório.

No caminho até onde estava o caixão da Flavinha encontrei uma colega e ela disse: estou aqui porque uma amiga perdeu a mãe e o padrasto. Poucos metros depois disso, avistei o irmão da Juca e da Mary. O primo repousava sobre o caixão como quem abraçasse a prima. O caixão estava fechado e a psicóloga pediu que o abrissem para a Fani ver. Ao abrir, lá estava ela, blusa verde e saia de cor clara, o rosto e o corpo sujo por uma espécie de fuligem, um odor de fumaça pairava no local. Fani passou mal, abraçou forte a filha que chegou a erguer o corpo de dentro do caixão, quase desmaiou, gritou muito e trouxeram uma cadeira para ela sentar.

Penso que ao ver o corpo ela teve certeza de que realmente havia acontecido com ela aquela tragédia. Após a Fani ver o corpo da Flavinha, decidiram ir para a casa dela para que descansasse um pouco. Ela tentou dormir, mas foi acordada pelos parentes e vizinhos que chegavam para saber informações sobre o velório e sepultamento. Flavinha seria velada junto com uma amiga de infância, o desejo era de que as quatro melhores amigas fossem veladas juntas, (Andrielle, Gilmara e Vitória), uma vez que a outra amiga (Mirela) seria velada junto com o irmão (José Manuel). Mas o pai de uma delas não concordou com a ideia, dizendo que seria emoção demais, então ela foi velada apenas com a Andrielle, com a qual estudou todo ensino fundamental e médio e residia no mesmo bairro.

Perto das 22h, a funerária ligou avisando que o corpo já estava a caminho da capela São Marco. Meus familiares e eu fomos para a capela. Ao chegar, vimos que o velório era num salão paroquial, ao lado da Igreja São Marcos na Vila Schirmer. O pátio da capela estava com a grama muito alta, provavelmente não esperava-se que o salão fosse utilizado. No salão, já estavam os dois caixões, o da Andrielle e o da Flavinha, contudo, não existiam flores e nem armações para caixões suficientes na cidade.

O caixão da Flavinha estava sobre classes escolares. Antes de entrar no salão, percebi uma concentração de pessoas perto da porta, nisso vi que tentavam ajudar uma mãe a caminhar, estava consternada, não conseguia caminhar, dois amigos ou familiares a seguravam, um em cada braço e a ajudaram a entrar no salão. Levaram

uma cadeira confortável, a qual foi colocada junto ao caixão e ali ela sentou. Seu olhar parado, rosto inchado de tanto chorar, desolada, sentou na cadeira meio debruçada sobre o caixão e ali acariciava o rosto da filha que estava sem maquiagem, apenas coberto pelos enfeites do caixão. Depois me falaram que a Andrielle era a mais diferente de todas as amigas, vivia usando preto, calças jeans, tênis, tocava violão, não era vaidosa como as amigas, eventualmente as meninas a convenciam a usar vestido e maquiagem, mas a aceitavam em seu jeito de ser.

Apesar de ser verão, era uma noite fria. A mãe da Andrielle dormiu na cozinha do salão, Fani foi pra casa descansar e eu fiquei com minhas primas, as amigas e as primas da Flávia. Sentamos na rua para que elas fumassem e começaram a falar, desoladas. Mary, estava revoltada: “se eu tivesse ido, eu teria tirado todas de lá”, ela não parava de dizer.

Flavinha havia feito aniversário no dia 25 de janeiro e a Andrielle no dia 24. Combinaram de comemorar os aniversários juntas. Saíram na quinta (24), e na sexta (25) para comemorar o aniversário da Flavinha, e no dia 26 foram na Kiss para comemorar o aniversário da Andrielle. Flavinha não queria sair, segundo as primas, mas como as meninas insistiram e a Mirela disse que só sairia se ela fosse, decidiu ir. Mary não foi à comemoração do aniversário nem quinta e nem sexta e decidiu ir com as meninas no sábado e a Flavinha, segundo ela, a proibiu de ir. Mary relata que a Flavinha era muito ciumenta e quando dizia que ia fazer alguma coisa, ela fazia. No sábado ela disse para Mary que se ela fosse na festa de comemoração do aniversário da Andrielle, uma vez que não tinha ido na festa dela, ela “ficaria de cara” e não ia mais falar com ela. Como Mary conhecia a prima, decidiu não ir. “Foi ela que me salvou”, dizia Mary, com olhos inchados de tanto chorar, com um cigarro entre os dedos. “ô Flavinha??? Por quê??” Mary perguntava, olhando para o céu. “Eu tenho certeza que ela voltou pra pegar alguém!!, ela não ia sair e deixar as gurias”, dizia ela desolada.

As informações eram muito desencontradas naquela noite, pessoas falavam que havia corpos com quase 16 furos, por terem sido pisoteados. Era difícil crer que aquilo realmente estava acontecendo. Naquela noite fria, sentados ao lado dos caixões, tomando mate, era inacreditável o motivo que nos reunia naquele salão.

Ao amanhecer, a incerteza do horário dos enterros. O da Flavinha, marcado num primeiro momento para às 9h da manhã, teve que ser adiado devido a falta de carros fúnebres e coveiros nos cemitérios. Perto das 10h, um amigo espírita chegou para fazer uma prece. Ele tentava consolar as famílias, falando sobre a imortalidade da alma: “elas estão vivas, em outro plano” dizia o espírita, que segundo a Mary, perdera um filho com dois anos de idade há quase 20 anos.

Durante a manhã, muitos amigos foram prestar homenagens. As professoras e a coordenadora do curso de pedagogia da UFSM, onde a Flavinha e a Mirela estudavam, foram cumprimentar as famílias. Em seguida, chegou um casal e a Juca me disse que eram os pais da Vitória, “estão separados há 10 anos já”, foram se despedir das amigas da filha, que estava sendo velada em outro lugar. Juca disse: “que pena Piu que tu não conheceu a Vitória, ela era uma pessoa maravilhosa, educada, querida, festeira. Era ela quem alegrava a junção das gurias, no Natal elas estavam todas na Fani e o pai veio passar conosco e a conheceu, ficou encantado com ela, todo mundo adorava ela”.

Perto de 13h:30min, chegou o carro fúnebre. A família se reuniu em volta do caixão da Flavinha para se despedir, no mesmo momento, um padre veio “encomendar o corpo da Andrielle ao lado”, uma vez que sua família é responsável por cuidar da capela e do salão. Foi bem rápido para colocá-la no carro fúnebre. Os primos, o pai e a Mary carregaram o caixão. Na chegada ao cemitério, um cinegrafista e uma repórter já esperavam para registrar tudo. Voluntários disponibilizavam água aos presentes e todos os familiares prestavam atenção na Fani. Ao colocar o caixão no túmulo, Fani desabou em lágrimas, quase desmaiou. Um voluntário trouxe uma cadeira para ela sentar e em frente ao túmulo, chorando, com uma toalha encostada no rosto ela assistiu ao sepultamento da filha.

O cinegrafista tentava filmar todos os detalhes. A repórter andava entre os presentes no cemitério, procurando alguém para entrevistar. Por fim, a repórter acabou esperando para entrevistar o coveiro, cinegrafista filmava emocionado, lágrimas escorriam em seu rosto e pensei: quantos ele havia filmado naquele dia? Difícil não ser tocado por algo tão triste e inesperado.

Esta relação com a tragédia me deixou paralisada por um bom tempo. Não imaginei que essa experiência, que para mim foi “a perda de um conhecido”, iria se

mostrar tão presente na minha vida. Depois de alguns dias da tragédia, visitei a Juca para ver como ela estava e ela comentou sobre o desejo da Mary de organizar os familiares e de formar uma associação. Falou, ainda, que alguns pais já haviam se reunido para tratar dessa ideia e comentei com a Juca que tinha interesse de acompanhar essa organização dos familiares devido a minha formação de historiadora e mestranda em Ciências Sociais. Ela me informou que já tinha havido uma reunião, mas que eu poderia acompanhar a Mary nas seguintes. E foi dessa forma que comecei a conhecer mais familiares.

Além dessa organização de familiares, Mary já tinha elaborado uma iniciativa para continuar o trabalho de assistência às crianças carentes que a prima e as amigas desenvolviam, através da criação de uma ONG. Ela me convidou para ajudar, para que contribuísse com meus conhecimentos acadêmicos e assim comecei a fazer parte da Diretoria dessa ONG, como diretora de projetos e sócia fundadora.

Além da ONG e do acompanhamento da formação da AVTSM, o que fez da minha observação, não só participante como também militante, foi a criação do *Movimento Santa Maria do Luto à Luta*, idealizado pela Mary e as amigas da Flavinha. Esse movimento foi o maior ponto de inserção em campo que tive.

A complexidade do tema, aliado a minha inserção como militante, é o que dificultou um maior distanciamento sobre o tema. Mas, sem dúvida alguma, foi a participação militante que fez com que eu desistisse do tema inicial no mestrado⁴⁹, para pesquisar a tragédia de Santa Maria. Era impossível não ser tocada pela causa dos familiares, pela angústia de que algo fosse feito, que a justiça prevalecesse e que os filhos não fossem esquecidos.

Porém, cada grupo de familiares que se formou pós tragédia tinha uma visão e uma opinião de como agir. Comecei a perceber a formação de redes de sociabilidades e o processo de politização dos familiares, o que despertou um interesse de pesquisa. Porém, tive receio pelo modo que a minha presença como pesquisadora seria vista e qual os efeitos da militância nas análises que eu teria que fazer. Assim, comecei a estudar sobre o tema de tragédias, pois embora estivesse

⁴⁹Conforme eu ia acompanhando a Mary em sua luta, nossos encontros tornaram-se diários, o que impossibilitou que continuasse com meu tema inicial de pesquisa. Sentia a necessidade de apoiar a Mary, da mesma forma que sentia empatia pela causa dos familiares.

em constante convívio com os familiares, ainda não havia identificado qual elemento dessa organização de familiares poderia compor um objeto de pesquisa.

Um texto que fez grande sentido para mim e que ajudou a pensar meus medos em relação ao tema foi o de Favret-Saada (2005), quando ela discorre sobre sua experiência de ser “afetada” em campo. O fato de eu ter proximidade familiar com uma vítima e em virtude disso, estar inserida nas redes que se formaram pós tragédia, causou-me um profundo desconforto. Em primeiro, eu temia ser vista como oportunista⁵⁰ por pessoas com as quais conviva e tinha relações afetivas. Segundo, por não prever a reação das pessoas que não me conheciam e agora me viam inserida nos grupos “sem ser parente de alguém”. Terceiro, e mais importante, conforme eu ia conhecendo e estabelecendo vínculos com os familiares, minha relação tornava-se cada vez mais íntima, a ponto de me apropriar dos discursos dos familiares.

Foi apenas no momento em que me vi como uma pesquisadora privilegiada, por ter esse engajamento em campo, pela facilidade de acesso aos meus informantes e pela ampla rede em que esses informantes poderiam me colocar, que consegui andar na direção de um estudo etnográfico. Inspirada nas palavras de Favret-Saada (2005, p.159)

[...] o próprio fato de que aceito ocupar esse lugar e ser afetada por ele abre uma comunicação específica com os nativos: uma comunicação sempre involuntária e desprovida de intencionalidade, e que pode ser verbal ou não.

Talvez, o exercício mais difícil para mim foi “transformar o familiar em exótico”, como nos ensina Damatta (1978). Como militante, estava tão envolvida na organização dos atos, compartilhando sentimentos de revoltas, raiva e indignação, vestindo literalmente as camisetas, tanto dos movimentos quanto das vítimas, que cheguei a pensar que aquilo que eu estava vivendo me era “familiar”, que eu fazia parte daquilo tudo, como qualquer outro parente ou amigo de vítima. Eu sentia tanta empatia pela causa, pelo trabalho que os familiares desenvolviam que me via como

⁵⁰Esse receio foi potencializado devido a publicação do livro “Kiss: uma porta para o céu”, de Lauro Trevisan, lançado pouco mais de um mês após a tragédia. Nesse livro literário sobre um fato real, o autor, em algumas passagens, sugere que alguns ainda estariam vivos nos caminhões que transportaram os corpos, entres outros elementos da obra que causaram grande revolta e desespero em alguns familiares. Muitos quiseram confirmar a versão do livro, outros encaminharam processo judicial ao autor, na tentativa de retirar o livro de circulação.

uma “nativa”, por vivenciar tantos sentimentos. Até que ouvi um pai comentando sobre as pessoas que visitavam a Vigília e diziam: “sinto muito pela sua perda” ou se emocionavam ao ver as fotos e ele disse:

[...] as pessoas dizem “eu sinto muito” como se compreendessem a dimensão da nossa dor!, Mas eu digo: quem tem filho, consegue imaginar como seria a dor, agora, sentir? Sentir de verdade, só sente mesmo quem perdeu. (Pai do Augusto S, 2013)

A partir do momento em que ouvi isso, percebi o quanto “exótica” aquela situação era para mim. Por mais simpática que eu fosse à causa, eu jamais sentiria como eles. Esses familiares me aceitaram em suas redes, existia uma troca constante entre nós, mas mesmo assim, nunca fui uma nativa. Naquela ocasião, me senti uma usurpadora, me apropriando de sentimentos que nunca seriam meus. Eu vivenciava uma situação de imersão total ao campo. Me afastei dos meus grupos de amizades e estava em constante interação com meu “campo”⁵¹. Ouvir isso de um familiar fez com que eu me situasse em relação ao meu papel ali, como militante e pesquisadora, e fiz uma reflexão sobre a influência dos sentimentos que eu estava compartilhando naquele momento. Nas palavras de Damatta (1978, p.30)

Seria possível dizer que o elemento que se insinua no trabalho de campo é o sentimento e a emoção. Estes seriam, para parafrasear Lévi-Strauss, os hóspedes não convidados da situação etnográfica. E tudo indica que tal intrusão da subjetividade e da carga afetiva que vem com ela, dentro da rotina intelectualizada da pesquisa antropológica é um dado sistemático da situação.

Foi exatamente no momento em que me permiti ser afetada, que vivia constantemente as emoções junto aos familiares, que pude ter o distanciamento para ver o que me distinguia dos meus informantes em campo. Foi dessa forma que pude organizar os dados que coletava e entender as dinâmicas de funcionamento das redes, que são tão diferentes em propostas, mas que interagem a partir da sociabilidade dos familiares que se tornaram meus informantes.

Nos primeiros momentos do trabalho de campo, eu observava tudo quanto possível. Percebia as questões de gênero, pois era visível a diferenciação das ações entre mães e pais. O apelo à solidariedade e o trabalho social era fomentado pelas

⁵¹Aqui, coloco campo, devido ao meu acompanhamento com os familiares desde o dia 27 de janeiro. Essa imersão total foi determinante para o processo de aproximação e estranhamento que passei até identificar a formação das redes. Coloco o mês de maio como o momento em que percebi a constituição das redes e pude direcionar meu olhar para o objeto de pesquisa.

mães, que atuavam de forma discreta. Nas lideranças da AVTSM e do *Movimento*⁵², eram os pais que tomavam a frente nas discussões administrativas e de luta por justiça, sendo os pais também os responsáveis por dar entrevistas e representar as diferentes organizações publicamente.

Sobre a questão política da formação de associações, eu percebi as disputas de “hierarquias” da dor. Até a soltura dos réus, havia concorrência entre a AVTSM e o *Movimento*, da mesma forma que havia uma resistência de aceitar a dor e o sofrimento da Mary como prima. Essas disputas ocorreram pela falta de comunicação entre os familiares, que até então não tinham proximidade e não compreendiam com clareza os objetivos de grupo.

Nesse processo de disputas dos movimentos de familiares, do apelo ao trabalho social, a questão da espiritualidade se sobressaiu em minhas observações. Ao circular entre os familiares, ouvia suas histórias, suas interpretações simbólicas para a tragédia e as formas de tentar dar um sentido à morte. Nesse mesmo período, foi iniciada também o que eu chamo de “peregrinação em busca de notícias”. Alguns familiares que acreditavam no Espiritismo comentaram sobre o recebimento de cartas psicografadas. Assim, logo que um familiar dizia ter recebido, ou “ouvido dizer”, que em tal Centro Espírita uma vítima da Kiss havia se manifestado, os familiares se direcionavam em comitiva ao Centro, na esperança de também receber notícias.

Além de Centros Espíritas, Cartomantes, Centros de Umbanda e “druidas”, eram procurados pelos familiares. Houve ainda um episódio em que os familiares foram convidados para um culto evangélico de “benção” aos familiares. A Fani e o Capitão participaram e comentaram que foram surpreendidos por uma tentativa de “exorcismo”, de libertar os espíritos dos filhos que morreram em pecado e estavam próximos dos pais, voltando, assim, à ideia de Damatta (1997) sobre o temor em relação ao destino das almas e a volta dos espíritos ao nosso mundo.

⁵²Até o terceiro mês pós-tragédia, o *Movimento do Luto à Luta* era conduzido pela Mary e suas amigas. Nós éramos entre 9 mulheres organizando os protestos e manifestações. Houve um momento em campo, quando estávamos na casa da Fani cortando fitas mimosas que foram utilizadas na caminhada do 3º mês, que a Juca me olhou e disse: “mas olha só Piu, é só mulher nesse movimento, as mulheres vão revolucionar o mundo”. Nessa caminhada, o pai da Andrielle se aproximou do nosso grupo e acabou tornando-se nossa liderança. Por isso nós o chamávamos de “capitão”. Nessa mesma caminhada, outra mãe de vítima, a mãe da Tanise, se juntou ao movimento, dividindo até hoje a liderança com o capitão. Essa mãe, nós chamamos carinhosamente de “fumiga”.

Ao acompanhar essa “peregrinação em busca de notícias” com o intuito de dar um sentido sobrenatural à tragédia, decidi focar meu olhar para a questão da espiritualidade dos familiares. Esse sempre foi o ponto fulcral da rede que se formou, pois desde o dia da tragédia, as lembranças dos filhos evidenciavam momentos de despedida, de sinais e possíveis comunicações pós morte. Porém, meu campo, através da Mary, me levava para outra direção, embora as histórias de presságios, sonhos, e comunicações pós tragédia surgissem nas atividades às quais eu participava, as pessoas se reuniam e se organizavam coletivamente pela luta por justiça, através da militância, ou para desenvolver trabalhos sociais.

Isso deixou claro que meu grupo de informantes se agrupava de diferentes formas: existiam aqueles que se valiam da espiritualidade, dos presságios, dos sonhos, das mensagens para dar um sentido a sua perda, bem como aqueles que viam na luta por justiça, na militância, o suporte para enfrentar a perda, como se fosse a última coisa que pudessem fazer pelos filhos, ao mesmo tempo em que lutar era o mínimo a ser feito para ter um descanso e uma paz diante da perda. E havia, ainda, aqueles que interagiam entre esses grupos já citados, voltados para o trabalho social como uma forma de amenizar a dor, ajudando ao próximo.

Embora fossem perceptíveis essas inclinações, um grupo não excluía o outro. Havia momentos de inserção e trocas entre ambos e apesar de alguns familiares firmarem uma identidade militante, ou de assistência social, através busca espiritual, eventualmente essas características se fundiam e os grupos desenvolviam atividades coletivamente de apoio mútuo e respeito às posições de cada familiar.

No decorrer do campo, parecia-me que a questão da espiritualidade, da solidariedade⁵³ e da luta por justiça eram coisas muito distintas. A militância apontava os aspectos da legitimidade e hierarquia da dor. Paralelo a isso, algumas famílias me convidavam para acompanhá-las em Centros Espíritas, mostravam-me mensagens, compartilhavam seus sonhos com os que partiram e relatavam suas experiências em diferentes religiões, evidenciando não apenas os presságios, mas questões de espiritualidade em geral.

⁵³Chamarei o trabalho de assistência social desenvolvido pelos familiares como redes de solidariedade.

O momento em que percebi o elo entre essas questões, tornou-se o marco simbólico da definição do objeto de pesquisa, com o foco na rede de apoio, estabelecidas entre os familiares e o meu olhar em campo se direcionou para as dinâmicas das sub redes. No dia 29 de maio, a soltura dos réus (sócios da boate e músicos) potencializou o sofrimento dos familiares. Foi como “se fosse dia 27 de janeiro de novo, como se nossos filhos tivessem morrido de novo”, comentou a Fani, desiludida. Esse episódio desencadeou uma série de manifestações por justiça, promovidas em conjunto pelos diferentes movimentos. Naquele momento, não era relevante qual grupo gritava “justiça” e “acorda Santa Maria” na rua, desde que os familiares fossem ouvidos.

A meu ver, o episódio da soltura dos réus marca a formação da “rede de apoio” entre os familiares de diferentes organizações. As disputas de legitimidade e as concorrências foram minimizadas e os grupos passaram a atuar de forma conjunta, respeitando as ideologias de cada um e estabelecendo vínculos de amizade.

2.2 As dinâmicas das redes como escolha metodológica

Com a formação da rede, um novo grupo fraterno foi criado entre os familiares, que passaram a conviver sistematicamente, trocando experiências, relatos, lutas. A proximidade dos familiares, amigos e simpatizantes das lutas foi fundamental para a definição da rede de sociabilidade estabelecida pós tragédia entre os familiares. Inclusive eu, estou inserida nessa rede e eventualmente sou “afetada pelo campo”, em virtude dessa inserção.

Desta forma, tanto a rede de justiça e a de solidariedade se entrelaçam, formando uma grande “rede de apoio”, cujo elo é a espiritualidade. Nessa rede, outros vínculos de familiaridade se formaram. Na rede de solidariedade, todos os pais e mães são chamados de “tios” e “tias”, inclusive eu fui apresentada à família do capitão como a “nova sobrinha” dele. Nos momentos de crise, de depressão de algum familiar de vítima da Kiss, a rede se mobiliza para dar apoio, pois agora o grupo é sua “nova família”. A frase constantemente repetida: “a família somos nós, agora”, evidencia a nova formação “familiar” pós tragédia. Sem ter os limites bem

delineados, essa nova rede infere preocupações, decisões e trocas entre os familiares que passaram a compreender a vida como o que chamo de “a.T” e “d.T.”, ou seja, antes da tragédia e depois da tragédia. Muitos dos familiares com os quais convivo, repudiam a forma como viviam antes da tragédia: não conseguem se relacionar com as antigas amizades, uma vez que eles “não entendem pelo o que estão passando”, não conseguem desempenhar antigas funções. Passado mais de um ano, alguns ainda não conseguem voltar ao antigo emprego. Nas palavras do Capitão:

[...] Então a gente sabe que essa é nossa missão, tanto é que depois da tragédia eu perdi todo o foco do que eu fazia, eu trabalhava numa pequena empresa de prestação de serviço, que era da minha filha, a gente saía, fazia os orçamentos das obras, só que eu perdi totalmente o foco daquilo ali, foi a maior briga, porque nós tínhamos um contrato com uma escola e no último dia do contrato era o dia do sepultamento dela, e eu sabia que se eu não entregasse aquele serviço pra escola na segunda feira eu ia começar a pagar uma multa, então passei fazendo aquilo, porque o dinheiro que já era pouco, ao invés de entrar, ele ia sair. Então, tinha isso ainda pra fazer depois de tudo isso que aconteceu, e aquilo me deu uma espécie de revolta, porque eu liguei pro contratante e ele disse: “contrato é contrato e eu não posso fazer nada”. Então parece que tem coisas mais valiosas do que a própria vida, daí eu perdi todo o estímulo por aquilo ali, eu até depois tentei continuar, mas lembrava que tinha sessão na Câmara, tinha CPI, as pessoas achando que eu estava em tal lugar tratando de tal serviço e quando vê aparecia eu na televisão, nos protestos e coisa. Então, às vezes, quando eu assumo um compromisso assim, eu já fico num estado de nervos, eu perdi a vontade de fazer o que eu fazia, não de trabalhar, mas de fazer o que eu fazia e eu já estou com 52 anos, reaprender e fazer outra coisa é difícil. (Entrevista, Pai da Andrielle, 2014)

Conforme a fala do Capitão, tudo o que remete a “antes da tragédia” é entendido como sofrimento e incapacita os familiares para determinadas atividades. Por outro lado, o “depois da tragédia” mostra novos laços, novos agrupamentos de pessoas que não imaginavam existir elos antes, mas que depois da tragédia, apesar das diferenças sociais e culturais entre todos os familiares, a perda dos filhos é o elo que basta para uni-los na rede de apoio.

Pós tragédia, os familiares com quem convivi sofreram um processo de politização e visibilidade social. Saíram do anonimato para tornarem-se o “Pai”, “Mãe”, “Irmão”, “Primo” de alguém que faleceu na boate Kiss, como já mencionado. Os blocos de entrevistas abaixo vão evidenciar as experiências de politização, de exercício de cidadania e de reconhecimento social, que passaram a fazer parte de suas vidas como familiares da Tragédia.

[...] E eu sempre tive vontade de participar dessas coisas, de uma passeata, mas não sei por que eu não fazia, se era por vergonha ou o quê [...] eu sempre fui uma pessoa que se estava andando na rua e via alguém fazendo uma reportagem, eu arrumava algum pretexto pra atravessar a rua, nunca consegui me colocar no lugar de ter que falar pra mais de uma ou duas pessoas, assim, em uma roda de conversa (entrevista Capitão, 2013)

[...] A gente está andando na rua, entra em uma cafeteria, mercado e as pessoas olham pra nós e veem o bóton, a camiseta e aí já sabe quem somos, que somos familiares e já vem dar um abraço ou perguntar alguma coisa, por isso que sempre usamos para as pessoas nos olhar e lembrar do que aconteceu na cidade. (Comentário informal, mãe da Andrielle, 2013)

Através das relações permitidas por essas redes, de visibilidade/ distinção social, que buscam, sobretudo, a responsabilização dos culpados, o desempenho de ações sociais e a manutenção da memória dos filhos, que as questões envolvendo a espiritualidade circularam entre as redes. A espiritualidade é entendida neste trabalho como os presságios de morte, as interpretações dos sonhos, a busca por uma explicação espiritual. Nesse sentido, ela diz respeito aos modos a partir dos quais os familiares encontraram para prestar apoio mútuo, estabelecer explicações, símbolos e sinais de que, de alguma forma os filhos iriam partir e, para que possam aceitar a morte. Da mesma forma, a busca por uma espiritualidade ajuda a pensar numa vida pós morte, a estabelecer laços e acreditar na “certeza” de um reencontro.

A luta por justiça também remete a um pensamento espiritualista, um tanto “missionário”. Zelar pela memória dos filhos, militar em prol da responsabilização dos culpados é manter um vínculo com os filhos após a morte, é “continuar cuidando”, uma vez que não puderam protegê-los de uma morte tão trágica. Esse sentimento de seguir com seus papéis de pais e mães apareceram em algumas entrevistas, que serão listadas abaixo:

[...] Agora eu tenho certeza que essa foi uma missão que nos foi dada e tenho uma convicção maior ainda que essa missão nós vamos lutar até o fim e que vai haver justiça nesse caso. Então, quem sabe a nossa missão não é reverter todas essas coisas erradas que aconteceram, para que a história caminhe na direção da justiça. (entrevista Capitão, 2014)

[...] Eu ainda continuo fazendo a mesma coisa de mãe, então acho que isso me fortalece, porque eu lembro que eu ainda sou mãe dela, não é porque ela tá morta que eu vou deixar e não vou fazer mais nada por ela, eu continuo fazendo. A luta me fortalece também, no sentido de que isso não ocorra de novo, eu não quero que outra mãe passe o que eu passo, eu não quero que outra mãe espere o filho chegar e ele não vai voltar pra casa, eu não quero que outra mãe conte com o Natal e sabendo que o filho não vai mais chegar, não vai estar, nem no Ano Novo, então eu não sei nem quantas mães imaginam isso, mas é o meu sentimento. Quando eu olho um

outro jovem na rua, eu penso “Bah, podia ser minha filha, minha filha podia estar ali”, mas não, ela não é minha filha e eu tenho que fazer alguma coisa por ela que tem que mudar, se teve alguma coisa errada que matou a minha filha, essa coisa errada tem que mudar pra que não mate mais filhos. Dessa forma, eu acho que a luta me fortalece. (entrevista Fumiga, 2013)

Nesse espírito de continuar desempenhando sua tarefa de pai e mãe, a “rede de apoio” possibilita constante interação entre as redes de justiça e solidariedade que chamarei de “sub redes”. A dinâmica de atuação e interconexões das redes é bastante complexa. Nesse capítulo, vou apresentar um gráfico geral de todas as redes e como os grupos interagem e a partir de quem.

Partindo da minha inserção em campo, o gráfico apresenta a minha relação com a Mary e como ela e eu, a partir da relação que ela me proporcionou, interagimos com os diferentes movimentos de familiares. O gráfico é o panorama geral da rede de apoio. No capítulo 3, irei detalhar a dinâmica de cada rede e como aparecem as questões de espiritualidade, que é o aspecto que elegi como tema para esta dissertação.

Sobre o estudo de redes, Barnes (2010) tenta caracterizá-las como relações de primeira ordem e de segunda ordem, ou ainda, as relações adjacentes a alfa⁵⁴. As relações de primeira ordem são as relações diretas, como a relação da Mary com a ONG e o *Movimento Luto à Luta*. As relações de segunda ordem são relações indiretas, como é a relação da Mary com a AVTSM e as Mães de Janeiro. Defini a Mary como minha informante chave, por isso posso denominá-la como alfa, pois o estudo em questão foi realizado a partir da perspectiva proporcionada por sua ação social.

Devido às constantes trocas de apoio entre os familiares, percebi que essas relações vão além dos limites estabelecidos pelos coletivos de familiares. Por isso, resolvi trabalhar pela ótica das redes, pois contempla toda a diversidade de situações que vivenciei em campo. Sobre o estudo das redes no campo da Antropologia, Barnes (2010, p.175), ainda coloca que

A noção de rede social está sendo desenvolvida na Antropologia Social tendo em vista a análise e a descrição dos processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias. As conexões interpessoais que surgem a partir da afiliação a um grupo fazem parte da

⁵⁴O termo “alfa”, usado por Barnes (2010) refere-se à pessoa chave da rede, aquela que possibilita a relação entre todos, sendo possíveis relações diretas ou indiretas com alfa.

rede social total tanto quanto as que vinculam pessoas de grupos diferentes.

Assim, para explicar as conexões presentes no gráfico, é preciso entender quem são os sujeitos da minha pesquisa. No total, 11 famílias fizeram parte do estudo, e são referentes a 12 vítimas da boate Kiss. Início com a Mary, minha informante chave e idealizadora da ONG e do *Movimento Santa Maria do Luto à Luta*, pois foi através do convívio com ela que tive acesso às demais organizações e pessoas que interagem nas sub redes.

A ONG é composta por cinco famílias, e as cinco mães participaram como minhas informantes, são elas: a Mãe da Andrielle, a Mãe da Flavinha, Fani, referida no texto, a Mãe da Gilmara, a Mãe da Mirela e do José Manuel e a Mãe da Vitória. A ONG tem seu trabalho voltado para a assistência social, que eu chamo de sub rede de solidariedade. Após a organização dos movimentos e o convívio dos familiares de todas as organizações, os familiares da AVTSM, as Mães de Janeiro e os integrantes do *Movimento do Luto à Luta* passaram a apoiar atividades da ONG, prestigiando e ajudando em promoções. Eles são familiares que também fazem parte da sub rede de solidariedade, por desenvolverem trabalhos semelhantes nas suas organizações.

O *Movimento Santa Maria do Luto à Luta* é formado por pais, mães, primos, amigos e simpatizantes da luta por justiça no caso da Kiss. A liderança do movimento é de responsabilidade de três famílias (família da Flavinha, família da Andrielle e família da Thanise), ou seja, elas são as responsáveis por pensar as atividades, participar de reuniões, organizar materiais. Além das lideranças, aproximadamente oito famílias compõem esse grupo. Dessas famílias, quatro oriundas da ONG participam ativamente do *Luto à Luta* (mãe da Andrielle, mãe da Flavinha e Mary, mãe da Vitória, mãe/pai/tios da Mirela e do Jose Manuel).

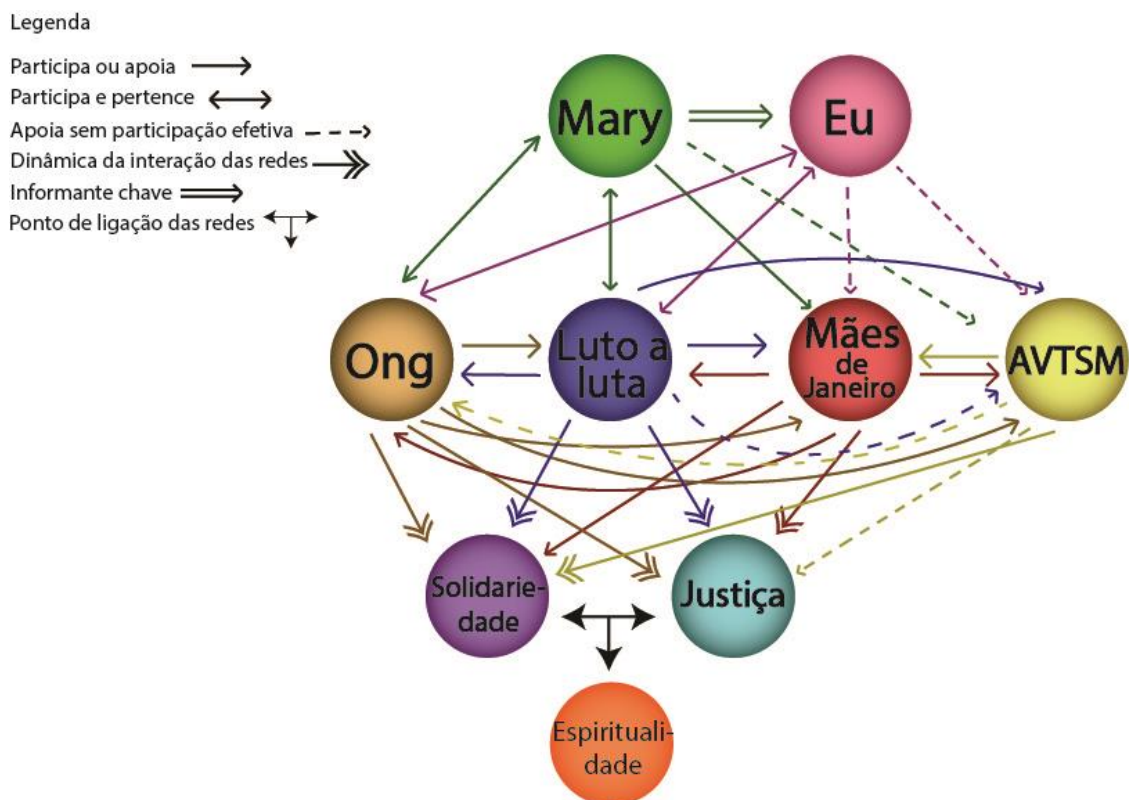


Figura 10 – Relações entre as Redes.
 Montagem: LARA, M.C.
 Organização: PEIXOTO, P.S.

Do movimento “Mães de Janeiro”, a idealizadora “Fumiga”- mãe da Thanise - também lidera o do *Luto à Luta*. Ela é acompanhada por mais quatro mães que são sócias da AVTSM e apoiam as atividades do *Luto à Luta* (mãe do Silvinho, mãe do Lucas, Mãe do Augusto S., mãe do Augusto N). Do *Movimento do Luto à Luta*, além da Mary, o Capitão e a Fumiga foram meus informantes e formam o que eu chamo de “sub rede de justiça”, que reúne as pessoas engajadas nos protestos, manifestações e ações visando à responsabilização dos culpados, pela ótica dos familiares. O movimento Mães de janeiro tem o apelo para o valor da maternidade. Nas palavras de um pai: “se para nós, pais, a dor é incalculável, imagina para uma mãe que gerou, carregou por nove meses na barriga?”. Desse movimento, todas as minhas informantes participam das atividades e é um movimento que atua também na sub rede de justiça.

Da AVTSM, cinco famílias colaboraram com minha pesquisa, sendo um casal (mãe e pai do Augusto S.), duas mães (mãe do Augusto N. e mãe do Lucas), um pai (pai da Jennefer) e uma irmã de vítima (irmã do Silvinho). Essa entidade tem sua ação voltada para os trabalhos de assistência social dos familiares da Kiss, que vivem em situação de vulnerabilidade, por isso faz parte da rede de solidariedade, participando também das ações da sub rede de justiça.

A espiritualidade é o resultado da interação das sub redes de justiça e solidariedade. Ao conviverem sistematicamente nas ações promovidas pelos movimentos, os familiares compartilham experiências, lembranças e acabam influenciando uns aos outros nas interpretações do sobrenatural. Há relatos de familiares que sonham com os filhos uns dos outros. A partir do convívio, manifestaram-se trocas de conhecimentos espirituais, mesclando diversas religiões e crenças místicas sobre comunicações pós vida, sinais de partida e sentimentos de presença dos filhos.

A rede de apoio é o panorama geral das relações entre os familiares. Já, as sub redes de justiça e de solidariedade formam o contexto em que as interpretações espirituais, os sentimentos e as emoções se manifestam, dando vida ao ela que a espiritualidade representa, sendo o recorte deste trabalho.

O trabalho etnográfico traz ainda outras técnicas de pesquisa: a observação participante, com registro em diário de campo e entrevistas abertas semiestruturadas. Com relação às entrevistas, elas foram realizadas com 15 pessoas, sendo 1 voluntário que atuou no dia 27 de janeiro, 9 mães, 3 pais, 1 prima e 1 irmã de vítima, totalizando 12 vítimas e 11 famílias (havia 2 vítimas em uma família). No grupo de informantes havia dois casais. Com um dos casais a entrevista foi realizada individualmente e com o outro casal a entrevista foi realizada com o marido e a esposa juntos. As entrevistas variavam de tempo entre meia hora e três horas, dependendo da necessidade de falar e das condições emocionais dos familiares no momento da entrevista.

O grupo de informantes é heterogêneo em termos de idade, escolaridade, religiosidade e profissão. As idades variam entre 24 anos e 65 anos. Em termos de escolaridade havia 1 informante com ensino fundamental, 6 com ensino médio, 3 com superior incompleto, 3 com superior completo e 2 com pós graduação/

especialização. Em termos de religião, a maioria se declarou católica, frequentando Centros Espíritas e Umbandistas; “oficialmente” 2 se declararam ateus, 6 católicos, 1 evangélica, 5 espíritas e 1 umbandista. Já em relação à profissão, 1 informante é auxiliar de nutrição, 2 são estudantes, 3 donas de casa, 1 empresário, 1 administradora de empresa comercial, 1 manicure, 1 confeitadeira, 1 funcionária pública federal aposentada (Polícia civil), 1 militar da reserva, 1 funcionária pública (Prefeitura de Santa Maria), 1 professora municipal e 1 prestador de serviços na construção civil.

A observação participante ocorreu em diferentes momentos de reunião dos informantes: sessões na Câmara de Vereadores, reuniões, assembleias, protestos, vigília, acompanhamento em centros espíritas, almoços, jantares, pelo período de oito meses⁵⁵. Vale lembrar que foi a partir desse convívio direto com os familiares que tive acesso aos desfechos relativos aos processos judiciais em andamento e das questões políticas do caso. Embora minha atuação militante tenha me direcionado mais para os aspectos políticos e sociais da tragédia, o recorte que escolhi abordar trata-se de compreender o lugar da espiritualidade na rede de apoio e de que forma as construções simbólicas dos familiares sobre a morte e o pós vida mantém viva a rede de apoio.

2.3 Questões éticas

Conforme descrevi anteriormente, o trabalho de campo tornou-se para mim um grande desafio nas questões éticas. Alguns fatores devem ser levados em conta: por se tratar de um tema muito recente e que teve repercussões internacionais, os familiares foram alvos de uma invasão da privacidade, no sentido que diversos veículos de comunicação acompanharam os familiares em todas as manifestações públicas promovidas. Documentários, reportagens e entrevistas passaram a ser rotina entre os familiares.

⁵⁵Acompanhei os familiares por 1 ano, desde o dia 27 de janeiro de 2013, contudo, estabeleci como marco de início do trabalho de campo o mês de maio, como mencionado antes. Ainda permaneço inserida das redes, mas esta dissertação tem como base empírica o trabalho de campo realizado de maio de 2013 a 27 de janeiro de 2014.

Isso fez com que muito do que me foi relatado e do que observei tivesse sido divulgado por outras fontes também. Muitos dos meus informantes tornaram-se pessoas públicas e seus discursos utilizados para os mais diversos fins.

O fato da minha relação com a tragédia partir da perda de alguém próximo serviu para legitimar minha presença entre os familiares, que com o tempo de convívio tiveram a oportunidade de conhecer um pouco do meu trabalho e do meu caráter. Isso me deu, em princípio, certa segurança em relação aos meus informantes, porém, isso me causou dúvidas a respeito da compreensão dos informantes sobre a pesquisa.

O pesquisador Zenobi (2010), ao estudar o caso de Cromagnón, passou por situações parecidas, e questionamentos sobre sua presença entre os familiares, chegando a ser acusado em alguns momentos de ser “espião” e fazer tráfico de informações com os órgãos estatais. Ter proximidade parental com familiares das vítimas foi o diferencial no meu caso, sendo essa relação parental que facilitou o estabelecimento de vínculos com os demais familiares, vínculos necessários ao trabalho de campo, como coloca Zenobi:

[...] A necessidade de tecer laços com os sujeitos envolvidos nas relações sociais que se pretende estudar e o fato de frequentar seus espaços de sociabilidade conduzem ao estabelecimento de vínculos mais ou menos orgânicos com eles. (2010, p.487)

A partir do estabelecimento desses vínculos e de uma relação de confiança que me colocou como integrante da rede de apoio, eu senti entre os familiares uma necessidade de falar e deixar de alguma forma registrada a sua fala sobre a tragédia e seus desdobramentos. Nas entrevistas, apenas dois familiares solicitaram que seus nomes não aparecessem diretamente no texto, mas não se opuseram a serem relatados os nomes dos filhos.

Assim, sob preservação da identidade, foi comum entre eles as respostas: “não tenho nada a esconder”, “eu assumo o que eu digo”, entre outras expressões. Isso acirrou ainda mais minhas dúvidas acerca do entendimento sobre uma pesquisa acadêmica, pois eles estavam acostumados com entrevistas em jornais, nos quais eram identificados pelas suas opiniões. Com isso, eu temia em relação às expectativas dos informantes sobre meu trabalho e se isso iria interferir na minha presença na rede após a divulgação do trabalho.

Diante desses fatores delicados da pesquisa estabeleci alguns critérios éticos em relação ao tema, que são resultados das negociações em campo. No texto serão apresentadas apenas três pessoas com seus nomes/ apelidos, que têm relação direta comigo: a Mary, minha informante chave, a irmã dela, esposa do meu primo Juca e a Fani, mãe da Flavia, que foi a pessoa que estabeleceu minha relação com a tragédia. Os demais nomes não serão citados diretamente, sendo apontados como “pai da Andrielle”, “mãe da Flavinha”, “irmã do Silvinho”.

A escolha por citar o nome das vítimas da Kiss deve-se ao fato de que durante todo o tempo que convivi com os familiares, a principal luta deles era pela preservação da memória de seus filhos, para que eles fossem lembrados. Sendo assim, meu trabalho é uma das formas de deixar registrado seus nomes e suas influências na vida de seus familiares, é uma maneira de seus filhos serem lembrados para além do círculo de familiares. É um compromisso ético que constituí com os familiares e que faz parte de uma série de trocas que estabeleci ao longo do trabalho de campo, como parte das negociações para a minha inserção e permanência nas redes. Esse conjunto de trocas será descrito ao longo dos capítulos seguintes.

Esclareci aos informantes que mesmo que eu usasse o recurso da preservação de identidade, devido a dinâmica da rede, os discursos poderiam ser facilmente identificados pelos demais familiares na oportunidade de leitura do trabalho. Sobre isso, os informantes disseram não se importarem e concordaram igualmente com a publicação, tendo a autorização gravada nas entrevistas.

As imagens utilizadas na dissertação foram retiradas de jornais e sites de ampla divulgação. Também foram cedidas pelo fotógrafo Dartanhan Baldez Figueiredo, que acompanhou os familiares e tem suas fotografias amplamente divulgadas e compartilhadas nas redes sociais dos movimentos de familiares e nos perfis pessoais dos informantes da pesquisa e ainda, algumas fotografias cedidas do arquivo pessoal da Mary. Vale frisar que mesmo que as imagens tenham sido utilizadas de arquivos pessoais, os momentos escolhidos foram amplamente divulgados pela mídia.

A contrapartida da pesquisa, acordada com os informantes, foi de escrever um livro sobre as histórias contadas sobre os filhos, como forma de registro do tempo

que viveram. A partir do que me foi dito nas entrevistas, o livro vai contemplar aspectos da personalidade de cada vítima, sua relação com a família e características marcantes antes e depois da tragédia para os familiares.

3 ENTRELAÇOS DO LUTO: DESCRIÇÃO E INTERAÇÃO DA REDE DE APOIO

Era noite do dia 29 de maio de 2013. Perto das 20h, recebi um telefonema: era o Capitão. Do outro lado, com voz baixa ele me perguntou se eu podia reunir o pessoal (do *Luto a luta*) e esperar o ônibus que estava trazendo os familiares de Porto Alegre para Santa Maria. Indaguei o que havia acontecido e ele respondeu: “soltaram os caras”. Perguntei o que iríamos fazer e ele disse que não sabia, mas que algo seria feito, pois os familiares precisavam de apoio.

O ônibus que viajou até Porto Alegre foi organizado pela AVTSM para levar os familiares para assistir à audiência dos sócios da boate e dos músicos, que determinou a liberação dos réus, os quais permaneceram presos durante quatro meses. A justificativa da 1ª Câmara Criminal para a soltura foi a de que na cidade não havia mais comoção social e que os réus não corriam risco de represálias ou qualquer violência ao acompanhar o processo em liberdade. Ouvir que os responsáveis diretos pelo incêndio que matou seus filhos estavam em liberdade fez com que os familiares revivessem o dia 27 de janeiro de 2013. A frase: “Mataram nossos filhos de novo”, foi constantemente repetida entre os familiares.

Perto das 23h encontrei com a Juca na Praça Saldanha Marinho e nos dirigimos para a frente da Catedral de Santa Maria, local em que o ônibus iria estacionar. Ao chegar lá, já havia certo número de familiares, com suas camisetas e banners, esperando para confirmar se era verdade o que haviam lido nas redes sociais sobre a liberação dos réus. Uma ambulância da Cruz Vermelha também estava à espera, pois já tinham comunicado às psicólogas que algumas mães haviam passado mal na viagem.

Quando o ônibus estacionou, esperamos alguns minutos para ver o primeiro familiar desembarcar. Alguns pais tentavam carregar uma mãe: a “Fumiga”, que havia sofrido uma crise nervosa. Depois do encerramento da audiência, ela chegou a agredir o advogado dos réus porque esse teria passado pelos familiares “rindo da cara deles”. Num ato de impulso, a “Fumiga” acertou um tapa no rosto do advogado e foi contida por outros pais. O “Capitão”, ao relatar a situação posteriormente, disse:

“melhor ter sido a ‘Fumiga’, pois se não fosse ela, teria sido eu e aí a coisa ia ficar feia”.

“Fumiga” desceu do ônibus carregada por dois pais e foi encaminhada direto para a ambulância. Teve que passar a noite no hospital para acompanhamento e medicação. Depois dela, um a um foram descendo do ônibus, chorando em desespero, sendo acolhidos por seus familiares. Abraços coletivos foram os principais gestos que observei naquela situação. Cerca de 50 pais estavam naquela noite de quarta-feira, incrédulos com o que estavam vivenciando.

Após muitos abraços e choro, os familiares se dirigiram para a Praça, para decidir o que seria feito em protesto à decisão judicial. Durante o percurso, iniciaram os gritos de “justiça”, com as fotos dos filhos nos braços. Ao chegar à praça, vaias à “justiça”, referindo-se agora ao sistema judicial que tomara a decisão de soltar os réus do processo. Um pai mais alterado gritou: “vamos fechar a sinaleira⁵⁶ e trancar o trânsito”. Imediatamente o grupo de pais o seguiu a caminho da sinaleira. Nesse momento que eu estava com a Mary e a Juca, vi que uma das lideranças da AVTSM se aproximou do “pai da Jennefer” e disse que não era hora de tumulto, que tinham que se reunir e pensar sobre o que fazer. Mary, com uma expressão de revolta, interrompeu esse senhor e disse: “que não é hora? Quando vai ser hora então? Mataram 242 pessoas, os assassinos foram soltos e o que mais tu quer esperar? Acorda!. Não esperou resposta e saiu gritando: “acorda Santa Maria”, pois para ela e todos os familiares ali, a cidade devia acordar e ver o que a “justiça” havia feito.

Com expressão de preocupação, as lideranças da AVTSM tentavam persuadir o “pai da Jennefer” para que controlasse os demais. Com os olhos cheios de lágrimas, ele acenou com a mão e disse: “foda-se, vamos gritar”! E saiu acompanhando o protesto improvisado pelos familiares.

Os pais, revoltados, manifestando profunda dor, fecharam as esquinas da sinaleira da Rua Rio Branco com a Rua Venâncio Aires, com os cartazes escritos Justiça, outro com o nome do *Movimento Luto à Luta* e o grande cartaz que trazia as fotos das 242 vítimas. Por quase 15 minutos o trânsito ficou interrompido. Aos gritos, os familiares pediam “Justiça”, perguntavam “e se fosse um filho teu?” aos que passavam na rua e aos motoristas que reclamavam do trânsito. A Brigada Militar foi

⁵⁶Semáforo.

comunicada, mas quando chegou ao local, ficou observando, não interferiu no protesto e escoltou os familiares em suas ações.

Depois desses 15 minutos na sinaleira, os familiares voltaram para a praça com o objetivo de pensar novos protestos. Ao chegar à frente da Vigília, o “pai da Jennefer” gritou: “vamos descer a Rua do Acampamento”! e saiu caminhando em direção à rua, com as mãos cruzadas como se fizesse uma prece, gritava por “justiça” e atrás dele uma psicóloga da Cruz Vermelha tentava acalmá-lo, ele olhou para ela chorando e disse: “me deixa gritar! Eu estou há 4 meses com esse grito preso na garganta”.

Enquanto os familiares iam tomando a Rua do Acampamento, Juca gritou: “e o *luto à luta* vai fazer o quê? O ‘pai da Jennefer’ quer descer a Acampamento, vamos ir junto?”. Mary respondeu: “nós vamos com ele aonde ele for!”. Assim, descemos a rua do Acampamento até a esquina da Presidente Vargas, onde dobramos e seguimos a caminhada até um pouco abaixo do Hospital de Caridade. No percurso, gritos de desespero pediam por “Justiça” e que a cidade acordasse para o que estava acontecendo. Nos alto dos prédios, moradores saíam às janelas para ver o que estava acontecendo. Muitos faziam sinais de apoio, outros que estavam passando pela rua, desviavam o olhar.

Após esse manifesto, os familiares combinaram de fazer outra caminhada no dia seguinte. Cerca de quatro protestos foram realizados no decorrer de uma semana. Assim, na caminhada do dia seguinte, os pais percorreram o trajeto com fitas adesivas cobrindo os lábios, com um recado de que “querem nos calar, mas calados não ficaremos”, como mostra a Figura 11, tirada pelo fotógrafo Dartanhan Baldez Figueiredo, que acompanhou os familiares em todas as suas manifestações. A outra fotografia (figura 12) mostra outra caminhada promovida pelos familiares, que foi até a frente da Igreja Nossa Senhora das Dores. Todas as manifestações tinham como ponto de partida a Praça Saldanha Marinho. Contornavam o Calçadão da cidade e desciam pela Rua do Acampamento, chamando a atenção da população para sua causa.



Figura 11 - Protesto dos familiares contra a soltura dos réus.
Créditos: FIGUEIREDO, D.B.
Organizadora: PEIXOTO, P.S.



Figura 12 - Familiares em frente à Igreja Nossa Senhora das Dores
Créditos: FIGUEIREDO, D.B.
Organizadora: PEIXOTO, P.S

A soltura dos réus imprimiu uma nova configuração nas organizações dos familiares. Até esse momento, existia uma forte concorrência entre os diferentes movimentos que expressavam, sobretudo, disputas de legitimidade na composição e pertencimento aos movimentos e especialmente em termos do que passei a chamar de uma “hierarquia da dor”⁵⁷. Com relação à legitimidade, era possível observar que cada movimento queria se afirmar como representante dos familiares. A AVTSM, por ser uma Associação Jurídica, era e continua sendo considerada a representação “oficial” dos familiares, tanto entre parentes, sobreviventes, quanto pela mídia local.

O movimento *Santa Maria do Luto à Luta*, se intitula como movimento social e se entende vulnerável às críticas sociais como historicamente são tratados outros movimentos sociais conhecidos, como o Movimento Estudantil, o Movimento indígena, entre outros. Contudo, o *Luto à Luta* entende que o seu posicionamento corresponde mais às expectativas dos familiares no que tange às discussões sobre justiça e o acompanhamento dos processos judiciais.

Já as questões envolvendo as hierarquias da dor se referem principalmente à valoração do sofrimento dos parentes, sendo colocadas hierarquicamente com “direito” a ter sua dor reconhecida socialmente às mães, em seguida os pais e, posteriormente, aos irmãos. Demais familiares e amigos são colocados como de importância menor na “pirâmide social da dor”⁵⁸. Isso atinge diretamente a Mary e sua aceitação enquanto prima de vítima, que atua sistematicamente por justiça em um espaço que deveria estar sendo ocupado por pais e mães.

Sobre essas disputas de legitimidade e hierarquias da dor, abordarei como elas se apresentaram nesse contexto e seus desdobramentos com o passar dos meses após a tragédia. O objetivo é evidenciar que existem posicionamentos ideológicos distintos desde a constituição das organizações de familiares, porém, que a soltura dos réus foi o marco que minimizou essas diferenças, possibilitando

⁵⁷Estou chamando de “hierarquia da dor” as disputas em termos de quem poderia ou não representar ou liderar algum movimento ou mesmo fazer parte de determinado movimento. Esse tema surgiu pela primeira vez quando a Mary, prima da Flavinha, tentou fazer parte da diretoria de um dos movimentos e lhe questionaram sobre o seu vínculo de parentesco: Ela era mãe? Irmã? Tia? A revelação de que era prima gerou certo desconforto e até incompreensão das motivações dela enquanto prima, quando comparada aos irmãos de vítimas, por exemplo.

⁵⁸Termo usado por mim para classificar a posição de cada familiar a partir da “hierarquia da dor”, dessa forma, o topo da pirâmide seria ocupada pela mãe, seguida do pai, irmão, demais parentes, amigos, etc, nesse sentido.

paulatinamente a formação da rede de apoio. Ainda é importante frisar que Santa Maria não é um caso isolado em relação a diferentes posicionamentos de familiares frente a um acontecimento com mortes coletivas .

Zenobi, em seus estudos sobre a tragédia de Cromagnón, identificou a formação de pelo menos cinco organizações distintas de familiares, no período de um ano em que acompanhou os familiares. Segundo ele, esses grupos se reuniram por afinidades, posturas ideológicas ou classes sociais, mas todos se identificam como uma comunidade que compartilha dor e sofrimento, formando a grande “*família cromagñón*” (2007, p.03).

Sua pesquisa também indica que os grupos de familiares que se uniram coletivamente em movimentos não correspondem ao total do número de vítimas. Segundo o autor, cerca de 100 familiares participam ativamente das ações e das caminhadas promovidas todo dia 30 em Buenos Aires. O mesmo foi registrado por mim em relação à participação dos familiares das vítimas da boate Kiss na associação e nos movimentos criados pós tragédia. Como relatei anteriormente, muitos familiares de vítimas preferiram não participar das ações promovidas pelos movimentos organizados de familiares de Santa Maria.

3.1 A “dor maior do mundo” e o direito de sofrer

Para discutir o que designei como disputas de legitimidade e hierarquia da dor, apresento a formação das organizações de familiares, a partir do percurso feito pela Mary, nos meses iniciais pós tragédia e do acompanhamento de sua participação nos movimentos. Sobre a questão da formação das organizações de familiares, alguns aspectos devem ser levados em consideração para as “concorrências” e “disputas” entre os familiares: 1) o grupo de familiares que hoje compõem a AVTSM e o *Luto à Luta*, em sua maioria não se conheciam, por isso, o momento inicial foi marcado pela articulação entre os familiares para estabelecer uma proximidade. 2) Por não ter conhecimento prévio de como administrar uma associação e sobre o seu funcionamento, os familiares estabeleceram vínculos com pessoas de sua confiança como, por exemplo, os advogados que contribuíram de forma voluntária na elaboração do estatuto da AVTSM, os sócios de um escritório

que já havia prestado outros trabalhos para alguns dos pais envolvidos. Também os familiares que lideraram essa iniciativa foram orientados por um professor da Universidade Federal de Santa Maria, que se propôs a desenvolver um projeto de extensão para garantir um local para o funcionamento inicial da associação.

Nesse sentido, os pais que estabeleceram primeiramente a ideia da associação eram próximos, devido à amizade das filhas que faleceram juntas na boate. O mesmo aconteceu com o *Luto à Luta*, quando amigos e parentes próximos das vítimas passaram a se reunir para criar estratégias coletivas para dar suporte à dor dos familiares. A ONG também surgiu assim, aproximando famílias que não tinham relações de amizade. Nesse caso, a relação da Mary e de suas amigas com as cinco meninas que são homenageadas pela ONG foi o elo entre essas mães. Logo, a rede de amizades entre as vítimas fatais foi fator de formação de redes dos familiares pós tragédia.

Sobre a formação da AVTSM, chamo atenção para a primeira reunião, a qual participei, que ocorreu no dia 16 de fevereiro de 2013, nas dependências da Universidade Federal de Santa Maria, prédio da Antiga Reitoria, no centro da cidade. Nessa oportunidade, aproximadamente trinta pessoas, entre pais, mães, irmãos e primos participaram. A pauta foi a leitura do projeto de estatuto e a sugestão de nomes para compor a primeira diretoria da Associação. A composição do grupo era visivelmente muito heterogênea. Havia grande diversidade em termos de grupo social, escolaridade, religiosidade e também, já se apresentavam algumas divergências quanto ao modo de proceder, na busca por justiça e até mesmo sobre quais deveriam ser as primeiras ações da Associação.

Ao observar a chegada dos familiares, pude identificá-los através do uso de camisetas, banners ou fotografias fixadas às roupas. Haviam se passado apenas duas semanas após a tragédia e os sentimentos eram intensos e variados. Os pais demonstravam revolta, as mães, tristeza. Através do olhar, elas se identificavam como mães que perderam seus filhos, e isso resultava instantaneamente em um abraço e em lágrimas. Elas não se conheciam, mas se entendiam. Em um desses momentos de emoção, ouvi uma mãe dizer ao abraçar a Fani: “a dor sempre vai continuar, mas temos que nos unir e lutar”.

Contudo, as condições dessa união começaram a ser um empecilho durante a leitura do projeto de estatuto. Alguns queriam saber do processo, como proceder, indagando aos defensores públicos que acompanhavam a reunião sobre como abrir um processo, se tinha que ser apenas pela associação ou se poderia ser individual e quais os benefícios em termos jurídicos de participar da associação. Outros estavam mais atentos à leitura, ao que dizia o estatuto e a respeito de quem faria parte dessa associação.

Orientados pelos advogados voluntários, os pais que presidiam a reunião alertavam para que não fosse jamais usada a palavra vingança nos discursos públicos, que a associação e os pais estariam lutando por justiça e não por vingança. Mas o tema da justiça era protelado a todo o momento, por ser um tema delicado e principalmente pela falta de condições psicológicas dos familiares em discutir essa questão. Até que chegou o ponto chave da discussão: pela proposta de estatuto, cada família de vítima fatal teria direito a um voto por vítima e este só poderia ser representado pelo pai ou pela mãe. Em outras palavras, somente aos pais seria permitido o direito ao voto nas deliberações da associação e a participação como membros da diretoria. Com isso, os sobreviventes “eram bem vindos”, mas não teriam direito a voto.

Esse foi um impasse da discussão, primeiro porque os sócios da boate e funcionários também eram sobreviventes e os familiares temiam que esses sobreviventes “levassem informações privilegiadas”⁵⁹ aos antigos chefes. Outro ponto era justamente que o número de sobreviventes era maior que o de vítimas fatais e, caso tivessem direito a voto nas decisões da associação, os sobreviventes⁶⁰ decidiriam o destino da entidade.

⁵⁹Sobre essa questão do receio do vazamento de informações, já foi comentado o caso do pesquisador Zenobi (2010), que relatou sua experiência com os familiares das vítimas da tragédia de Cromagnón, onde colocou as acusações que sofreu como “espião”, ou “infiltrado” para levar informações aos órgãos governamentais, até que ele estabeleceu, de fato, sua inserção ao grupo como pesquisador. O mesmo tipo de situação aconteceu em Santa Maria, quando ocorreram casos de pessoas que se passaram por sobreviventes, inclusive convivendo por no mínimo seis meses com os familiares. Esse exemplo, além do fato de muitos sobreviventes serem ex-funcionários da boate, levou em um primeiro momento a um estágio de desconfiança dos familiares.

⁶⁰Após os seis primeiros meses da Associação, ao ser convocada Assembleia geral eletiva, houve a mudança do estatuto, permitindo direito de voto aos sobreviventes e a livre associação para demais familiares e simpatizantes. Atualmente, um importante grupo de sobreviventes integra a Associação e promove atividades relativas ao apoio psicossocial e administrativas da AVTSM. Os sobreviventes também conquistaram direito a voto, porém com peso menor do que os familiares de vítimas fatais.

Embora não dito de modo explícito, os pais viam a necessidade da presença dos sobreviventes, pois temiam que esses, em grupo maior, criassem outra associação que concorresse com a que ali se formava. Também se mostrou certo receio da presença jovem, uma vez que a “dor sentida pelos pais não se comparava com a dos irmãos e demais familiares”, o que evidencia a disputa de hierarquia da dor. Surgiam, assim, alguns questionamentos no decorrer da pesquisa: quem sente mais? A quem é dado o direito de sentir a perda? Considerando a existência de uma hierarquia da dor, quais são os desdobramentos nas relações entre quem pode falar e quem deve ser ouvido? Quem deve ter direitos legais de representação e participação?

Mary não aceitava o posicionamento de que apenas pais e mães poderiam votar e participar da diretoria da associação e ainda afirmava que “se os irmãos não queriam participar era decisão deles! Eu vou lutar até o fim pela prima e pela minha tia e eu quero sim fazer parte dessa diretoria”⁶¹. Várias opções foram sugeridas, como a de que ela poderia fazer parte de uma diretoria coordenada por um pai, mas que ela, mesmo com a procuração de sua tia, não poderia compor os cargos principais da diretoria.

Ela insistia que queria lutar e uma entidade como essa seria a oportunidade legítima para essa luta. Outro coordenador da reunião, a questionou: “mas porque você quer tanto isso? Esse cargo não é remunerado”. Visivelmente ofendida com essa colocação, Mary apenas perguntou: “e o senhor? pai de quem o senhor é?”. E ele respondeu não ser pai de ninguém, apenas um colaborador da associação. Em resposta, Mary disse que por isso ele não entendia, que ela não queria dinheiro nenhum, pois nada traria sua prima de volta.

Há dois elementos visíveis na formação inicial dessa primeira organização de familiares: Primeiro, as diferentes expectativas em relação à atuação dessa

⁶¹Importante ressaltar que o embate travado pela Mary para participar da Associação se deu por que ela acreditava que uma instituição jurídica que reunia grande número de pais teria maior legitimidade no enfrentamento político da busca por Justiça. Ela entendia que a Associação iria dar respaldo para os protestos e demais ações dos familiares. A partir do impedimento de participar da associação, ela buscou outras formas de reivindicar, contudo, Mary não planejou deliberadamente criar o *Movimento Luto à Luta*, como apresentarei mais adiante. Por outro lado, na sua concepção, a ONG seria importante para criar um espaço para as mães das meninas se conhecerem e estabelecerem um apoio mútuo. O trabalho com crianças carentes, continuando a iniciativa das meninas, seria uma forma de dar sentido à vida sem a presença física das cinco meninas.

associação. Mary via nesta entidade uma forma concreta e legítima de ser ouvida como familiar. Outros, um espaço de união e conforto. Ainda, havia aqueles que entendiam a associação pelo lado representativo no processo judicial, contra os réus e também em casos de pedidos de indenizações. Segundo: a visibilidade daquilo que caracterizei como o que se constituía socialmente, naquele universo, como uma espécie de “hierarquias da dor”, onde se estabelecia uma legitimidade maior aos progenitores, decrescendo na escala da consanguinidade de forma diretamente proporcional ao grau de parentesco. Quanto mais distante o parentesco menos direito a voz e menos direito a ser ouvido naquele espaço.

Quando discutimos sobre a questão da expressão dos sentimentos, Mauss (1979) mostrou como são socialmente esperados determinados comportamentos em situações de luto e perda, citando as mulheres viúvas. No caso de Santa Maria, o comportamento aceitável é o dos pais. Mais ainda, a mãe tem maior legitimidade de sentir e expressar sua perda, como também já relatei no texto. Por que era tão difícil compreender e se sensibilizar com a dor de uma prima?

Acredito que a repressão de sentimentos sofrida pela Mary está relacionada primeiramente com a concepção de família e consanguinidade, na qual, a Mary, por ser prima, é vista como “menos parente” do que um irmão, pai ou mãe. Segundo, está ligado com a perspectiva que Koury (2003) chamou de “nova sensibilidade” e “economia moral dos sentimentos”. Nessa lógica, de transpor situações de luto e sofrimento cada vez mais para o âmbito privado, o enlutado passa por um processo de isolamento, a fim de salvaguardar-se, mantendo dessa forma um comportamento de discrição, pois para a “nova sensibilidade”, quanto menos lembrar publicamente que alguém faleceu e deixou sofrimento e saudades em outro alguém parece ser melhor para o social (KOURY, 2003, p.34).

A tragédia de Santa Maria, com 242 mortes de jovens acabou por romper momentaneamente com essa “nova sensibilidade”, gerando uma comoção social. Nesse caso, a expressão do luto e os excessos emocionais são aceitos socialmente, mas para os pais. Ainda se tem uma ideia muito fechada de família nuclear, aonde o enfoque é na figura materna.

É difícil se identificar ou se questionar sobre os efeitos da tragédia na vida das pessoas em geral. Para o professor que perdeu metade da turma, para o estudante

que perdeu o colega de quarto, para o irmão que chora escondido para não trazer mais sofrimento aos pais, para os avós que perderam os netos, aos tios e primos como a Mary, que não conseguem lidar com a “ausência” da perda. Dessas pessoas, se espera socialmente a discrição na expressão dos sentimentos.

Mary, durante a entrevista, tentava me explicar a relação dela com a prima. Tentou falar sobre como elas cresceram juntas, a rotina diária, a troca de confidências, mas para concluir ela me disse: “na verdade, era a Flavinha que trazia cor para minha vida, trazia o novo”. Quando perguntei o que significava, ela disse que era a prima que dizia as novidades da televisão, as músicas que estavam tocando na rádio, as cores da moda, coisas simples do cotidiano que após a morte da prima, Mary teve que buscar sozinha. Teve que aprender a encontrar as informações que antes eram trazidas pela sua relação com a prima. A Flavinha era na verdade o ponto modal de uma rede de significados necessários ao processo integrativo (KOURY, 2003, p.100) da Mary consigo mesma e com a sociedade. A perda da prima causou a ela um vazio de significados, pelos quais ela não estava preparada para buscar sozinha.

Voltando ao momento da formação da AVTSM, após alguns momentos tensos dessa discussão, durante a primeira reunião, os pais que a presidiam passaram a indicar nomes para compor a primeira diretoria. Alguns nomes de pais e mães que não estavam presentes foram indicados por familiares que os conheciam, outros que estavam presentes não foram convidados. No decorrer das indicações, os coordenadores da reunião perguntavam a formação escolar dos pais presentes, tentando estabelecer uma diretoria composta por pessoas que tinham conhecimentos jurídicos, administrativos e contábeis. Assim, a reunião se encaminhou para o fim, com muito descontentamento por parte da família da Mary e de outros pais.

Uma semana após essa reunião que participei, os pais foram convocados para participar da Assembleia Geral de Fundação da Associação. O grande encontro, que reuniu mais de 700 pessoas, ocorreu no dia 23 de fevereiro de 2013, para aprovação do estatuto e eleição da primeira diretoria. Na entrada do auditório do Colégio Marista, os familiares recebiam um formulário, para ser preenchido com

os dados da vítima que representavam e a indicação dos documentos necessários para oficializar sua associação à entidade.

Como na reunião anterior, a questão dos sobreviventes e do direito ao voto tomou grande parte da discussão. Muitos sobreviventes se manifestaram contra a proposta e demonstraram interesse de criar sua própria associação. Mas, no momento da votação final, prevaleceu o projeto inicial do estatuto, com poucas alterações. Muitas perguntas foram lançadas pelos familiares que sentaram próximos a mim sobre como seria o processo, se teria um grupo de advogados que iria representar a associação, quais as primeiras medidas na luta por justiça, entre outros comentários que ouvi ao meu redor. Nenhuma foi lida ou respondida. A preocupação era apenas a aprovação do estatuto e a eleição da primeira diretoria. Assim, muitos saíram sem as respostas que foram buscar e insatisfeitos com a postura da associação. Outros viram na associação a oportunidade de unir os familiares para que juntos pudessem encontrar apoio e explicações.

O início do trabalho da AVTSM foi por pelo menos seis meses criticado por um grupo de familiares que eu convivia. A Associação focou seu trabalho na assistência social dos familiares carentes, pois muitas vítimas deixaram filhos, esposas e mães em situação de vulnerabilidade por serem eles os responsáveis pelo sustento da família. A associação desenvolve, atualmente, atendimento social a aproximadamente 40 famílias de vítimas.

Outra forma de atuação inicial foi buscar uma forma de atendimento diferenciado e prioritário aos familiares das vítimas e aos sobreviventes, tanto de apoio psicológico, quanto tratamentos, medicamentos necessários aos familiares e sobreviventes. Contudo, a AVTSM não se posicionava em relação ao processo judicial, as possíveis responsabilidades de agentes políticos e era esse o principal argumento das críticas: “eles ficam fazendo o trabalho da Prefeitura⁶² em vez de estar na rua lutando por justiça”, foi um discurso recorrente durante a observação participante.

⁶²Aqui, os familiares que criticavam essa forma inicial de atuação da AVTSM entendiam que era obrigação da Prefeitura Municipal prestar o apoio psicossocial aos familiares e não uma postura dos pais estarem pedindo o que tinham por direito. Ao passo que a AVTSM não promovia nenhum protesto reivindicando Justiça.

A atuação da Associação passou a ser vista por alguns familiares como “passiva”. Houve especulações sobre uma possível manipulação das lideranças por pessoas que teriam o interesse que o processo judicial não comprometesse a Prefeitura Municipal e alguns políticos do município. Ainda, foi descoberto por pais associados que alguns integrantes da primeira diretoria e do conselho administrativo da Associação seriam funcionários, via cargos de confiança, da Prefeitura de Santa Maria. Isso acirrou ainda mais o descontentamento e a desconfiança com a postura da Associação. Mesmo com essas questões, Mary nunca deixou de procurar a Associação e tentar fazer ações conjuntas, uma vez que ela mesma julgava que a Associação de pais tinha mais força e legitimidade e que não havia motivos para eles agirem separados se estavam lutando pela mesma causa.

Paralelo a isso, Mary, com sua família e amigos, havia iniciado uma “cruzada” em busca de justiça. Para ela, não havia dúvidas sobre a responsabilidade da Prefeitura na tragédia, uma vez que a mídia já havia divulgado matérias sobre possíveis falsificações de alvarás para o funcionamento da boate. Diante disso, sua ação se direcionou para pressionar a Câmara de Vereadores para a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito - CPI, para averiguar as falhas da administração pública, dando subsídios ao Ministério Público para um processo por improbidade administrativa.

Acompanhei a Mary em todas as sessões da Câmara de Vereadores⁶³, as quais ela dialogava com os vereadores da oposição pedindo um posicionamento e a instalação da CPI. Os pais, ainda muito abalados, não compareciam. Estávamos sempre em torno de 5 a 8 pessoas, amigos da Mary e de sua família.

Diante a aprovação da CPI, entendida pela Mary como um golpe Governista⁶⁴, Mary passou a acompanhar sistematicamente as sessões da Câmara e as oitivas da CPI. Foi nesse período que a “Fumiga” e o “Capitão” começaram a

⁶³As sessões na Câmara de Vereadores de Santa Maria ocorreram nas tardes de terças e quintas da semana. Fomos regularmente a essas sessões por pelo menos seis meses, entre fevereiro e julho.

⁶⁴Após algumas semanas de acompanhamento e negociação com os Vereadores da oposição, eles se posicionaram a favor da instalação de uma CPI. Com isso, a oposição precisava de sete assinaturas de vereadores para protocolar o pedido de instauração da CPI. Na tarde em que os sete vereadores da oposição concordaram em assinar, os 9 vereadores da situação, incluindo os do partido do Prefeito Municipal, assinaram um pedido de CPI e protocolaram na Câmara de Vereadores antes do pedido de CPI da oposição. Pelo regimento interno da Câmara, é válido o primeiro pedido protocolado sobre um mesmo tema. Assim, o partido do governo - por isso a Mary chamava de governista a CPI - foi responsável por decidir quem seria ouvido e os desdobramentos da CPI.

frequentar as sessões, levando seus banners e expondo-os no plenário da Câmara. Logo, tornaram-se as principais lideranças do *Movimento do Luto à Luta* e foram eles que deram a legitimidade que a Mary esperava, pois eram pais de vítimas fatais.

Foi durante as manifestações na Câmara que entrei na militância como uma das organizadoras do movimento. E foi justamente isso que me deu acesso aos diferentes momentos e discussões internas, observando a criação da rede de apoio, nas quais eu acabei me inserindo no processo de militância.

Assim, a partir da observação das duas organizações de familiares, identifiquei duas posturas bastante diferenciadas: a AVTSM voltava-se para o trabalho psicossocial e o *Luto à Luta* tinha como foco a Instalação de uma CPI. Os momentos de maior tensão entre os movimentos ocorreram após a divulgação dos resultados do inquérito policial⁶⁵ referente à tragédia e, conseqüentemente, a apresentação de uma listagem de pessoas com possíveis responsabilidades. O movimento procurou direcionar suas ações baseadas nas conclusões do inquérito policial, contudo, outro grupo de jovens criou, por meio de redes sociais, o evento “1º Ato Fora Schirmer”, perto de completar dois meses da tragédia. O *Movimento SM do Luto à Luta*, num primeiro momento, foi apoiador, pois o movimento defendia o afastamento das pessoas apontadas no inquérito, de suas responsabilidades públicas, até que o processo fosse julgado.

Porém, diversos movimentos como, por exemplo, o *Anonymus*, *Juntos*, *Levante da Juventude Gaúcha* e outros movimentos independentes, tomaram a frente nessa manifestação, utilizando inclusive como slogan o nome do *Movimento Santa Maria do Luto à Luta*. Isso gerou uma série de desconfortos e interpretações equivocadas acerca dos propósitos do *Luto à Luta*, sendo esse, associado a valores e interesses partidários. Como forma de resguardar o Movimento que legitimamente foi criado e é fomentado por familiares e amigos das vítimas, decidiu-se acrescentar ao nome do movimento o slogan “meu partido é um coração partido”, para

⁶⁵Na divulgação do primeiro Inquérito policial, apresentado 55 dias após a Tragédia, a polícia relacionou 28 pessoas envolvidas com o incêndio da boate e indiciou criminalmente 16. Entre as 28 pessoas, a polícia apontou como um dos responsáveis o Prefeito César Schirmer e mais alguns secretários municipais.

evidenciar que as ações visando justiça promovidas pelo Movimento eram apartidárias⁶⁶.

Após isso, o Movimento se organizou para a confecção de camisetas e banners para a identificação reconhecimento na cidade. Acompanhou sistematicamente as oitivas da CPI e ganhou apoio de mais familiares. Ao completar três meses da tragédia, o Movimento organizou uma caminhada até a Igreja da Basílica Medianeira, com a proposta de marcar a presença do movimento na cidade.

A caminhada do terceiro mês foi o momento de maior atrito entre os movimentos. Mary foi acusada de ser oportunista, de ter intenções políticas com a causa e de querer “acabar com a AVTSM”. Sobre isso, recordo dos acontecimentos do dia 26 de abril, quando a AVTSM promoveu uma Vigília que pernitoou na Praça, com o objetivo de prestar homenagens às vítimas exatamente no horário de suas mortes.

Muitos familiares compareceram a essa Vigília e foi o primeiro evento que o *Luto à Luta* participou, identificado por camisetas. Quando circulávamos entre os familiares, notávamos olhares de reprovação e até mesmo certa inquietação com nossa presença no local. Em certo momento, uma mãe chamou a Mary em um canto e perguntou: “porque você está fazendo isso? Por que você quer acabar com a Associação dos familiares?”. Mary, surpresa com a colocação da senhora, apenas disse que não tinha esse objetivo, que sempre quis participar da AVTSM, mas como não era possível, ela havia criado esse Movimento que buscava somente justiça e a responsabilização dos culpados, atitude que até o presente momento a AVTSM não havia demonstrado.

Esse episódio, a meu ver, marca as disputas de legitimidade da dor. Apresentar uma nova forma de organização de familiares causou desconfortos entre os familiares e Mary foi alvo de várias acusações, entre elas, de ter pretensões políticas em relação à tragédia. Foi nesse mês também que a AVTSM colocou na Vigília um Banner grande com a foto de todas as vítimas. Quando a Mary viu a foto da Flavinha e das meninas, não se conteve e começou a chorar.

⁶⁶Aqui, vale lembrar que o nome *Santa Maria do Luto à Luta* - meu partido é um coração partido - não foi registrado em cartório, por isso existe a possibilidade de outras manifestações paralelas utilizando esse título como slogan. Porém, todas as ações do Movimento dos familiares e amigos são previamente divulgadas nas redes sociais, com programação, para que seja feita claramente a distinção entre os eventos e ações em geral.

No final do dia 27 de abril, quando saímos em caminhada, após os discursos no carro de som, Mary caminhou com um cartaz feito por uma das amigas da Flavinha, como mostra a figura 13.

No percurso da caminhada, enquanto os pais faziam os discursos no carro de som, distribuímos aos presentes 241 fitas brancas e 241⁶⁷ fitas pretas para as pessoas que iriam acompanhar a caminhada. Instruímos que cada um deveria amarrar durante o percurso uma fita preta do lado direito, simbolizando o luto e à esquerda, o lado do coração, uma fita branca, que simbolizava a saudade e a Luta.



Figura 13 - Mary no caminhão de som antes da caminhada em homenagem às vítimas realizada no 3º mês Pós Tragédia
Fonte: arquivo pessoal da Mary.
Organizadora: PEIXOTO, P. S.

Durante a tarde, antes da caminhada, estávamos na casa da Fani cortando as fitas, e começamos a discutir as ações do movimento. Falamos sobre a dificuldade

⁶⁷Até o 3º mês, o número de vítimas ainda era 241. Foi no 4º mês que faleceu a última vítima que estava hospitalizada.

de conseguir legitimidade e a importância da presença do “Capitão” como pai. Olhei ao redor e estávamos entre cinco mulheres na sala, medindo e cortando as fitas. A Juca reclamava de como foi difícil arrumar os ofícios, os pedidos para a Cruz Vermelha, enfim, tudo o que era necessário para a caminhada e que foi providenciado por nós.

A questão da dificuldade de organização das atividades é algo que eu analisei como um processo de politização que o movimento possibilitou aos familiares. Antes da tragédia, elas eram mães, donas de casas, estudantes, eles eram pais que não tinham nenhum tipo de engajamento político ou social e que passaram a viver uma experiência única, inclusive de visibilidade social. O “Capitão” é alguém que evidencia muito esse processo de politização pelo qual passou ao iniciar a sua participação no movimento. Em nossos primeiros encontros, ele estava sempre sério, cabeça baixa, só observando, pouco falava. Conforme fomos convivendo e ele assumindo a liderança do Movimento, pude perceber como ele foi perdendo a timidez e aprendendo a se articular ao falar. Ele sempre me pedia que escrevesse um discurso pra ele, dizia-me o que queria falar e eu tentava organizar as ideias, mas sempre que ele lia, se perdia, não conseguia ler, mostrava-se muito confuso. Porém, quando falava espontaneamente, com o “coração”, do jeito simples dele, se fazia entender.

Nessa caminhada do terceiro mês, ele foi junto com o carro do som, que por momentos tocavam músicas que lembravam os jovens e em intervalos os pais se pronunciavam. Quando o Capitão pegou o microfone, de maneira muita calma disse:

[...] gente, se eu tenho alguma coisa pra falar é que se vocês têm um filho em casa, abrace ele e diga que o ama enquanto pode. Foi isso que eu aprendi com essa tragédia toda. Às vezes, a nossa educação não nos permite dizer, expressar o que sentimos, e hoje eu não posso mais dizer o que não disse pra minha filha, mas posso falar para aquela que ainda tenho. (discurso do Capitão, em abril de 2013,-registrado posteriormente em diário de campo).

Outra mãe, com a qual também convivo, pegou o microfone e falou:

[...] eu tenho um pedido a fazer aos pais e familiares que nos acompanham aqui, que vocês compareçam na Câmara de Vereadores nas oitavas da CPI, porque se hoje nós estamos aqui é por causa dessa corja de corruptos que assola nossa cidade e que permitiu a liberação de alvarás para aqueles criminosos matarem nossos filhos, por isso acompanhem, questionem, não fiquem quietos!! Temos que lutar pelos nosso filhos e tirar toda essa corja

corrupta do poder, porque eles também são os assassinos dos nossos filhos. (discurso “mãe da Vitória” em abril de 2013, registrado posteriormente em diário de campo).

Outros discursos foram ditos no caminho. Cerca de 750 pessoas acompanharam a caminhada e pode-se perceber que a população já não tinha tanta empatia pela causa, uma vez que 1500 participaram da manifestação 1 mês de silêncio. Conforme caminhávamos, as pessoas paravam e assistiam a caminhada como um evento. Os familiares faziam sinal, acenando, chamando a população para se juntar à caminhada, sem sucesso. Juca gritou: “vamos pessoal, vamos juntos nessa caminhada! Podia ser com vocês! Aconteceu com a gente, mas essa dor não é só nossa, é de toda Santa Maria”. Emocionada, ela desistiu de chamar mais pessoas e seguiu amarrando as fitas nas árvores durante o trajeto. A caminhada encerrou-se com uma missa na Basílica Medianeira.

Os primeiros meses pós tragédia, além de serem marcados pela formação das organizações dos familiares, foram também determinantes para a experiência do luto, tanto dos familiares quanto da cidade de Santa Maria. Para os familiares, o fato de viver um luto coletivo imprimiu novas redes de sociabilidade. Discursos como: “nós nos entendemos”, “compartilhamos a mesma dor”, ou sentimentos de desconforto em relação aos seus parentes, pois “eles estão cansados de ouvir, não sentem como nós”, serviram para articular as redes dos familiares da Kiss.

Em contrapartida, a população em geral, não afetada diretamente pela tragédia, passou a manifestar menor empatia às manifestações dos familiares. A última caminhada assistida por um número grande de pessoas foi um exemplo disso. Não se trata necessariamente de não ter empatia com os familiares, mas de “dar privacidade para a experiência do luto”. Se a dor é dos familiares, se os familiares disputam entre eles essa legitimidade da dor, porque a falta de empatia dos “não afetados pela tragédia” causa tanta frustração aos familiares?

Novamente, voltamos à discussão de Koury. Em um processo comum de luto, a perda de um familiar faz com que o enlutado passe por um processo de isolamento social, por parte da família, não por falta de empatia, mas justamente pela ideia de privacidade. Na “nova sensibilidade”, a dor, o sofrimento alheio, são vistos como passível de contaminação, o que gera constrangimentos entre os indivíduos. Ou seja:

A higienização do processo de dor empurra o sofrimento para o interior do sujeito que a vivencia, e leva os outros a não chegarem muito próximos do sofrimento alheio, por um receio não apenas de não contaminação, mas principalmente, para não serem entendidos como intrometidos em uma relação que, aparentemente, não tem nada a ver com eles e é da intimidade do sujeito que a sofre. (KOURY, 2003, p.152)

Essa passagem explica o sentimento dos familiares em relação a diminuição da empatia da população, pois aqueles que optaram pelo convívio, por um luto compartilhado, encontraram na rede de apoio um suporte para falar da dor da perda e continuar falando as lembranças dos filhos sem receios de críticas. Outros familiares optaram por vivenciar o luto de forma íntima e privada. A população em geral não deixou de se sensibilizar com a tragédia, apenas deixou que o luto fosse vivido pelas pessoas diretamente envolvidas. Os familiares perceberam de certa forma isso, durante a “ocupação da Câmara de Vereadores”, que será descrita a seguir, pois os familiares receberam apoio massivo da comunidade para permanecer na ocupação, a ponto de algumas mães comentarem que “quem apoiou os familiares no dia 27 de janeiro, os apoiou sempre”.

3.2 Estabelecendo elos: o caminho das redes

Após a caminhada no terceiro mês, Mary focou nas sessões na Câmara e sentia-se mais forte com a presença do “Capitão” e da “Fumiga” no movimento. Ela havia decidido parar de tentar forçar uma aproximação com a AVTSM e esperava que esse elo surgisse com o tempo.

No dia 27 de maio de 2013, ao completar quatro meses, o *Luto à Luta* esteve junto com a AVTSM na promoção do “minuto do barulho”⁶⁸, criado pela associação desde o primeiro mês e que se repetiu durante todos os meses. Dois dias depois, 29 de maio, ocorreu o episódio da soltura dos réus, culminado com vários protestos dos familiares, unindo os movimentos.

Quatro meses após a tragédia o comportamento entendido como um tanto “passivo” da associação foi esclarecido aos demais familiares. Tratava-se de uma

⁶⁸A cada dia 27 do mês, a AVTSM promove o Minuto do Barulho, previamente agendado e divulgado, onde os familiares se reúnem e durante um minuto batem palmas, buzina, os sinos das Igrejas tocam, como forma de contrapor o “minuto de silêncio” em homenagem às vítimas. Como eram jovens que gostavam de diversão, a forma de homenageá-los é fazendo barulho. No primeiro mês, a cidade toda se mobilizou, motoristas buzina, e a comunidade bateu palmas por 16 minutos.

orientação do Ministério Público para que a associação não promovesse atos de comoção social, a fim de garantir que o processo permanecesse com o Foro da cidade. Segundo relatos de associados da AVTSM, a orientação fornecida para a associação seria a de que, em caso de protestos mais expressivos, a pessoa do presidente da associação poderia ser criminalizada e o processo poderia ser julgado em outra cidade, então, os pais deveriam ser cautelosos nas manifestações.

Essa questão mostrou-se um tanto delicada, pois os familiares estavam em meio a uma disputa⁶⁹ de poder entre a Polícia Civil e o Ministério Público. Os familiares tiveram e têm acesso ilimitado aos delegados do caso, podendo ir à delegacia conversar, esclarecer dúvidas a qualquer momento (inclusive eu acompanhei familiares em várias visitas aos delegados). A postura e as conclusões da Polícia Civil são compartilhadas por grande parte dos familiares.

Já o Ministério Público afirmava que o trabalho da Polícia Civil, até aquele momento, estava incompleto e equivocado em alguns apontamentos, por esse motivo pediam mais provas para a polícia⁷⁰. Um delegado da Polícia Civil afirmou ao *Luto à Luta* que nenhum tipo de protesto ou manifestação expressiva prejudicaria o processo, uma vez que é de praxe processos como o da Kiss ser julgado em outros Foros, pois o júri popular de Santa Maria estaria influenciado pela comoção que vivenciou com a tragédia.

A partir dos protestos pela soltura dos réus, o *Luto à Luta* e a AVTSM passaram a apoiar reciprocamente as atividades um do outro. O *Luto à Luta* recebeu um convite para conversar com a Ministra dos Direitos Humanos, Maria do Rosário, que estaria em um evento em Porto Alegre e o “Capitão” organizou a viagem junto com a AVTSM.

⁶⁹Quando digo “disputa” aqui, é baseado no desenrolar do processo no período de um ano. As posições e conclusões do inquérito policial foram ao encontro do que esperavam os familiares. Contudo, o Ministério Público não indiciou o número de pessoas apontadas pelo inquérito policial sobre a alegação de falta de provas, ou que o crime ao qual algumas pessoas haviam sido enquadradas no inquérito policial não se sustentaria durante o processo. No decorrer de um ano que acompanhei as reuniões dos familiares com delegados e com promotores, essas distintas posições ficaram bem demarcadas: o Ministério Público dizia que a polícia civil não havia juntado provas consistentes para determinados indiciamentos, principalmente em relação à improbidade administrativa, os delegados defendiam seu trabalho, alegando ser uma questão de interpretação dos dados e das provas, mas a pedido do Ministério Público, continuaram com a investigação, acrescentando mais provas ao processo.

⁷⁰A partir disso, a polícia civil continuou investigando o caso, tentando estabelecer a trajetória dos erros administrativos que culminaram com o incêndio. Ao completar 1 ano, a polícia ainda não havia divulgado o resultado dessa investigação.

Os familiares dos dois movimentos viajaram para pedir à Ministra o cumprimento de promessas feitas no primeiro mês pós tragédia, sobre o fornecimento de medicamentos aos familiares e sobreviventes, auxílios psicossociais, culminando com a articulação da possibilidade de estabelecer em Santa Maria um Centro de Referência em Direitos Humanos.

Durante a viagem, o clima era outro entre os familiares. Brincadeiras, entrosamento entre todos foi o que pude perceber. O quarto mês pode ser considerado o marco do início de elos entre os movimentos e os familiares que participam ativamente de ambos. Foi o momento de aproximação dos diferentes grupos, de trocas e compartilhamento de informações. No caminho, entre conversas, pude perceber novamente referências que indicavam o processo de politização dos familiares. Lembro que as mulheres faziam comentários sobre novelas e personagens da televisão. Isso porque, acreditavam que o que “estávamos fazendo” era tão importante que um dia iria virar filme. Até elencavam quais artistas poderiam interpretar quem. Na ocasião, tentavam me dizer qual artista interpretaria meu papel e eu não conhecia a artista, expliquei que não assistia às novelas e que a emissora mencionada não sintonizava na minha televisão. Quando disse isso, a Juca disse:

[...] sabe, eu também não estou assistindo mais novelas e também não assisto essa emissora, eles manipulam demais, agora que “eu virei revolucionária” eu percebo isso é outra coisa, nós do movimento vamos ter que fazer algo para dar casa pros índios⁷¹ de Santa Maria, esse tem que ser nosso próximo projeto. (discurso informal da Juca em maio de 2013, registrado em diário de campo)

Essa situação me fez pensar que os familiares, ao sentirem-se em processo de estigmatização e exclusão, por não se sentirem apoiados pela população, e até mesmo “marginalizados” ao vivenciar essa experiência, acabaram se sensibilizando e apoiando outras causas sociais de grupos de excluídos. O que evidencia a articulação de categoria de vítima, como já citado no capítulo 1. O grupo de familiares da Kiss, agora se via simpático a outras vítimas historicamente reconhecidas, como o caso dos indígenas.

⁷¹Em Santa Maria, há um grupo de nativos kaingangues que residem na cidade e vendem seus artesanatos no Calçadão da cidade. Hoje, esse grupo conseguiu, através de muita luta, estabelecer-se nas proximidades da Estação Rodoviária da cidade, com casas construídas de madeira e uma escola estadual indígena.

Outro momento que demonstra a vitimização dos familiares pode ser percebido no discurso do “pai da Jennefer”, que conversando conosco nessa viagem, relatou que, como empresário, fazia muito tempo que não conseguia vender seus produtos. Segundo ele, sentia que as pessoas evitavam entrar em sua loja e ele desabafou: “parece que a gente tem uma doença contagiosa”. O que faz referência também ao medo do contato com a morte e a possível “contaminação”, já discutida no capítulo 2.

Após a referida viagem a Porto Alegre, o *Luto à Luta* e a AVTSM participavam juntos das ações. Mais familiares passaram a assistir às sessões plenárias na Câmara de Vereadores e a AVTSM solicitou a participação de um advogado da associação de familiares nas oitivas da CPI. Em cada oitiva, o ritual era o mesmo. Cerca de uma hora antes do início das oitivas, os familiares chegavam à Câmara para dispor seus banners e marcar presença. Vários protestos foram realizados durante as sessões, como o uso de “nariz de palhaço” pelos familiares, virar de costas para os vereadores quando estes se pronunciavam, e vaias às perguntas e respostas dos depoentes da CPI.

Os familiares exigiam que a CPI convocasse os réus e o Prefeito para depor, mas a Comissão não atendeu aos pedidos dos familiares. Durante uma oitiva em que os familiares assistiam com nariz de palhaço, o *Luto à Luta* permaneceu durante a sessão, segurando uma “caixa de pizza”. O objetivo era aludir que a CPI “governista” ia acabar em pizza, que o relatório apresentado pela comissão não iria apontar ninguém, uma vez que as vereadoras presentes na Comissão representavam o partido e coligações do governo municipal. As imagens abaixo mostram o plenário da Câmara durante as oitivas da CPI entre os meses de abril a julho.

Em 31 de maio de 2013, no encerramento da oitiva correspondente à imagem acima, o “Capitão”, em frente à comissão, pediu licença para entregar um relatório paralelo feito pelo *Luto à Luta* a partir do acompanhamento das oitivas da CPI. Autorizado pelas vereadoras, em meio a dezena de repórteres, o “Capitão” e Mary, ao invés de um relatório, entregaram uma caixa de pizza⁷², oferecendo um pedaço

⁷²Ver reportagem em: <<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/noticia/2013/05/familiares-entregam-pizza-para-integrantes-da-cpi-da-kiss-em-santa-maria-4155773.html>>

de pizza a cada vereador da Comissão. Uma vereadora, sentindo-se ofendida, respondeu à Mary: “coma você essa pizza”. Mary olhou para a vereadora e disse que ela estava enganada, que “aquela pizza ela não iria engolir”.



Figura 14 - Oitiva da CPI: fotografia tirada atrás da Comissão, mostrando a presença de familiares na Câmara

Créditos: FIGUEIREDO, D.B.
Organizadora: PEIXOTO, P.S.



Figura 15 - Oitiva da CPI: protesto do *Luto à Luta* pelo andamento dos depoimentos.

Créditos: FIGUEIREDO, D.B.
Organizadora: PEIXOTO, P.S.

A partir do quarto mês pós tragédia, concomitantemente com as oitivas da CPI e a união dos movimentos de familiares, o *Luto à Luta* estabeleceu contato com outros movimentos sociais e Sindicatos que apoiaram os familiares desde o início da formação das organizações. Esses movimentos e sindicatos reunidos tinham o objetivo de formar um grande movimento, promovendo protestos com participação ativa de todos para fortalecer cada entidade.

O momento final das oitivas culminou com essa articulação de sindicatos, movimentos sociais e familiares da Kiss. Isso ocorreu em junho de 2013, período no qual protestos começaram a ser realizados no país, com reivindicações referentes à qualidade do transporte público, entre outras demandas e críticas como o investimento do país na Copa do Mundo em detrimento de melhoramentos urbanos, educacionais e sociais para a população. As manifestações iniciaram-se em São Paulo e repercutiram em todo o país, iniciando uma “onda de manifestações” de jovens, estudantes e diversos movimentos sociais.

Em Santa Maria também ocorreram manifestações que criticavam a qualidade do transporte público e o preço da tarifa. Elas foram impulsionadas pelo DCE - UFSM, aliado a outros Movimentos e Sindicatos como o JUNTOS, SEDUFSM, ASSUFSM, CPERS, SIMPROSM, LEVANTE DA JUVENTUDE GAÚCHA, e tiveram o apoio do *Luto à Luta*. A figura 16 mostra a participação do *Luto à Luta* nos protestos de junho.

Paralelo a esses acontecimentos, os integrantes do *Luto à Luta* receberam, de um assessor de um dos vereadores integrantes da Comissão Parlamentar de Inquérito, uma gravação de áudio feita durante uma conversa dos integrantes da CPI⁷³. Na gravação, uma das vereadoras dizia não entender o comportamento da colega ao permitir a participação do advogado da AVTSM nas oitivas. Segundo ela, dependendo da abordagem dos questionamentos, os fatos referentes às irregularidades do funcionamento da boate Kiss poderiam chegar até pessoas próximas do Prefeito Municipal, podendo até mesmo chegar nele. A vereadora afirmava, ainda na gravação, que todos os vereadores sabiam que aquela CPI “não

⁷³Ler a reportagem disponível em: <<http://www.arazao.com.br/2013/06/gravacao-membros-da-cpi-da-kiss-ja-esta-camara-mp/>>

podia dar em nada”. O assessor que entregou a gravação ainda comentou que todas as pessoas ouvidas pela Comissão recebiam anteriormente o questionário de perguntas que seriam feitas, a fim de que o depoente pudesse se preparar e levar as respostas prontas.



Figura 16 - Mary e integrantes do *Luto à Luta* durante os protestos de junho.
Fonte: arquivo pessoal da Mary.
Organizadora: PEIXOTO, P. S.

Sabendo dessas informações, antes da reunião da CPI que ocorreria na semana do dia 25 de junho, os familiares estavam determinados a invalidar a Comissão, exigindo que a CPI ouvisse os depoimentos dos réus (sócios e músicos) e do Prefeito Municipal. Os familiares foram reivindicar isso durante uma sessão plenária ordinária da Câmara de Vereadores.

Os familiares chegaram à Câmara perto das 15 horas, horário de início das Sessões plenárias. Foi solicitado o pronunciamento na tribuna de um familiar para entregar as solicitações. O pedido foi negado, pois a tribuna livre só é concedida a entidades jurídicas. Na rua, um grupo de estudantes se reunia na Praça Saldanha

Marinho para exigir também a intervenção do Legislativo contra a decisão do Executivo pelo aumento do transporte público.

Por volta das 17 horas, ao som de tambores e palavras de ordem, os estudantes chegaram à frente da Câmara de Vereadores e foram barrados pela Guarda Municipal. Mary, ao entrar no plenário, gritou ao presidente da Câmara: “como isso presidente? Como o senhor não deixa o povo entrar na casa do povo?”. Após tais indagações, o presidente autorizou a entrada dos manifestantes e cerca de 500 estudantes e familiares de vítimas da Kiss tomaram os espaços do plenário.

Os vereadores mostravam-se assustados e ficaram dispostos atrás da mesa da Presidência para ouvir as reivindicações dos manifestantes. Os estudantes pediam uma audiência pública para discutir a questão do aumento superfaturado do transporte público e os familiares de vítimas da Kiss, que já haviam entregado a gravação à Polícia Civil e ao presidente da Câmara, exigiam que a CPI ouvisse o depoimento dos réus e do Prefeito Municipal, ou que fosse extinta a Comissão, sendo refeita nova comissão por vereadores da oposição. Ainda, exigiam a exoneração do Procurador Jurídico da Câmara de Vereadores, que na ocasião era também Presidente Municipal do partido do Prefeito. Para os familiares, o procurador havia agido de má fé ao protocolar primeiro o pedido de CPI dos vereadores do seu partido, sabendo que a oposição estava organizando uma CPI. Nesse sentido, na opinião dos familiares, o procurador estaria “manipulando” a CPI para proteger seu partido.

Os vereadores, após horas de negociações, não chegaram a um acordo sobre as reivindicações dos manifestantes. Para os estudantes, a resposta foi a promessa da realização da audiência pública para discutir os transportes. Para os familiares, alegaram que o áudio da gravação era de má qualidade, impossibilitando o entendimento dos vereadores e que o pedido de extinção da CPI vigente era inconstitucional pela legislação orgânica da Câmara de Vereadores. Diante disso, por volta de 23h a “Fumiga” subiu na tribuna e declarou “ocupada” a Câmara de Vereadores pelos familiares de vítimas da Kiss e demais manifestantes até que as reivindicações fossem atendidas.

Os manifestantes permaneceram por seis dias na Câmara, até que o Presidente assinou um acordo de exoneração do Procurador Jurídico, que teve o

prazo de trinta dias para deixar o cargo. As imagens abaixo mostram os momentos durante a ocupação da Câmara de Vereadores.



Figura 17 - Momento em que o *Luto à Luta* declara “ocupada” a Câmara de Vereadores de Santa Maria.

Fonte: Arquivo pessoal da Mary.

Organizadora: PEIXOTO, P. S.



Figura 18 - Familiares e estudantes em frente à Câmara de Vereadores durante a “ocupação”.

Créditos: FIGUEIREDO, D.B.

Organizadora: PEIXOTO, P.S.



Figura 19 - Último grupo de manifestantes e familiares a deixar a Câmara de Vereadores de Santa Maria.

Fonte: Arquivo pessoal da Mary.

Organizadora: PEIXOTO, P. S.

Esse relato da atuação política dos familiares tem por finalidade identificar a “ocupação” da Câmara de Vereadores como o momento decisivo para o entrosamento dos familiares. Durante os seis dias em que os familiares estiveram na Câmara, pais e mães de vítimas da Kiss de outras localidades viajaram até Santa Maria para prestar apoio aos manifestantes. Entre a manhã e a tarde, cerca de 60 familiares permaneciam no plenário, acompanhando as atividades culturais promovidas pelos estudantes, ajudando nas comissões de organização da “ocupação” (comissões de saúde, alimentação, limpeza, segurança e infraestrutura) ou simplesmente dando apoio uns aos outros. À noite, os familiares se revezavam, ficando sempre pelo menos oito pais e mães para proteger os estudantes, uma vez que já havia a ameaça de reintegração de posse. Inclusive o Presidente da Câmara pediu à “Fumiga” que se retirasse com os familiares para ele poder acionar o Batalhão de Operações Especiais, para a retirada dos estudantes.

A “ocupação” redefiniu a perspectiva dos familiares sobre sua atuação pública. A todo o momento, chegavam doações de alimentos, materiais de limpeza e higiene pessoal de pessoas da comunidade que apoiavam os manifestantes. Com isso, os familiares sentiram-se acolhidos por Santa Maria novamente e a convivência com os estudantes trouxe alegria para as mães. Elas relatavam que chegavam “a ver seus filhos ali junto”, que a presença jovem fazia com que elas sentissem a presença dos filhos. Durante os seis dias na Câmara, pude me aproximar de familiares que até então não convivia, ouvi suas histórias, suas lembranças e seus desabafos sobre o dia 27 de janeiro.

Esse momento também revigorou a AVTSM. Em meio à “ocupação”, houve nova eleição da diretoria. Agora, mais familiarizados uns com os outros, um grupo de familiares que participava sistematicamente desde maio de 2013 dos protestos, decidiu fazer parte da diretoria da AVTSM, contribuindo para transformar positivamente a visão dos familiares sobre essa entidade. Foi quando se formou com solidez uma rede de solidariedade entre esses familiares da AVTSM.

Eu interpreto a “ocupação” também como um momento de renovação, de inspiração para novas lutas dos familiares. Pela primeira vez, em cinco meses de sofrimento, eles sentiram que algo havia sido feito e que eles tiveram participação ativa nisso. Quando os estudantes tomaram o plenário, aos aplausos, o “pai do Augusto S” demonstrava que aquele momento era o que ele havia esperado desde o dia seguinte à tragédia. Essa vitória que os familiares tiveram influenciou suas relações, depois dos cinco meses e foi determinante para minimizar as diferenças ideológicas entre os grupos.

Esse sentimento de fazer parte de algo está relacionado também com a construção da categoria de vítima e da busca por direitos. Não só nesse caso relatado, mas durante todo o período de campo, os familiares atuaram como “investigadores” autônomos, recebendo denúncias e tentando colher provas para entregar à polícia e ao Ministério Público. Arosi (2013), ao estudar os movimentos de familiares de vítimas de violência do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, escreveu sobre o sentimento de incapacidade das Instituições Públicas:

É recorrente, por parte dos movimentos de familiares de vítimas, a elaboração de discursos que são narrativas de sofrimento, dor, ressentimento pelo descaso do Estado para com a vida perdida do familiar. Questionam acerca do valor da vida, sendo que tais questionamentos e

denúncias podem ser considerados como discursos políticos que avaliam o Estado e que lhe atribuem características, formando assim uma imagem do Estado como injusto, ineficiente na proteção dos seus direitos e da vida dos vitimados. (p.7)

As convicções que os familiares têm sobre a improbidade administrativa, frente à demora dos procedimentos judiciais e ausência de indiciamentos, faz com que eles se sintam traídos pelas instituições. Esse sentimento de “traição” acaba por acarretar um descrédito no trabalho dessas instituições.

Foi após a Ocupação da Câmara que as mães se uniram no movimento que ficou conhecido como “Mães de Janeiro” para atuar diretamente no enfrentamento das Instituições Públicas. Nome criado a partir de uma conversa espontânea entre familiares e amigos de vítimas na tenda da Vigília. Durante a conversa, as mães pensavam em estratégias para chamar atenção dos órgãos públicos e veio à lembrança das “Mães da Praça de Maio”, movimento de mães e avós dos desaparecidos políticos da ditadura militar argentina e suas ações como “panelaço”, entre outras, que são conhecidas mundialmente. Até foi cogitado chamar esse Movimento de “Mães da Praça Saldanha Marinho”, mas o nome “Mães de Janeiro” soou para elas como sendo mais representativo.

3.3 A Vigília

Após a ocupação, a Vigília passou a ser o ponto de (re)encontro dos familiares. A tenda da Vigília foi um projeto iniciado pela AVTSM em abril de 2013. A proposta era estabelecer um lugar de memória aos filhos e ao mesmo tempo lembrança à cidade.

A tenda se localiza em frente ao Banco Banrisul, local de grande trânsito na cidade, pois liga a Praça Saldanha Marinho ao Calçadão da cidade. O mapa abaixo (figura 20) mostra a localização da tenda.

A rotina dos familiares que participam da Vigília é a mesma. Chegam na tenda perto das 8h da manhã, vão até a Casa de Cultura (ver imagem acima), onde foi disponibilizada pela Prefeitura uma sala para que as famílias guardem as cadeiras, mesas, isopores que são utilizados durante o dia na tenda. Assim, na tenda da vigília encontram-se os banners e faixas com as fotos das vítimas, algumas

cadeiras, bancos da Praça e 4 mesas de plástico. Duas delas se localizam na entrada da tenda e, diariamente, são cobertas por toalhas e enfeitadas por um buque de flores levado pelos familiares. Além disso, um livro de presença e um abaixo-assinado pela mudança na legislação de incêndio ficam dispostos em cima das mesas para que as pessoas que visitam a tenda pudessem assinar. Cada familiar leva ainda objetos pessoais e álbuns de fotografia dos filhos para expor na mesa de entrada como forma de homenagear e identificar para quem se destina a Vigília do dia.



Figura 20 – Localização da Tenda da Vigília.
Montagem: LARA, M.C.
Organizadora: PEIXOTO, P.S.

Nos primeiros cinco meses, uma mãe da AVTSM era responsável por organizar essa tenda para a chegada da família do dia, e prestava o apoio necessário, levando água, lanches para os familiares passarem o dia em vigília. Durante o episódio da ocupação, essa mãe não concordou com a atuação da

AVTSM e acabou se afastando da associação. Com isso, pelo menos mais dois voluntários desempenharam essa função de dar suporte às famílias.

Vale ressaltar que nos primeiros meses a tenda da Vigília representava muita tristeza. Lembro que a primeira vez que visitei tive a sensação de estar em um “velório sem corpo”. Muito fragilizados os familiares passavam o dia chorando. Algumas mães que chegavam na tenda desmaiavam e tinham que ser encaminhadas aos hospitais. As pessoas que visitavam também se emocionavam, ou não entendiam do que se tratava. Algumas pessoas perguntavam se a tenda era para “verificar pressão”, se estavam “doando camisetas”, entre outros comentários. O fato é que levou um tempo para os familiares estabelecerem uma relação com a população.

Sobre esses espaços de memória, vale lembrar as iniciativas realizadas no Rio Janeiro, pela ONG Viva Rio para lembrar as vítimas e protestar contra a violência na cidade. Lucas (2004), ao relatar sua experiência de participar do evento “Basta! Eu quero Paz”, promovida por essa ONG em 2000, descreve a organização do que ficou conhecido como “mural da dor”, onde os familiares de vítimas de violência foram convidados a expor fotografias e mensagens para as pessoas que perderam seus entes nessas circunstâncias. O Mural, disposto por um dia no Largo da Carioca, serviu para criar um momento de trocas de histórias e memórias.

O caso da Vigília, em outro contexto, nos primeiros meses teve esse papel de “mural para dor”. Emocionados, os familiares repetiam a experiência do dia 27, tentando encontrar explicações. Depois que a polícia liberou os pertences das vítimas, os familiares recuperaram muitas fotografias tiradas em câmeras e celulares, na noite do incêndio, na Boate Kiss. Com isso, imprimiam as fotos e levavam para a tenda e lá os familiares olhavam atentamente as fotografias uns dos outros, tentando encontrar uma última imagem de seus filhos com vida.

Em função das vítimas serem oriundas das mais diversas cidades do estado e do país, a ideia inicial de ter uma vigília por dia não se concretizou, pois algumas famílias não residiam em Santa Maria e não tinham como deslocar-se. Isso fez com que o grupo de pais e mães que aturam juntos nos protestos, passasse a comparecer diariamente na Vigília para assegurar aquele espaço como um espaço de memória. As mães da ONG estabeleceram que toda quinta-feira seria dia de

Vigília das cinco meninas. Fora isso, as datas de aniversário de cada vítima eram respeitadas, dando lugar às vigílias individuais.

Com a presença sistemática das mães da ONG, do *Luto à Luta* e dos familiares da AVTSM na tenda, o clima foi paulatinamente mudando, mais familiares começaram a frequentar a tenda, aos poucos, a partir do entrosamento dos familiares, surgiram brincadeiras, risadas. Os episódios de emoção das mães sempre foram frequentes nos mais variados contextos. Mas, o fato da vigília ser coletiva, de representar mais de uma família, foi determinante para interação da rede.

A Vigília representa muitos significados para os familiares. Eles veem o local como espaço de memória, de protesto e de presença dos pais, para que a tragédia não caia no esquecimento. Eu busco outros significados além daqueles que os familiares identificam. Desse modo, entendo aquele espaço como sendo também um espaço de trocas simbólicas, de interação, de lutas, de preservação da memória e, como os familiares dizem: é “terapêutico”, pois é através da interação e das trocas possibilitadas pela tenda que os familiares encontram novos projetos de vida.

É de extrema importância para os familiares que ali trocam abraços, compartilham histórias, sonhos e lembranças. É a vigília que mantém viva a rede de apoio. E foi através da observação participante na vigília que identifiquei as histórias e as trocas simbólicas voltadas para a espiritualidade. Na figura 20, apresento graficamente meus informantes e suas interações com as redes. Primeiro, apresento cada organização (ONG, Associação e os Movimentos) e os informantes de cada uma delas.

Através desta figura, apresentada na página seguinte, pode-se perceber que nos movimentos existe a interação de familiares dos quatro grupos. É importante deixar claro que no gráfico referente às “Mães de Janeiro” apresento uma informante chamada “irmã do Silvinho”. Contudo, quem participa do Movimento é sua mãe. Tentei estabelecer contato com essa mãe, mas ela ainda estava muito abalada emocionalmente para participar de uma entrevista, assim, sua filha, aceitou participar, dando seu olhar sobre a tragédia e a importância das atividades para sua família.

O conjunto de interações entre os familiares desses quatro grupos formam o que eu chamo de “rede de apoio”, nas quais a base de trocas é proporcionada especialmente pela presença na Vigília⁷⁴. A escolha de trabalhar com a metodologia de redes foi devido a constante interação e mobilidade das pessoas da rede, com momentos de divergências e convergências. Por isso, pela perspectiva de Barnes (2010) e Bott (2004 apud ENNE, 2004, p.267) o conceito de rede demonstra essa ampla capacidade de articulação e rearticulação entre os integrantes da rede.

Abaixo, apresento um gráfico que mostra os grupos de informantes que integram a rede de apoio.

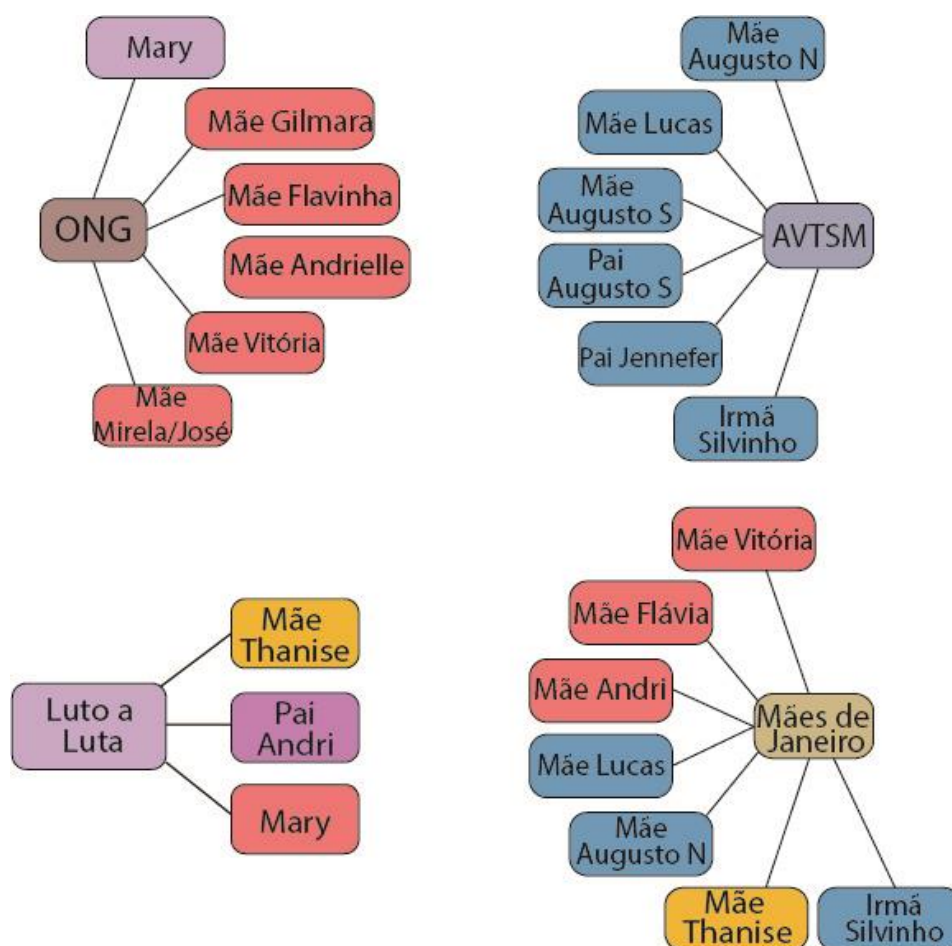


Figura 21 – Redes de apoio.
Montagem: LARA, M.C.
Organizadora: PEIXOTO, P.S.

⁷⁴Um vídeo intitulado “As mães da Praça Saldanha Marinho”, realizado pelo grupo RBS com as mães que frequentam a tenda da Vigília buscou retratar esse espaço e sua importância para os familiares. O vídeo está disponível em: <<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2014/03/familiares-de-vitimas-da-kiss-fazem-vigilia-na-praca-saldanha-marinho-em-santa-maria-4447762.html>>

Assim, pela perspectiva de Barnes (2010, p.175), o que eu chamo de “rede de apoio” ele chama de “rede social total”, ou seja, a rede de maior interação e mobilidade dos sujeitos da pesquisa. Porém, além da rede de apoio, percebi também o que esse autor chama de “redes parciais”, as quais denominei: “sub redes”.

Dentre elas, identifiquei 2 diferentes “sub redes”: uma voltada para a solidariedade, outra para a justiça . O elo, como já foi dito, é a espiritualidade. Relacionarei, a seguir, as duas sub redes com cada uma das organizações de familiares. Em seguida, busco enfatizar a maior proximidade de cada organização com uma das “sub redes”, de acordo com as ações que realizam.

A Rede de Apoio

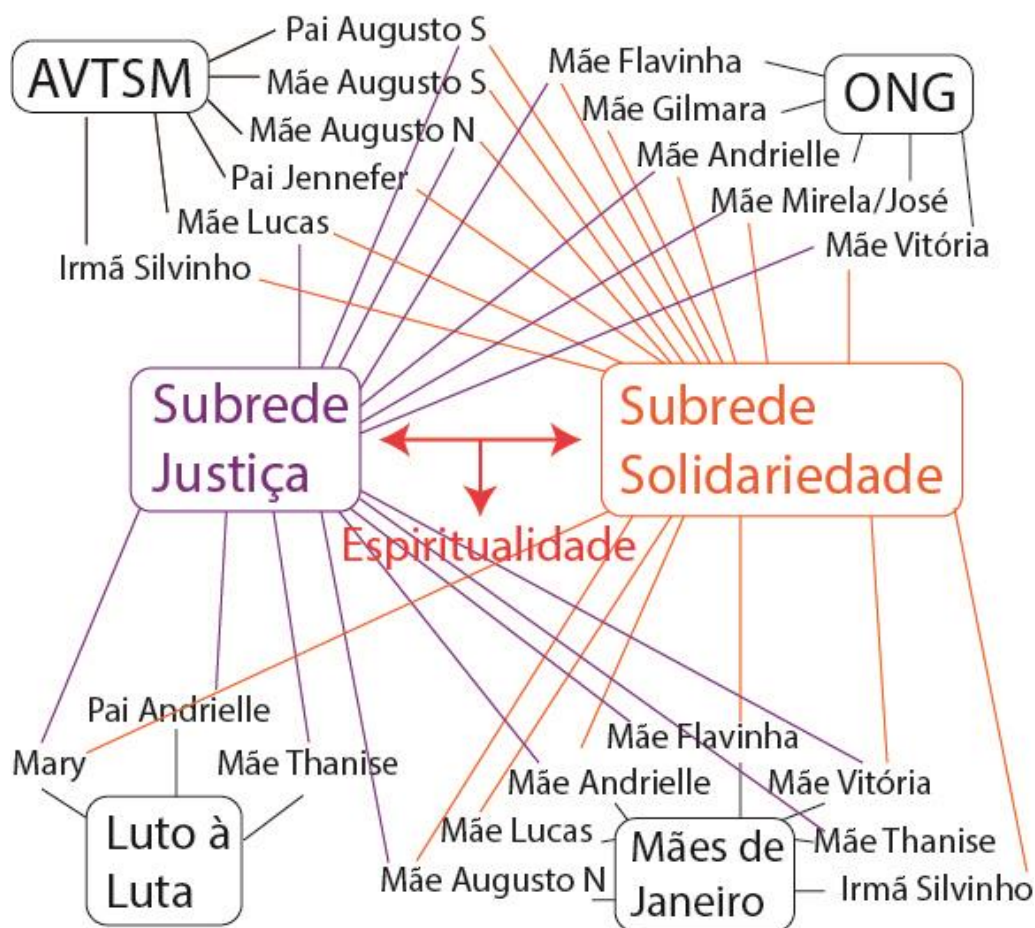


Figura 22 – A Rede de Apoio.
 Montagem: LARA, M.C.
 Organizadora: PEIXOTO, P.S.

A figura 23 mostra a AVTSM e a relação dos informantes dessa organização com as duas “sub redes”:

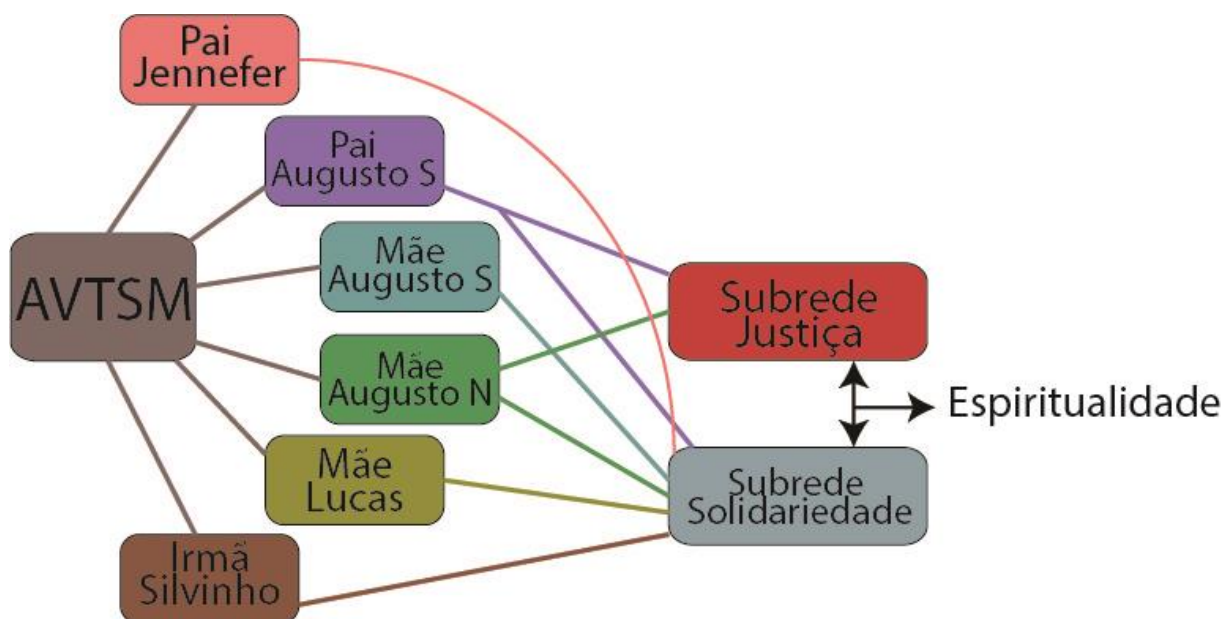


Figura 23 – Gráfico AVTSM.
Montagem: LARA, M.C.
Organizadora: PEIXOTO, P.S.

Esse grupo de familiares que compõe a rede de apoio é muito heterogêneo, ao ponto que um mesmo familiar participar de uma ou duas “sub redes” ao mesmo tempo, o que promove maior intercâmbio entre os familiares. A atuação solidária⁷⁵ foi o que marcou o início do trabalho da AVTSM. Após a participação na diretoria do “pai do Augusto S.”, da “mãe do Augusto N.”, da “mãe do Lucas” e da família do Silvinho, esse grupo passou a se reunir semanalmente para fazer a triagem das doações e o encaminhamento para os familiares considerados pela AVTSM vivendo em situação de vulnerabilidade social.

O apoio, a dedicação ao próximo, acabam amenizando um pouco a revolta sentida por eles pela lentidão com que a justiça caminha. O trabalho solidário possibilitou a criação de laços de amizade ente os familiares que são vistos

⁷⁵Aqui, me refiro ao trabalho de atendimento psicossocial e de assistência social desempenhado pela AVTSM em prol dos sobreviventes e familiares das vítimas que vivem em situação de vulnerabilidade. Solidariedade aqui tem o sentido de “trabalho social”.

diariamente juntos, se encontram na Vigília ou na sede da AVTSM. Essa proximidade entre eles possibilitou também trocas simbólicas na tentativa de compreender a tragédia, baseadas na orientação religiosa de cada um. No grupo estão presentes: quatro familiares espíritas, um evangélico e um católico praticante.

Na figura 24, apresento a mesma relação, porém pela perspectiva da ONG:

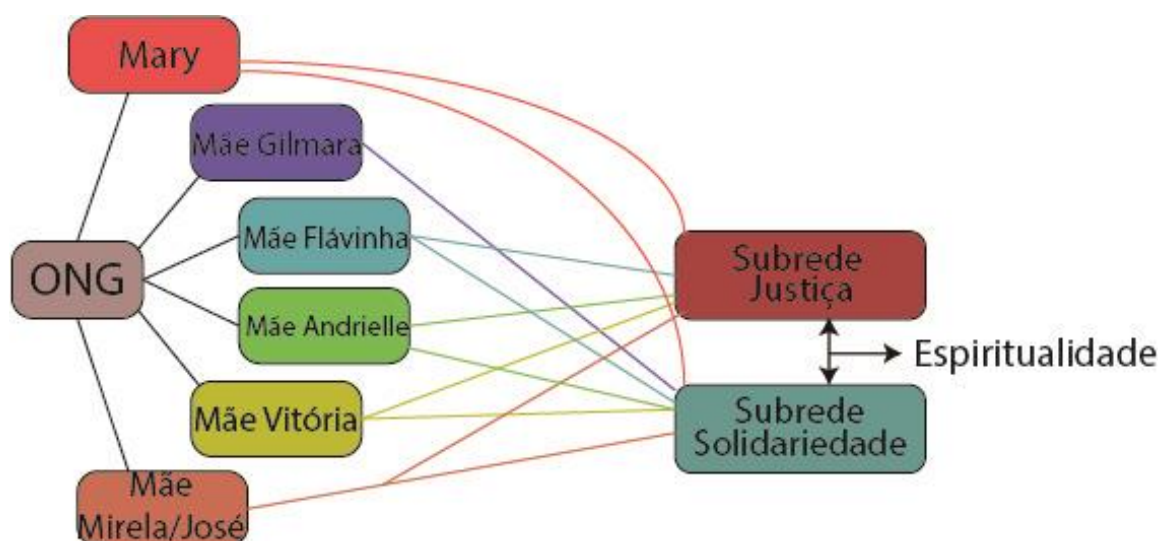


Figura 24 – Gráfico ONG Para Sempre Cinderelas.
Montagem: LARA, M.C.
Organizadora: PEIXOTO, P.S.

A base do trabalho da ONG é a solidariedade. Porém, seu foco não são os familiares de vítimas da Kiss, mas crianças carentes de Santa Maria. O trabalho começou com doações a uma creche comunitária de Santa Maria. Descoberta pela Flavinha, as amigas passaram a recolher doações para auxiliar a creche em seu trabalho. Pós tragédia, as mães das meninas decidiram continuar esse trabalho e criaram vínculos de amizade, assim como suas filhas.

Num primeiro momento, a atuação da ONG era de suporte a essa mesma escolinha, trabalho feito até o presente momento⁷⁶. A ONG leva mensalmente doações e realiza a festa do aniversariante do mês, para presentear as crianças da creche. Como as doações cresceram em grande quantidade, as mães decidiram

⁷⁶Para ver mais sobre o trabalho da ONG, acompanhe as reportagens disponíveis em: <<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/noticia/2013/07/dor-transformada-em-solidariedade-4214212.html>>

ajudar outras instituições carentes e a população em geral. A ONG promoveu, em dezembro, uma festa de Natal para aproximadamente 300 crianças carentes, estudantes de escolas públicas de periferias da cidade⁷⁷. Além dos familiares das meninas, a ONG atraiu outros voluntários que atuam sistematicamente nas atividades e fomentam a “rede de apoio”⁷⁸.

A questão do trabalho social é entendido pelos integrantes desta “sub rede” como um exercício de amor ao próximo e de transformação da dor⁷⁹. Ao se aproximar de pessoas em vulnerabilidade social, que passam por dificuldades diárias ou tipos diversos de sofrimentos e sabendo que de alguma forma os familiares contribuem para a diminuição desse sofrimento, é um consolo para sua própria dor.

Os dois últimos movimentos têm sua ação direcionada para a luta por justiça, mas também interagem com aspectos da espiritualidade e a sub rede de solidariedade. São eles: o *Movimento Luto à Luta* e as “Mães de janeiro”, apresentados nas figuras 25 e 26 na próxima página.

A atuação do *Luto à Luto* já foi descrita nesse capítulo, onde apresentei seu engajamento político em protestos, culminando com a “ocupação” da Câmara de Vereadores. Após esse episódio, os familiares que buscavam justiça passaram a atuar, tentando pressionar o Ministério Público. O arquivamento do processo por improbidade administrativa revoltou os familiares, que tomaram uma série de medidas na tentativa de “reverter” esse arquivamento, para utilizar a expressão do “Capitão”. Os familiares do *luto à luta* e da AVTSM foram juntos até Porto Alegre pedir ao Ministério Público Estadual pelo não arquivamento do processo. Para isso, o Capitão e demais familiares passaram a atuar novamente como “investigadores”.

⁷⁷Ver reportagem disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/12/parentes-de-vitimas-da-kiss-mudam-suas-vidas-para-superar-trauma.html>>

⁷⁸Ver reportagem disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/teledomingo/videos/t/edicoes/v/relacoes-sao-construidas-entre-envolvidos-na-tragedia-da-boate-kiss/3104507/>>

⁷⁹A frase utilizada nas campanhas da ONG “Para Sempre Cinderelas” é: “transformando dor em solidariedade”.

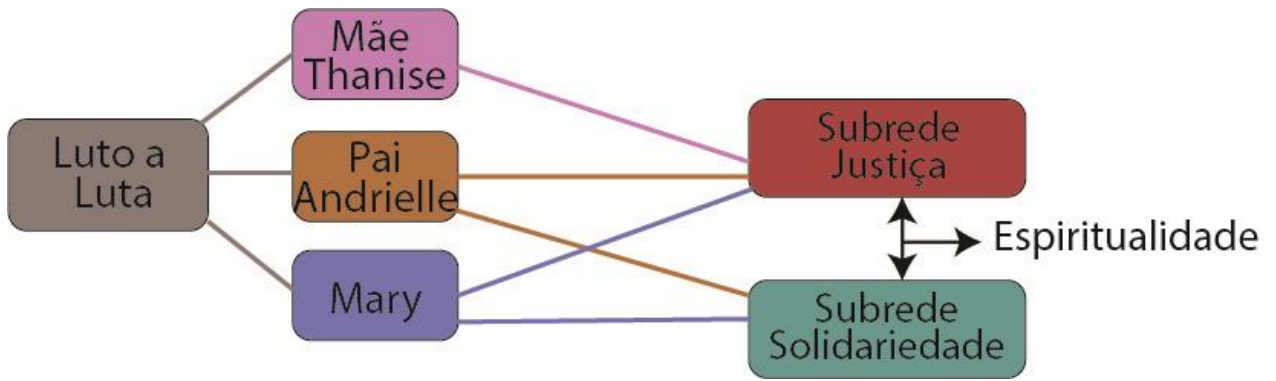


Figura 25 – Gráfico Luto a Luta.
 Montagem: LARA, M.C.
 Organizadora: PEIXOTO, P.S.

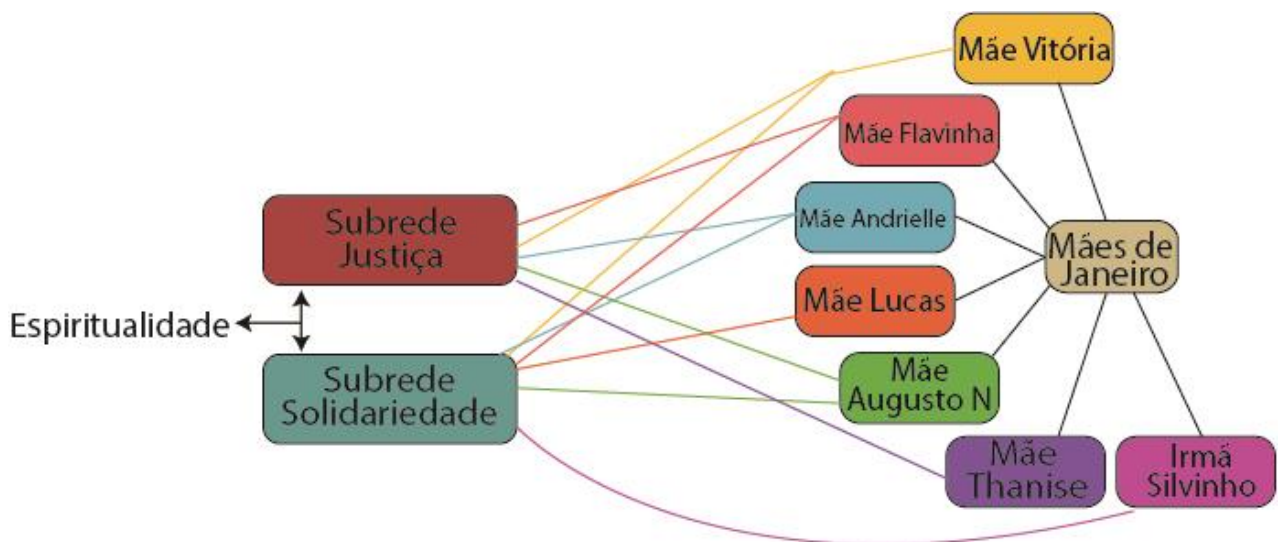


Figura 26 – Gráfico Mães de Janeiro.
 Montagem: LARA, M.C.
 Organizadora: PEIXOTO, P.S.

Isso ocorreu devido ao fato de pessoas da comunidade procurarem frequentemente os familiares de maior evidência para contar boatos sobre a atuação dos promotores do MP em outros casos e também de um suposto envolvimento de alguns promotores com agentes políticos do município. O MP nunca acatou essas denúncias. Porém, em meio a essa luta, surgiu o movimento das “Mães de Janeiro”, que reúne mães de todas as organizações. Seu primeiro ato foi uma manifestação em frente ao Ministério Público de Santa Maria. A partir disso, as mães passaram a

se reunir para outras funções, como a organização das homenagens em frente à boate Kiss e a limpeza da tenda da Vigília.

Outro momento que foi crucial para alimentar as redes de apoio e estreitar os laços de amizade entre os familiares das organizações foi a “Vigília em frente ao MP⁸⁰”. Os familiares permaneceram por 21 dias em frente ao MP, durante o horário de expediente. O objetivo era pressionar o MP para a troca dos promotores designados para o processo civil por improbidade administrativa. No decorrer dos 21 dias, os familiares conviveram, trocaram apoio e ainda criaram a “campanha da consciência”. A cada hora cheia, os familiares, usando um megafone, ligavam uma sirene para “acordar” os promotores. Era um aviso de que eles estariam acompanhando cada passo do processo e que não deixariam a morte dos filhos “cair no esquecimento”.

Tal episódio contribuiu para aproximar ainda mais os grupos. Durante a Vigília no MP, fui presenteada com um bolo de aniversário para comemorar o meu aniversário e o da “Fumiga”, que é em outubro. Nesse momento, percebi que havia conquistado a confiança do grupo todo e que eu estava inserida na rede de apoio, para além da ONG e o *Luto à Luta* que já participava.

As conversas entre os familiares variavam de brincadeiras a lembranças dos filhos. No dia em que acompanhei a Vigília do MP, observei que um sobrevivente, ex-segurança da boate, havia se integrado a AVTSM e estava trabalhando como voluntário. O sobrevivente fazia relatos detalhados do que viu na noite do dia 27 de janeiro. Como eu tinha curiosidade, escutei o relato dele por quase uma hora, quando me dei conta de que todos os familiares haviam se afastado. Quando ele se afastou, uma mãe me disse:

[...] eu entendo que ele tenha essa necessidade de falar como foi, pois ele ainda esta assimilando tudo o que viu e viveu, mas para nós pais é uma dor ouvir os relatos, fico imaginando o desespero do meu filho. Não quero lembrar nada daquele dia, quero ter a lembrança dele sorrindo e feliz como era e sempre será na minha memória. Mas é importante ele ter quem o escute, talvez falar sobre seja uma necessidade dos sobreviventes, mas não é dos pais. (relato informal de uma mãe que participava da Vigília em frente ao MP, outubro de 2013)

⁸⁰Assistir reportagem disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/10/familiares-e-amigos-de-vitimas-da-kiss-fazem-vigilia-em-frente-ao-mp.html>>

As negociações entre familiares e promotores, culminando com a reabertura do processo por improbidade administrativa, uma vez que os familiares levaram novas provas para serem analisadas, foi vista como uma grande vitória. Após os 21 dias, o grupo passou a frequentar não somente a tenda da vigília na praça, como de costume, mas também passaram a se visitar em suas casas, promovendo jantãs, almoços, fortalecendo os laços de amizade.

Abaixo, apresento imagens da Vigília em frente ao Ministério Público de Santa Maria.



Figura 27 - Familiares em frente ao Ministério Público de Santa Maria.
Créditos: FIGUEIREDO, D.B.
Organizadora: PEIXOTO, P.S

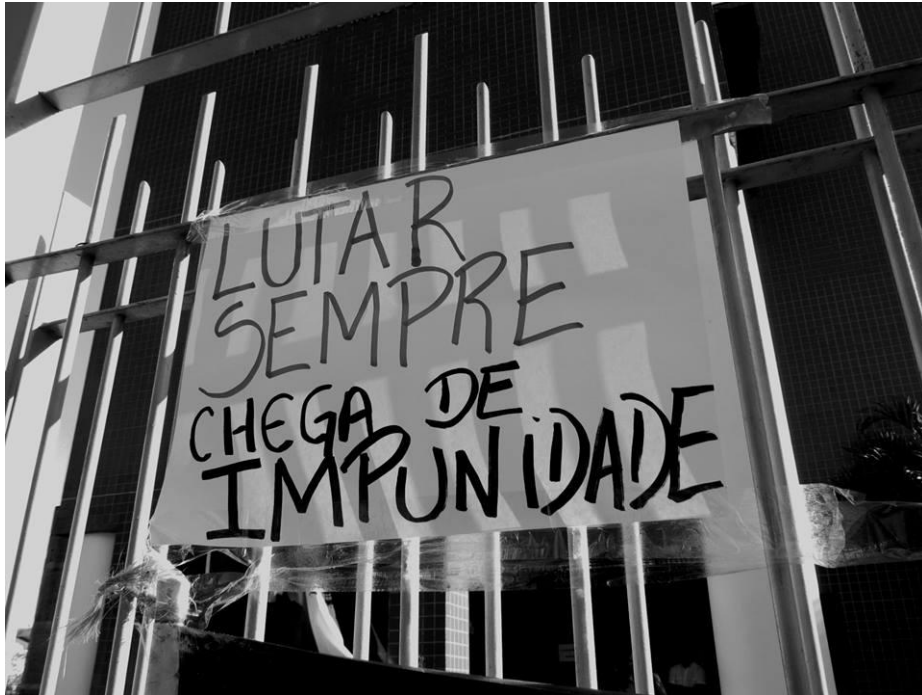


Figura 28 - Cartazes em frente Ministério Público de Santa Maria
Créditos: FIGUEIREDO, D.B.
Organizadora: PEIXOTO, P.S.



Figura 29 - Protesto em frente ao Ministério Público de Santa Maria
Créditos: FIGUEIREDO, D.B.
Organizadora: PEIXOTO, P.S.

O mesmo grupo de familiares que participou da Vigília no MP trabalhou como voluntários na festa de Natal promovida pela ONG “Para Sempre Cinderelas”. Inclusive, uma das mães se vestiu de “mamãe noel” para entregar os presentes às crianças.

Os eventos de interação entre os familiares descritos nesse capítulo: protestos após a soltura dos réus, “ocupação” da Câmara de Vereadores, Vigília em frente ao MP, eventos da AVTSM, Vigília na Praça e reuniões da ONG e do *Luto à Luta*, foram fundamentais no sentido de que me levaram a compreender as dinâmicas das redes.

A “rede de apoio” ou “rede social total” é o espaço de maior convívio e compartilhamento de experiências e emoções. O funcionamento da rede é baseado na reciprocidade e nas trocas, havendo expectativas quanto aos papéis de cada membro da rede. Alguns se auto definem como lideranças, tomando a iniciativa de marcar reuniões, planejar atividades e se relacionar com a mídia. Outros, mais tímidos, voltam-se para os trabalhos de triagem, que inclui a lavagem, restauração de roupas doadas, verificação de validade de alimentos. Aqueles que tem carro, se encarregam de entregar as doações e assim, a rede segue o seu funcionamento.

Há muitas características ritualísticas da dinâmica da rede. É nela aonde os familiares conseguem constantemente reforçar e dramatizar os seus papéis. Esse o contexto da manifestação da “micropolítica das emoções” (REZENDE; COELHO, 2010, p.78) deste grupo de familiares e é o lugar onde eles encontraram para viver o “isolamento/ privacidade” do luto.

A complexa interação dos familiares possibilitou vários momentos de interpretações do sobrenatural. Após a Vigília do MP, a “Fumiga” me relatou ter sonhado com o “Augusto S.” e no sonho ela queria apresentá-lo a sua filha, para eles se relacionarem no outro plano. Com esses relatos, outros familiares também comentaram suas experiências através de sonhos e mensagens dos filhos.

No dia da festa de Natal, na cozinha, as mães reunidas começaram a falar dos sinais deixados pelos filhos de sua partida. Outros pais, durante a “ocupação” da Câmara, afirmaram não associar comportamentos anteriores à tragédia ao que aconteceu com os filhos, mas muitas “coincidências” nunca serão explicadas. Um pai, que não faz parte do grupo de informantes, mas que atua também na AVTSM,

me contou sobre a coincidência de ter poupado um gasto. Segundo ele, quando o filho mais velho passou no vestibular, ele alugou um apartamento em Santa Maria e mobiliou para esse filho. Quando o filho mais novo passou no vestibular, imediatamente ele quis fazer o mesmo, mas o filho caçula o repreendeu, disse que não havia necessidade dele ter aquele gasto em janeiro se ele iria entrar para a Universidade apenas na turma do segundo semestre. Com um olhar vago, esse pai me disse: “parece que ele sabia que não iria precisar daquilo tudo”.

Esse e tantos outros relatos que ouvi durante a pesquisa foi o que determinou minha escolha por aprofundar investigação nos elementos da espiritualidade. Cada uma dessas “sub redes” que compõem a chamada “rede de apoio” são relevantes e certamente passíveis de análise. Contudo, como já referido anteriormente, escolhi as construções simbólicas focadas na espiritualidade para direcionar minhas entrevistas e a análise antropológica. Esse é o tema do próximo capítulo.

4 A DESPEDIDA ANUNCIADA

No decorrer da pesquisa, o fato da morte das vítimas da boate Kiss ter sido tão abrupta e de não ter dado aos seus familiares a oportunidade de uma despedida, de um “adeus”, criou uma série de interpretações simbólicas como forma de “explicar” o inexplicável. A questão da morte inesperada, como uma ruptura da ordem natural, é analisada tanto por Elias (2001) quanto por Arìes (2012), apontando para a questão do “ritual da morte”.

O morrer no Ocidente, a partir do século XVI, passou de um processo íntimo, familiar, quando toda a família era envolvida com os cuidados e as homenagens aos moribundos, para um processo distanciado. Os “moribundos” ou doentes deixam de morrer na intimidade do lar para serem tratados e medicados no isolamento de instituições como hospitais, asilos e, no caso da morte, os cuidados fúnebres são terceirizados para empresas, os velórios realizados em capelas, reforçando a separação entre a intimidade da vida cotidiana e a contaminação do fim da vida.

Dentro dessa lógica, a ordem natural é nascer, crescer, envelhecer e morrer, sendo os cuidados com o envelhecimento e seu “retardamento” o objeto de desejo da sociedade em que vivemos. A morte de um jovem rompe com essa ordem linear e aproxima o pensamento de morte que protelamos para após o envelhecimento.

Ao se deparar com a morte impensada, nossa sociedade, individualista, como discute Damatta (1997), tenta encontrar formas de compreender e de encaixar essa morte na dinâmica atual, se valendo em alguns casos de orientações do sobrenatural, valores religiosos e até mesmo sentimentos de missão⁸¹. Como mencionado anteriormente, este capítulo reúne questões envolvendo a espiritualidade e as diversas estratégias coletivas de explicação para o ocorrido, que só tem esse sentido dentro da rede estudada e para os participantes que interagem compartilhando experiências de presságios, sonhos, mensagens pré e pós morte dos filhos.

⁸¹ Quando me refiro a “sentimentos missionários”, estou abordando a postura que alguns familiares tomaram diante das organizações, atos, interpretando sua participação como um compromisso com os filhos. Uma “troca de favores” com os mortos, uma missão de continuar um legado, seja pelo trabalho social, pela manutenção da memória ou para que a justiça seja feita.

Acredito ainda que, como já ter listei duas “sub redes” que compõem o que denominei de “rede de apoio”, a questão da espiritualidade se faz presente em todas as formas coletivas de organização de familiares. Embora não seja a totalidade dos informantes que manifestem inclinações religiosas ou compartilhem experiências como sonhos e sinais que serão listados, os familiares que atuam nas “sub redes” de solidariedade e justiça o fazem com um sentimento de missão. A missão deixada pelos filhos, o legado de continuar um trabalho, de seguir “cuidando” deles através de suas memórias ou a missão relacionada a uma lição de transformar a dor da perda em um aprendizado de amor ao próximo, de desapego material, de expressão dos sentimentos.

Cada familiar é oriundo de uma corrente religiosa, praticante ou não, mas os dados que foram registrados nesta pesquisa, como construções simbólicas de explicações ligadas ao campo da espiritualidade, têm maiores tendências para um “ecletismo” de crenças. Por isso, chamei esse conjunto de crenças de elementos do sobrenatural (existência da alma, presságios, comunicações por sonhos, mensagens) de “espiritualidade”.

Porém, todas estas crenças tiveram repercussão em virtude da interação e da dinâmica da rede de apoio, por isso caracterizei essas abordagens como o elo da rede: a espiritualidade

Num primeiro momento, este capítulo vai discutir rapidamente alguns aspectos teóricos sobre espiritualidade, morte e religião no Brasil, focando na influência do espiritismo para as concepções da existência de espíritos e da possibilidade de comunicação com os mortos.

Já em relação à tragédia, procurei listar, em linhas gerais, o que circulou na mídia e na população em geral sobre presságios de morte, que tiveram alguma influência no pensamento dos familiares. Vale lembrar que a tragédia, por ter tido repercussão internacional, permaneceu muito tempo na mídia, não apenas através de reportagens investigativas sobre o andamento do processo policial, das responsabilizações e possíveis falhas, como também em programas de entretenimento exploraram a tragédia pelo viés da espiritualidade a partir, especialmente, de aspectos sobrenaturais para encontrar respostas para a tragédia. Tais programas tiveram influência nas primeiras semanas usando as redes sociais e

a interatividade como forma de discussão com o público em geral para elaborar teorias premonitórias, algumas ratificadas por discursos de ex-funcionários, sobreviventes, outras sem confirmação alguma, como irei discorrer a seguir.

Por fim, chamo atenção para três aspectos da relação dos familiares com a morte dos filhos, em decorrência do incêndio na boate: (1) a visão dos familiares sobre possíveis sinais deixados pelos filhos, (2) como foi o contato com a morte dos filhos pela ótica da espiritualidade de cada um e (3) como eles administram, pós tragédia, a ausência dos filhos, focando, em especial, naquilo que denominei de “presença ausente”.

Este capítulo é resultado da observação participante, mas, sobretudo das entrevistas realizadas com os familiares. A “despedida anunciada” é o título escolhido para discutir, sobretudo, a questão dos presságios e a sensibilidade dos familiares diante de crenças no sobrenatural, que denominei “espiritualidade”.

4.1 Meandros da Fé

Discutir fé não se trata necessariamente de abordar uma religião ou outra, mas um conjunto de crenças que orientam determinado grupo social. Durkheim (1996), ao estudar o fenômeno religioso, entende a religião como um sistema solidário de crenças comuns a uma comunidade. Além disso, vê a religião como o produto da consciência coletiva, trazendo ainda a noção de “sobrenatural”, como uma característica daquilo que é religioso, como um mistério, algo que foge de uma explicação científica.

Essa noção de “sobrenatural” é fundamental para pensarmos o sentido da espiritualidade, dentro do contexto das famílias das vítimas da boate Kiss. Para diferenciar religião de espiritualidade, Silva (2008), ao discutir a influência da religião e da espiritualidade no trabalho, coloca a religião como um conjunto de questões sagradas, exercidas no seio de uma instituição, ligadas às estruturas formais rígidas, dogmáticas e, principalmente, relacionadas às questões do além-morte (SILVA, 2008, p. 771). Já, em relação à espiritualidade, esse autor coloca que estaria ligada

a uma experiência subjetiva de busca pelo sagrado (idem), tendo como principais características: a transcendência e a conexidade⁸².

A questão da espiritualidade, ligada às crenças do sobrenatural, é justificada por Damatta (1997), por ser uma especificidade brasileira da relação com os mortos e da crença na existência de fantasmas, almas, espíritos. Como já mencionado, acreditar que existe um outro plano espiritual para os espíritos além morte é também acreditar na possibilidade da comunicação entre os planos e mais ainda, na comunicação entre os vivos e os mortos. Por isso, esse autor afirma que:

Vivemos em um universo onde os vivos têm relações permanentes com os mortos e as almas voltam sistematicamente para pedir e ajudar, para dar lições de humildade cristã aos vivos, mostrando sua assustadora realidade. Na nossa sociedade, os espíritos retomam para assegurar a continuidade da vida mesmo depois da morte, e os fantasmas aparecem para revelar que nossa vida material é relativa e que há outra realidade permanente por trás de tudo o que julgamos saber. Aqui, os espectros estão também presos a promessas, bens materiais e emoções que só podem ser liberadas depois de serem devidamente descobertas e receberem as orações apropriadas. (DAMATTA, 1997, p. 146)

Essa relação com os mortos, de trocas e obrigações descritas por Damatta (1997), é caracterizada pela variedade de credos no Brasil, que sincretizam elementos dos cultos africanos, indígenas, católicos, evangélicos e pentecostais. Contudo, Arribas (2011), ao estudar a repercussão do espiritismo no Brasil, apresenta a discussão de diferentes autores sobre a forma de adaptação desse culto que se dividia em três correntes: filosófica, científica e religiosa, sendo que a religiosa foi a vertente que mais prosperou em nosso país. A influência do espiritismo seria determinante para as ideias espiritualistas de vida após a morte.

Ao fazer um breve relato sobre a história do espiritismo, Arribas (2013), coloca que o espiritismo surgiu na França, em meados do século XIX, através de Allan Kardec, pseudônimo do pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail, que propunha entender o mundo e sua relação com o além, partindo de um estudo de observação e experimentação, compilando uma doutrina que ele chamou de científica, filosófica e religiosa. Essa doutrina acreditava na existência e imortalidade

⁸² Transcendência estaria ligada a uma experiência fora do campo existencial do dia a dia; conexidade seria a ligação com as pessoas, com a natureza e com o cosmos, seja ela de caráter intrapessoal, interpessoal ou transpessoal (SILVA, 2008, p.771).

do espírito e que esse evoluía através de uma série de vidas chamadas encarnações (ARRIBAS, 2013).

Segundo a autora, o espiritismo surge em um momento em que outras teorias científicas, como positivismo e o socialismo, estão se desenvolvendo na Europa, com grande inspiração nos preceitos iluministas e nos ideais racionalistas. Dessa forma, Kardec busca o método da experimentação para dar um caráter de cientificidade para os estudos das mesas mediúnicas, em busca de comprovar a existência do espírito, rompendo com as ideias do sobrenatural, sendo esse associado ao misticismo e miraculoso da idade média, ou seja, aquilo sem explicação científica.

Contudo, quando os estudos espíritas chegam ao Brasil, junto com uma série de outros elementos europeus, nas áreas das artes, política, economia, há uma adaptação desse espiritismo que acaba não se desenvolvendo nos mesmos moldes da França. Para Arribas (2011), o espiritismo na França possuía o caráter mais filosófico e científico, enquanto o espiritismo no Brasil foi o caráter religioso que se sobressaiu. Para explicar isso, ela aponta duas posições distintas: primeira, dos autores Ubiratan Machado (1983) e François Laplantine e Marion Aubrée (1990), que defendiam que devido ao aspecto do misticismo da tradição cultural brasileira, o espiritismo teria sofrido um processo de “abrasileiramento”, perdendo o seu caráter científico (ARRIBAS, 2011, p. 320). Segunda, a posição teórica dos autores Jaqueline Stoll (1999), Emerson Giumbelli (1997) e Sylvia Damázio (1994), que de forma geral, veem o espiritismo brasileiro como um processo original de reinterpretção e reconstrução, baseada nas peculiaridades brasileiras.

Sendo assim, no Brasil, devido a crença na existência das almas, influenciada pelos cultos indígenas, reforçada pelos cultos africanos e agora ratificado pela doutrina espírita, podemos dizer que o espiritismo se adaptou às características regionais. Outro fator que propiciou a ênfase no caráter religioso do espiritismo no Brasil, está relacionado com o que Berger (1985) chamou de “secularização”, ou seja, o processo de separação da Igreja e Estado sofrida com a proclamação da República no Brasil, que têm ligação também com a ideia de modernidade e cientificidade da época. A separação da Igreja e do Estado possibilitou uma liberdade de culto, ampliando os aspectos culturais da espiritualidade brasileira.

No caso de Santa Maria, a cidade tem uma grande diversidade religiosa, com casas de religião Afro-descendentes, Sinagogas, Igrejas Evangélicas, Anglicanas, Centros Espíritas e Igrejas Católicas. Sobre as duas últimas é importante fazer a referência de que na cidade, a primeira sociedade espírita que foi criada tem registro de 1910 e atualmente existem 42 sociedades organizadas (WEBER, 2012, p.96). Já em relação à Igreja Católica, a cidade tornou-se referência por consolidar a devoção à Nossa Senhora Medianeira de todas as Graças em todo o Estado do Rio Grande do Sul, instituindo romarias e atribuindo à Santa a proteção da cidade diante do episódio histórico conhecido como “Revolução de 1930”. Após isso, em 1942, Nossa Senhora Medianeira foi instituída como Padroeira do Rio Grande do Sul, tornando Santa Maria um centro de peregrinação de católicos (BORIN, 2011, p.4).

Com estas características da cultura religiosa da cidade, os familiares das vítimas da Kiss mesclam elementos de uma espiritualidade que envolve aspectos católicos, como missas, caminhadas; espíritas, em termos de tentativas e interpretações sobre a comunicação com os espíritos e a ideia de caridade que é um dos preceitos do espiritismo no Brasil e as demais religiosidades que compõem um leque da espiritualidade, que envolve mediunidade, presságios, sonhos, como revela o relato abaixo, da mãe do Augusto S.

[...] eu não me lembro se foi na quinta, na sexta ou no sábado, eu fui lá no quarto dele e pedi “Augusto, tem alguma coisa, tu está com alguma coisa?” e ele olhou pra mim e disse: “Não, porque mãe?” e eu insisti com ele: “tem algum problema, quer falar comigo?”, “Não, estou tranquilo”, sabe assim quando uma pessoa sabe que vai acontecer alguma coisa e não está nem preocupado, eu sentia aquilo, eu sentia que ele estava preparado para aquilo que estava vindo, só que, sei lá, como se eu quisesse ir lá e tirar aquilo dele pra ele não ir, mas parece que ele já tinha se entregado, foi essa sensação que eu tive quando fui falar com ele, como se ele já estivesse pronto. Eu tive aquela premonição, eu sabia que ia acontecer, mas eu não pude fazer nada [...] (entrevista mãe do Augusto S, 2014)

No relato, a mãe coloca que “teve aquela premonição”, uma característica que Damatta (1997) chamou de trocas ou comércio com o mundo dos espíritos. O autor salienta que existem diversas formas e meios de comunicação, como coloca: Avisos, presságios, sinais, acidentes, coincidências e, sobretudo, sonhos e a mediunidade de certas pessoas são modos regulares pelos quais a comunicação se dá (1997, p.145). Nesta dissertação, serão listadas algumas experiências interpretadas pelos

familiares avisos, que eu chamo de presságios, começando pelas interpretações feitas pela população em geral e pela mídia acerca da tragédia.

4.2 Presságios da mídia

Foi a partir da primeira semana pós tragédia que a mídia agiu de forma invasiva na privacidade⁸³ das vítimas, procurando nos perfis do Facebook e Twitter elementos enigmáticos, como forma de “avisos”, “presságios” para explicar a tragédia. Assim, começaram a circular entre meu grupo de relações e depois ganhou maior repercussão, “teorias” e histórias sobre os presságios de morte. Essas teorias, que serão listadas, me chamaram a atenção pela proporção e pelo efeito nas famílias frente aos outros aspectos da tragédia (tais como a negligência dos donos, a ineficiência dos órgãos fiscalizadores, a mercantilização das formaturas, etc). Programas de televisão compreenderam que, de alguma forma, frases colocadas nas redes sociais pelas vítimas, lembranças distorcidas do dia, tivessem algum significado simbólico, fossem mensagens de despedidas ou sentimentos de que algo iria acontecer.

A primeira história que remete ao pensamento de algo sobrenatural influenciando as interpretações sobre a tragédia começou a circular já no dia 27. Ouvei de pessoas conhecidas a história de que “as pessoas que sobreviveram acordavam no hospital e perguntavam quem era a mulher de vermelho que durante o incêndio, dançava e ria apontando a porta do banheiro”. Não teriam sido poucos os sobreviventes que “afirmariam” tal aparição. Em outra versão, teria sido o primeiro grupo de socorristas a entrar na boate após o controle do incêndio que, ao entrar, teriam visto a imagem da “mulher de vermelho” dançando e rindo no meio do salão, sobre os corpos, sendo sua imagem dissipada pela fumaça. Esse comentário circulava entre as redes sociais virtuais, em locais de convivência de jovens, como o Restaurante Universitário, bares e até mesmo entre meu círculo de amizades. Nas

⁸³ Considero aqui, invasão de privacidade, o fato de programas de entretenimento como “A Tarde é Sua” terem exposto comentários das vítimas de suas redes sociais em rede nacional, gerando teorias e especulações sobre a tragédia. Como exemplo ver: <http://www.youtube.com/watch?v=Yy1n4_OBg8E>. Acesso em: 23 jul. 2013.

primeiras semanas pós tragédia, o assunto em questão era o incêndio na Boate Kiss.

Essa história, que foi repassada por conversas, por diferentes grupos, entre os familiares e pela cidade como um todo, mexeu com as concepções religiosas das pessoas. Alguns atribuíam a tragédia como uma obra do “demônio”, que a mulher de vermelho seria o demônio, ou que a “pomba gira⁸⁴” teria sido enviada para tirar a vida desses jovens. Sobre isso, perguntei a um Africanista seu posicionamento sobre e ele defendeu que, se de fato tivesse aparecido tal imagem, essa seria da “Mãe Iansã”, que teria vindo buscar as almas dos mortos⁸⁵. Nenhum dos entrevistados comentou sobre essa teoria, que nunca foi confirmada por qualquer sobrevivente com quem tive convívio. Esse boato teve maior influência no público em geral, mas acabou em descrédito poucos dias pós tragédia.

Outra análise premonitória da tragédia, que circulou nas redes sociais, estava relacionada ao nome da festa e ao suposto cartaz de divulgação da festa. O nome “aglomerados”, que faz menção aos cursos que promoviam a festa - Agronomia, Zootecnia, Tecnologia de Alimentos, Medicina Veterinária, Técnico em Agronegócio e Pedagogia da UFSM, teria sido associado à maneira como foram encontradas as vítimas, principalmente as que faleceram nos banheiros. O grande número de vítimas levou a um “empilhamento” de corpos no banheiro e no salão da casa noturna. Os corpos “aglomerados” são reinterpretados como “aglomerados”. Da mesma forma, o cartaz abaixo (figura 29) foi divulgado por pelo menos um mês, como sendo o cartaz da festa e que nele haveria a sugestão do que aconteceria.

No cartaz, que tem uma caveira animando a festa, essa seria interpretada como a morte. O fogo que se dissipa na parte superior seria como iniciou o incêndio na boate e as pessoas, representadas no cartaz como caveiras, seriam os mortos no

⁸⁴Pomba-Gira é um espírito feminino, cultuado por uma dentre as várias vertentes afro-religiosas denominada Quimbanda. Dentro desse culto, segundo o Bábalaorisá (Sacerdote de maior nível iniciático dentro do culto) Gilvan de Odé, os espíritos atuantes nessa religiosidade são os elos de comunicação entre os planos espirituais, ou seja, são os mensageiros entre o Plano material (onde viveríamos) e o Plano astral (onde se encontram as divindades). Além das Pombas-Gira, existem os Exús, que são os espíritos masculinos, que assim como "elas", também são mensageiros entre os Planos espirituais.

⁸⁵ Comentário feito pelo Bábalaorisá Gilvan de Odé, incrédulo sobre a suposta "Mulher de vermelho". Na religião de matriz Africana conhecida como Batuque Afro-Sul Riograndense, a qual se cultuam Orisás (emanações das divinas energias da natureza), a Orisá Oyá é a divindade dos ventos e tempestades, mas também a responsável pela busca e encaminhamento das almas após a morte para o plano astral, denominado como Orún.

incêndio. Depois de permanecer bastante tempo nas redes sociais e mídias⁸⁶ a divulgação desse cartaz, outro surgiu para “desmentir” o anterior. Segundo comentários nas redes sociais, o cartaz da caveira teria sido utilizado pela banda em outra festa, há pelo menos seis meses antes da tragédia. O cartaz que seria o oficial da festa (figura 30) não traria nenhum elemento enigmático para interpretações místicas. Contudo, devido ao sensacionalismo midiático do momento, a ideia do primeiro cartaz ter sido premonitório perdurou pelo menos 3 meses nas conversas e interpretações das pessoas (população em geral) pós tragédia.

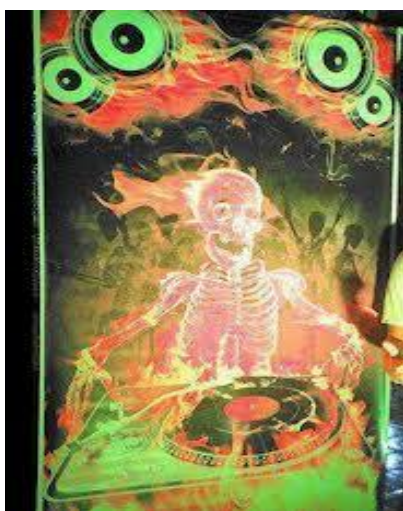


Figura 30 - Cartaz da Banda Gurizada Fandangueira

Fonte:

<<http://atitudejovemfm.blogspot.com.br/2013/01/polemica-cartaz-da-banda-gurizada.html>>

Organizadora: PEIXOTO, P.S.



Figura 31 - Cartaz oficial da Festa na Boate Kiss

Fonte:

<<http://taisparanhos.blogspot.com.br/2013/01/cartaz-da-festa-onde-aconteceu-tragedia.html>>

Organizadora: PEIXOTO, P.S.

86 Exemplo, vídeo caseiro divulgado no youtube, disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=jMCSf2HBXK0>>.

Outra associação feita com a tragédia estava relacionada a uma possível simbologia da data 27 de janeiro. O primeiro comentário sobre a data surgiu como sendo “aniversário” do holocausto, e que a tragédia então seria resultado de “forças malignas” que atuaram nos campos de concentração nazistas. Esse argumento ganhou maior credibilidade no imaginário social em função do gás (cianeto) que causou a morte dos jovens ter sido o mesmo usado nos campos de concentração pelos nazistas. O segundo comentário que associava a tragédia com o holocausto foi a reinterpretação do nome da boate- Kiss, onde entenderam que os “ss” seriam uma referência ao exército de Hitler.

Não se sabe ao certo se essas interpretações surgiram dos familiares, amigos ou das especulações das redes sociais. Os elementos que são comparáveis ao holocausto são: o gás que matou todos em ambas as situações e a data. Sobre o dia 27, em 2005, a Organização das Nações Unidas - ONU, através da resolução A/RES/60/7, que condena todas as ações de intolerância religiosa e étnicas, instituiu o dia 27 de janeiro como Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto, uma vez que nessa data se comemora o aniversário da libertação do campo de extermínio de Auchwitz- Birkenau. Os familiares acabaram associando o dia 27 como o “dia de extermínio”, dia do holocausto, quando o que a data representa na realidade é um dia de libertação dos campos de concentração.

Ainda, os programas de entretenimento da televisão procuraram pelas redes sociais das vítimas elementos para reforçar a ideia de presságios de morte. Frases postadas no facebook e twitter como “A Kiss nunca será mais a mesma depois dessa noite” ou “vamos colocar fogo na Kiss hoje”, passaram a ser entendidas como mensagens inconscientes dos jovens sobre seu destino. Até mesmo um dos comentários dos sócios da boate, que dizia que o maior sonho dele “seria levar a Boate Kiss ao conhecimento internacional” foi entendido como um presságio. Da mesma forma, uma mãe me relatou que “uma amiga espírita disse a ela, de fonte segura”, que o caminhão utilizado para o transporte dos corpos até o CDM teve que ser inutilizado, uma vez que era um caminhão refrigerado, que transportava cavalos e, após a tragédia, teria sido relatado que os cavalos se recusavam a subir no caminhão, como se os animais “sentissem a presença dos espíritos que foram transportados ali”.

Por fim, outro comentário que circulou nos vídeos do youtube e nas redes sociais, seria de que teria tocado na noite, uma música da cantora norte americana Kesha intitulada “Die Young”, cujos trechos da tradução da música⁸⁷ dizem:

[...] Vamos aproveitar a noite ao máximo
Como se fôssemos morrer jovens
Corações jovens, descontrolados
Correndo até não nos restar mais tempo
Crianças selvagens, bonitas
Vivendo ao extremo, do jeito que deveríamos
Não se importe com quem está observando
Quando estivermos detonando
Essa mágica que temos ninguém pode tocar

Procurando alguma encrenca hoje à noite
Pegue minha mão e lhe mostrarei o lado selvagem
Como se fosse a última noite de nossas vidas
Vamos continuar dançando até morrermos [...]

Não houve confirmação de que essa música teria mesmo sido tocada na boate Kiss, até porque os ritmos musicais previstos para a festa seriam outros, contudo, a música foi associada à tragédia e o clipe foi interpretado como um presságio, uma vez que aparecem símbolos místicos como pentagramas e cruzes invertidas⁸⁸.

Presságios ou não⁸⁹, o fato é que pós tragédia os familiares e amigos passaram a reinterpretar ações das vítimas como sinais de despedida. Comentários, maneiras de viver, personalidade, pequenos gestos, palavras ou a ausência delas passam a ser entendidas como sinais e avisos de que algo estava por acontecer e que de algum modo avisos foram dados, embora não tenham sido percebidos a tempo.

A mídia, de forma invasiva, mistificou as informações que teve acesso das vítimas, em relação à festa, em relação à boate. Essa ideia de “presságios de morte” teve repercussão e acabou tendo uma força coletiva nas pessoas em geral, que buscavam encontrar uma explicação para o ocorrido, para aceitar a finitude da vida. Contudo, os familiares encontraram em suas recordações sinais únicos da vida dos filhos, que pós-tragédia foram ressignificados, reinterpretados. Muitos familiares não

⁸⁷ Tradução disponível em: <<http://letras.mus.br/kesha/die-young/traducao.html>>. Acesso em: 04 set. 2013.

⁸⁸ Ver clipe disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NOubzHCUt48>>.

⁸⁹ O capítulo não trata de discutir a veracidade ou não dos presságios, mas como essas explicações influenciaram a rede de espiritualidade composta pelos familiares pós-tragédia.

tinham *a priori* a interpretação de presságios, foi o convívio com a rede de familiares que possibilitou a reinterpretação de algumas passagens da vida dos filhos e de suas próprias vidas como possíveis avisos, de que eles (os familiares) seriam escolhidos para vivenciar uma grande perda, ou que os filhos, através da sua personalidade, demonstravam desapego a “esse mundo” e deixaram sinais de despedida.

4.3 Presságios dos familiares

A análise dos presságios de morte pela ótica dos familiares faz parte das concepções de espiritualidades já apontadas pelo pensamento de Damatta (1997) sobre a crença corrente no Brasil em questões do sobrenatural, relativas à existência de “espíritos” ou das “almas”. Os familiares, a partir desse pensamento, acreditam na morte dos filhos como um estágio momentâneo de separação e que irão reencontrar seus filhos depois de suas mortes. Porém, ao crer na existência desses “dois mundos”, ou “dois planos espirituais”, um em que eles – os familiares- vivem e o outro para onde os filhos partiram, acreditam também na possibilidade de estabelecer formas de “comunicação”, ou seja, os familiares acabam interpretando situações do cotidiano, coincidências, sonhos e lembranças em relação à vida e personalidade dos filhos como forma primeira de comunicar, de expressar que partiriam cedo ou que ainda podem “manter contato”.

Sobre isso, Arribas (2011), explica pela ótica do espiritismo que:

As comunicações entre os vivos e os mortos (ou na linguagem espírita entre os “encarnados” e os “desencarnados”) são intermediadas por indivíduos chamados médiuns. Segundo o Espiritismo, todos nós seríamos médiuns, isto é, todos nós possuiríamos a faculdade sensitiva de perceber a presença ou de se comunicar com espíritos (KARDEC, 1996, p. 177). Ela pode se dar de diversas maneiras, seja através de sonhos, de pressentimentos, seja, enfim, de algum tipo de sensação física ou mental. É nesse sentido que o caso das “mesas girantes e falantes” foi interpretado por Allan Kardec como sendo fenômenos criados por espíritos que desejavam comunicar-se com os vivos a fim de lhes transmitir a nova doutrina. (ARRIBAS, 2011, p. 324)

Dessa forma, foi recorrente em campo ouvir dos familiares suas lembranças sobre situações que antecederam a tragédia e que foram ressignificadas como tentativas de comunicar a morte, como presságios. O convívio constante entre os

familiares fez com que essas experiências provocassem novas interpretações entre a “sub rede”, criando uma espécie de “efeito dominó”. Bastava um familiar compartilhar um sonho, uma mensagem psicografada ou uma lembrança da personalidade dos filhos que remetiam a interpretações do sobrenatural, que as pessoas da rede se mobilizavam para também fazer suas reinterpretações.

O primeiro contato que tive com o tema sobre presságios foi no velório da Flavinha, quando ouvi a Mary relatar o que ela sentira no dia, o fato de ter visto a imagem do rosto da prima desfigurado, o aperto no peito durante todo o dia e a certeza de que ela (Flavinha) não a teria deixado ir como forma de “salvá-la” da tragédia. Essas ações, entre outras, reinterpretadas como avisos, passaram a povoar o imaginário dos familiares no pós tragédia.

No dia em que foi realizada a Assembleia de criação da AVTSM, na saída, acompanhei a Mary até a frente do Colégio Santa Maria, onde a mesma se realizou. Observei uma mãe, que não fez parte do meu grupo de informantes, fumando na frente do colégio. Na ocasião, Mary se aproximou dela para fumar e conversar. A Mary comentou a situação que ela viveu, o que ela sentiu no sábado do dia 26 de janeiro, e aquela mãe, de postura sisuda, a ouviu com um cigarro entre os dedos.

Quando concluiu o assunto, Mary frisou a importância dos familiares se unirem buscando justiça, pois uma perda dessa magnitude não poderia ser esquecida, que eles (os familiares) tinham que lutar por aqueles que não tiveram chances de lutar por suas vidas dentro da boate. Antes que essa mãe pudesse responder algo à Mary, chegou o táxi para levá-la para casa. Me despedi da Mary e acompanhei essa mãe numa caminhada até o centro da cidade. Ela começou uma conversa dizendo: “meu filho também me deu todos os sinais que isso ia acontecer” e continuou o assunto iniciado pela Mary. Eu perguntei como isso havia acontecido, ela relatou sua relação com o filho na semana da tragédia. O filho dela, mais velho, teria dito em uma ocasião que estavam no carro dele que ela não precisava se preocupar, que quando ele partisse, ele a deixaria muito bem de vida, que teria feito um seguro em nome dela e ela iria poder se dedicar para cuidar dos seus irmãos. Ela, surpreendida, teria dito: “mas que conversa é essa?” e o assunto se encerrou.

Essa conversa, no início da minha inserção junto aos familiares, aliada aos comentários gerais de presságios, foi direcionador do meu olhar durante a pesquisa.

Conforme fui convivendo com os familiares, na tenda da Vigília, nos almoços que participei, fui notando como a rede se estabelecia: um familiar fazia um comentário relacionado a presságios e os outros aos poucos iam associando esses comentários com suas próprias experiências.

Essa dinâmica da rede faz parte do que Mauss (1979) chamou de sistema de trocas. O que constituiu vínculos, amizades e afetos entre estes familiares foi essa constante troca de experiência e o sentimento de “liberdade de expressar” sua emoção, seja ela dor, tristeza, nostalgia, em um grupo no qual encontra reciprocidade. E é através desse sistema de trocas que o grupo que compõem, a rede realiza as construções simbólicas coletivas que dão suporte emocional em forma de “explicações” para a tragédia. Além disso, o fato da espiritualidade compor um sistema de apoio, que interage com as “sub redes” é o que evidencia o caráter heterogêneo e de complexa mobilidade entre os sujeitos que realizam as trocas.

Para compreender a dinâmica dessas trocas e construções coletivas, durante as entrevistas eu questionava sobre a relação dos familiares com os filhos e como havia sido a semana que antecedeu a tragédia, com o objetivo de ver se apareceriam os aspectos que eu ouvia informalmente durante a observação. Muitos aspectos da espiritualidade surgiram e alguns familiares mais próximos a mim, que sabiam que eu tinha interesse em saber sobre essa questão espiritual, já me aguardavam com uma lista de sinais deixados pelos filhos. Essa proximidade com alguns familiares ocorreu devido a minha atuação como militante política e integrante da ONG *Para Sempre Cinderelas*.

Para pensar as diferentes interpretações dadas pelos familiares, estabeleci uma tipologia em relação aos possíveis presságios. 1) Presságios relativos à personalidade dos filhos; 2) Presságios sobre mudanças e/ou interpretação sobre o comportamentos dos filhos e dos próprios familiares na semana que antecedeu a tragédia; 3) Presságios proferidos por Entidades/ místicos (consulta em centros de umbanda, jogo de carta).

4.3.1 Presságios em relação à personalidade dos filhos.

Esse tipo de manifestação foi caracterizada de duas formas: a) como jovens que tinham um sentimento de “viver o presente”, que não faziam planos para o futuro; b) sentimento de desapego dos filhos, tentativa de fazer os pais desapegar dos filhos.

Sobre as características da personalidade como o sentimento de “viver o presente”. Segundo os relatos, os filhos tentavam aproveitar ao máximo as atividades cotidianas que lhes davam prazer. No total, seis familiares associaram a personalidade dos filhos como uma explicação para a morte abrupta. Dos seis familiares, cito duas mães e uma irmã, como mostram os relatos abaixo:

[...] o meu irmão era muito agitado, não tinha mau tempo com ele e às vezes eu dizia: “Mano, por que tu não acalma um pouco?” e ele dizia assim: “é que eu não tenho o mesmo tempo que vocês”, eu não entendia. E ele dizia assim: “vocês vão ver, eu ainda vou morrer em festa, rodeado de mulher e vou estar feliz, eu não me vejo velho, eu vou fazer festa, que se eu morrer em festa, pode ter certeza que eu estou feliz” e a gente não dava bola pra esse tipo de coisa, mas agora escutando. A mesma coisa o filho da nossa funcionária dizia “mãe, tu não fica chateada, mas eu não vim pra criar raiz aqui” e ela achava que era a questão de Santa Maria, de querer sair, hoje ela realmente entende que não, que ele realmente não veio criar raiz, parece que de alguma forma eles sabiam [...] (entrevista irmã do Silvinho, 2014)

[...] E ela não parava quieta, voava as tranças, era um entra e sai e sempre tinha coisa pra fazer, me lembro que a prima da Flavia falou que “parecia que elas tinham pressa pra fazer as coisas” e agora a gente entende por que isso, hoje fica claro o porquê dessa pressa de viver, de correr de fazer festa, de passear, de curtir a vida [...] (entrevista mãe da Gilmara, 2013)

[...] ela saía, vamos supor, de segunda a segunda...teve uma vez que ela saiu de segunda a segunda e eu disse: minha filha, que ânsia que tu tem, que ânsia, e ela: mãe, a gente tem que viver o agora, viver o hoje, e eu disse: ta, mas e o futuro? Não, eu não consigo pensar no futuro! Mas só que eu nunca parei pra pensar...eu dizia tu tem que te organizar! O pai e a mãe não vão estar aqui a vida toda..tu tem que cuidar da tua irmã...aí ela chorava e dizia: a senhora não vai morrer! [...] (entrevista mãe da Andrielle, 2013).

Neste primeiro bloco de relatos dos familiares eu relembro que a primeira informante não participa ativamente das redes, mas sim, sua mãe. Porém, mesmo ela não tendo uma relação direta com a rede, ela manifestou um discurso similar aos demais familiares. Acredito que isso ocorreu devido ao fato dos familiares terem o hábito de lembrar traços da personalidade dos filhos, pequenos eventos, situações que são compartilhadas na rede e pode ter influenciado esse contexto.

A influência desse convívio para a elaboração de explicações sobrenaturais pode ser percebida no discurso da mãe da Gilmara, quando ela afirma “agora a

gente entende por que isso”, pois quando ela se refere a “a gente” não está falando apenas da sua família consanguínea, mas das conclusões tiradas a partir do compartilhamento de experiências nas redes de familiares. Esse “a gente” são as pessoas que interagem com essa mãe e que discutem essas questões voltadas para a espiritualidade. Em outro contexto, poderia se pensar que essa “pressa de viver” é apenas uma característica dos jovens em geral, muitas vezes imprudentes, pouco cuidadosos com a segurança nas ruas à noite, enfim, uma série de reclamações que os pais costumam fazer dos filhos. Mas, neste contexto, nesta rede, este comportamento foi interpretado como uma mensagem de que não viveriam por muito tempo e por isso deveriam aproveitar ao máximo sua vida terrena.

Sobre os presságios relativos a um sentimento de desapego dos filhos ou da tentativa de fazer os pais se desligarem dos filhos, selecionei os seguintes relatos:

[...] tem muitas coisas da minha filha que a gente foi entendendo o porquê. Ela era muito meiga, muito querida, mas ela não deixava as pessoas se apegar muito nela, não sei se já não era uma forma de evitar que as pessoas sofressem. Todo mundo queria bem ela, mas ela não deixava ficar um grude, exceto a amizade dela com as gurias. Então a gente acaba achando que aquilo era proposital, pelo relato feito pela mãe das meninas e de outros familiares, diz que aconteceram coisas parecidíssimas nas semanas antes de acontecer a tragédia e todas elas deixaram algum recado, falaram alguma coisa que na hora não fez sentido pra gente, mas que depois foi entendendo, talvez elas já sabiam que a missão delas já estava concluída, então só de saber que elas estão bem tu te conforma um pouco, mas quando começa a pensar que pelo menos aqui nesse plano tu nunca mais vai ver ela, isso te derruba [...] (entrevista pai da Andrielle, 2014)

[...] ela dizia: “pai, tu precisa de alguém pra te ajudar” e ela sempre me empurrava pra fazer as coisas. Só que nos últimos meses, de setembro pra cá, ela tinha uma velocidade enorme, pra fazer tudo rápido, tinha que ser tudo rápido era “pai, vamos lá”, “pai, não perde tempo, que depois tu não vai mais ter tempo pra nada” [...] (entrevista pai da Jennefer, 2014).

Os relatos acima apontam para dois tipos de tentativas de desapego: no primeiro caso, o pai aponta como uma característica que sempre esteve presente na personalidade da filha, atribuindo esse certo distanciamento como uma forma de evitar um sofrimento futuro na família. A filha só demonstrava apego com as amigas que vieram a falecer com ela, como se fosse um indicativo de que algo aconteceria com elas.

Faço aqui uma ressalva sobre a relevância desse relato, pois ele enfoca justamente a importância da interação das redes, quando o pai diz que outros familiares relataram que aconteceram coisas “parecidíssimas” com eles, e que

depois eles (os familiares) foram entendendo. Esse entender está dentro do contexto de construir simbolicamente e coletivamente essas explicações.

Possivelmente, se esses familiares tivessem vivenciando a experiência do luto de forma reclusa, íntima, como é de desejo da sociedade individualista, que tenta levar a morte para o campo do privado, as interpretações seriam outras, mas o convívio sistemático e o compartilhamento de lembranças geram um “efeito dominó” na rede. Talvez, se tais familiares não convivessem, não chegariam a essas conclusões, mas são essas trocas, essas construções simbólicas que alimentam a rede de apoio. Ainda, o que eu chamo de “efeito dominó”, poderia ser interpretado como “ideia sugerida” pela ótica de Mauss (2003), quando ele discute no texto “o efeito físico no indivíduo da ideia de morte sugerida pela coletividade”, estudando povos não ocidentais, nos quais, determinados indivíduos morrem simplesmente porque acreditam que irão morrer. A partir disso, podemos inferir que a interação da rede sugere os indivíduos nas construções simbólicas.

Voltando à tipologia, o segundo caso acima, relacionado com desapego, tem a ver com o trabalho. Como a filha trabalhava com o pai, o discurso da filha foi entendido como uma forma de prever que o pai iria assumir futuramente responsabilidades e por isso precisaria de alguém para ajudá-lo nos negócios, levando a crer que a filha não estaria por perto. A mudança na personalidade teria sido notada meses antes da tragédia.

4.3.2. Presságios sobre mudanças e/ou interpretação sobre o comportamentos dos filhos e dos próprios familiares na semana que antecedeu a tragédia

A tipologia de presságios referentes à mudanças de comportamentos. Pode ser dividida nas seguintes variáveis: a) mudança de comportamento dos pais; b) mudança de comportamento dos filhos; c) sonhos premonitórios dos filhos ou pressentimentos maternos.

Sobre os presságios relacionados à mudanças de comportamentos dos pais observei que esse tipo de presságio foi interpretado como mudanças repentinas

no comportamento, como dizer adeus na porta, ou cozinhar para os filhos, como mostram os relatos abaixo.

[...] então foram coisas assim que a gente vai associando aos poucos e que ela acabou dizendo muita coisa pra gente né, nas entrelinhas, outra coisa que ela sempre dizia assim é que ela não se via casada, ela não se via com filhos, mas achava normal da idade, porque eu também pensava assim, ah! Nunca vou casar, nunca vou ter filhos e ela disse assim: mas mãe, é engraçado, parece que isso não é pra mim, não...casamento, filhos não vai acontecer nunca pra mim e a gente começa a dar atenção pra essas coisinhas depois que passa, a forma como me despedi dela, ela teve aqui no apartamento a mesa estava virada aqui ao contrário, sentou no meu colo e eu nunca fui até porta pra dizer tchau pra ela e aquele dia eu fui e ela ficou me abanando me dizendo que me amava, saiu gritando no corredor que me amava, e eu nunca fui assim de ir atrás, sabe? [...] (entrevista mãe da Vitória, 2013)

[...] então foi uma semana que a gente teve muito contato, eu cozinhei naquela semana, coisa que eu não faço [...] (entrevista mãe da Thanise, 2013)

[...] naquele dia eu perguntei o que ele queria de almoço e ele disse que queria só dois ovos fritos e eu disse que ia ensinar ele a fazer no micro e ele disse já tinha feito e não tinha gostado. Aí, fui pra cozinha e me entusiasmei, acabei fazendo a comida que ele mais gostava: arroz, bife e batata frita. Quando ele veio almoçar, que eu disse que sabia que ele queria ir lá na Kiss e ele sabia o que eu pensava de lá [...] (entrevista mãe do Augusto N., 2014)

[...] na noite do dia 26 ele chegou em casa e disse que ia fazer umas pizza em casa, que os guris iam passar lá e pediu pra eu fazer a massa pra ele e eu disse que não ia fazer, que já tinha tomado banho e estava na hora da minha novela e ensinei ele a fazer a massa, aí, lá pelas tantas eu pensei “mas que tipo de mãe eu sou, que não posso fazer uma massa de pizza pro filho? Aí eu levantei e fui lá ajudar ele... e na segunda feira quando chegamos do enterro, foi justamente as pizzas que sobraram feitas por ele que comemos [...] (entrevista mãe do Lucas, 2014)

O primeiro relato, da mãe da Vitória, é uma mistura tanto da mudança do comportamento da filha como da mãe. O diferencial é quando a mãe comenta que não tinha o hábito de se despedir da filha e, naquela noite do dia 26 de janeiro, ela foi até a porta e disse adeus. Os três relatos seguintes, das mães, mostram a mudança em seu próprio comportamento na semana e no dia da tragédia, como seus últimos momentos aproveitados perto dos filhos. O ato de cozinhar para os filhos e com os filhos foi compreendido como a oportunidade de vivenciar uma despedida alegre. Um sentimento de que uma última lembrança foi construída através do simples “ato materno” de cozinhar. Um ato que remete sobretudo ao elo estabelecido entre mães e filhos, aquilo que legitima a dor das mães e as colocam

em primeiro lugar na “hierarquia da dor”. Construíram sua última lembrança positiva com um ato de cuidado materno.

Sobre os presságios relativos à mudança no comportamento dos filhos. Nessa variável da tipologia encontram-se aspectos relativos aos pressentimentos das vítimas, dores no corpo, sentimentos de angústia, mudança de hábitos, entre outros, que serão listados abaixo.

[...] antes de acontecer a tragédia, foi uma semana bem diferente, tanto pra ela, quanto pra nós. Ela passou a maioria dos dias encerrada no quarto, saía só de noite quando a gente já estava indo dormir, ou até já tinha ido. Ela saía pra tocar o violão dela sempre, mas aquela semana ela fez isso com mais intensidade. Depois do acontecido que a gente se dá por conta de coisas que passam despercebidas, ela praticamente se isolou naquela semana, eu vi ela na quinta feira e na sexta feira de noite, foi a última vez que vi ela, porque no sábado eu cheguei era quase nove da noite e ela já tinha saído, mas a oportunidade que eu tive mesmo de conversar com ela foi no dia 24 e depois aquela história triste da tragédia [...] (entrevista pai da Andrielle, 2014)

[...] parecia que a espiritualidade já estava preparando ela, pois ela já não estava mais rendendo, estava cansada, a faculdade não estava mais rendendo o que ela queria, estava desgostosa com algumas coisas, reclamava de uma dor de barriga, uma ansiedade, ela dizia: “Mãe, acho que eu não ando bem[...] (entrevista mãe da Mirela e José Manuel, 2014)

[...] o Silvinho ligou e disse “pai, você foi viajar e me deixou sozinho, não me liga mais, e está chovendo, e a lavoura, e as lagartas, e eu tenho que pulverizar, e agora tu não está aqui” sabe, coisas assim, cobrando ele. Aí meu pai disse pra mãe “vamos voltar e semana que vem eu vou ficar toda ela com o Silvinho lá fora, porque ele esta muito angustiado, muito nervoso. E era o plano de no dia 28 eles irem pra fora juntos e a mãe ficar lá, fazendo comida e o pai ficar na lavoura com o Silvinho. Então esses eram os planos e o pai fica muito angustiado, porque via que ele estava sofrendo na semana antes da tragédia e ele não estava lá junto [...] (entrevista irmã do Silvinho, 2014)

[...] no aniversário dela e ela me deu o primeiro pedaço do bolo, ela nunca tinha me dado o primeiro pedaço do bolo, sempre era o primeiro pra vó dela, o segundo pra mãe dela e o terceiro pra mim, depois que a vó morreu era o primeiro pra tia Fani e depois pra mana, no ano de 2013 ela cortou a fatia na metade e deu pra tia Fani e pra mim, aí eu fui dar pra Lisa e ela disse “não, eu quero dar pra ti”. Isso são coisas que tu fica pensado, será que ela já sabia? O que ela quis dizer com isso? Por que ela não quis deixar eu ir na Kiss? Por que ela bateu o pé pra eu não ir, foi impressionante, ela dizia “se tu for eu vou ficar de mal contigo” e aquilo permaneceu a sexta-feira inteira [...] (entrevista Mary, 2013)

Os relatos acima abordam as interpretações de presságios das vítimas. No primeiro caso, o pai relata que a filha se isolou naquela semana, como se ela estivesse de alguma forma “preparando” seus familiares. Já o segundo caso, a mãe

comenta sobre um sentimento de desencanto, desapego da filha que parecia frustrada com suas atividades e sentindo dores de ansiedade. Da mesma forma que o outro relato mostra um sentimento de angústia, de deixar as coisas organizadas, sentimento esse, sentido pelo pai ao telefone. Por fim, uma ação inesperada de entregar o primeiro pedaço do bolo de aniversário para a prima foi interpretado como uma forma de transmitir uma mensagem de adeus.

No caso da experiência da família da Flavinha, embora a Fani não tenha interpretações sobre presságios, me fez um único comentário a respeito. Segundo ela, o nome Flavia Maria (Flavinha), traz o “Maria” como uma homenagem à Nossa Senhora Aparecida. Fani tentou engravidar cinco vezes e sofreu quatro abortos espontâneos. Até que sugeriram a ela que fizesse uma promessa à Nossa Senhora Aparecida. Ela fez e conseguiu manter a gravidez, nascendo a Flavinha. Ela e a filha não frequentavam nenhuma religião, mas tinha em casa uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, pois teria sido ela quem teria “dado a Flavinha à Fani”. Fani, notou que na semana do dia 27, a Flavinha rezou bastante, mais que o normal, em frente a imagem. Ela não sabe o que ela pedia e nem porque rezava, mas pensa que alguma coisa ela estava sentindo.

Sobre os presságios por sonhos ou pressentimentos maternos, observei que esses presságios derivam de sentimentos compartilhados por uma mãe e também o relato de um sonho que o filho teve meses antes da tragédia.

[...] eu sempre fui uma mãe que teve uma intuição de que eu seria uma mãe que conviveria com a perda de filho, não sabia dizer por que eu tinha isso, mas eu não me voltava pra minha filha, porque ela era uma menina muito decidida, muito independente, muito segura, eu tinha uma preocupação com meu filho, mas eu como mãe tive isso, a sensação de que perderia um filho jovem [...] (entrevista mãe da Gilmara, 2013)

[...] Um dia ele me gritou “Véia, vem cá, eu quero te contar um sonho”, cheguei no quarto e pedi o que tinha acontecido e ele disse “Tive um sonho sinistro, tinha um ônibus e eu não sabia onde ele estava, era um lugar estranho, cheio de pessoas, eu estava lá parado e tinha um homem na porta e ele fazia assim pra mim, vem, e ele me dizia, vem que está na tua hora e eu dizia, eu não vou, não posso ir agora, olha lá a minha mãe chorando, não posso deixar ela, eu não vou, e ele disse, chegou sua hora, não há mais tempo. Mas bá, mãe, me deu até uns arrepios, eu subi no ônibus e fiquei te olhando tu chorando [...] (entrevista mãe do Lucas, 2014)

Nessa temática apresentada, é possível notar que a questão dos sonhos, tão presentes entre os familiares, aparece como um presságio da própria vítima, no

caso o Lucas. Sobre a questão dos sonhos, Araújo (2003, p.02), ao estudar o imaginário onírico, coloca que a própria religião pode ser pensada como tendo origem na experiência onírica. Para justificar isso, o autor aborda os estudos de Turner, nos quais os sonhos tiveram fundamental importância para os “povos primitivos”, pois criaram o caminho para a crença em espíritos e para a religião através da reflexão sobre suas próprias experiências oníricas.

4.3.3 Presságios proferidos por Entidades/ místicos

Para concluir a tipologia de presságios, é importante relatar as premonições a partir das crenças religiosas dos familiares. Nesse sentido, os familiares com inclinações espíritas e umbandistas foram os que mais contribuíram com análises de presságios. Sobre a questão das religiões, Cunha (2010), ao propor uma discussão sobre a morte, coloca que existem duas abordagens para pensar a morte: a filosófica e a religiosa. Para o autor, esses dois campos de reflexão se distinguem no sentido em que o da *filosofia* – que se baseia no método racional para explicar tal fenômeno – e o da *religião* – dando respostas às inquietações do homem diante de sua finitude, principalmente na divulgação da ideia de vida após a morte (Ibid., p.3).

Ainda em relação à construção simbólica de sentidos, através de presságios e formas de comunicação focadas na religiosidade, Giumbelli (2003), ao desenvolver um estudo sobre as práticas mediúnicas no Brasil, entre as décadas de 1930 e 1960, atenta para a questão do sincretismo de crenças, que misturam elementos primitivos, de origem das nações africanas, com filosofias espíritas, compondo o que ficou conhecido por “baixo espiritismo⁹⁰”. Quando o autor estudou o surgimento do espiritismo no Brasil, existia uma necessidade de diferenciar o espiritismo “científico” do “sobrenaturalismo”, de onde provém a expressão “baixo espiritismo”, que envolve aspectos da cultura religiosa afro-brasileira. Entre esses aspectos da cultura afro-

⁹⁰ Importante frisar que o autor, ao estudar o surgimento do espiritismo no Brasil, através de várias fontes, entre elas processos criminais, apontou as disputas religiosas do período no sentido de afirmação de religiões, sendo o espiritismo considerado uma doutrina “científica” e os cultos afro-brasileiros considerados curandistas, charlatanistas por abordagens rituais e mágicas. Por isso, na hierarquia das religiões, os cultos afro-brasileiros passaram a ser chamados de “baixo espiritismo”.

brasileira estão os jogos de cartas, tarô, búzios, consultas com Entidades (pretos velhos, caboclos, orixás, exus), que compõem esse universo de significados.

Foram relatados pressentimentos dos familiares que frequentam tais doutrinas religiosas, de terceiros, ou seja, parentes dos familiares que tiveram algum tipo de experiência premonitória e de situações específicas de cada crença religiosa, como jogos de cartas, comunicação através de entidades espirituais ou conselho de médiuns. Apresento algumas dessas colocações apresentadas por duas mães e um pai.

[...] essa mensagem eu tinha recebido há alguns meses e quando chegou no final do ano, ela foi confirmada de duas formas também...pode falar? Não sei se pode? Olha, como umbandista eu recebo uma preta velha e ela já tinha dito pro pai da minha filha numa das vezes que ela se manifestou, que ela ia “partir”, que ela ia embora e pra bem longe! E a gente entendeu aquilo como após a formatura dela, porque ela ia se formar logo, ela tinha a pretensão de fazer um mestrado na Espanha ou uma especialização e a gente entendeu que era isso, nunca entendeu uma partida mesmo, física dela, nunca entendeu como uma desencarnação dela! Depois, em outro período, eu fui numa mulher que põe cartas e numa das vezes, ela abrindo as cartas assim pra mim, a primeira coisa que ela me disse é que seria grande a transformação na minha vida e que uma delas era por muita dor, que nós íamos perder uma pessoa bastante próxima e que ela sabia que era uma mulher, daí eu pensei, ah, minha vó, que tem 92 anos, a mãe que estava meio doentinha, alguma coisa assim, e ela disse não, parece ser alguém jovem, mas eu não posso te dizer ou não quero ver! Daí, me ocorreu o nome da minha filha, mas eu não tive nem coragem de pronunciar, não tive nem coragem, passou! Depois, em outro episódio também, quando eu fui colocar carta pra ela aqui, a primeira coisa que apareceu foi “Morte na família”, mas dentro da nossa linha, nosso sangue, mesma coisa que minha irmã tinha dito, nosso sangue e aparecia uma jovem no meio de duas...assim, uma carta que é a rainha de ouro que ela é jovem, mas entre duas outras rainhas, assim duas figuras femininas, não lembro agora que eram de mais idade e eu não consegui ter aquele entendimento do que podia ser e nem na hora assim me ocorreu, como me ocorreu lá na minha irmã, então não sei se isso é premonição, se ...não sei, a gente as vezes não quer né, não quer entender, não quer ver, não quer aceitar [...] (entrevista mãe da Vitória, 2013)

[...] A minha mãe falou, ela é de um centro e umbanda, ela, quando sonha com o meu pai, ela fica desesperada, porque ela sabe que sempre que meu pai aparece, algum problema tem, e ela fica desesperada ligando pros filhos, tem eu aqui, um em Natal, outro em Recife, e ela me falou que um mês antes ela sonhou que meu pai estava lá na frente da Kiss, ela nunca passou na Andradas, não sabe onde fica a tal da Kiss, e ela ficou desesperada, mas depois que aconteceu o fato que ela viu na televisão, ela disse que tinha sido lá na frente da Kiss, que ela viu meu pai lá na frete e era meu pai novo, jovem. Então, ela reconheceu a rua dos Andradas antes de acontecer, aí, quando ela viu na televisão, ela ficou doidinha [...] (entrevista pai do Augusto S, 2014)

[...] o Augusto, ele gostava muito desse negócio místico, então ele ia muito nesses negócios aí de centro espírita lá atrás da igreja das Dores, ou de umbanda, não sei.... Aí, assim, uma vez uma entidade disse que o Augusto ia embora, uma vez ela me disse que ele ia pra uma cidade de luz, e eu ficava pensando “mas, cidade de luz? aí eu pensava: “mas será que ele vai embora pra Floripa?”, aí na última vez eu que fui lá, ela disse que ele quer ir pra um lado, mas eles vão levar ele pra outro lado, que eles têm uma missão muito grande, e eu não entendi, e ela dizia: “ele vai embora”,, ela deu todos os avisos...Aí, há muitos anos atrás, ela perguntou: “tu frequenta alguma igreja, faz algum estudo, algum trabalho?” e eu disse: “não, eu vou algumas vezes na igreja, algumas vezes frequento um centro espírita e eu não vou muito porque meu marido não gosta muito de ir e eu não gosto de ir sozinha, eu gostaria que ele fosse, aí ela me disse assim: “tu te dedica a alguma coisa, faz alguma coisa pra tu evoluir, mas te dedica, faz alguma coisa, se não a tua dor vai ser muito grande”, aí, como eu tenho um problema na coluna e estava sempre fazendo fisioterapia, RPG, aquela coisa toda, eu pensei “Ah, meu Deus, eu vou ficar entevada”, aí pensei, vou me dedicar, mas jamais pensei que seria algo com meu filho, e ela me avisou, e acho que se não fosse isso eu acho que a gente não teria aguentado [...] (entrevista mãe Augusto S, 2014)

As questões apontadas pelos familiares acima, que remetem novamente a interpretações sobre o destino da alma, a vida após a morte, missão, em sua maioria são apresentadas pelos familiares frequentadores ou simpatizantes das doutrinas espíritas e umbandistas. Além dos relatos apresentados, outros familiares contribuíram com exemplos de sinais deixados pelos filhos, interpretados posteriormente por eles. Sonhos, mensagens espíritas, encontros com entidades mediúnicas foram recorrentes para alimentar o elo de espiritualidade, transpondo os limites de uma religiosidade padrão, ou de religiões conhecidas, para também se direcionar para abordagens mais místicas como curandeiras, benzedeadas, médiuns, chamadas de druidas.

O oposto também é perceptível nessa rede. A morte abrupta, a incompreensão do ocorrido e a dificuldade de estabelecer esses tipos de construções coletivas premonitórias levaram a outros familiares, mais especificamente duas mães, a uma crise de fé. Uma se afastou da Igreja que frequentava, a outra passou a se autodenominar atea ou agnóstica pós tragédia. Essa crise e ainda a afirmação da fé foi descrita pelos familiares no momento em que souberam do incêndio. O desespero do dia 27 de janeiro, a procura pelos filhos nos hospitais também suscitaram interpretações diversas que serão discorridos a seguir.

4.4 O contato com a Morte

[...] e naquele desespero de ter ido na Kiss, de ter percorrido todos os hospitais sem encontrar nenhuma notícia deles, eu voltei pra minha casa e sozinha, lá na garagem, eu olhei pra cima e disse: “Deus, até quando o Senhor vai testar a minha a fé?” e naquele momento eu soube que os dois estavam mortos. (discurso informal mãe da Mirela e do José Manoel, 2014)

Poder expressar a emoção da dor, da saudade em público, dentro do contexto da rede de apoio é o que mobiliza a rede. Contudo, quando a questão é de falar da morte dos filhos, para alguns familiares ainda é uma grande dificuldade. Fala-se muito dos filhos, das lembranças de quando eram vivos, mas não há um consenso entre os familiares sobre falar a respeito do dia 27 de janeiro.

Algumas mães e pais compartilham facilmente detalhes que viveram no dia, como acordaram, quem os avisou sobre o incêndio, quem reconheceu os corpos, como foi a procura nos hospitais e a chegada ao CDM. Outros, pela dificuldade e emoção ao falar sobre o dia 27, acredito ter sido a primeira a ouvir com detalhes sobre como se sentiram no dia.

Como o objetivo da dissertação é aprofundar mais as interações sobre a espiritualidade, acredito ser importante trazer alguns relatos sobre a visão dos familiares, a partir das suas experiências sobre fé e morte, acerca do momento do embate com a morte. Cada familiar trouxe um aspecto relevante envolvendo fé e espiritualidade, pois na angústia de encontrar os filhos, apelavam para preces, promessas em busca de notícias. Pós-tragédia, esse episódio também foi alvo de reinterpretações a partir da interação da rede de familiares, dentro do contexto de trocas já comentado.

O primeiro momento que percebi essa relação espiritualidade/ construções coletivas baseadas em coincidências, foi ouvindo os comentários da Mary em relação a como ela sempre encontrava os familiares das meninas da ONG nos mesmos lugares que ela ia. Segundo ela, eles se encontravam por acaso em frente aos mesmos hospitais, sem ter havido combinações. Na interpretação dela, foi uma maneira das meninas iniciarem um processo de reunir seus familiares e prepará-los para uma convivência maior.

Em outro momento, quando conversava com a mãe da Gilmara, ela comentou sobre a procura naquela manhã e disse que o que a tranquilizou foi uma mensagem

recebida perto das oito horas da manhã que dizia: “mãe, pegou fogo na Kiss, me ajuda”. A mensagem teria sido enviada às três horas e dezessete minutos, mas só foi recebida pela mãe por volta das oito horas, o que levou a crer que ela estaria internada e avisando a mãe. Depois, essa mãe disse que compreendeu a espera de um dia inteiro por notícias como parte de um processo de preparação do espírito para aceitar o que havia acontecido e o fato dos familiares das quatro⁹¹ meninas se encontrarem espontaneamente teria sido um plano organizado por elas mesmas para ajudar na elaboração da perda.

O dia de busca e reconhecimento mexeu, desestabilizou ou reforçou a fé dos familiares. Irei listar diferentes discursos relacionados ao contato com a morte e suas crenças espirituais.

[...] O dia que eu fui reconhecer o corpo da minha filha, ela já tinha sido reconhecida por um médico amigo nosso, e eu entrei lá no CDM aí fui direto ao corpo dela e daí eu percebi que era ela, não tinha como não ser, aí eu percebi que era ela e eu disse: é a minha filha mesmo! Só que assim, eu só senti um corpo...não existia mais nada ali a não ser um corpo e eu não fiquei abalada, porque eu acho que até já tinha esse preparo, pelo tempo que eu fiquei no hospital esperando por notícias dela né? Bom, daí o médico me perguntou se eu tinha condições de reconhecer mais outras pessoas, porque eu sempre disse que onde estaria ela, estariam as outras, porque a gente não sabia onde estariam as outras amigas, a Flavinha, a Andrielle, a Gilmara e Mirela, daí numa segunda menina depois dela, a menina próxima depois dela, também senti só um corpo, mas depois quando chegou a terceira menina, que eu cheguei assim perto, que me abaixei pra ver se eu reconhecia, me deu uma coisa muito estranha, me sufocou, não senti cheiro, porque estava um cheiro insuportável e eu só senti depois, mas me sufocou eu não conseguia falar eu fiquei engasgada e só disse assim que tinha um zumbido no meu ouvido, a impressão que eu tinha é que era um pedido de socorro, como se...sabe..era um grunido, eu percebia isso, não sei se eu ouvia o que que era, mas me deu um mal estar físico enorme, aí eu pedi pra sair, disse eu não tenho condições!!! E naquele momento o médico achou que fosse pela minha condição emocional, né...aí eu passei, alcancei a identidade dela e tentei sair, quando eu saí, eu passei pelo meio dos meninos porque eram muitos corpos estendidos e em determinados momentos eu senti a mesma coisa, eu tive a impressão que estava sendo puxada pelas pernas e aquilo foi horrível, horrível, eu não sei descrever o impacto que dá aquilo, foi terrível, aí eu fui saindo, daí minha ex cunhada me amparou e me tirou lá de dentro e eu fui saindo e consegui respirar e aliviou [...] (entrevista mãe da Vitória, 2013)

A fala dessa mãe é significativa por ter sido a primeira história que ouvi informalmente em um almoço para as mães, em relação ao contato com a morte. Essa fala apresenta três elementos, dois relacionados à fé religiosa dela e um a rede

⁹¹ Aqui a referência é a apenas quatro meninas porque a Mirela e o Jose Manoel foram reconhecidos perto das dez hora da manhã.

à qual está inserida. Sobre sua religiosidade, a crença na reencarnação, na vida após a morte, elementos presentes na cultura religiosa brasileira, a partir do sincretismo de diferentes crenças religiosos, trouxe certa tranquilidade a ela no momento do reconhecimento do corpo. Em suas palavras informais, ao olhar o corpo desfalecido da filha viu apenas o que era: um corpo, matéria, sua filha não habitava mais aquela matéria. Sobre a reencarnação, princípio do espiritismo, Arribas coloca:

A reencarnação é um processo cíclico, porém evolutivo, mediante o qual o espírito, ao abandonar seu corpo material através da morte da matéria, volta ao mundo espiritual para continuar seu progresso. Depois de um tempo, torna a voltar ao mundo material em uma nova encarnação. De acordo com a doutrina reencarnacionista, as ações realizadas na presente existência, sejam boas ou ruins, acabam imprimindo conseqüências nas vidas posteriores, segundo um princípio chamado *Lei de Ação e Reação* (KARDEC, 2002, p. 31-35), algo parelho à concepção de *karma* dos hindus. (2011, p. 324)

Ainda sobre a questão da reencarnação, da existência do espírito, durante a entrevista essa mãe comentou sobre a curiosidade da filha sobre as questões sobre o mundo espiritual e a vida depois da morte. Foi esse preparo, esse entendimento prévio da filha sobre o que se tratava a morte que, segundo ela, permitiu o desencarne sem que a filha ficasse presa ao seu corpo material. Da mesma forma, sua crença sobre o entendimento do mundo espiritual e a necessidade de certo grau evolutivo para a aceitação do desencarne foi determinante nas emoções que se sucederam na tentativa de reconhecimento de outros corpos. Essa mãe, que se identificou como umbandista, médium, vivenciou um momento de troca de sentimentos. Segundo ela, o que ela sentiu foi a presença dos espíritos que não haviam compreendido o que havia acontecido e pediam por socorro. O sufocamento, os grunhidos seriam resultado de sentir a confusão que as almas ali presentes estariam sentindo.

Outro aspecto que trouxe tranquilidade a ela durante o reconhecimento e já citado por outra mãe, foi a interpretação de que o tempo de espera por notícias teria sido uma forma de elaboração da notícia, uma estratégia para prepará-las. Baseada nesse relato que ouvi informalmente e depois busquei registrá-lo através da entrevista, procurei identificar similaridades ou disparidades na experiência dos demais familiares. A relação fé e morte se mostrou de diferentes formas: resignação

(depoimento 1), revolta/crise de fé (depoimentos 2 e 3) e cético até a confirmação (depoimento 4), como mostram os depoimentos abaixo:

1) [...] coincidentemente todas as mães estavam juntas sem se comunicarem, isso foi bem marcante no dia. E a mãe da Andrielle, foi umas das primeiras a saber e nisso eu estava afastada e sem pânico, um pouco temerosa do que poderia ver, a mãe da Andrielle passou e disse “juntas estavam e juntas foram encontradas”, mas mesmo assim eu ainda fiquei firme que poderia não ser aquilo ali. Mas aí, imediatamente veio a confirmação da Flavinha, adiantou-se a confirmação da Vitória antes da Gilmará, minha filha, e chegou a vez da letra “G”, então meu marido que identificou primeiro, não demorou muito pra sair de lá e eu na expectativa de que ele dissesse que não tinha encontrado nada lá, mas quando ele saiu no corredor, a expressão e o que ele mostrava no rosto dele era de que elas estavam lá juntas, e eu ainda disse “tem certeza que tu reconheceu ela?” e ele me disse “como eu não vou reconhecer a minha filha?”, então eu disse “eu vou ver”. Nisso chegou um colega meu que estava trabalhando lá e ele me perguntou se era isso mesmo que eu queria e eu disse que sim, que eu queria saber se era. E eu me desloquei até lá e foi o que aconteceu, as quatro juntas estavam lá e eu olhei a situação e entreguei a Deus, com todo aquele meu preparo eu entreguei a Deus e elas pareciam dormir, elas não estavam machucadas, visual de imediato elas não estavam machucadas, eu olhei o corpo da minha filha e disse: “Deus, eu criei até aqui, agora ela está em Suas mãos”. (entrevista mãe da Gilmará, 2013)

2) [...] nós procuramos ela por tudo, ela foi uma das primeiras a sair e não achávamos em lugar nenhum, aí quando eu saí, de repente me deu um coisa, um aperto muito grande no meu coração e eu disse pro meu irmão: “eu quero ir embora”. Daí, quando nós estávamos indo pra casa eu tive a certeza de que a Tanise estava morta e eu comecei a passar mal, fui pro hospital, tomei medicamento, enquanto isso meu irmão estava indo pro CDM. Eu não sei te explicar, é como se ela tivesse me apertado e dizia “não procura por mim mãe, não procura por mim” uma coisa muito, muito estranha, e eu disse “não adianta procurar por ela, ela não está aqui, ela não está em lugar nenhum, ela não está em hospital nenhum, me leva pra casa que ela está morta”. Sabe, eu sempre pedia que se existia uma força maior, um Deus, pra dar toda a proteção pra ela, se tinha alguma coisa boa pra vir pra mim, que viesse pra minha filha, e naquela noite, se eu pudesse, das três até as quatro horas, que pra mim foram anos, se passaram anos até eu ver a Thanise dentro de um caixão, foram terríveis. Então, aquilo ali eu pensava “por favor, me traga ela pra mim”, então eu sabia que eu tinha falhado, quando minha filha mais precisou de mim eu não estava lá, eu não estava lá pra segurar a mão dela, pra pegar ela no colo, pra ela dar o último suspiro no meu colo que seja e eu falhei como mãe, e se existe esse Deus ele falhou comigo como pai, e falhou com a Thanise como pai, porque eu pedia pra ele, me levar eu, eu sou cheia de pecado, no inferno quem vai arder sou eu, não ela, ela tinha tanta coisa pra fazer ainda... então quando eu precisei ele não veio, acho que não vai existir outra situação pior, então pra mim é indiferente, se quiser fazer um milagre agora, muito obrigada, eu agradeço, pode passar adiante, passa pra outro, hoje meu raciocínio é esse. (entrevista mãe da Thanise, 2013)

3) [...] olha, eu me revoltei com todo mundo, até com Deus, porque eu perguntava e pergunto, “Por quê?” Eu pedia tanto pra Deus me dar um filho, eu pedia tanto pra Deus cuidar de meu filho, rezava tanto pra Deus encaminhar meu filho, pra ele não se perder, pra que ele fosse um rapaz

responsável, mas parece que Deus não ouviu nada e quando aconteceu isso com meu filho, eu fiquei descrente de tudo, eu não aceito que era a hora dele, que seja assim, que chegou o tempo dele, eu não aceito. (entrevista mãe do Augusto N, 2014)

4) [...] eu fui ali na frente da Kiss, peguei a segunda via da chave do meu carro e entrei pelo Carrefour pelo lado da Rio Branco, aí desci, quando vi aquele monte de carro, que ele deixava o carro ali eu fui apertando o alarme do carro pra ver onde ele estava, aí apertei, apertei e nada do carro, eu estava bem feliz, pensei “de repente ele arrumou uma namorada e saiu por aí”, mas quando eu cheguei mais perto o carro piscou lá, aí meu coração me quebrou, aí quando eu despertei, aí eu olhei na frente da Kiss e já tinha uns mortos assim na frente [...] (entrevista pai do Augusto S, 2014)

Acredito que o processo de aceitação da morte e da perda se relaciona com a compreensão de espiritualidade de cada familiar. Os familiares frequentadores de centros espiritualistas (espíritas, umbandistas, druidas, cartomantes), por acreditarem na imortalidade da alma e na reencarnação, conseguem projetar reencontros futuros e mesmo diante de muita dor, entendem sua perda como parte de um plano de evolução espiritual para si e para os filhos que partiram. Os familiares que não tinham inclinações desse tipo, os evangélicos sofrem por não crer no reencontro e a ideia da separação abrupta é motivo de revolta e distanciamento da Igreja. Para aquela mãe que não frequentava nenhuma religião, a tragédia tornou-se o cerne da descrença em qualquer Ser Supremo.

Da mesma forma que a mãe da Thanise citou sua predisposição à vômitos a partir da tragédia, houve outro relato do Capitão, que todos os dias acorda no mesmo horário: cinco horas da manhã. Quando questionei por que esse horário, ele me respondeu que foi o horário em que a Mary ligou para a casa dele para avisar que havia um princípio de incêndio na boate e ela não estava achando as meninas, se ele poderia ir ajudá-la nas buscas aos hospitais. O horário da ligação ficou gravado inconscientemente como um trauma, fazendo com que ele e a esposa acordem sempre no mesmo horário.

Para concluir essa seleção de depoimentos sobre o contato com a morte, achei relevante destacar a experiência de um familiar cujo contato com a morte faz parte de um encerramento, de um longo processo de participação em momentos importantes. A irmã do Silvinho, durante a entrevista, comentou sobre a diferença de idade entre ela e o irmão e que por isso ela acabou ajudando sua mãe a criá-lo,

passando por todos os seus momentos importantes, escola, faculdade e a morte.

Em suas palavras:

[...] eu tenho uma coisa muito marcante, que quando ele entrou no colégio ele foi logo na primeira série, ele tinha medo de ficar em sala de aula, ele nem sabia o que era colégio, acho que ele nunca se tocou que um dia ele ia ter que ir, que os irmãos já iam. O dia que ele teve que ir, ele ficou com muito medo, e ele só ficaria na sala de aula se alguém ficasse cuidando dele na porta, nisso o pai e a mãe trabalhavam e eu fiquei uma semana com ele, eu ficava na porta e ele sentava bem perto da porta e ficava me olhando, cuidando pra ver se eu estava ali. Se eu ia no banheiro, se eu ia tomar água, ele saía correndo para ver onde eu estava, aí eu tinha que voltar com ele e ficar parada com ele na porta toda a manhã, depois ele se acostumou, a professora fez com que ele se acostumasse. Quando ele foi se formar, eu fui com ele ajudar a assinar o diploma, ajudei ele no trabalho de conclusão. Pra retirar o diploma, era lá em Canoas, e eu fui junto com ele, essa parte me emociona, porque a gente fez uma festa pra ele, ele tinha um pouco de problema pra escrever, não sei se era uma espécie de dislexia, então ele guardava tudo na cabeça, a faculdade inteira ele fez sem caderno, porque quando ele era pequeno ele era obrigado a ter caderno, só que ele tinha dificuldade, a letra dele não era muito legal pra gente entender. Na faculdade, alguns professores complicavam por ele não ter o tal do caderno, mas assim, ele tinha tudo na cabeça, ele gravava. Então a gente foi lá concluiu o trabalho, ele passou com mérito porque ele sabia muito, ele fez a pesquisa sobre qual que era o acesso das pessoas que moravam na área rural, ao médico oftalmologista, então ele foi por todo esse interior de São Pedro, Dilermando, pegou o carro e foi batendo de porta em porta. E depois ele foi trabalhar com esse pessoal, ele disponibilizou o trabalho dele, e trabalho com o pessoal em São Pedro. Bom, pra mim foi bem marcante que ele saísse do colégio, porque depois eu tive que assinar o atestado de óbito, isso realmente é uma coisa difícil, não é algo que está no curso normal da vida, tu participa de tantas conquistas e depois parece que tu assina o enterramento disso. Mas claro, a dor do pai e da mãe, não podem nem ser comparadas com a minha, alguém tinha que fazer isso, e eu fiz pra poupar eles de tudo, até hoje eles não viram esse atestado, o laudo que a polícia fez. (entrevista irmã do Silvinho, 2014)

Nesse caso, a morte apresentou-se como um último ato de apoio da irmã ao irmão. Assinar o atestado de óbito para preservar os pais da dor da burocracia da morte foi uma coisa difícil de ser feita, como relata a irmã, mas ela o faz por que a “dor dos pais deve ser bem maior que a dela”, o que remete novamente a ideia de que existe uma “hierarquia da dor”. Outro elemento simbólico importante era também poder dar um desfecho a algo que ela havia se proposto desde criança ao participar ativamente dos momentos importantes da vida do irmão. Ele confiava nela e ela não falharia em estar com ele para essa última responsabilidade.

Contudo, todos os familiares que professam ou não uma fé religiosa interagem por meio de outros aspectos da espiritualidade, como compartilhamento

de sonhos, identificação de sinais da presença dos filhos e sentimentos missionários. De alguma maneira, tentaram estabelecer diferentes formas de comunicação com os filhos, que mesmo mortos, estão vivos em suas vidas, em suas lembranças. Mesmo ausentes, estão presente.

4.5 A Presença Ausente

[...] O que mais me dói hoje é chegar a qualquer loja, qualquer lugar e ter que preencher um documento oficial e lá pedir o número de filhos e eu sabendo que eu tenho dois ter que responder um. Como pode de uma hora pra outra uma pessoa simplesmente deixar de existir para o mundo quando ela é e sempre será presente pra você? Ele sempre vai ser meu filho. (entrevista pai do Augusto S, 2014)

A ideia de tornar presente a ausência dos filhos foi notada em todas as manifestações das redes. A Vigília é a expressão maior de deixar registrado no coração da cidade que 242 jovens perderam suas vidas. Essa lembrança poderia ser através de qualquer símbolo, uma escultura, uma árvore, mas a opção foi um espaço com diversas imagens, fotografias individuais e um grande banner que contempla uma foto de cada vítima, para dar a ideia da totalidade da tragédia. Ali na vigília estão presentes as memórias, o desejo de justiça, de solidariedade, de apoio. Aliado a isso, as camisetas com fotos das vítimas, os bótons e os banners identificam os familiares em meio a população.

Mas, tudo isso já foi relatado. Quando me refiro ao que denominei de presença ausente, estou ampliando as diversas formas de expressão de sentimentos e interpretações de símbolos que ganharam sentidos coletivos dentro da rede. Ninguém que convive com os familiares, que transita entre as redes é imune de sentir e experienciar esses sinais, as tentativas de comunicação e as formas de deixar registrado que os filhos ainda têm seus lugares na vida de suas famílias.

Esse é o contexto ao qual fui mais afetada, pela minha relação na rede, pela proximidade e carinho que sinto pelas pessoas. A situação que apresento para definir essa presença ausente está relacionada a diferentes formas de comunicação entre os familiares das vítimas que morreram na tragédia. Em um primeiro momento, são interpretações simbólicas para pequenas coincidências que lembram as vítimas

e que levam a crer que são tentativas de comunicação dos filhos, de avisar que estão próximos. Essas comunicações são entendidas como oriundas das vítimas para os familiares e pessoas que convivem com a rede. Algumas serão relatadas sem muitos detalhes, outras em forma de sonhos e outras, mais complexas, por psicografias.

Já em um segundo momento, o caminho da comunicação é inverso. É uma tentativa dos familiares de mandar a mensagem de que eles são e sempre serão lembrados de alguma forma, no cotidiano dos seus lares, para além do que é exposto à sociedade em geral. São questões ímpares e privadas de cada família.

O momento do campo que chamou minha atenção para esse aspecto, foi uma situação muito peculiar. O Capitão não tinha o hábito de manusear computador, não tinha acesso às redes sociais. Porém, em função da comunicação da rede de justiça ocorrer basicamente através do facebook e e-mails, a Mary criou uma conta nessa rede social para ele. Sobre o facebook, muitos familiares não tiveram acesso às senhas dos filhos para cancelar suas contas, que foi o caso da filha do Capitão.

Quando ele teve sua própria conta, ele visitou o perfil da filha, olhou as fotos, postagens, mensagens para ela e enviou uma solicitação de amizade. Sua esposa me procurou para falar sobre isso, pois havia ficado preocupada, pois “o que ele tem na cabeça? Acha que ela vai aceitar o pedido?”. Além disso, ela desabafou comigo, que sempre antes de dormir ele ficava alguns minutos na sala conversando com o banner que traz uma foto da filha e que está pendurado na parede. Durante a entrevista, ele afirmou fazer isso, como forma de pedir uma orientação se está no caminho certo e de reforçar sua promessa de lutar pela sua memória.

Essa situação, estranha a mim, me trouxe indagações sobre o que de fato ele esperava com a solicitação de amizade. Não consegui chegar a conclusões, mas diante da impossibilidade da família cancelar a conta, percebi que a partir de algum tempo já não era desejo que isso ocorresse, pois o perfil da filha tornou-se uma espécie de memorial virtual. Diariamente, mensagens de amor, de saudades são postadas com a marcação do nome da Andrielle. O perfil tornou-se um espaço de diálogo entre os amigos, familiares que manifestam saudade, contam lembranças, alimentando seu perfil, mantendo ela viva, virtualmente. Embora o tema das análises

das redes sociais virtuais não seja do meu domínio, esse episódio serviu para que eu pensasse outras formas de experiências dos familiares.

4.5.1 As Comunicações dos que partiram

Início os relatos deste tipo de comunicação a partir das minhas experiências de afetamento em campo. A Flavinha tinha uma tatuagem de borboleta no pé, então a borboleta passou a ser, para sua família e amigos, um símbolo da presença dela. A primeira vez que nos deparamos com essa forma de comunicação foi uma coincidência singular. Havíamos reunido uma quantia significativa de doações para a creche comunitária escolhida pela Flavinha e os integrantes da ONG foram fazer sua primeira visita e entrega oficial de doações. Ao estacionarmos os carros, havia um gramado ao lado do portão de entrada da escolinha e quando a Mary passou pelo gramado ela gritou: “olha ali, uma borboleta igual a tatuagem da Flavinha”. Imediatamente todos ficaram sensibilizados com a coincidência, pois por que ali naquele lugar e naquela hora apareceria uma borboleta igual à tatuagem da Flavinha? Nesse instante, começaram as associações sobre a presença da Flavinha e borboletas.

Outro momento, bastante pessoal para mim, ocorreu perto de outubro de 2013. Estava com muitas tarefas acadêmicas, associadas à minha inserção com os familiares, teve um momento que achei que havia assumido compromissos demais, pois a militância ocupava muito do meu tempo, mais o mestrado e a ONG e tinha e sensação de que não fazia nada direito. Numa noite, em minha casa, conversando pelo bate-papo com a Juca, eu disse a ela que ia pedir meu afastamento da ONG, que eu não estava dando conta de todos os projetos e ações e me sentia frustrada por isso. Nossa conversa foi interrompida por um barulho de asas, de um bicho voando na minha casa. Fui olhar o que era, e era uma borboleta, que eu nunca tinha visto. Era de um tom de amarelo terra, com uma pigmentação marrom. Achei estranho uma borboleta entrar à noite em casa e ainda mais uma tão exótica, mas não fiz associação alguma.

Passadas algumas horas, eu falava com a Mary pelo bate-papo e ela estava me contando dos sonhos que ela estava tendo com a Flavinha. Segundo ela, sempre que ela estava muito nervosa, muito agressiva com a questão da luta por

justiça, ela sonhava com a Flavinha e de alguma forma isso a acalma. Ela seguiu falando de como a Flavinha era uma pessoa especial que se doava às pessoas e comentou sobre uma amiga da Flavinha que estava passando por uma situação difícil e a procurou para conversar. No meio da conversa das duas uma borboleta apareceu na casa da menina e ela fotografou e postou para a Mary ver. Mary pediu que eu olhasse a borboleta que era a Flavinha mandando mensagem para a amiga e quando vi a foto era uma borboleta igual a que eu havia visto na minha casa. Era só uma borboleta. Poderia ser apenas uma grande coincidência, mas naquele momento e no contexto no qual me encontrava, de total imersão no campo, de militância e de afetamento (FAVRET-SAAD, 2005), interpretei o surgimento da borboleta como um pedido da Flavinha de que eu não deixasse a ONG e me senti reprimida por tal situação, permanecendo atuante na mesma.

Outro comentário veio em relação a Fani. Ela e a mãe da Andrielle estavam em uma feira e as duas compraram cada uma, uma cuia de chimarrão. Quando a Fani chegou em casa e foi olhar os detalhes da cuia, havia uma borboleta pirogravada na cuia. Da mesma forma, a mãe da Andrielle notou apenas depois que em sua cuia estava pirogravado um violão. O violão e a música são sinais interpretados pela mãe da Andrielle como a presença dela. Lembro que em uma das Vigílias em homenagem a Andrielle, sua mãe levou todos os seus pertences preferidos para expor na mesa da Vigília: sua coleção de garrafas Long Neck, uma garrafa de tequila fechada, fotos com as meninas e ao fundo, o seu violão, que segundo os pais, aprendeu a tocar sozinha e era sua marca registrada.

Seus familiares diziam que a filha tinha hábitos noturnos, que dormia de dia e a noite ficava na área dos fundos tocando seu violão para o cachorro labrador ouvir. Sua mãe, que é doceira, diz que hoje, sempre que liga a batedeira quando está trabalhando, ouve o som do seu violão e sabe que ela está junto. Outra forma que ela se comunica é através dos animais. Sempre que a mãe cai em prantos, deita no sofá da sala, o gato da Andrielle vai deitar sobre a mãe e o cachorro encosta o focinho no seu rosto, como quem tenta consolar. Como eram animais apegados à filha, ela interpreta como sendo mensagens de carinho da Andrielle.

Já a mãe do Augusto N, traz poucos relatos sobre a questão da espiritualidade, dada a sua orientação religiosa (evangélica), mas quando se trata de sentir a presença do filho ela relata:

[...] sonhar eu nunca sonhei, mas eu sinto o perfume dele, tem épocas que eu sinto o perfume dele, o Kaiak e às vezes, à noite, quando eu não consigo dormir, que eu perco o sono, eu sinto a presença dele, parece que ele está parado na porta do quarto, mesmo no escuro, eu tenho a sensação de que ele está ali. (entrevista mãe Augusto N, 2014)

A questão dos sonhos é outra fonte que alimenta o imaginário dos familiares. Como coloca Araújo (2003, p.5), certamente os sonhos devem ser reconhecidos como fazendo parte da maioria das crenças religiosas, sendo muitos os vínculos que podem ser estabelecidos, principalmente na questão de diálogos entre os seres humanos e as divindades ou com os espíritos dos que partiram. O autor coloca, ainda, que os povos primitivos entendiam o sono como um estágio de vigília e que o sonho era o momento no qual a alma saía para encontrar-se com aqueles que partiram. Por isso ele trouxe a discussão de Turner que acreditava serem os sonhos a origem da religião, pelo aspecto de premonições que os sonhos traziam.

Eu mesma tive a experiência de sonhar com as meninas da ONG, mesmo sem conhecê-las pessoalmente. Quando contei detalhes do sonho, os familiares surpresos falaram que elas eram exatamente como apareceram para mim, e que certamente vieram através de sonho para me conhecer.

Outra situação inusitada veio num comentário da mãe da Thanise. Ela me chamou e disse: “sabia que eu sonhei com o Augusto S?”. Eu disse que não, e ela contou que em seu sonho ele se apresentava para ela e ela havia achado ele muito bonito e educado e passou o sonho todo tentando encontrar sua filha para apresentá-lo a ela, para um “possível” relacionamento no plano onde estavam. Isso reforça que a convivência da rede incentiva outros vínculos não imaginados. A familiaridade e a empatia com as lembranças dos integrantes das redes cria construções visuais de pessoas nunca vistas pessoalmente, além do desejo da criação de uma rede entre os filhos no outro plano.

Outra manifestação através de sonho, foi compartilhada pelo pai do Augusto S., o filho não só teria manifestado sua presença, como trouxe outros avisos para a família.

[...] eu tive um sonho bem legal com ele no início, lembro que o Augusto foi atrás de mim pra me pegar, pra me apertar, me machucar, aquela brincadeira que a gente fazia e eu falava com a mãe dele, o Augusto esta querendo me apertar” e ela dizia “relaxa” e ele falava assim pra mim, “esse alemão ridículo fica chorando que nem um bobo nos cantos por aí” e eu dizia pra minha esposa, eu não acredito que é ele que está aqui” e ela dizia “acredita que é ele” e era um sonho tão bom, a gente ali, todos no mesmo quarto, eu dizendo pra ela “isso é real”, no sonho, e daqui a pouco eu escuto um barulho assim, de alguém entrando, andando pelo corredor, aí eu dizia “está entrando gente aí, quem são essas pessoas” e minha esposa respondeu “pode deixar que eu sei quem é”, aí entrou umas irmãs minhas e um irmão meu, aí o Augusto disse “vou ter que ir aí falar com esse povo que eles estão incomodado muito” ou era “com muito problema” não lembro, mas era no sentido de estavam com problema e realmente surgiu muitos problemas depois disso. Depois do dia 27 a minha mãe tinha um câncerzinho pequenininho, aí segundo a psicóloga, baixou a imunidade dela e agora ela tem câncer, foi pra mama, ela tirou a mama, foi pro pulmão e agora no pâncreas também, depois de uns dias do enterro do Augusto eu fui lá e ela me falou assim “sonhei que eu estava dentro de um caixão e o Augusto estava me olhando, eu estava apodrecendo lá e ele estava me olhando” e nessa época ela não sabia que estava com isso tudo, ela foi descobrir depois, e é o que está acontecendo agora, que o câncer no pâncreas não tem o que fazer, é só esperar. (entrevista pai do Augusto S, 2014)

A partir do sonho do pai do Augusto S, a presença do filho para ele e a esposa se confirmou de duas formas: pelos problemas de saúde apresentados pelos familiares citados posteriormente e pela confirmação do irmão do Augusto de que ele de fato chorava escondido pela casa, pois queria evitar que sua emoção causasse maior dor aos pais.

Outras duas formas de comunicação não relativas a sonhos, mas também a interpretações espirituais podem ser percebidas no relato da mãe da Gilmara e da irmã do Silvinho. A irmã do Silvinho, em entrevista, comentou que no Natal o pai dela deu de presente para cada filho uma bomba de chimarrão especial, com as iniciais dos filhos e dos cônjuges gravadas. Como o Silvinho era solteiro, ela achou que ele não havia ganhado o mesmo presente.

Dois meses pós tragédia, ela foi a uma sessão de Reik e a terapeuta, que era espiritualizada, a questionou se o irmão dela gostava de tomar chimarrão. Ela disse que sim, mas não entendeu a colocação da terapeuta. Essa, em uma tentativa de explicar, disse que ele estava presente e estava mostrando para ela um presente que ele tinha ganhado e havia gostado muito, uma bomba com um símbolo gravado e que com essa explicação ela entenderia que realmente era ele. Como a irmã não sabia se o Silvinho tinha recebido o mesmo presente, ficou sem reação diante da

colocação da terapeuta e quando chegou à loja, questionou o pai se ele havia presenteado também o irmão com o mesmo presente e o pai confirmou que sim, que gravou um “S” e a marca que ele queria colocar no gado no campo do interior.

A partir disso, ela ficou impressionada e com vontade de se comunicar com o irmão, de revê-lo, de ter notícias. Foi quando procurou uma amiga espírita que fez alguns aconselhamentos a ela. A experiência dela foi a seguinte:

[...] ela me pediu um dia pra que eu ficasse em repouso de tal hora a tal hora, porque eles iam fazer uma reenergização, iam chamar o Silvinho, e que talvez, nesse processo, se eu estivesse concentrada lá em casa eu pudesse ter alguma visão, alguma coisa. Aí, se é da mente ou não, eu não sei, mas eu vi ele chegando de camiseta branca como ele gostava de usar, só que ele chegou com um semblante como se ele estivesse ocupado e veio só pra me satisfazer, como eu via muitas vezes ele, ele nunca dizia não, ele podia estar cheio de coisas pra fazer, mas ele nunca dizia não. Aí ele veio, eu abracei ele, mas ele parecia que tinha pressa, aí eu olhei pra ele e disse “Silvinho, a mana nunca mais vai te chamar” e assim, nunca mais. Quando eu vou rezar, pedir luz pra ele, eu nunca peço pra ele nada, apenas pra que Jesus e Nossa Senhora iluminem ele. (entrevista irmã do Silvinho, 2014)

Já sobre a mãe da Gilmara é importante antes contextualizar o que ela vai expor. Lembrando que essa mãe é espírita e a maior parte das comunicações através de psicofonias e psicografias⁹² vieram através das manifestações da Gilmara e outros espíritos que ela acompanha no centro espírita. Pós tragédia, a Mary presenteou a Fani com um colar com formato de coração, banhado a ouro e que traz uma foto da Flavinha gravada no coração. A Fani sempre usa esse colar e as demais mães da ONG quiseram ser presenteadas para ser uma marca registrada das mães da ONG. Cada família presenteou então a mãe com o colar com a foto da filha falecida gravada no coração. Porém, nos casos de mães que têm dois filhos, as mães preferiram uma foto dos dois filhos juntos. No caso da mãe da Gilmara, ela optou por gravar de um lado do coração uma foto da Gilmara e na outra face uma foto da Gilmara com o irmão. Porém, sempre usava o colar com a face com a foto da Gilmara para frente.

Certo dia fui surpreendida por ela na Vigília. Sempre muito calma e atenciosa, ela disse: “eu estava te procurando pra te mostrar uma coisa!”. Sentamos em um banco na Vigília e ela retirou da bolsa umas folhas de papéis dobradas em quatro

⁹² Psicofonias e psicografias são formas de comunicação do espiritismo através dos médiuns, sendo a primeira comunicação realizada através da fala do médium e a segunda através da escrita.

partes. Perguntei o que era e ela: “eu te trouxe uma cópia de uma cartinha que a Gilmara me mandou”. Ao abrir a carta, entregou em minhas mãos e comecei a ler a carta. A carta em linhas gerais falava da felicidade pela mãe ter encontrado uma casa espírita para desenvolver seus estudos, reforçando que foi graças à dedicação da mãe aos ensinamentos espíritas que ela teve permissão de se manifestar e trazer algumas notícias e falar sobre a vida na colônia e os ensinamentos que tem recebido no outro plano. Mas a mãe da Gilmara me chamou a atenção para um desenho feito na carta no canto superior, de um coração preenchido com riscos.

Assim, ela me falou sobre a história dos colares e sua opção sobre usar apenas a face com a foto da filha para frente. Ao receber essa carta, com aquele simples desenho ela entendeu que a filha quis alertá-la de que ela tem dois filhos e o risco no centro do coração representa a foto com os dois e a partir desse dia, a mãe da Gilmara passou a usar sempre a face do coração com a foto dos dois filhos virado para frente.

A mãe da Gilmara ainda contribuiu com a pesquisa, divulgando duas cartas psicografadas no centro espírita. Segundo ela, a primeira forma de comunicação da filha foi através da psicofonia, quando uma médium recebeu a mensagem a falou oralmente no centro espírita, momento em que todas as mães da ONG estavam presentes. As cartas fornecidas pela mãe da Gilmara tem a data e o local do recebimento.

19/05/2014 (Psicografia-Luz e Caridade) Querida Família!

É muito bom aqui ser recebida e tão bem tratada, hoje vivendo como Espírito eterno, mas com os pensamentos sempre arremessados ao lar que me acolheu e me acolhe sempre, pois serei sempre a mesma menina, carente muitas vezes, mas reflexiva outras tantas vezes. Agradecendo sempre pelo que me permitiram ser, e não poderia deixar passar este mês que se dedica a quem nos fez viver, nos amou, nos ama e acima de tudo acredita no potencial, mesmo sabendo que está num outro lugar, que não sabe onde é nem onde fica. Só isto basta, para nunca esquecer os momentos vividos. Eu na minha compreensão não ficariam em paz se não voltasse para dizer e agradecer. E falar carinhosamente a cada um PAI, MÃE, MANO que vale a pena cada um se esforçar para conhecer estas verdades e praticar. A vida aí tem um grande significado, “aprender” para voltar e continuarmos juntos meus amores, cuidem-se pois são as âncoras que terei sempre como direção no meu caminho. Não estou só, muitos amigos estão com o mesmo propósito. Uns sofrendo mais que outros, mas com o objetivo de, melhorar, norteando sempre e cada vez mais a busca destas verdades. Há! Mas os “VALORES” são bem diferentes. Aí nós nos preocupamos muito com o bem estar, com a alimentação e a roupa da moda, nada contra, mas aqui é bem simples o pouco que temos é muito. Fiquem em PAZ, Jesus é o único que nos serve de modelo. Sigam os

passos seus e vivam tendo como meta a felicidade. Não quero ser o "MOTIVO" para NÃO realização destes objetivos. Estou feliz por vê-la trabalhando mãe. Te amo – bem como os demais. Muita PAZ e muito AMOR. Gilmara

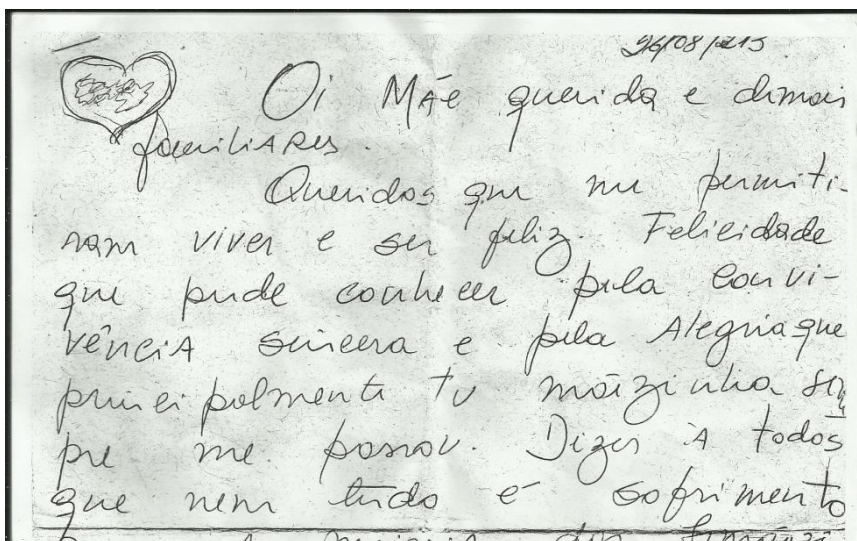


Figura 32 - Carta psicografada da menina Gilmara
Fonte: Acervo pessoal da mãe da Gilmara
Organizadora: PEIXOTO, P.S.

27/01/2014 Amigos e Irmãos!

Aqui estou agradecendo pela oportunidade que um grupo muito grande de jovens, designou-me para ser a mensageira. Dizendo em primeiro lugar que continuem orando por todos nós, porque estas irradiações são de um proveito INIMAGINÁVEIS para todos os que ainda não possuem estes esclarecimentos. E que, cada um do jeito que consegue compreender, que o façam. Não importa o jeito e sim a vontade. O bem por melhor que seja, tem um objetivo. As coisas que muitos querem saber, ainda não foi permitido pelas leis maiores que nos governam. E isto tudo não importa. Não fomos os primeiros que partimos em grupo e a certeza que não seremos os últimos. Mas... desde o primeiro momento que aqui, fomos chamados, a mudança que desenvolvemos foi enorme – podendo ser “ponte” para muitos outros que também tinham necessidade de saber, para não condenar a ninguém. O que importa é fazer, não importa o jeito e se quer a forma. Façam, consolem e AMEM acima de qualquer coisa. Jesus está presente em todos os lugares. Ele é o único capaz de ser exemplo pleno, seguro e capaz de fazer a reforma em qualquer um. A mudança promovida em nós neste momento foi enorme. Nada se iguala. Não imaginam que a vida se refez em muito menos tempo. Eram parentes que aqui viviam esperançosos pelo nosso retorno. Manifestações de AMOR jamais visto no mundo pequeno, Materialista, Egoísta, Vaidoso que vivíamos. E hoje - um Ano, para nós parece um século. Mas se todos os parentes tivessem esta porta, como tu mãe querida! Há, o mundo seria melhor. Beijos de todos nós e da sua filha que te AMA mais do que nunca. Gil.

As mensagens psicografadas foram recebidas em datas significativas para os familiares. A primeira foi no mês do dia das mães e a segunda ao se completar um ano da tragédia. Para as famílias que creem na reencarnação do espírito, essas comunicações trazem alento e esperança de um reencontro.

Outra mãe que encontrou apoio na doutrina espírita foi a mãe da Mirela e do José Manoel. A perda dos dois filhos transformou drasticamente a vida dessa mãe, como acredito ser uma realidade para todas as mães de vítimas da Kiss. No caso dela, a perda dos filhos a fez repensar o que realmente é importante na vida. Como professora, sempre trabalhou 40 horas semanais para poder dar uma qualidade de vida aos filhos. Sua rotina era chegar do trabalho e ir para a cozinha fazer a janta e o almoço do outro dia para os filhos e o marido. Pós-tragédia, ela nunca mais cozinhou, não faz mais os trabalhos domésticos. Para ela, essas atividades do cotidiano tornaram-se supérfluas. Sua maior tristeza é não ter tido mais tempo com os filhos em função do trabalho.

Como espírita, ela também recebeu mensagens dos filhos, que para ela foram bem mais específicas, não deixando dúvidas da autoria. As cartas recebidas por ela foram psicografadas em diferentes lugares, na casa espírita que ela frequenta, outra veio de Uberaba, de um evento que uma amiga foi e recebeu para ela e outras em um evento espírita em Florianópolis que ela participou. Sobre o conteúdo das cartas, elas abordam a visão dos filhos sobre o lugar onde estão e questões ligadas à relação deles com a mãe como é colocado a seguir.

[...] A gente vê, pela foto das cartinhas que ele está mais frágil. Ele diz que é um mundo novo, que ele está meio perdido, disse que nunca faltou amparo, conforto, amigos, nas outras cartas ele fala da fumaça, do barulho, ele disse que foi amparado pelas mãos da Virgem Maria, que ele está bem, que tudo vai melhorar e que ele nem sabe o porquê de tudo isso, ele só sabe que foi um comprometimento com Deus. Já a Mirela, na primeira cartinha, ela fala que é um mundo novo, que é calmo, que ela não sente mais dor, não sente nada, que está bem, que não era pra eu cheirar as roupas dela, eu não fiz, mas eu pensei em dormir na cama dela, e as vezes o pensamento é maior do que a tua própria palavra, e ela me disse que não era pra dormir na cama dela, e que mandasse flores pra ela, flores cor de rosa, como ela sempre gostou. Aí, a minha colega que leu a carta pra mim disse, tu não precisa ir lá no cemitério levar flores, tu vai levar matéria, tu imagina um buque de flores e no pensamento tu entrega, é o que eu tenho feito, ou às vezes eu compro rosas e levo para a imagem de Maria, aqui nas Dores. E foi na primeira carta espírita que eu recebi dele, no final dela ele diz “mãe, me perdoa” e eu não entendi isso, pensei muito, pedi pra que Jesus me iluminasse, pedi para que o José me iluminasse, e foi aí que eu entendi, foi porque ele voltou pra buscar a irmã lá dentro e não conseguiu sair mais, ele

nunca ia sair sem ela, eles eram muito unidos. (entrevista mãe da Mirela e do José Manoel, 2014)

Bastante emocionada durante a entrevista, essa mãe caracterizou cada filho, falando como sua filha era independente e decidida e o filho mais novo aquele que estava sempre junto com ela em casa, no clube. Quando ela recebeu a carta em que ele concluía pedindo perdão, durante semanas ela não conseguiu dormir pensando o que ele poderia ter feito para achar que deveria pedir perdão a ela. Até que, através das suas orações chegou ao entendimento de que o fato de ele ter saído e voltado para a boate em busca da irmã foi o motivo de sua morte e duplicou o sofrimento de sua mãe.

Estas trocas de interpretações de comunicações das vítimas com seus familiares constroem os significados da espiritualidade. A notícia de uma carta psicografada em uma casa espírita, motiva os familiares a participar de uma sessão na expectativa de também receber notícias. Chamo de espiritualidade porque essas questões transcendem a orientação religiosa de cada um. Como já foi dito neste texto, o grupo é heterogêneo em termos de religião, mas nos aspectos voltados à “presença ausente”, todos compartilham experiências comuns. Essas pequenas manifestações trazem esperança de um reencontro e novas interpretações sobre o que é a morte. Nas palavras do pai do Augusto S:

[...] eu entendo assim, parece que ele veio só pra dar uma passagem por aqui, a gente não consegue entender essa tal de morte, parece que ela não existe, parece que ela só tirou da sua vista pra não saber onde está, mas no teu coração, parece que ele está ali o tempo todo e tu não aceita isso de jeito nenhum, é muito complicado, é muito difícil você viver com essa história. (entrevista pai do Augusto S, 2014)

Se na interpretação dos familiares, os filhos tentam de todas as formas se comunicarem, mandar mensagens aos que aqui ficaram, a recíproca é verdadeira. O empenho na luta por justiça, o engajamento no trabalho social, a perpetuação da memória dos filhos são sentimentos de missão dos familiares. Sua maior missão agora é manter viva a memória, a lembrança do que aconteceu com seus filhos e também, perpetuar a presença deles mesmo que não de forma física. Cada família encontrou uma forma de reservar um espaço, uma atividade que marca a presença da memória dos filhos.

4.5.2 A ausência presente

Para tratar das estratégias de manutenção da presença dos filhos no cotidiano das famílias, trago algo compartilhado pelos familiares de forma indireta a mim. Foi a partir da minha presença nas redes e das entrevistas realizadas que percebi que cada família havia encontrado maneiras de manter presente a lembrança dos filhos. O momento ao qual esse tema se destacou no campo foi um momento inesperado durante uma entrevista.

Estava entrevistando a mãe do Lucas no centro da cidade, em uma cafeteria. Ao longo da entrevista, tivemos momentos de muita emoção, principalmente quando ela relatou como foram seus últimos dias com o filho e a lembrança deixada por ele. Ela contou-me que cuidou da mãe que morava com ela, até seu falecimento. Sua casa, com três quartos, tinha um espaço pequeno para a sala da televisão e após o falecimento da mãe, era desejo dela abrir a parede da sala que dividia com o quarto aonde a mãe dormia e fazer ali uma grande sala de televisão. Mas, por questões financeiras, nunca conseguiu concretizar seu desejo.

Duas semanas antes do dia 27 de janeiro, ela estava visitando parentes em Porto Alegre e quando chegou em casa, teve uma surpresa dada pelo filho: ele a recepcionou, gesto nunca feito antes, acompanhou-a até a casa e disse que tinha feito algo para ela. Quando ela entrou, viu que ele havia feito a reforma que ela tanto queria. Além disso, havia decorado a sala com temas rústicos do seu gosto pessoal. Um banco antigo de madeira foi revitalizado e tornou-se uma mesa de televisão. Um lampião e outros acessórios que lembram a vida no campo enfeitavam a sala. A sala ficou com a personalidade do filho. Um último presente para a mãe.

Após me contar todas as suas histórias, ela parou, me olhou e disse: tu tem que ir lá em casa, tu tem que visualizar tudo o que te disse pra você entender. Disse que se era o desejo dela, era só marcar e eu iria visitá-la. Ela disse: não! Nós temos que ir agora! Tu tem que ir agora lá em casa! Respondi: então vamos. Ao caminhar com ela até o ponto de ônibus, ela foi explicando sua luta contra a depressão que sofre há mais de dez anos e como a doutrina espírita a auxiliou neste sentido. Não demoramos muito e chegamos até sua casa. Entramos pela porta dos fundos e no pátio, nos fundos, havia um portão que dava acesso para outra casa. Era sua

“comadre” e madrinha do Lucas. Fomos até lá para me apresentar e vi na parede do lado de fora da casa azul de madeira dois pares de marcas de mãos.

A mãe sorriu e me disse: foi ele. Ele e a filha brincando na piscina no Natal, encostaram as mãos na parede, deixando a marca até hoje. Já choveu, fez ventania e ele ainda está ali. Depois, entramos na casa e ela disse, aqui eu respiro Lucas, tudo aqui me lembra ele. Na sala, modificada por ele, observei cada detalhe narrado por ela, os quadros de fotografias, a decoração rústica e a mesa da televisão. No quarto dele, o violão que ele tocava, um banner com sua foto e no roupeiro as camisas que ele mais gostava. Ela procurava insistentemente por algo, até que encontrou enrolado em um lençol branco. Era um chapéu de gaúcho, objeto preferido dele. Ela me disse: tu deve conhecer esse chapéu, ele apareceu na capa da revista *Veja*, pois a namorada dele usou durante o velório (figura 31), e voltamos para o pátio.

No pátio, ela me levou até o símbolo da presença dele: uma parreira. Local onde ele se sentava para tocar violão e cantar, para brincar com a filha e onde ele viveu grandes lembranças. Embaixo daquela parreira, no dia 28 de janeiro, ela sentou e gritou que queria o filho junto com ela. O que lhe causou mais dor foi ver a parreira morrer, caindo folha por folha. Na angústia de não ter mais a lembrança da parreira do filho, ela aproveitou as últimas folhas para tirar fotos com o violão, com a filha do filho, como forma de manter uma lembrança de algo que era tão característico dele. Até que todas as folhas caíram e a parreira secou. Dois meses depois disso, ela foi olhar o vaso da parreira e viu que estavam nascendo brotos, que a parreira “renasceu como uma Fênix” e que o filho “estava de volta à casa dela”. Quando visitei sua casa, a parreira estava carregada de folhas e era isso que ela queria me mostrar. A parreira representa a presença do Lucas na vida da sua mãe.



Figura 33 – Capa da Revista Veja.
Fonte: www.veja.com.br
Organizadora: PEIXOTO, P.S.

A partir dessa história que me comoveu, passei a observar as entrevistas dos demais familiares e também minhas percepções do campo e pude identificar uma característica em cada família. A Jennefer adorava animais e tinha o hábito de recolher animais abandonados e levar para casa para o pai e a mãe providenciarem a castração e adoção. No total, segundo o pai dela, eles têm nove gatos em casa, todos recolhidos por ela. Pós-tragédia, o pai, inspirado pelo amor aos animais da filha, seguiu seus passos e continua recolhendo animais, ajudando ONGs voltadas para esse trabalho, mas a marca registrada eu percebi ao entrevistá-lo em sua loja. Quando fui entrar na loja, percebi ao lado da porta um pote com água e outro com ração para os animais da rua. Quando o questionei sobre ele apenas respondeu: “era o que ela fazia e agora é o que faço por ela”.

A irmã do Silvinho encontrou uma maneira de resolver as dúvidas sobre a vida após a morte, que surgiram com a tragédia e como sentir seu irmão por perto. Seu discurso explica melhor o seu sentimento em relação a isso:

Priscila, eu vou te contar uma história, por 18 anos eu estudei a linha do espiritismo, com minha amiga que era espírita, que me apresentou e eu achei interessante o jeito que eles viam a vida, onde cada um era responsável pelos seus atos, porque tudo o que te acontecia, supostamente tu tinha que estar resgatando alguma coisa. E isso, por 18 anos eu li, frequentei aquelas palestras e gostava daquela visão, era algo que me confortava bastante, apesar de eu nunca ter tido contato com espíritos. Então eu seguia aqueles ensinamentos até o dia da tragédia. Porque, claro que eu quero me encontrar com meu irmão, aí eu fico pensando, e se eu desencarno e chego lá querendo ver meu irmão e ele já virou um bebê e voltou pra terra? Então quantos séculos eu vou ficar correndo atrás pra encontrar o meu irmão? Essa ideia me deu muita tristeza, então, naquele momento eu não sabia mais o que pensar da morte, porque eu nunca tinha perdido alguém tão próximo, alguém que me fizesse tanta falta ou diferença.. Então, de que maneira eu pensei que eu ia homenagear o meu irmão, eu plantei uma árvore que é muito difícil de pegar aqui no Rio Grande do Sul, uma Flamboyant, porque ela sofre muito com o frio, ela precisa de um cuidado extremo, ela precisa que eu tape ela todas as noites até ela crescer, eu preciso tirar a loninha dela todos os dias de manhã, eu tenho que cuidar porque as formigas gostam de ir nessa arvorezinha, eu preciso estar toda a hora aguardando ela, o ano inteiro colocando água, e eu fiz isso, desde o buraco, que parece uma coisa simples mas não foi, eu passei a tarde inteira cavoucando, pra botar a minha plantinha, ela sofreu, até achei que ela tivesse morrido, e agora ela está bem, está bem pequenininha mas cheia de folhas, as formigas não atacam mais, tem que deixar o veneno pras formigas longe da árvore, porque assim, eu quero deixar aquela árvore tão exuberante como foi o Silvinho e que seja linda como ele era e que quando ela crescer eu vou ficar embaixo dela meditando e pensando nele. (entrevista irmã do Silvinho, 2014)

Na impossibilidade de ter a confirmação de um reencontro com o irmão, ela encontrou outra forma de garantir a presença dele em sua vida, cuidando da árvore da mesma forma que cuidou dele quando criança. Uma homenagem e uma inspiração para ela.

Uma interpretação um pouco diferente sobre a presença do filho foi descrita pela mãe do Augusto N. Quando perguntei a ela se existia alguma característica do filho que ela queria deixar registrada, ela fez o seguinte comentário:

[...] eu achei uma redação do meu filho nas coisas dele, linda, e nessa redação ele fala que ele queria ser como um músico da Oficina G3, que é um cantor gospel, sei que o fundador da banda, ele morreu, e ele gostaria de ser lembrado que nem ele, aplaudido, ser lembrado como um herói, levando a palavra e Deus ao mundo, e ele queria tocar e ser aplaudido, só que ele não conseguiu tocar como ele queria, mas ele está sendo lembrado e aplaudido como um herói. (entrevista mãe Augusto N, 2014)

A associação feita por essa mãe como homenagem ao filho está relacionada ao ato “1 minuto de barulho”, realizado todo o dia 27 de janeiro, quando os familiares e a população em geral se reúnem para homenagear as vítimas da Kiss, com 1

minuto de aplausos. Para ela, o desejo do filho de ser aplaudido por um grande número de pessoas foi concretizado a partir de sua vida interrompida abruptamente juntamente com 241 jovens. Para ela, as circunstâncias da morte do filho, aliado a educação e a sua personalidade são motivos de glorificá-lo.

Os pais do Augusto S têm também outro entendimento sobre como se relacionar com a morte do filho. Segundo eles, as pessoas próximas os aconselham a não expor fotografias, objetos pessoais, o que incomoda os pais, que sentem que “parece que tu está tirando a pessoa da tua vida”, ao excluir essas lembranças. Discordando disso, eles relataram que estão em processo de mudança de residência, para ficar mais perto das atividades no centro da cidade. Mas na nova casa, será feito um espaço destinado à lembrança do Augusto, com água corrente, uma foto e coisas que lembrem ele, pois segundo o pai do Augusto: “a gente não pode deixar uma pessoa que a gente ama tanto, sair das tuas vista, não dá”.

Por fim, acredito que a criação da ONG *Para Sempre Cinderelas* é a tentativa de manter uma presença ativa das meninas através de uma iniciativa social, continuada agora por suas famílias. A relação das meninas se reproduz na relação de seus familiares. Da mesma forma que algumas tinham mais afinidades com outras, embora todas fossem amigas, apesar das diferenças, as mesmas afinidades se estabeleceram entre as mães.

A Flavinha e a Andrielle estudaram juntas desde o ensino fundamental, e mesmo que fossem totalmente diferentes em termos de vaidade e visão de mundo, mantiveram essa amizade até a morte. Foi através da amizade com a Flavinha que a Andrielle conheceu as demais meninas, das quais, a Vitória era sua melhor amiga. Nesse contexto de amigas e mais amigas, as mães reproduziram essas características. A Fani atua com frequência com a mãe da Andrielle nas atividades, até mesmo pela proximidade em que residem. Também, é a mais próxima da família da Mirela, uma vez que a Mirela era colega da Flavinha e a mais nova a ser inserida no grupo das amizades. Porém, a Fani consegue estabelecer uma ampla relação com todas as mães, da mesma forma que a Flavinha fazia com as meninas. As mães da Andrielle e a Vitória também estabeleceram proximidade.

Sobre essa nova rede criada entre as mães das meninas a Fani disse: “A gente está se conhecendo agora, mas já somos uma família, foi isso que elas

deixaram pra nós”. Quando nós vamos fazer uma doação ou uma atividade com as crianças, eu olho aquelas carinhas e eu vejo as gurias nelas, são elas lá, elas nos deixaram isso.

É um consenso entre as famílias da ONG que a maneira das meninas serem lembradas é através do trabalho social e do que a ONG representa. Nas palavras da mãe da Andrielle, que participa tanto da “sub rede” de de justiça, quanto a de solidariedade:

[...] essa luta do movimento é por justiça, é válida, eu vou, participo e tudo, mas eu acho que a única forma das gurias não serem esquecidas é pela ONG, eu sinto por isso, que sempre que vão falar na ONG, vão falar delas. Essa coisa do movimento é assim, agora está forte, estamos lutando por justiça, mas um dia alguma coisa vai acontecer, vai se resolver e eu tenho certeza que eles vão ser presos, que eles vão ter a pena deles, disso eu tenho certeza absoluta, não é hoje nem amanhã, pode demorar, mas eles vão ser presos, de algum jeito ou de outro eles vão pagar pelo que fizeram e eu tenho na cabeça que não é só eles, é mais gente. A ONG eu sei que é pro resto da vida, a gente pode ir, mas elas vão ficar, o trabalho delas vai ficar reconhecido, é o que elas gostavam, é o que elas faziam e isso aí é a única prova de que valeu a pena, que elas não viveram em vão e não morreram em vão também. (entrevista mãe da Andrielle, 2013)

Quando questionei a Mary sobre o que a ONG representava para ela, sua resposta foi: criar “a ONG, é estar eternizando a pessoa que tu ama ali, é estar preservando a essência dela”. Mary, que idealizou tanto a ONG quanto o *Luto à Luta* percebe no movimento algo temporário e na ONG algo concreto e duradouro. São formas distintas de manter viva a memória das meninas e lutar pelos desejos delas. Em um momento de emoção ela me disse:

[...] Sabe como eu vejo a ONG? Tem uma frase na música do Nando Reis que ele fala “Tornar o amor real é expulsá-lo de você para que ele possa ser de alguém” para mim a ONG é isso, a gente consegue fazer isso. E o movimento pra mim, é aquela música do Metal contra as nuvens “Não me entrego sem lutar, tenho ainda coração, não aprendi a me render, caia o inimigo então”. (entrevista Mary, 2014)

Os últimos relatos sobre espiritualidade é fundamental para a compreensão da lógica da dinâmica das redes. A reunião dos familiares em associações e movimentos teve por motivação maior o desejo da manutenção da memória das vítimas. A tenda da Vigília foi criada com esse intuito para ser o lugar de maior expressão dessa memória. Não há dúvidas que a luta pela justiça consome maior tempo da vida dos familiares entrevistados. Mas a luta é pano de fundo para a interação das redes. É no convívio sistemático que ocorrem as trocas, trocas de

experiências, trocas de lembranças, trocas de afetos e, em alguns momentos desafetos.

É no contexto de interação da rede de apoio que os elementos da espiritualidade surgem e promovem elaboração de símbolos, dramatizações corporais do comportamento dos familiares e construções coletivas que confortam e estabelecem sentidos diversos para a perda. E é na dinâmica da rede de apoio que as emoções se expressam e se multiplicam como “afetamentos” e empatia por uma dor que é individual e ao mesmo tempo coletiva. Uma dor que abalou 242 famílias, mas que também deixou cicatrizes na cidade de Santa Maria.

CONCLUSÃO

Santa Maria, 25 de janeiro de 2014. Perto das oito horas da manhã, peguei o ônibus em Camobi na direção Universidade-centro, para chegar até a Tenda Vigília. Não é um final de semana qualquer. É o final de semana no qual foram programadas uma série de atividades, tanto da AVTSM, como do *Luto à Luta* e da ONG, em homenagem às vítimas ao se completar um ano da tragédia. Tive que dividir meu tempo nas atividades propostas, mas minha atuação militante determinou a escolha de participar ativamente das ações do *Luto à Luta*.

Porém, naquela manhã, dediquei meu tempo para mais uma Vigília. Não era uma Vigília qualquer. Era uma Vigília em homenagem à Flavinha, pois nessa data ela completaria 23 anos. Fui a primeira a chegar, a Tenda ainda estava vazia e fiquei olhando as fotos das vítimas fatais dispostas no local. Quando olhei em direção à Praça Saldanha Marinho, vi que a Fani se aproximava. Com duas sacolas plásticas grandes nas mãos, ela chegou emocionada no local. Aos poucos, buscamos as mesas, as cadeiras, como todo o procedimento diário para a instalação da Vigília.

Para cobrir a mesa, Fani trouxe uma toalha amarela, a cor preferida da filha, que foi sobreposta por uma toalha de renda branca. Nas sacolas plásticas que ela trazia, estavam os pertences pessoais da Flavinha: o vestido usado na comemoração do aniversário em 2013, seus cremes, maquiagens, bijuterias que expressavam sua vaidade, uma agenda que foi disposta com suas anotações e compromissos pessoais, entre eles estava: “encontrar com as meninas”, referente às demais meninas da ONG que faleceram juntas. Todos esses objetos foram dispostos na mesa, além de flores, do sapato⁹³ dourado usado na festa de quinze anos, um painel com fotos da Flavinha com a família e demais amigos e um porta retrato com a última foto das meninas vivas, dentro da boate Kiss, recuperada da câmera fotográfica da Gilmara. (ver Anexo 2)

⁹³ O sapato é um dos símbolos de representação das meninas. Como o nome da ONG é *Para Sempre Cinderelas*, a logomarca da ONG traz a representação dos sapatos de cada uma, sendo o desenho do sapato na logo, inspirado em um modelo de sapato que as meninas tinham. Com exceção da Andrielle, que é representada por um tênis do modelo “All star”, que caracteriza seu estilo.

Embora fosse um dia de verão, naquela manhã as temperaturas estavam baixas e em seguida começou a chover. Assim que a Tenda ficou organizada para a Vigília, aos poucos as pessoas começaram a chegar e acabaram ficando todos dentro da Tenda devido à chuva. Chegaram parentes, amigos, pessoas da comunidade e um número significativo de emissoras de televisão. Uma emissora chinesa passou o dia acompanhando as visitas à tenda, pois como os familiares das vítimas da Kiss estavam em grande número na cidade para participar das homenagens de um ano, foi um final de semana de bastante visibilidade para os familiares.

Também no Centro, nas dependências da Universidade Franciscana, iniciou nesse dia o I Congresso Internacional Novos Caminhos - a vida em transformação, promovido pela AVTSM entre os dias 25 e 27 de janeiro. A programação variada trazia relatos de sobreviventes em mesas redondas, falas sobre a experiência com tragédias de setores da saúde, a participação das famílias de Cromagnón, e, o evento culminou com a apresentação do documentário “Janeiro 27”, produzido pelos cineastas Paulo Nascimento e Luiz Alberto Cassol. Assisti a esse documentário com o “Capitão” e sua esposa e também assisti às falas iniciais do Congresso, mas como já relatei, tive que optar por uma das atividades e acabei acompanhando efetivamente as ações do *Luto à Luta*.

Já o *Luto à Luto*, organizou ações de crítica ao andamento do processo judicial e de descontentamento com o Ministério Público. A proposta para sensibilizar a população com a tragédia foi de promover uma vigília em frente à boate Kiss, do dia 26 para o dia 27, culminando com uma caminhada até o Ministério Público.

Na noite do dia 26 de janeiro, os familiares, amigos e população em geral reuniram-se na Tenda da Vigília, onde foram distribuídas camisetas pedindo justiça. Essa camiseta trazia como estampa uma charge desenhada pelo artista Carlos Latuff, que ouviu as experiências de lutas dos familiares durante o ano de 2013 e expressou o sentimento de “traição” do Estado aos familiares. A charge trazia uma ilustração da boate Kiss, estando acima dela três homens, representando a Câmara de Vereadores de Santa Maria, o Corpo de Bombeiros e o Prefeito Municipal, todos protegidos por um “homem maior” que representava o Ministério Público que, com

sua mão tentava “calar” a boca de uma mãe que pedia por justiça. Além das camisetas, foram espalhados pela cidade banners e outdoors com a charge. Na Tenda da Vigília e na Frente da Boate Kiss, também foram expostos banners com a charge. (ver anexo 3)

Em frente à Boate Kiss, foram pintadas 242 silhuetas e um grande coração no chão, para simbolizar os corpos das vítimas. Depois que as pinturas secaram, os familiares que estavam na Praça Saldanha Marinho foram convidados a descer para frente da boate e permanecer em Vigília.

Em caminhada, pronunciando palavras de ordem como “justiça” e “acorda Santa Maria”, os familiares, sobreviventes e amigos, em um número de aproximadamente 600 pessoas, seguiram até a frente da boate. Foi um momento de muita emoção. Quando a caminhada chegou até a Rua dos Andradas e os familiares se depararam com as silhuetas⁹⁴ pintadas no chão, a emoção tomou conta e alguns familiares e sobreviventes precisaram de atendimento médico.

A mídia acompanhou todo o protesto, que mesclou sentimentos de injustiça, saudade e tristeza. Algumas mães gritavam em meio à multidão “não pisem nos nossos filhos!”, referindo-se às silhuetas pintadas no chão. Sirenes acompanharam o protesto durante todo o percurso, com o objetivo de “acordar” a cidade. Em frente à boate, os familiares começaram uma contagem, de 1 a 242 para frisar o número de vítimas fatais. Durante a contagem, algumas mães começavam a contar a partir do número do corpo de seus filhos no reconhecimento no CDM⁹⁵, outros quando ouviam o número que representava o seu filho, eram tomadas pela emoção. Uma mãe que estava ao meu lado comentou: “não são apenas números, cada mãe sabe o número do seu filho, cada número é uma dor!”.

Após a contagem, no coração pintado no chão em frente à boate, 242 velas foram acesas pelos familiares. Às três horas e vinte minutos, horário estabelecido pela Polícia Civil como o horário do início do incêndio, os sinos das Igrejas

⁹⁴Sobre as atividades em frente a boate Kiss, ver: <<http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/sirenes-e-corpos-pintados-no-asfalto-marcam-vigilia-em-frente-a-boate-kiss-71527.html>>

⁹⁵ Durante o reconhecimento dos corpos no CDM, cada corpo foi numerado pela ordem de chegada ao CDM. Logo, cada familiar ao reconhecer, via o número do corpo do filho e por esse número estimava se o corpo havia sido retirado da boate por primeiro ou por último. Ainda, as vítimas que ficaram hospitalizadas e faleceram depois do dia 27 de janeiro também foram somadas a essa contagem progressiva, sendo a última vítima o número 242.

começaram a badalar, sendo interrompidos pelo pronunciamento das lideranças do *Luto à Luta* em discursos pedindo por justiça e manifestando insatisfação com a atuação dos promotores do Ministério Público.

Depois que as manifestações foram concluídas, um número menor de familiares permaneceu em frente à boate para a Vigília até a manhã. A cada meia hora, uma sirene era acionada para “acordar” a cidade. Em uma noite de garoa, nós sentamos no chão do estacionamento do Carrefour, local onde um ano antes estavam os corpos das vítimas, e pernoitamos ouvindo as histórias dos familiares, que mesmo após um ano, ainda não haviam assimilado tudo o que havia acontecido.

Na manhã, o protesto foi concluído com uma caminhada até o Ministério Público. No percurso, muito barulho, batucada, palavras de ordem e novamente a contagem de 1 a 242. Em alguns momentos, os manifestantes deitavam-se no chão para mostrar à população a imagem de corpos estendidos ao chão. Em frente ao Ministério Público, discursos, sirenes e 242 balões brancos pedindo paz para os familiares, uma paz que só será possível através da realização da “justiça”. O protesto chegou ao fim com a colocação dos balões nas grades do Ministério Público⁹⁶.

Paralelo a esse protesto, outras atividades promovidas pela AVTSM foram realizadas na manhã do dia 27 de janeiro de 2014. Na tarde, houve a exibição do documentário “Janeiro 27” e o encerramento do I Congresso Internacional Novos Caminhos. As homenagens para as vítimas foram concluídas com um culto ecumênico da Praça Saldanha Marinho e algumas missas realizadas nas Igrejas da cidade⁹⁷.

Acompanhei os familiares da ONG em uma missa em homenagem às meninas na Igreja das Dores e após a missa, retornei para casa para assimilar tudo o que ouvi, vi e senti naquele final de semana. No caminho para casa, eu segurava

⁹⁶ Para ver imagens do protesto, acesse e veja a galeria de fotos disponível em: <<http://noticia.com/noticias/geral/id/5214/tragedia-da-kiss-um-ano-depois--protesto-emociona-.html#!prettyPhoto>>

⁹⁷ Acesse arquivo de imagens das homenagens de 1 ano da Tragédia de Santa Maria em <<http://noticias.uol.com.br/album/mobile/2014/01/25/homenagem-as-vitimas-da-boate-kiss.htm?mobileDev&width=320>>

um panfleto com a charge do Latuff e refletia sobre como esse artista conseguiu em um único desenho resumir um ano de lutas e emoções dos familiares.

Ao mesmo tempo, percebi que o último final de semana, de 25 a 27 de janeiro de 2014, foi de certa forma um momento singular para pensar a interação das redes no decorrer de um ano de acompanhamento dos familiares. Momentos de união, de emoção, de disputas, concorrências e manifestações voltadas para a espiritualidade foram perceptíveis.

Iniciei essa dissertação abordando a minha experiência com a tragédia de Santa Maria, como foi estar na cidade e perder alguém entre tantos jovens. A partir dessa perda, passei a acompanhar a Mary, que veio a ser minha informante chave da pesquisa, em suas tentativas de unir os familiares das vítimas fatais. Num primeiro momento, Mary articulou a criação de Organização Não Governamental chamada *Para Sempre Cinderelas*. Uma homenagem para sua prima Flavinha e as amigas que faleceram na boate: Andrielle, Gilmara, Mirela e Vitória.

Seu objetivo com a ONG era continuar um trabalho espontâneo das meninas de arrecadação e doação de donativos a creches carentes, reunindo as famílias para dar conforto e alento às mães. Seria através do trabalho social e da caridade que as mães encontrariam forças para enfrentar a saudade. Além disso, Mary queria reunir os demais familiares para começar uma luta por Justiça, pressionando os poderes públicos pela responsabilização dos culpados.

Contudo, outro grupo de familiares articulou a criação da Associação de Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria- AVTSM. Para esse grupo, inicialmente só seria permitida a participação nos cargos de diretoria dos pais e mães, impossibilitando a participação da Mary como prima.

Assim, Mary, sua família e amigos começam um Movimento que veio tornar-se um movimento social chamado *Movimento Santa Maria do Luto a Luta*, que a partir do terceiro mês pós-tragédia ganhou força com a adesão de mais familiares como o “capitão” e “Fumiga”.

Em linhas gerais, esses três grupos de familiares atuavam ideologicamente separados até o episódio da soltura dos réus em maio de 2013. Esse fato criou uma comoção instantânea entre os familiares, minimizando as diferenças e aproximando as distintas formas de organização que passaram a promover conjuntamente ações

e protestos em nome dos familiares. Dentre essas ações, destacam-se a ocupação da Câmara de Vereadores de Santa Maria em junho de 2013 e a Vigília em frente ao Ministério Público em outubro de 2013.

Esse momento de aproximação dos grupos possibilitou a formação do que denominei de “rede de apoio”. Utilizando o conceito de redes, dentro da perspectiva de Barnes (2003), sendo a “rede apoio” o que ele definiu como rede social total e as “sub redes” que eu classifiquei como: “sub rede” de justiça e “sub rede” de solidariedade” tendo questões de espiritualidade como elo, na sua visão de redes parciais.

A escolha pela metodologia de redes para estudar as interações desses diferentes grupos organizados de familiares veio contemplar a complexidade da mobilidade dos familiares entre as “sub redes”. Coloco como ponto modal das interações e o espaço de trocas e construções simbólicas a “Tenda da Vigília”.

A Tenda, mais do que um espaço de memória das vítimas e da tragédia, é um espaço de lutas, um lugar de afirmação de identidades (de pai de mãe de alguém), de visibilidade social, é o local onde a dor e o sofrimento tornam-se uma linguagem e é o universo de construções coletivas de significados e de expressão dos sentimentos, nos termos utilizados por Mauss (1979). Um dos objetivos dessa pesquisa era compreender as dinâmicas das construções simbólicas dos familiares, focadas nas questões da espiritualidade.

Assim, a base teórica desse trabalho é fundamentada na Antropologia das Emoções, partindo de um estudo da morte, da dor e do luto em nossa sociedade para compreender como a tragédia de Santa Maria, estabeleceu novos códigos de expressão dos sentimentos baseados nas trocas de experiências e lembranças. Ao estudar o luto no Brasil, Koury (2003) apresenta a ideia da “nova sensibilidade”, que está relacionada com um distanciamento da morte e dos mortos. Essa “nova sensibilidade”, presente nas sociedades modernas, determina que o estágio do luto seja vivenciado de forma privada e íntima para evitar que “contamine” o público com a morte.

Em relação à morte, Damatta (1997) vai colocar que no caso Brasileiro, antes de se discutir a questão filosófica da morte, nossa sociedade debate sobre os mortos e a existência de “almas”, assombrações, espíritos, sendo a morte uma

passagem de um mundo para outro. Essa passagem possibilitaria a comunicação entre os mundos, e conseqüentemente, a comunicação entre vivos e mortos.

Sobre isso, Arribas (2011) analisa a influência do espiritismo no Brasil para essa concepção de vida após a morte e comunicação com os espíritos. A autora aborda diferentes correntes que aponta, a diversidade de credos e o sincretismo das tradições indígenas, afro-brasileiras e católicas como fator para o desenvolvimento de um espiritismo religioso no Brasil, em detrimento de um espiritismo científico ou filosófico como ocorrido na Europa.

Baseados nessas influências de diferentes credos, os familiares das vítimas da Kiss que participaram da pesquisa e formam um grupo heterogêneo em termos de classe social, idade, escolaridade, profissão e religião passaram a trocar experiências, lembranças que foram ressignificadas como presságios de morte. Os familiares, ao contar sobre o comportamento dos filhos, a personalidade deles, o que foi feito de diferente na semana que antecedeu a tragédia, suas experiências com sonhos, o recebimento de mensagens espíritas, acabam construindo coletivamente significados diversos para essas ações, estabelecendo sentidos e confortam através de suas crenças.

Mas, esses significados, essas interpretações só têm sentido dentro do contexto cultural da tragédia, mais especificamente, dentro da rede. São essas trocas simbólicas que alimentam a rede e diferenciam esses familiares que compartilham a experiência do luto de outros familiares que optaram por não fazer parte de organizações, ou não fazer parte ativamente como esse grupo que interage. É dentro desse contexto que esses familiares potencializam, dramatizam e reforçam a dimensão macrossocial das emoções (REZENDE; COELHO, 2010).

Assim, as homenagens de um ano da tragédia foi o momento de diálogo de todas as questões abordadas no texto, e principalmente das duas “sub redes”. As homenagens foram iniciadas com uma Vigília da ONG, marcando o aniversário da Flavinha. Nessa Vigília, foram arrecadadas doações, fomentando a “sub rede” de solidariedade e perpetuando o legado das filhas. Ainda, durante o dia, os grupos de familiares circularam na Vigília, mantendo ativa a dinâmica da rede, contando história, lembrando momentos, sendo entrevistados pelas emissoras presentes.

A “sub rede” de justiça, através de suas ações, reforçou a reivindicação da categoria de vítima, diante de uma violência institucional, representada na figura do Ministério Público. Todos os atos, discursos, exposição de banners com a charge do Latuff, reforçou a dramatização desse grupo que reivindica direitos e vê na busca pela justiça, uma missão de cuidado com os filhos.

Já, a espiritualidade teve influência em todas as ações dos familiares, desde o Congresso da AVTSM, promovendo palestras de autoajuda, reflexão, solidariedade, culminando com cultos ecumênicos e missas no dia 27 de janeiro de 2014. Além disso, durante a caminhada até a frente da Kiss, a contagem de 1 a 242 remeteu à lembrança da morte, dos corpos dos filhos. Todas as homenagens romperam com a “nova sensibilidade”, trazendo novamente para âmbito público a lembrança da tragédia para a cidade, potencializada pelos familiares com a pintura de silhuetas no chão em frente a Boate Kiss, dramatizada nas palavras de ordem pedindo “justiça” e “acorda Santa Maria” e reforçada com a soltura de balões brancos pedindo paz aos familiares.

O trabalho de campo encerrou-se no dia 27 de janeiro de 2014. Ao concluir, é visível a dificuldade de abrir mão de determinados registros e descrições. Levando em consideração o tempo que acompanhei os familiares, penso que é um compromisso ético de registrar a história de suas lutas, que é também uma forma de retorno, uma contribuição mínima para o tanto que me foi compartilhado. Agora, fica o desafio de trabalhar com os temas negligenciados ou tangenciados neste trabalho. A relação dos movimentos dos familiares com direitos humanos e o enfrentamento com as instituições são questões que apareceram como pano de fundo e merecem melhor análise, a partir do processo de politização dos familiares e da construção da categoria de vítimas da tragédia de Santa Maria.

REFERÊNCIAS

A RAZÃO. Gravação com membros da CPI da Kiss já está com a Câmara e com o MP. **Jornal A Razão, online**, 25 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.arazao.com.br/2013/06/gravacao-membros-da-cpi-da-kiss-ja-esta-camara-mp/>>.

ARAÚJO, Fábio A. **Do luto à Luta: a experiência das mães de Acari**. 2007. Dissertação de mestrado em Sociologia e Antropologia, UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

ARAÚJO, Fernando C. O imaginário onírico: perspectivas antropológicas. In: V Reunião de Antropologia do Mercosul, 2003. **Anais virtuais**. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/arti/colab/vram2003/a13-fcaraujo.pdf>>.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

AROSI, Ana P. **A vítima como categoria política: um estudo etnográfico sobre os Movimentos de Familiares de Vítimas de Violência no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro**. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

ARRIBAS, Célia da Graça. Espiritismo: entre crime e religião. **MNME - Revista de Humanidades**, Caicó, v.12, n.29, jan./jul. 2011.

_____. Kardecismo e umbanda: duas religiões brasileiras. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, vol.19 n.40 jul./dez. 2013.

BARNES, J. A. **Redes sociais e o processo político**. IN: FELDMAN- BIANCO, Bela (Org). Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

BIRMAN, Patrícia; LEITE, Márcia P. (Orgs.). **Um Mural para a Dor: movimentos cívico-religiosos por justiça e paz**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BORIN, Marta Rosa. “Um Espetáculo Religioso”: Resignificações da Festa da Padroeira do Estado do Rio Grande Do Sul. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá, v. 3, n.9, jan. 2011.

CUNHA, Anderson S. *Finitude Humana: a perplexidade do homem diante da morte*. **Revista Filogenese**, v. 3, n. 1, p.183-194, 2010.

DAMATTA, Roberto. **A Casa e a rua espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5ª edição, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <http://jornalismoufma.xpg.uol.com.br/arquivos/a_casa_e_a_rua.pdf>.

_____. O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson (Org.). **A aventura sociológica**: Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-46.

DAS, Veena. **Critical events: an anthropological perspective on contemporary India**. New Delhi/Oxford: Oxford University Press, 1995.

DIÁRIO DE SANTA MARIA. Dor transformada em solidariedade. **Diário de Santa Maria, online**, 27 jul. 2013. Disponível em: < <http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/noticia/2013/07/dor-transformada-em-solidariedade-4214212.html> >.

_____. Edição de 28 de Janeiro de 2013. Disponível em: <<http://edition.pagesuite-professional.co.uk/launch.aspx?eid=f717ecd7-d42b-4e98-80ec-d74286742451>>. Acesso em: jul. 2013.

_____. Edição de 29 de Janeiro de 2013. Disponível em: <<http://edition.pagesuite-professional.co.uk/launch.aspx?eid=84bb8e49-da15-45f5-ab57-cac401853ef5>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

_____. Familiares entregam pizza para intergrantes da CPI da Kiss em Santa Maria. **Diário de Santa Maria, online**, 31 mai. 2013. Disponível em: <<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/noticia/2013/05/familiares-entregam-pizza-para-integrantes-da-cpi-da-kiss-em-santa-maria-4155773.html> >.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2001.

ENGEPLUS. Santa Maria (RS): "Muitos ainda não raciocinaram o tamanho da tragédia", afirma voluntária cricumense. **Engelplus Telecom**, 28 jan. 2013. Disponível em: < [http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2013/santa-maria-rs-muitos-ainda-nao-raciocinaram-o-tamanho-da-tragedia-afirma->](http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2013/santa-maria-rs-muitos-ainda-nao-raciocinaram-o-tamanho-da-tragedia-afirma-) Acesso em: jul. 2013.

ENNE, Ana Lúcia S. Conceito de rede e as sociedades contemporâneas. **Comunicação e informação**, v.7, n.2, jul./dez. 2004. p. 264-273.

ESTADÃO. Tragédia em Santa Maria mobiliza voluntários. **Estadão**, 27 jan. 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,tragedia-em-santa-maria-mobiliza-voluntarios,989517>>. Acesso em: jan. 2013.

FACCIN, D. **Seguindo os Trilhos do Trem**: A influência da ferrovia na estruturação urbana de Santa Maria/RS. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=2992>>. Acesso em: nov. 2013.

FAVRET-SAADA, Jeanne. "Ser afetado". **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, 2005, p. 155-161. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263>>

FOOTE-WHYTE. Treinando a observação participante. In: *Desvendando as máscaras sociais*, 1990.

G1 RIO GRANDE DO SUL. Familiares e amigos de vítimas da. **G1 Rio Grande do Sul, RBS TV**, 22 out. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/10/familiares-e-amigos-de-vitimas-da-kiss-fazem-vigilia-em-frente-ao-mp.html>>.

_____. Inquérito policial indicia 16 pessoas criminalmente por tragédia na Kiss. **G1 Rio Grande do Sul, RBS TV**, 22 mar. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/03/policia-apresenta-conclusoes-do-inquerito-sobre-tragedia-na-boate-kiss.html>>. Acesso em: 21 jul. 2013.

_____. Perícia confirma que espuma da Kiss liberou cianeto durante incêndio. **G1 Rio Grande do Sul, RBS TV**, 19 mar. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/03/pericia-confirma-que-espuma-da-kiss-liberou-cianeto-durante-incendio.html>>. Acesso em: 21 jul. 2013.

_____. Relações são construídas entre envolvidos na tragédia da boate Kiss. **G1 Rio Grande do Sul, RBS TV**, 26 jan. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/teledomingo/videos/t/edicoes/v/relacoes-sao-construidas-entre-envolvidos-na-tragedia-da-boate-kiss/3104507/>>.

G1. Parentes de vítimas da Kiss mudam suas vidas para superar trauma. **Fantástico**, 29 dez. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/12/parentes-de-vitimas-da-kiss-mudam-suas-vidas-para-superar-trauma.html>>. Acesso em: 21 jul. 2013.

GIUMBELLI, Emerson. **O Cuidado dos Mortos: Uma História da Condenação e Legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

KNAUSS, Paulo. Tragédia sem fim. **Revista de História**, online, 2009. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/tragedia-sem-fim>>. Acesso em: 9 jul. 2014.

KOURY, Mauro G. P. A antropologia das emoções no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa/PB, vol. 4, n.12, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/grem/KOURYAntrop.Emo%E7%F5esBrasil.RBSEdez2005.pdf>>.

_____. **Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LUCAS, Peter. O mural da dor e a ética da memória. In: BIRMAN, Patrícia; LEITE, Márcia P. (Orgs.). **Um Mural para a Dor: movimentos cívico-religiosos por justiça e paz**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 313-330.

MACEDO, J. H. Ocupações dos espaços da cidade. In: RIBEIRO, J. I.;

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAUSS, Marcel; OLIVEIRA, Roberto C. [org]. **Marcel Mauss: Antropologia**. São Paulo: Ática, 1979.

MORAIS, Isabela A. L.; MOTTA, Antônio. Significado do corpo e o sentido do consumo fúnebre. In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, BA, 2008. **Anais Virtuais**. Disponível em: < http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2019/isabela%20andrade%20de%20lima%20moraes.pdf >. Acesso em 22 de julho de 2013

PEREIRA, Amanda Gomes. **Morte e Missão: relações político-religiosas de familiares de vítimas da violência no Rio de Janeiro**. 2012. Disponível em < http://www.academia.edu/3095971/Morte_e_Missao_relacoes_politico-religiosas_de_familiares_de_vitimas_da_violencia_no_Rio_de_Janeiro>. Acesso em 22 de julho de 2013

QUADROS, C. D. Ensino Superior em Santa Maria: iniciativa e trabalho de muitas pessoas. In: RIBEIRO, J. I.; WEBER, B. T. **Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p.343-356.

REZENDE, Claudia B.; COELHO, Maria C. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010

SARTI, Cynthia. A vítima como figura contemporânea. Caderno CRH, Salvador, vol.24 n. 61, Jan./Abr. 2011. Disponível em: <<http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=859&layout=abstract>>.

SILVA, Rogério R. Espiritualidade e religião no trabalho: possíveis implicações para o contexto organizacional. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, vol.28, n.4, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932008000400009&script=sci_arttext>.

SILVA, Telma Camargo. Eventos críticos: sobreviventes, narrativas, testemunhos e silêncios. In: 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, Belém, 2010. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://proec.ufg.br/revista_ufg/agosto2007/textos/dossieCelebracoes.pdf>

VANESSA. **[Entrevista para o programa A tarde é sua da RedeTV]** 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=BcGugQNkcZk>>. Acesso em: 21 jul. 2013.

WEBER, B. T. **Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012.

WEBER, Beatriz T.; SCHERER Bruno C. Opções de intervenção social do Espiritismo: o lar de Joaquina (Santa Maria – RS). **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano V, n. 13, mai. 2012.

ZENOBI, Diego. "Sentimos lo mismo pero pensamos diferente". "Familia" y "política" en la naturaleza contradictoria de la categoría de "familiar de víctima". In: Jornada de Jóvenes Investigadores, Buenos Aires, 2007. **Anais Eletrônicos**. Disponível em: <http://webiigg.socials.uba.ar/iigg/jovenes_investigadores/4jornadasjovenes/EJES/Eje%205%20Politica%20Ideologia%20Discurso/Ponencias/ZEnOBI%20Diego.pdf>.

_____. Los familiares de víctimas de Cromañón, en la encrucijada del "dolor" Emociones, relaciones sociales y contextos locales. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa/PB, 2010. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/ZenobiArt.pdf>>.

ZH NOTÍCIAS. Desespero de familiares marca reconhecimento de corpos de vítimas da tragédia em Santa Maria. **ZH Notícias**, 27 jan. 2013. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/01/desespero-de-familiares-marca-reconhecimento-de-corpos-de-vitimas-da-tragedia-em-santa-maria-4024472.html>>. Acesso em: jan. 2013.

ANEXOS

Anexo 1 - Guarda- corpo no interior da Boate Kiss



Anexo 2 - Vigília em Homenagem à Flavia Torres.



Anexo 3 - Exposição do Banner com a charge do artista Carlos Latuff na tenda da Vigília.

